



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI

**“FOI QUE NEM TIRAR COM A MÃO”: A RE-EXISTÊNCIA DAS BENZEDEIRAS
EM CHAPECÓ/SC NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO COETÂNEO**

CHAPECÓ

2020

ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI

**“FOI QUE NEM TIRAR COM A MÃO”: A RE-EXISTÊNCIA DAS BENZEDEIRAS
EM CHAPECÓ/SC NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO COETÂNEO**

Dissertação de Mestrado apresentado para o Programa
de Pós-Graduação em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em História

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adriana Maria Andreis

CHAPECÓ

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rapczynski, Alex Junior

"Foi que nem tirar com a mão": A Re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo / Alex Junior Rapczynski. -- 2020.
220 f.:il.

Orientadora: Dr^a Adriana Maria Andreis

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, 2020.

1. História. 2. História Cultural. 3. Micro-história. 4. Benzedadeiras. 5. História Regional. I. Andreis, Adriana Maria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

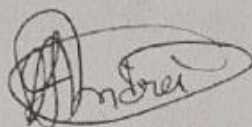
ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI

**FOI QUE NEM TIRAR COM A MÃO: A RE-EXISTÊNCIA DAS BENZEDEIRAS
EM CHAPECÓ/SC NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO COETÂNEIO.**

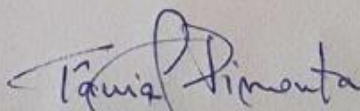
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de
Mestre em História, defendido em banca examinadora em 13/10/2020.

Aprovado em: 13/10/2020

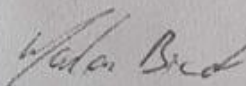
BANCA EXAMINADORA



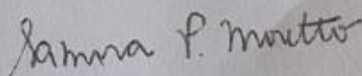
Profª Drª Adriana Maria Andreis - UFFS
Presidente da banca/orientadora



Profª Drª Tânia Salgado Pimenta - FIOCRUZ
Membro titular externo



Prof. Dr. Marlon Brandt - UFFS
Membro titular interno



Profª. Drª. Samira Peruchi Moretto - UFFS
Membro titular interno

Dedico este trabalho à Dona Rosa, a benzedeira cuja simplicidade inspirou este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A escrita é por vezes um trabalho muito solitário, uma conversa entre autor e texto, e ainda levando em conta o período em que vivemos, de isolamento e distanciamento, este sentimento aumenta ainda mais. Porém, quero deixar meus mais profundos agradecimentos aqueles que com suas palavras e conselhos me ajudaram e me fizeram sentir acompanhado em todo o processo da escrita da dissertação.

Aos meus pais, Nair e Antonio, pelas palavras, pelos aconchegos, pelos ensinamentos, pelas noites de aconchego e inspiração, pela paciência e pelo carinho. Meus irmãos Ana Cristina Rapczynski, André Luiz Rapczynski e sua companheira Marcia Muller pelo amparo e solicitude durante todo o processo da escrita.

À Diego, meu maior apoiador em todos os momentos, sejam de dificuldade, de ansiedade, de bonança e de nervosismo, pela caminhada diária e pelo amor sincero.

À Adriana, minha querida orientadora, que me guiou, abriu meus olhos às novas possibilidades, pela paciência e pela motivação que me forneceu. Por me ensinar a creditar na minha escrita e me ensinar a ver o mundo de outra maneira.

À Samira, que me incentivou desde a graduação, pelas palavras e conselhos em todos os dias e horários.

À UFFS, ao Programa de Pós-Graduação e aos meus colegas que trilharam comigo esta caminhada Leticia Venson, Jordan Santos e Luiz Fernando Hanauer.

Aos meus amigos João Gabriel Hoff e Neiva Krewer, pelas conversas e risadas dadas próximas e distantes.

Aos doutores membros das bancas Dr. Marlon Brandt e Dr^a Tania Salgado Pimenta pelas contribuições na qualificação, pelas sugestões, dicas e conselhos fornecidos.

Enfim, a todos, muito obrigado!

Ainda ouço
Rezas em sussurros feitas com calma e
delicadeza
Ainda cheiro
O chimarrão enchendo a cuia, derramando
espumas no chão de porcelanato
Ainda vejo
Cadeiras de vime torcidas rangendo em
melodias
Ainda sinto
Os respingos gelados que caem do broto de
arruda agitado no ar
Mas mais que tudo
Ainda sinto a força daquele olhar que me fixa
Enquanto sentado permanecia
Ressoando dia após dia
Sentindo na pele o dever daquela que me
benzia

Alex Junior Rapczynski, outubro de 2020

RESUMO

A história é construída pelo complexo que envolve a produção do espaço-tempo, realizado por todos os sujeitos que constituem o mundo. À pesquisa e à Ciência cabe estudar esses processos dando voz às multiplicidades coexistentes, que compreendem a construção das relações sociais estabelecidas neste espaço e ambiente, ao encontro da preservação da cultura material e imaterial, da memória de movimentos sociais e da história dos diferentes grupos sociais e culturais, como se propõe do Mestrado em História da UFFS. Assim, nesta pesquisa perseguimos a resposta à pergunta: por que a re-existência das benzedeiras é importante na produção do espaço-tempo coetâneo (?), mas para responder a esta pergunta devemos também investigar como as benzedeiras se constituem em relação com a produção do espaço-tempo coetâneo em Chapecó SC (?). Ao encontro dessa problematização, o objetivo geral é analisar as forças dos saberes-fazer das benzedeiras existentes no município de Chapecó/SC com vistas a refletir acerca da sua produção do contexto do espaço-tempo coetâneo. A metodologia da pesquisa é qualitativa e envolve pesquisa bibliográfica, documental e empírica. A primeira, em interlocução com a segunda e terceira, envolve o estudo de referenciais especialmente das áreas da História e Geografia, estando inserida principalmente dentro do âmbito da História Cultural. O estudo documental apreende a análise de materiais legislativos, decretos e leis. O campo empírico estabelece diálogo com as palavras e imagens das benzedeiras de Chapecó/SC e de seus lugares, auscultadas em entrevistas semi-estruturadas. O estudo desses dados é realizado por meio da metodologia indiciária. As benzedeiras são consideradas como forças que tem saberes-fazer enraizados nos conhecimentos e credos familiares. Compreender este saber e identificar sua interação na produção do espaço-tempo em Chapecó, possibilita uma nova leitura do tempo coetâneo, mostrando que mesmo os saberes não oficiais possuem lugar importante dentro da sociedade, influenciando e sendo influenciada pela construção do espaço-tempo e re-existindo em diálogo com as práticas médicas “oficiais”. A investigação desse complexo, apontou que a luminosidade de seus saberes-fazer está entremeada com as horizontalidades onde está a força da re-existência das benzedeiras. Os indícios analisados pelo diálogo entre as fontes orais nos permitiram identificar como estes saberes são importantes nas leituras, para o entendimento do espaço-tempo, mostrando como suas re-existências trazem forças e luminosidades à vida de todos os sujeitos que produzem mundo.

Palavras Chave: Benzedeiras. Chapecó/SC. Espaço-Tempo Coetâneo. Cura popular. Saberes-Fazer

ABSTRACT

The History is built by the complex that involves the production of space-time, carried out by all the subjects that make up the world. Research and Science are responsible for studying these processes, giving voice to the coexisting multiplicities, which include the construction of social relations established in this space and environment, meeting the preservation of material and immaterial culture, the memory of social movements and the history of different social groups. and cultural, as proposed by the Master in History at UFFS. Thus, in this research we pursue the answer to the question: why is the re-existence of the folkhealers important in the production of contemporary space-time (?), But to answer this question we must also investigate how the healers are constituted in relation to the production coetaneous space-time in Chapecó/SC (?). In the face of this problematization, the general objective is to analyze the strengths of the know-how of the folkhealers in the municipality of Chapecó / SC in order to reflect on their production in the context of contemporary space-time. The research methodology is qualitative and involves bibliographic, documentary and empirical research. The first, in interlocution with the second and third, involves the study of references especially in the areas of History and Geography, being inserted mainly within the scope of Cultural History. The documentary study apprehends the analysis of legislative materials, decrees and laws. The empirical field establishes a dialogue with the words and images of the folkhealers of Chapecó/SC and their places, listened to in semi-structured interviews. The study of these data is carried out using the indicative methodology. The folkhealers are considered as forces that have know-how rooted in family knowledge and creeds. Understanding this knowledge and identifying its interaction in the production of space-time in Chapecó, enables a new reading of contemporary time, showing that even unofficial knowledge has an important place within society, influencing and being influenced by the construction of space-time and re -existing in dialogue with “official” medical practices The investigation of this complex, pointed out that the luminosity of their know-how is intertwined with the horizontalities where the strength of the re-existence of the healers is. The evidence analyzed by the dialogue between oral sources allowed us to identify how important this knowledge is in the readings, for the understanding of space-time, showing how their re-existences bring strength and luminosity to the lives of all subjects who produce the world.

Key words: Folkhealers. Chapecó/SC. Space-time contemporary. Popular healing. Know-How

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Etapas da análise dos dados por meio do Paradigma Indiciário.....	33
Quadro 02 - Critérios espaço-temporais à seleção dos participantes da pesquisa	41
Quadro 03 - Densidade Populacional por bairros de Chapecó/SC.....	42
Quadro 04 - Dados estimados para Coleta.....	43
Quadro 05 - Localização e codinomes das participantes da pesquisa.....	50
Quadro 06 – Quadro-Resumo (parte 1)	54
Quadro 07 – Quadro-Resumo (Parte 2).....	58
Quadro 08 - Quadro Resumo (Parte 3).....	61
Quadro 09 - Benzedeiras e enfermidades tratadas.....	66
Quadro 10 - Causa mortis indicada em inventários post mortem da Comarca de Chapecó, 1917-1930.....	82
Quadro 11 – Categorias prospectadas das entrevistas.....	95
Quadro 12 - Plantas utilizadas pelas benzedadeiras.....	106
Quadro 13 - Formas de aprendizagens de saberes-fazeres das benzedadeiras de Chapecó/SC..	108
Quadro 14 – Quantidade de Benzedeiras por bairro.....	112
Quadro 15 - Tecnologias existentes nas residências das benzedadeiras.....	120
Quadro 16 – Tipos de Construção da residência das benzedadeiras em Chapecó/SC.....	122
Quadro 17 – Verticalidades e Horizontalidade em Milton Santos (2004).....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Zonas das entrevistas realizadas.....	44
Figura 2 - Representação de helicônia em grafismo de natureza ritual/cerimonial.....	69
Figura 3 - Localização da cidade de Chapecó.....	81
Figura 4 – Mapa da Lei de Zoneamento de 1980 de Chapecó/SC.....	84
Figura 5 - Fotografia de Chapecó em 1980.....	85
Figura 6 - Lei de Zoneamento X Renda	86
Figura 7 - Distribuição da população por extremos de renda em 2010 (salário mínimo= R\$510,00) e localização agroindustrial.....	87
Figura 8 - Arte do Projeto “No Quintal da casa de Madeira”.....	92
Figura 9 - Localização da benzedeira Bandana.....	104
Figura 10 - Localização da benzedeira Pérsica.....	104
Figura 11 - Localização da benzedeira Sálvia	105
Figura 12 - Localização da benzedeira Malva.....	105
Figura 13 - Percentual de chefes de família com rendimento nominal mensal de até dois salários mínimos – setores censitários urbanos de Chapecó (2010)	111
Figura 14 – Igrejas Evangélicas próximas à residência da Benzedeira Canela.....	126

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Benzedeiros em Chapecó SC.....	45
Mapa 2 - Benzedeiros participantes da pesquisa.....	46

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Retrato João Maria.....	77
Fotografia 02 - Idosa rezando para a imagem do monge João Maria, em fonte de água no município de Porto União, Santa Catarina, em 2015.....	79
Fotografia 03 - Sala de Rezas.....	98
Fotografia 04 - Vista Frontal da residência da benzedeira Arruda.....	101
Fotografia 05 - Vista do Quintal da residência da benzedeira Arruda.....	101
Fotografia 06 - Vista Frontal da residência da benzedeira Sálvia.....	101
Fotografia 07 - Imagem do quintal interno mantido na residência da benzedeira Manjerona.....	101
Fotografia 08 - Vista Frontal da fachada da residência da benzedeira Rosa.....	102
Fotografia 09 - Vista interna da residência da benzedeira Maragata.....	102
Fotografia 10 - Placa da Gruta Nossa Senhora de Lourdes.....	116
Fotografia 11 - Vista da Entrada da Gruta Nossa Senhora de Lourdes.....	116
Fotografia 12 - Vista Frontal da Gruta Nossa Senhora de Lourdes.....	117
Fotografia 13 - Cachoeira da Gruta Nossa Senhora de Lourdes.....	117
Fotografia 14 - Zoom sobre a placa fixada na gruta.....	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Benzedeiros por idade.....	99
--	----

LISTA DE SIGLAS

CAAE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CEOM: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

P: Pergunta

PMC: Prefeitura Municipal de Chapecó

R: Resposta

SC: Santa Catarina

SMS: Secretaria Municipal de Saúde

TCLE: Termo de consentimento livre e esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. VEREDA METODOLÓGICA	25
1.1 HISTÓRIA CULTURAL	26
1.1.1 Análise Microgenética.....	29
1.2 PARADIGMA INDICIÁRIO	31
1.2.1 Luminosidades e opacidades	34
1.2.1.1 Sistemas de informações geográfica a serviço da pesquisa.....	36
1.2 FONTES ORAIS.....	37
2. DEIXA A BENZEDEIRA FALAR.....	40
2.1 NOÇÕES DE PRÁTICAS DE CURA POPULAR	47
2.2 NOÇÕES DE PRÁTICAS DE CURA POPULAR NA PALAVRA DAS BENZEDEIRAS	50
2.3 O QUE DIZEM SOBRE O SEU SABER-FAZER.....	52
3. TRAJETÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NA HISTÓRIA.....	68
3.1 DAS MARCAS DOS XAMÃS ÀS FEITICEIRAS QUE RESISTEM AS FOGUEIRAS	68
3.2 VELHAS MARCAS NAVEGAM EM UM MUNDO NOVO	73
3.3 MARCAS REGIONAIS: “TÔ FAZENDO UM BOLINHO PARA SÃO JOÃO MARIA”	75
3.3.1 O Confronto entre o “oficial” e o “popular” em Chapecó/SC	80
3.4 PESQUISAS QUE VEM SENDO DESENVOLVIDAS	90
4. INDÍCIOS DAS INTERAÇÕES DAS BENZEDEIRAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO	94
4.1 ASPECTOS LUMINOSOS E OPACOS	94
4.1.1 O luminoso.....	96
4.1.1.1 Religiosidade.....	96
4.1.1.2 Sabedoria que vem com o tempo	99
4.1.1.3 Plantas nos Quintais	101
4.1.1.4 Aspecto íntimo, pessoal e gratuito no atendimento às pessoas.....	102
4.1.1.5 Áreas Verdes.....	104
4.1.1.6 Aprendizagem do saber-fazer com familiares	108
4.1.1.7. Compõem grupo social popular	110
4.1.2 O opaco.....	115
4.1.2.1 Têm ciência da condenação da benzeção	115
4.1.2.2 Ritos realizados silenciosamente.....	118
4.1.2.3 Não publicização de seu saber-fazer	119
4.1.2.4 Carências de tecnologias informacionais.....	120
4.1.2.5 Ausências em apartamentos.....	122
4.2 A RE-EXISTÊNCIA.....	123
4.2.1 Novos modos de curar com a tecnologia.....	124
4.2.2 Formas de lidar com discursos que desqualificam seus saberes-fazeres.....	126
4.2.3 Novos meios de coletar matéria-prima.....	127
4.2.4. Trato da transmissão do ofício e legitimação	128
4.2.5 Custos e Intimidades	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	135
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

O complexo investigativo presente nesta pesquisa compreende compromissos sociais e científico-acadêmicos, que nascem entremeados às implicações pessoais, cujo berço envolve a minha história de vida.

Nasci em um bairro distante do perímetro urbano de Chapecó chamado Quedas do Palmital. Nome este dado devido às quedas de um riacho que atravessa o bairro, com águas tomadas pelo esgoto das residências próximas ao trecho ao qual ele percorre. Nesse lugar, o cenário mais comum era de ruas tomadas por crianças que corriam, com pés descalços, brincando nas ruas ainda não asfaltadas, ou em terrenos baldios, cuja construção das residências ali demanda tempo e dinheiro, pois as condições financeiras das famílias dali não eram das melhores.

O odor presente nas ruas não era dos mais agradáveis, talvez o esgoto a céu aberto fosse o culpado, ou talvez fosse o lixo, que era jogado em qualquer terreno baldio e que depois era estraçalhado por cães de ruas (ou talvez nem sejam cães). Essas crianças, assim como eu, usavam roupas sujas que mal lhes cabiam, pois eram provenientes dos seus irmãos mais velhos (que agora não cabem mais neles), e assim, brincavam até o anoitecer. O aviso de que era hora de voltar para casa geralmente era um grande grito da própria mãe, que ecoava pelas ruas quase sempre desertas.

Neste bairro, meu pai, assim como os pais de várias outras crianças, sem escolaridade, saía de casa antes do Sol nascer, pois trabalhava em uma das muitas agroindústrias presentes na cidade. Lá, buscava trazer comida e condições melhores para mim e meu irmão, que estudávamos na escola pública mais próxima da nossa casa. Nessa fase, quem acabava tendo que cuidar de mim e meu irmão, quando nossos pais não estavam em casa, eram os vizinhos. Mas não eram quaisquer vizinhos. Eram pessoas de idade mais avançada. Geralmente uma senhora que passava o tempo varrendo a casa e o quintal, fazendo a refeição do seu marido, que trabalhava em uma pequena roça próxima de sua residência. Para mim e meu irmão, essa mulher era Dona Rosa, uma senhora que residia próximo a nossa residência, em uma casa simples de madeira. Dona Rosa não tinha laços de sangue conosco, mas vivia rodeada de crianças, que por ela ainda nutrem um grande respeito.

Era um sistema de compadrio, legitimado por um antigo ritual que remete à época dos antigos monges que caminhavam pela região, chamado de batismo realizado em casa. Neste ritual, os pais da criança que acabara de nascer convidavam seus amigos ou parentes mais

próximos, e de confiança, e pediam-lhes para ajudarem na criação de seu filho, acordo este selado em um ritual com águas, velas e orações realizadas ao redor do bebê dentro de sua própria residência. Era esse ritual que gerava fortes laços entre os pais, as crianças e suas cuidadoras.

Notoriamente, muitas pessoas visitavam Dona Rosa em sua casa de madeira de pintura já desbotada. Chegavam se queixando de dores, com manchas na pele, enxaquecas e tudo mais que você puder imaginar. Às vezes chegavam pessoas que nem pareciam estar doentes. Pelo menos não parecia ser algum mal aparentemente visível no corpo. E assim se passava um singelo ritual. O enfermo sentava-se em um banco e ali permanecia em silêncio, de olhos fechados e cabeça baixa como em sinal de respeito. Dona Rosa pegava em sua mão um ramo de uma plantinha que ela mesma cultivava no quintal de sua casa. A planta lhe parecia ser muito conhecida, ao passo que na outra mão segurava um rosário velho, com contas amareladas pelo tempo. E ali, neste ambiente, iniciavam-se as rezas. Feitas em sussurros, seguidas de movimentos muitas vezes em forma de cruz que a idosa senhora fazia com as mãos acenando acima da cabeça e ombros do enfermo. Após um certo tempo, o ritual se encerrava, e o indivíduo que estava em sofrimento levantava a cabeça, e para minha surpresa, nunca agradecia, parecendo aos meus olhos ainda de criança, até um sinal de desrespeito. Após o ritual, essas pessoas ficavam tomando chimarrão com aquela mulher. Ou então, apenas acenavam e iam embora. E assim eu olhava, com um misto de curiosidade e espanto.

Porém os anos passaram-se e me distanciei daquela cena, mas ela permaneceu em minhas memórias. Retornei para aquele bairro e vi o efeito do tempo. O espaço não é mais o mesmo, as ruas antes de calçamento agora são asfaltadas, os terrenos baldios (que eram muitos) agora não existem mais. Mas, para minha surpresa, algumas dessas pessoas que praticavam aquele ritual ainda ali vivem. E ali ainda fazem seus rituais. Os cabelos brancos em suas cabeças mostram os efeitos do tempo, que assim como sua sabedoria, o circular dos ponteiros do relógio apenas fortaleceu.

Posso ter me afastado daquele bairro, mas aquela cena permaneceu em minhas memórias. Reverberando através dos tempos, como em um suplício para ser dita. E aqui estou, sentado no topo de uma árvore de metal e concreto, cujos galhos foram podados, em um bosque rodeado de árvores semelhantes à minha. Observando com um olhar nostálgico e ainda curioso querendo entender aquela cena que me marcou tanto a infância. E assim aqui me encontro, dentro de um mestrado em História, buscando desvendar aquilo que me marcou.

Essa implicação pessoal se configurou academicamente na forma de pesquisa de mestrado. É importante informar que as questões envolvidas nesta pesquisa têm um tom

emotivo-volitivo, que envolve o “ato responsável” (BAKHTIN, 2010, p. 207), pois as experiências vividas por nós, são somente nossas, e assim a escrita vai além de uma etapa acadêmica, mas é nosso compromisso, caso contrário ninguém o fará.

Justifica-se esta pesquisa por observarmos que apesar de todos os complexos sistemas contemporâneos de saúde, a forte atuação da indústria farmacêutica, as diversas campanhas de prevenção, medicamentos e atendimentos curativos oferecidos pelo sistema público e privado, ainda assim, a cura popular (por meio dos saberes-fazeres das benzedeiras) tem se mantido e, muitas vezes, constitui-se em diálogo com os sistemas oficiais. Essa pesquisa, portanto, possui um compromisso e contribuição em três níveis: pessoal, pois reporta à minha história de vida; acadêmica, para fins de registro e afirmação das multiplicidades coexistentes que são constitutivas da diversidade; e social, pois queremos dar visibilidade a essa diversidade constitutiva de mundo, fazendo frente a esse monólogo que hegemoniza e que privilegia apenas uma perspectiva, evitando o desperdício de experiências do mundo.

Desta forma, esse contexto justifica nossa interrogação central: Por que a re-existência das benzedeiras é importante na produção do espaço-tempo coetâneo? Mas para responder a esta pergunta devemos também investigar como as benzedeiras se constituem em relação com a produção do espaço-tempo coetâneo em Chapecó SC.

Assim, esta dissertação tem como objetivo investigar a força de re-existência dos saberes-fazeres das benzedeiras em Chapecó/SC, com vistas a refletir acerca da sua relação no contexto de produção do espaço-tempo coetâneo. Esse complexo investigativo envolve dialogar com as benzedeiras, que utilizam práticas de curas alternativas, que semelhante àquela descrita anteriormente, atuam na área urbana e rural do município de Chapecó/SC. Nesse processo de pesquisa são consideradas enquanto forças que têm saberes-fazeres enraizados nos conhecimentos e credos familiares. Uma força impregnada de vivências significativas e fortemente ligadas à terra. Conhecimentos estes, que servem como “Raízes para Voar” como propõe Dondarini (2015). Pois, seus saberes compreendem referências do passado, ao presente e futuro. Esses aportes servem, também, como elo com as pessoas que a elas recorrem na contemporaneidade. Nessa dialética, o ambiente enquanto contexto espaço-temporal, transforma-se e as transforma em processo multirrelacional, multidimensional e multiescalar. Assim, as benzedeiras são produto e produtoras da História, partícipes na construção ambiental.¹

¹ No Capítulo 2 explicitaremos os porquês da opção por nominar de benzedeiras em detrimento de termos como curandeira, rezadeira, etc.

Assumimos a noção de espaço-tempo como uma dimensão ambiental em permanente construção histórica, pois a presente pesquisa está inserida dentro da Linha 1 do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, denominada “História do povoamento, agricultura e do meio ambiente”.

A noção de coetâneo nos é fundamental na pesquisa porque compreende o reconhecimento das “multiplicidades coexistentes” contemporaneamente, como afirma Massey (2008). Para a pesquisadora, o coetâneo difere do contemporâneo pelo fato de que este último causa um “aprisionamento” do espaço e o “congelamento” do tempo. Isso, segundo a autora, esmaece as identidades e as manifestações da cultura local e singular. O coetâneo reconhece a heterogeneidade das culturas presentes em um mesmo período de tempo sem hierarquizar as mesmas, visto que “as sociedades não apresentam um mesmo tempo, desenvolvimento e relação espacial” (PAOLIELLO; MACHADO, 2016). No coetâneo o tempo histórico é visto como interlocução do espaço-tempo, em que a contemporaneidade é construída pela diversidade, por isso chamamos de coetâneo, pois é feito e agregado pelos sujeitos que estão no hoje.

Há historiadores que discutem a perspectiva da História do tempo presente de modo mais específico, por exemplo Carlos Fico (2016) e Reinaldo Lindolfo Lohn (2017). Porém, nesta pesquisa não trazemos essa relação, pois enfatizamos a perspectiva de que a realidade coetânea é inseparável do passado e da memória de futuro.

O confroencontro tornou-se um conceito abordado, pois, embora ANDREIS (2014) tenha o utilizado para tratar de relações de Fronteira no âmbito educacional, ele também pode ser adaptado no que concerne a este trabalho. Pois confroencontro apreende a ideia da presença do diferente no mesmo processo. Nesse desenvolvimento, entender a noção de fronteira é fundamental, porque diz respeito à relação entre sujeitos e destes com o ambiente, produzindo assim o espaço-tempo.

Portanto, o conceito de fronteira com o qual dialogamos, tem relação com a definição abordada por Sérgio Buarque de Holanda. Para este estudioso, a fronteira é “um espaço fluído, em movimento contínuo” (1995, p. 25), não apenas um espaço geográfico -embora este também possa ter importância para se entender os conflitos e resistências-, mas um espaço que aborda questões culturais, étnicas, religiosas, entre outras.

Optamos por esta noção, pois ela permite uma análise multirrelacional, quanto ao contato entre estes dois campos distintos (o espaço-tempo, o oficial-popular) que ora se conectam e dialogam entre si: divergem, convergem e se debatem. Para Sérgio Buarque de Holanda, “fronteira, bem entendido, entre paisagens, população, hábitos, instituição, técnicas,

até idiomas heterogêneos que aqui se defrontam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbólicos” (1995, p. 8). Esta perspectiva de fronteira, fez com que viajantes e naturalistas, por exemplo bebessem muito na fonte do conhecimento tradicional para nomear e conhecer plantas já existentes no Brasil (HOLANDA, 1995).

Compreender este saber e identificar sua interação na produção do espaço-tempo em Chapecó possibilita uma nova leitura do tempo coetâneo, mostrando que mesmo os saberes não oficiais possuem lugar importante dentro da sociedade, influenciando e sendo influenciado pela construção do espaço-tempo e re-existindo em diálogo com as práticas médicas “oficiais”.

Cabe apontar que o sistema público de saúde na região muitas vezes se mostrou carente na história do município, (BEN, 2015, p. 04), e mesmo quando esteve presente, as técnicas alternativas de cura ainda se mostraram mais que uma opção, mas uma necessidade para a população.

A pesquisa é qualitativa e compreende estudo bibliográfico e documental, em diálogo com o campo empírico, desenvolvido por meio do diálogo com as benzedadeiras de Chapecó/SC. Por ser um estudo baseado na corrente historiográfica da micro-história, a utilização de uma metodologia como o paradigma indiciário para análise das fontes se mostra fecunda, pois estamos estabelecendo redes de compreensão entre os planos micro e macro, e dentro deste gênero podemos explorar o máximo dos significados, dos símbolos e das informações que as fontes acabam nos proporcionando.

Dialogando com os referenciais teóricos, a pesquisa empírica é de cunho oral. Aliam-se com a pesquisa documental, pois realizamos estudos de decretos e leis que objetivaram modelações do espaço urbano de Chapecó. Por exemplo, analisamos a Lei de Zoneamento de 1980 e sua alteração em 1983 que entrelaçados com os referenciais nos permitiram investigar a construção da realidade chapecoense. Assim, para analisarmos como tais técnicas alternativas de cura re-existem, foi necessário conversar com as mulheres que realizam essas práticas de cura. Deste modo, utilizamos da História Oral, que nos permite uma multiplicidade de olhares, visto que o relato delas é único. A fonte oral permite analisar a História por meio do enunciado popular, assim se afirmando também como uma possibilidade de um entendimento histórico diferente da “História oficial”. Queremos ouvir as autoras desta realidade, praticando uma História a “contrapelo” (BENJAMIN, 2005).

Com respeito a essas mulheres, e, por questões legais, iniciamos a pesquisa pela aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul, visto

que nossa investigação envolveria seres humanos, se torna necessária a aprovação ética do trabalho.² Aprovada a pesquisa, passamos à coleta das entrevistas.

Por meio dos dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, foi possível encontrar as benzedeiras para fins de coletas de entrevistas que nos proporcionaram reflexões acerca de quem é a benzedeira que vive em Chapecó, identificando fatores no que diz respeito ao seu gênero, habitação, ocupação, localização etc.

Depois fomos ao encontro dessas mulheres, pois um dos desafios para a realização de pesquisas com seres humanos é o tratamento com a memória, visto seu fator mutável (ALBERTI, 2005), pois o entrevistado faz suas próprias escolhas ligadas à sua memória, bem como podendo omitir ou destoar aspectos em detrimentos de outros. Para buscar resolver tal obstáculo, buscamos realizar entrevistas semiestruturadas com mais de um indivíduo. Utilizando como critério de inclusão, indivíduos que praticam e/ou se identificam como curandeiros(as) e/ou benzedeiros(as), que residam em Chapecó/SC e que não possuam formação acadêmica (em nível técnico ou superior), que os habilitem formalmente para a atuação na saúde pública.

Inicialmente, pensamos em realizar entrevistas com quinze pessoas que se identificaram como curandeiros ou benzedeiros, para conseguirmos também deste modo perceber “dissonâncias” que poderiam indicar caminhos profícuos de análise das entrevistas de história oral (ALBERTI, 2005, p. 189). Contudo, ao mapearmos os indivíduos que praticam tais métodos de cura, deparamo-nos com um alto índice de mulheres que praticam tais técnicas, e embora o foco do presente trabalho não seja a perspectiva do gênero, acreditamos que uma reflexão sobre tal, faça-se necessária, assim, adotamos uma escrita no gênero feminino e posteriormente nos capítulos 1 e 4 refletimos sobre tais constatações.

Para respeitarmos a identidade de cada participante da pesquisa, optamos pela utilização de codinomes que preservem a identidade delas, porém conforme o TCLE, iremos referir as localidades onde elas residem. Para escolha de codinomes optamos pelo emprego da nomenclatura de plantas (frutíferas, medicinais ou ornamentais) que encontramos em suas localidades ou que são utilizadas por elas. Assim, as fontes abordadas são de cunho oral, que aliadas com fontes documentais, decretos e leis que buscaram moldar o espaço urbano de Chapecó, tais como a Lei de Zoneamento de 1980 e sua alteração em 1983 nos permitiram realizar tal investigação.

² A aprovação ocorreu no dia 19 de janeiro de 2019 sob o número do CAAE: 04090818.4.0000. 5564 no parecer 3.116.325.

Coletadas as entrevistas, nos debruçamos nos pressupostos teóricos, onde utilizamos outros autores que estudaram sobre este tema com ênfase nas noções relacionadas com a cultura de cunho mais espiritual, como MARQUETTI e SILVA (2011), BEN (2015) e RENK (2008). Porém a dimensão espaço-temporal que compreende os saberes-fazeres destas mulheres como agentes transformadoras do espaço-tempo, é a que investigamos na presente pesquisa.

Teoricamente nos aportamos em pesquisadores da História e Geografia, como Sidney Chalhoub com seus estudos na área da História Social e Cultural, para compreender aspectos sociais ligados à cultura. Ajudando-nos a compreender como a medicina dita pelo Estado como “oficial” conseguiu atingir um *status* superior que inicia um processo que “desqualifica os saberes populares sobre a doença e a cura”, sobretudo no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX (1996, p. 173). E por meio de sua obra analisamos o *confroencontro*³ destas duas formas de lidar com os males do corpo e do espírito.

José de Souza Martins também serve de apoio, pois seus estudos trazem essa multiplicidade do conceito de fronteira, onde aqui, “tem um caráter sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora (2009, p. 26). O pesquisador contribui para olhar a fronteira pela perspectiva dos excluídos, num sentido a contrapelo, com ênfase na multiplicidade de saberes neste caso. Essa multiplicidade de saberes e o conflito que resulta em transformações espaço-temporais nos instigou a este estudo nos aproximando do tema.

Na compreensão da dimensão espaço-temporal, recorremos a autores que observam o espaço como elemento de conflito, de inclusão e exclusão, como Doreen Massey, que argumenta que o espaço e o tempo são inescapavelmente congregados, enquanto componentes do mundo real e do mundo representado cientificamente. Essa perspectiva assume o tempo como dimensão da mudança implicado ao espaço, resumido como dimensão do social pela pesquisadora. A multiplicidade coexistente compõe esse mundo “no sentido da pluralidade contemporânea, como esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade” (2008, p.30).

Dialogando com as discussões de Massey, Michel de Certeau é referência, pois aborda o ambiente, o cotidiano e as dimensões de mudança que traz no que se refere às transformações de tradições, culturas dos povos. Michel de Certeau contribui na nossa

³ “Confroencontro é um termo cunhado para configurar o entendimento da sempre presença de confronto em todo encontro (confro + encontro), argumentado como processo inerente à constituição singular do sujeito e à perspectiva dialógica” (ANDREIS, 2014, p. 3).

pesquisa quando este trabalha o conceito dos “saberes-fazer”. Esta é uma noção que observamos, e que também pode ser observada nas práticas das benzedeiras, no que diz respeito a assertiva de que o “Saber-Fazer não precisa de cunho científico para existir” (2008, p. 140).

Essa resistência é um ponto proposto por Boaventura de Souza Santos, quando este mostra que devemos olhar a partir das margens, pois assim não iremos desperdiçar as experiências que a partir dali são visíveis. Negá-las é desperdiçar um saber contribuindo para a sua extinção. Porém devemos ter presente que não se trata de compreendê-los como resíduos a serem mantidos isolados e limitados, mas como força de re-existência do velho se fazendo novo, pois se está aqui-agora, é de seu modo um novo singular, que precisa ser reconhecido e respeitado. Para Carlos Walter Porto-Gonçalves e Luis Daniel Hocsman, essas práticas de cunho popular “*resisten porque existen, y es en esa resistencia/r-existencia que plasman su existencia futura en el presente*” (2016, p. 14). Este se moldar que o saber-fazer realiza para se adaptar ao seu espaço-tempo, ocasiona transformações no modo de exercer o ofício e no espaço-tempo no qual estão situados.

Outro autor que dialoga com a perspectiva de produção do espaço-tempo é Milton Santos, com os conceitos de horizontalidade-verticalidade e luminosidade-opacidade. Estes conceitos em nosso trabalho se relacionam com os processos de exclusão e inclusão da benzeção nas periferias e nos centros urbanos. Pois as técnicas de cura “oficiais” adentram o conceito de verticalidades de Milton Santos, que são defendidos pelo Estado, dentro de um sistema de movimento do Capital; e os indivíduos que praticam essas técnicas populares entram nas horizontalidades, pois ainda permanecem como uma forma de resistência, dentro de uma sociedade cujo espaço é alterado e modificado segundo os interesses dos donos do Capital. De forma semelhante, os conceitos de luminosidade e opacidade se relacionam com as fontes sejam orais ou cartográficas quando analisamos os elementos que se destacam, e os elementos que aparecem de forma negligenciada ou silenciosa.

No campo empírico, o paradigma indiciário é utilizado para o estudo dos dados prospectados nas entrevistas com a benzedeiras. Esta metodologia, baseada em Carlo Ginzburg (1994), se pauta pela descoberta e investigação de vestígios que podem revelar “chaves de significados para um sistema maior de pensamentos” (COELHO, 2014, p. 3). Por meio desta, estudamos sinais para compreender a re-existência das práticas de cura realizadas pelas benzedeiras em Chapecó.

Tal método acentua a diversidade visto que a abordagem de Ginzburg (1994) expõe um fator que se mostra oculto ou opaco dentro de uma pesquisa, mas que através desta

metodologia se mostra fundamental para a compreensão da sociedade. Assim, a presente pesquisa se baseia em uma amostragem diversa de mulheres, que moram tanto em grandes centros urbanos como em zonas rurais e periféricas, e, indiferentes de sua localização, ainda re-existem, praticando suas técnicas e se contrapondo àquelas legitimadas pelo Estado. Nesse contexto se destaca a assertiva de uma benzedeira que enuncia “foi que nem tirar com a mão”, quando esta se refere aos seus modos de curar, e que contribuiu para a elaboração do título da presente dissertação.

Organizamos a pesquisa em quatro partes. Na primeira parte, intitulada **Vereda Metodológica** examinamos a metodologia aplicada na pesquisa, nos indagando qual o caminho percorrido (?). Analisamos a História Cultural e a análise microgenética e sua utilização na pesquisa. Examinamos sob a metodologia do paradigma indiciário, a sua utilização na pesquisa e como ela tem potencial, pois permite a reflexão dos indícios que coletamos nas fontes orais dos sujeitos que exercem este ofício da benzeção.

As noções de zonas de opacidade e luminosidade em Milton Santos aliadas às verticalidades e horizontalidades tornaram-se possibilidades para compreender o espaço-tempo em Chapecó, visto que para Milton Santos os espaços, que são construídos para a movimentação do capital geram luminosidade em um plano cartográfico, social, cultural, e aquelas zonas que aparentam ser frágeis e parecem obedecer a um sistema normatizado pelas verticalidades, e pelas grandes corporações globais e nacionais, acabam se tornando um território opaco. Abordamos, portanto, estes territórios aliados à metodologia indiciária de Ginzburg, as fontes orais coletadas e o próprio espaço geográfico, onde utilizamos dos sistemas de informação geográficos para compreendermos este espaço-tempo.

Na segunda parte intitulada **Deixa a Benzedeira Falar**, compreendemos o que singulariza uma benzedeira(?), conceituamos a prática benzedeira e analisamos as singularidades dos conceitos em relação com as participantes da pesquisa em Chapecó /SC. Assim, juntamente com os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, compreendemos como elas se distribuem pelo município para investigar espaço-temporalmente onde se encontram, e, dessa forma conseguimos analisar o espaço-tempo coetâneo.

Amparamo-nos nos conceitos e diálogos coletados por meio da fonte oral para analisar os conceitos-chave que permeiam a pesquisa. Dentre os quais estão os saberes-fazeres do conceito de Michel de Certeau, e suas implicações sociais e culturais dentro da sociedade chapecoense num âmbito coetâneo. Esse movimento compreende as noções de espaço-tempo e de multiplicidades coexistentes baseadas em Massey. Também refletimos sobre os conceitos

de cotidiano e lugar, visto que a pesquisa se encontra em um campo coetâneo, e este permite que a compreensão das multiplicidades abarque as diferentes visões sobre os conceitos de cotidiano e lugar para as produtoras deste saber-fazer.

Na terceira parte intitulada **Trajetórias das Benzedadeiras na História** a partir da indagação de como essa prática chegou na região e como esta se transformou (?), pesquisamos e analisamos o surgimento da prática do curandeirismo e da benzeção devido à semelhança no caráter semiótico em que ambas surgiram. Analisamos diferentes períodos de tempo, buscando a origem da atual prática de cura existente em Chapecó /SC. Para isso buscamos apoio em autores como Roy Porter, Elda Rizzo de Oliveira e Sidney Chalhoub. Desta forma foi possível compreender o processo de exclusão e/ou inclusão desta prática de cura popular e seus embates e/ou aproximações com a medicina dita como “popular” pelo Estado.

Abordado nessa parte, o conceito de tempo é entendido como dimensão da mudança, trazendo sua intrincabilidade à noção de espaço, e alguns autores que trabalham esse fenômeno são Doreen Massey e Michel de Certeau. Aqui utilizados para compreendermos a História do tempo presente e diferenciarmos o coetâneo do contemporâneo. Analisamos também os estudos que vêm sendo desenvolvidos por diferentes pesquisadores da História e outras áreas com relação ao tema da pesquisa, e como estes estudos nos ajudaram com a aproximação ou com o distanciamento da pesquisa, assim como questionarmos conceitos que são abordados por estes estudiosos de forma contestável.

Na quarta parte intitulada **Indícios das interações das benzedadeiras na produção do Espaço-Tempo**, a partir da indagação sobre como este saber-fazer atua na produção do espaço tempo (?), realizamos a investigação das fontes orais coletadas, e por meio do paradigma indiciário compreendemos as zonas opacas e as luminosas na reflexão dos saberes-fazer. Portanto, Carlo Ginzburg em seus escritos é utilizado para a elaboração das compreensões das re-existências das benzedadeiras. Examinamos os modos de re-existir das benzedadeiras para identificarmos o porquê(?) destas práticas de cura ainda permanecer sendo realizadas na sociedade coetânea.

1. VEREDA METODOLÓGICA

Desencadeamos o processo de dissertação da investigação realizada, explicitando o caminho que seguimos nesta pesquisa. Ouvimos e aprendemos desde pequenos que quando viajamos, devemos aproveitar não apenas o destino final, mas também a caminhada. Portanto, nesta pesquisa caminhamos num estudo, cujo horizonte é a resposta à pergunta provocativa que envolve a força e a importância da re-existência das benzedadeiras na produção do espaço-tempo coetâneo. Explanamos os caminhos que seguimos para atingir nossos objetivos, retratando a metodologia e as fontes que utilizamos na realização deste trabalho, para que o leitor possa compreender o processo pensando.

Inspirados em Guimarães Rosa (1979), na obra *Grande Sertão: Veredas*, e no personagem Riobaldo, as veredas nos impulsionaram a expressar os percursos implicados aos espaços-tempos de pesquisa. Nesse universo somos levados ao seu tempo. E o tempo de Riobaldo ocorre de modo diferente do tempo das pessoas as quais ele encontra. No caminho, ele e o Sertão são um só, e vivem de uma maneira simbiótica, e ele já se sente pertencente a este, ao seu espaço e seu tempo.

Convidamos o leitor a seguir conosco a vereda desta pesquisa. Portanto, denominamos de vereda o processo de explicitar os processos e direções de caráter metodológico. Pois a expressão vereda guarda uma possibilidade aberta, deixando claro que se trata de uma construção dialógica entre lugares simbólicos e materializados espaço-temporalmente, enquanto fronteira. Esta vereda envolve viver o tempo e o espaço que vivem as benzedadeiras em Chapecó. Em seus modos de benzer, de curar, de conversar, de rezar e nas suas formas de resistir e re-existir espaço-temporalmente. Que, assim como Riobaldo, sentem-se produtoras e produtos desta realidade. Nossa Vereda é uma estrada rigorosa, mas singela, na qual dialogamos com diversas pessoas, em permanente transformação, como nós, e como Riobaldo. Porém, a vereda vai além disso.

Uma vereda é um córrego, um riacho, uma várzea, e ao mesmo tempo um atalho, uma trilha, um rumo. Uma experiência não é assim uma duração no tempo sem ser também uma travessia na extensão. É em direção à exterioridade que é preciso seguir para sair do âmbito da representação, ou seja, da consciência e da interioridade, e encontrar o outro – para além de mim, enfim (ROTENBERG, 2015, p. 33).

A vereda é esta trilha, que o leitor já entrou, agora temos o compromisso de lhe orientar. Ainda de forma similar ao estudo de Irma Viana (2010), que observa em *Grande*

Sertão: Veredas, em um estudo de um plano próximo da realidade, encontramos na microgenética uma possibilidade de um guia para nos orientarmos na presente pesquisa. Porém para continuarmos seguindo esta trilha é importante explicar o universo no qual habita teórica e conceitualmente a pesquisa. Começamos aclarando que esta pesquisa está entranhada em um campo da História, conhecido como História Cultural.

1.1 HISTÓRIA CULTURAL

Quando buscamos os campos historiográficos que abordam a questão da benzeção nos deparamos com várias possibilidades: história política, econômica, social etc. Porém em nossa pesquisa, observamos na História Cultural, a melhor forma de abordar este tema da benzeção. Afinal, entendemos que assim como Massey, “a ciência nasce da vida” (2008) e trabalhar com o cotidiano, com esta esfera tão íntima e particular, requer este olhar cuidadoso, que nasce da vida, para dela pensar a ciência. Nessas relações de vida, entre humanos que são produtos e produtores do espaço-tempo, habita o complexo da História Cultural.

A História Cultural sofreu muitas alterações com o tempo em torno de suas características, fontes, objetivos, entre outros aspectos. Peter Burke (2008) propõe a existência de quatro fases principais: a História Clássica entre 1800 a 1950; a História Social da Arte entre 1930 a 1940; a redescoberta da História Cultural Popular entre 1950 a 1960 e a Nova História Cultural a partir dos anos 70. Este campo da História conta com nomes como Edward Thompson, Jacques LeGoff e Jean-Claude Schmitt, Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Carlo Ginzburg, este último com fortes influências na elaboração da presente pesquisa.

Assim, nos localizamos no contexto da área da Nova História Cultural. Termo este utilizado a partir de 1970 para se diferenciar daquela anterior, pois a partir daquele período a história cultural não ocorria apenas em torno de clássicos da literatura, “também foram deixadas para trás concepções que se opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico” (PESAVENTO, 2005, p. 18). Passa-se, então, a valorizar estudos de comunidades até então marginalizadas nos estudos históricos.

Esta História Cultural, surgida a partir da década de 70, com fortes influências dos movimentos feministas, buscou romper ideias marxistas que viam a cultura como um produto das elites e a serviço destas. Pois, anteriormente, os marxistas “entendiam a cultura como parte integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura” (2005, p. 18). Pesavento e Burke defendem a ideia de que a História Cultural não é algo tão novo, mas já era

produzida pelos alemães a 200 anos, sendo denominada de *Kulturgeschichte* (PESAVENTO, 2005, p. 20), porém ela era praticada não como um campo consolidado, mas aparecia ligada a outros campos, como a economia ou política, sendo subordinada a estes⁴. Com o passar dos anos a História Cultural teve forças para se manter e se mostrar como um campo legítimo:

A cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2005, p. 18).

A pesquisadora expressa que tudo que existe ao nosso redor possui uma significação, e o campo cultural aborda estes signos, presentes em toda parte. Intencionalmente inseridos, ou não, a história cultural, que buscamos abordar, também busca investigar estes símbolos e sua importância na construção da nossa realidade. E aqui está a importância da História Cultural nos estudos de ciências humanas, pois é possível compreender o mundo por meio destas representações, que são:

[...] construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2005, p. 39).

São as significações que damos aos nossos atos, aos nossos objetos e uns aos outros que movem e dão significado a todas as nossas ações cotidianas. O objeto não fala. Ele por si só não possui objetivo, somos nós que inserimos as significações. E esta área denominada de História Cultural consegue compreender a realidade, de diferentes tempos históricos através da análise e investigação dos símbolos. Assim como, também, por meio das representações coletivas que estão no imaginário, pois, para Pesavento entende-se “por imaginário um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (2005, p. 43).

Do mesmo modo, um símbolo pode ter diferentes interpretações. Todavia, podemos por meio da História Cultural propor inúmeras hipóteses acerca de uma ação, de um objeto ou

⁴ Essa posição de Pesavento (2005) é um modo de interpretar o método histórico-cultural. Podemos também pensar que entre a infraestrutura e a superestrutura as relações são sempre complexas, dialéticas e dialógicas entre si. E diferentes pesquisadores reconhecem essa circularidade cultural, e suas obras são, também, firmadas em Marx.

fato, mostrando a pluralidade de interpretações, que buscam arguir acerca de uma verdade. Pois sabemos que a verdade absoluta é impossível de alcançar.

São estes símbolos e suas interpretações, os enfoques da história cultural. E para compreendê-los, não raramente é necessário dialogar com outras áreas do conhecimento. Peter Burke é um dos autores que buscou apresentar as possibilidades da História Cultural a outros historiadores. Inclusive observamos nos primeiros estudos de História Cultural autores que dialogaram a história cultural com outras áreas, tais como Ernst-Robert Curtius, com a literatura, Charles Beard e Mary Ritter Beard, com uma interpretação econômica, Arnold Hauser, em diálogo com a arte, Francis Newton, com a música, Edward Thompson com a política e economia. Enfim, são vários estudos e várias possibilidades. Todavia, esta pesquisa também dialoga com outras áreas para cumprir seu objetivo, como a geografia, a antropologia e a medicina, entre outras.

O próprio termo cultura já mostra em sua utilização um caráter não exclusivo da História:

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares — música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2008, p. 28).

O historiador comenta que o termo cultura é muito relativo, e isto se mostrou uma dificuldade até em conceituá-lo, inclusive debates atuais, principalmente na área da antropologia, ainda possuem desacordos sobre sua conceituação. Assim, a utilização de termos como cultura erudita, cultura popular e cultura de massas surge para dar sustentação a este termo. Porém, a cultura é algo criado por meio de signos pela própria sociedade. E se a sociedade não é fixa, logo estes signos também mudam e se transformam conforme o espaço e o tempo. Portanto, a cultura também possui este caráter mutável e não-fixo (está em permanente elaboração).

A cultura pode ser entendida, em alguns casos, como algo delimitatório, como produção unilateral das elites, por exemplo, quando assumida impondo contrapontos hierárquicos entre os diferentes grupos. Então, temos o compromisso de questioná-la. Para Arão de Azevedo Souza, ela é aquilo que “ocorre no *habitat*, onde as relações com esse *habitat* e o ambiente social se estabelecem” (2010, p. 03), incluindo o local do legado humano de cada sociedade sendo este por meio de símbolos disponíveis por cada qual. Nota-se que a

circularidade cultural se mostra contundente, revelando que a cultura não é algo sectário, mas implicada à humanidade.

Dessa forma, com a aproximação e utilização deste termo com a antropologia, um dos autores brasileiros, que utilizamos como referência é Sidney Chalhoub (1996), devido ao modo ao qual ele trata seus trabalhos, estabelecendo diálogo entre história e antropologia ao analisar o cotidiano humano. Este autor, por exemplo, utilizou a história cultural para analisar a política higienista que legitimava intervenções urbanas pelo Estado no Rio de Janeiro.

Inclusive as formas de modificar a paisagem por meio de discursos e políticas para higienizar as cidades explanado por Chalhoub foram inspiradores para a elaboração deste trabalho, e trazem elementos de “uma história de baixo” ou “à contrapelo”, abordada demonstrando as transformações para com aqueles indivíduos de baixa renda, moradores do cortiço “cabeça de porco” (1996).

A História Cultural é, assim, o complexo que sustenta a nossa pesquisa, pois ela é o âmbito para a investigação dos símbolos produtos e produtores das relações humanas espaço-temporalmente, entendidas sob a óptica da circularidade cultural. Trata-se da perspectiva da “História vista de outro ponto”⁵ ou “à contrapelo” (BENJAMIN, 2005), um elemento que a nova história cultural traz para debates dentro de ambientes acadêmicos. Abrem-se, assim, diversas possibilidades, como pode ser vislumbrada em “O Queijo e os Vermes” de Carlo Ginzburg (1987), que através de relatos de indivíduos de classes subalternizadas, mostram as diversas facetas de uma realidade por meio de estudos com foco microgenético. É o que nos dedicaremos a seguir.

1.1.1 Análise Microgenética

Uma análise microgenética não se refere a um estudo tendo como objeto algo de curta duração, tampouco ao estudo de um evento, fato ou ação considerado pequeno na escala espaço-temporal, mas sim ao estudo realizado com atenção aos detalhes. Envolve a proximidade em grande escala, com a realidade dos eventos, suas cenas, cenários e autores, produtos e produtores dela. Isso, porque:

⁵ Compreendemos o conceito de “História vista de baixo” de Edward Thompson (1998), porém admitir que existe um sujeito ou uma história acima ou abaixo de outra, é legitimar uma hierarquia, e uma estratificação social, submetendo uns aos outros, portanto utilizamos o conceito “história vista de outro ponto” que reconhece o diferente sem o hierarquizar.

A análise microgenética permite vincular minúcias e indícios particulares, ou seja, minúcias indiciais às condições macrosociais e à prática social dos sujeitos, configurando-se como uma forma de construção de dados advindos da análise de episódios interativos (MOLON, 2008, p. 63).

A autora propõe que, ao abordar um episódio, a microgenética nos permite, através das análises das minúcias deste, interpretar suas ações relacionando-as com as práticas dos sujeitos, com a sociedade e com as relações sociais, permitindo indiciar suas intenções objetivas e subjetivas.

Dessa forma, esta sustentação teórica se encontra na microgenética, pois estamos buscando nas fontes coletadas, por minúcias possíveis de indiciar um caminho para seguirmos e inferir hipóteses sobre seu destino, seu objetivo. Essas minúcias se encontram nas interações intersubjetivas e sociais, nos detalhes ditos e não ditos pelas benzedeadas, em silêncios e nos gestos, que nos permitissem indiciar algo aliado à metodologia indiciária de Ginzburg, para que pudéssemos inferir hipóteses.

Goés argumenta que a microgenética “[...] não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais –daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito”- (2000, p. 15). Ou seja, ela é micro, pois está voltada às minúcias que devem ser investigadas de forma intensa e detalhada, e este sim, apesar de muitas vezes parecer pequeno, é extremamente profundo de conteúdo e interpretações. Além de que:

É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais (GOÉS, 2000, p. 15).

Para a pesquisadora, a ideia de genética está atrelada ao comportamento e ao funcionamento humano e suas interações sociais e históricas. Como Goés, concebemos o indivíduo imerso na cultura, sendo produtos e produtoras da mesma, essa interação genética ocorre durante o movimento destes processos. E essa interação, ocorre “sem perder a dimensão histórica, uma vez que relaciona presente, passado e futuro aos acontecimentos” (MOLON, 2008, p. 63). Assim, este estudo é baseado na historicidade do movimento, seja de sociedades, de hábitos, de signos, entre outros.

A História Cultural aborda estes símbolos e, aliada à microgenética, permite uma interpelação da cultura produzida por determinada sociedade, estudada por meio da atenção

sistemática às minúcias. Portanto a análise microgenética, em nossa pesquisa, é implicada ao paradigma indiciário. Trata-se de uma estratégia que permite realizar investigações, atenta aos detalhes, que sinalizam indícios das subjetividades relacionais, no nosso caso, a partir das fontes orais. O paradigma indiciário é a âncora para o estudo dos enunciados das benzedadeiras, auscultados por meio de entrevistas no campo empírico.

1.2 PARADIGMA INDICIÁRIO

Entrando nesta trilha, que observamos a nossa frente, esta vereda que seguimos é singular, ao olhá-la, podemos ficar curiosos, apreensivos, e até com temor, visto que entrar em um caminho desconhecido é uma ação que requer coragem, pois poderíamos nos perder em suas sombras. Assim, para conseguirmos encontrar nosso caminho nesta trilha, seguimos os rastros que nela permitem encontrar elementos que indiciem como as benzedadeiras re-existem no contexto da produção do espaço-tempo coetâneo. Pois, sem estes rastros não conseguiríamos saber para onde ir, nos perderíamos em uma flora complexa de diferentes perspectivas de fontes. Assim não conseguiríamos chegar no nosso objetivo de compreender a produção do espaço-tempo histórico-geográfico em interlocução com seus autores. Para conhecer melhor este caminho, recorreremos àqueles que o cunharam e já utilizaram deste, embora acabaram chegando em outros destinos.

Imbricado à História Cultural e à microgenética, o método que utilizamos consiste em seguir os rastros, já elaborado por Carlo Ginzburg, um historiador italiano que trabalha com história cultural, com pesquisas pautadas na microhistória. Dentre seus trabalhos, seus livros mais conhecidos tratam de interpretações iconográficas (1984), processos inquisitoriais (1987), cultos de fertilidade (1988), mitologia (1990) e feitiçaria (1991); trabalhos estes com inspirações em Conan Doyle e Morelli, pois, nestes, Ginzburg realiza investigações detetivescas, com atenção aos detalhes, rastros e pistas.

Ginzburg se baseia em três pesquisadores para desenvolver sua metodologia, e mostra como estes se utilizavam de indícios para seus resultados. Morelli, para identificar a veracidade dos quadros, e identificá-los como autênticos ou como reproduções, baseava-se na atenção aos detalhes, pois “é preciso não se basear como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis nos quadros” (GINZBURG, 1994, p. 144), visto que algumas reproduções acabavam deixando pormenores passarem despercebidos, como lóbulos das orelhas, dedos das mãos etc. Ginzburg e Morelli

argumentam que “os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal cuidadosamente preparada por nós” (GINZBURG, 1994, p. 146).

Conan Doyle, e sua criação Sherlock Holmes, também se baseia em indícios imperceptíveis para a maioria (pegadas na lama, cinzas de cigarro, odores) para desvendar os casos que lhe aparecia. E neste jogo entre Sherlock Holmes e Watson, onde ambos observam as mesmas situações, a atenção aos detalhes de um lado, contra a observação ao caso em sua forma geral de outro, notamos como a atenção às minúcias é imprescindível na solução do caso.

Já Freud, ainda antes de formular a psicanálise, tinha contato com a leitura dos ensaios de Morelli (GINZBURG, 1994), e utilizou destes para sugerir também um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1994, p. 149) com foco médico. Inclusive este manifesta a um de seus pacientes seus interesses pelas obras de Doyle (GINZBURG, 1994, p. 150).

Em síntese, cada um destes se utiliza de um método, que tem em comum as pistas que ajudam a desvendar uma realidade mais profunda, (micro), e processual, histórico e intersubjetivo (genética). Embora cada um realiza ao seu modo “pistas: mais precisamente sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” (GINZBURG, 1994, p. 150).

Estes indícios abrem ao pesquisador a possibilidade de investigar o movimento histórico e cultural na constituição do sujeito, e do mesmo modo, conhecer como o sujeito constitui a realidade que o cerca. Portanto, a linha de pesquisa a qual estamos vinculados, no Mestrado em História (PPGH), é História do Povoamento, da Agricultura e do Meio Ambiente. Esse assento sustenta nosso estudo das re-existências das benzedadeiras no contexto espaço-temporal coetâneo, por meio de suas práticas populares ligadas estreitamente ao próprio meio ambiente que as cercam.

Assim, o sujeito não está isolado, ele está presente dentro de uma coletividade de sujeitos, relações sociais e culturais que o formam e que estes contribuem na sua formação. Ao qual Ginzburg postula o seu conceito de circularidade cultural. Conforme o item anterior, trata-se da perspectiva da Nova História Cultural. Onde a circularidade de Ginzburg tem fortes influências bakhtinianas, no qual a comunicabilidade ocorre de maneira dialógica, circular e, conseqüentemente, de forma mútua e recíproca. Este conceito acaba por superar a ideia da existência dicotômica entre uma cultura popular e outra elitista. Para Ginzburg, o que existe são trocas de maneira mútua e recíproca, de elementos culturais.

Em *O queijo e os Vermes*, Ginzburg já demonstra isso, na forma discursiva de como existem distintos discursos entre o réu e o júri, e como estes não se sobrepõem, mas se entrecruzam. Ou seja, existem diferenças no modo como cada classe se expressa, se interpreta culturalmente, mas eles mantêm uma dinâmica dialógica no nível cultural. Um “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 1987, p. 13).

Dessa forma, vale destacar que nesta pesquisa, por ser de cunho qualitativo, atribui um assento comprometido com a realidade, onde buscamos valorizar a experiência humana. Esses indícios interpretados a partir da circularidade cultural de Ginzburg, devem-se seguir passos para serem interpretados conforme o paradigma indiciário. Assim, seguiram-se cinco passos do percurso metodológico proposto por Andreis (2018), elaborado pela pesquisadora a partir das proposições de Ginzburg (1994).

Quadro 01 - Etapas da análise dos dados por meio do Paradigma Indiciário

Passo	Objetivo
1º	Identificar os objetos em pesquisa
2º	Sistematizar os dados prospectados da realidade
3º	Investigar o contexto histórico e geográfico no qual os dados se constituíram e onde-quando estão sendo analisado na atualidade
4º	Extraír aspectos gerais dos dados
5º	Elaborar argumentos a partir dos sinais luminosos e opacos

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de ANDREIS (2018).

O primeiro passo envolveu a seleção das fontes, dos objetos que seriam investigados, coletados com a contribuição da Secretaria Municipal de Saúde de Chapecó/SC, e após, aprovação do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul, mencionado na introdução, tornou-se possível a compreensão dos contextos histórico-geográfico-espacial em que estes participantes se encontram.

O segundo passo metodológico compreende a transcrição das fontes, observação e criação de quadros-resumos, sistematizados por temas, que são agrupados a partir das perguntas norteadoras realizadas na coleta das fontes orais presente no capítulo dois.

O terceiro passo consiste em verificar historicamente onde e quando nascem os dados em pesquisa, no nosso caso, a benzeção, para isso recorreremos a autores que abordam tais

práticas de cura em diferentes períodos de tempo, para analisarmos a atual benzeção praticada em Chapecó/SC. Investigamos este item no capítulo 3 da presente dissertação.

O quarto passo é realizado após a observação das fontes, onde é possível estabelecer o nascimento dos indícios, no qual observamos os encontros/desencontros, a rapidez/lentidão dos processos, relações internas/externas em suma, aqui é possível investigar as fontes conforme os indícios coletados. E com estes sinais criamos quadros de luminosidades e opacidades, presentes no capítulo quatro, no qual depreendemos e destacamos as ideias, palavras e noções-chave que nos permitem investigar pistas e apontar indícios.

Com esses quadros criados, o quinto passo envolve os sinais, tornando possível elaborar argumentos depreendidos nas convergências/divergências das fontes, presentes no capítulo 4. Com isso estabelecemos hipóteses para compreendermos as intersubjetividades presentes nas fontes, bem como respondermos nossa indagação central. É importante deixar claro que os passos não são hierárquicos nem estanques no texto, pois são interdependentes e se entrecruzam em toda a elaboração. Contudo, podemos dizer que nos capítulos iniciais (1,2,3), há mais enfoque no 1º, 2º, 3º e 4º passos, e que no capítulo 4 acentuamos a elaboração de argumentos a partir de sinais luminosos e opacos, como apresentados no 5º passo.

O paradigma indiciário contribui para a formação dos quadros e luminosidade e opacidade, pois “esta ideia dos indícios como zonas privilegiadas de uma opaca realidade, através dos quais é permitido decifrá-la, constitui o núcleo do paradigma indiciário ou sintomatológico que começa a penetrar nos âmbitos cognitivos mais variados” (TINEM, BORGES, 2003, p. 1). Apoiamo-nos em Milton Santos (1996) e seus trabalhos para propor zonas de luminosidade e de opacidade.

1.2.1 Luminosidades e opacidades

Quando criança, observávamos o mundo seguir em um ritmo lento, no passo daquelas senhoras idosas. Não tínhamos pressa de chegar em casa, ao contrário, queríamos ficar onde estávamos, e lá permanecer. Porém amadurecemos (mesmo contra nossa vontade), e vemos o mundo se transformar com a velocidade de um furacão. Vemos aqueles campos baldios em que brincávamos desaparecer e dar lugar a residências cada vez maiores, separadas por muros onde a individualidade gradativamente se sobrepõe ao coletivo. Todavia, algumas casinhas de madeira permanecem, trazendo um contraste visual nestas comunidades. E por incrível que pareça ainda observamos senhoras idosas rezando e benzendo crianças e adultos. Elas podem nem saber como utilizar um celular, por exemplo, o que para nós, é um simples instrumento

telefônico, ou não sabem ler um simples panfleto de supermercado. Mas dominam um conhecimento respeitado por muitos (se não todos) de sua comunidade.

Esta pesquisa busca compreender a força dessa aparente lentidão por uma outra óptica. A força dos aparentemente fracos está na sua lenta velocidade, pois estamos investigando mulheres que mesmo com todo esse avanço capitalista, mercantil, medicinal e tecnocrata ainda fazem seus chás, suas ervas e seus remédios. Para Milton Santos:

Na cidade, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico — uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa — essa historização da metafísica, crava no organismo urbano, áreas "luminosas", constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas "opacas". Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizadores, são espaços da lentidão e não da vertigem. Paremos um pouco aqui. A literatura que glorifica a potência inclui a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a "sua" civilização para o resto do mundo. Se velocidade é força, o pobre, quase imóvel na grande cidade, seria o fraco, enquanto os ricos empanturrados e as gordas classes médias seriam os fortes (1996, p. 83).

Nesta visão, estas mulheres representam a força da lentidão, permanecem praticando suas técnicas de cura em zonas opacas e luminosas, criadas pelo intenso processo capitalista-informacional-tecnicista, pois ainda existem e praticam em diversas regiões, embora estejam presentes em maior número em outras, mas ainda assim re-existem. A sua força está na sua lentidão de resistir a estes processos e também conseguir se moldar a estes processos.

Estamos olhando para o opaco, pois são mulheres que re-existem, que não possuem a força do estado ao seu lado como vemos nos médicos apoiados pelo Estado. Ainda assim são partícipes na construção do espaço-tempo coetâneo. Em suas narrativas coletamos as fontes em suas palavras, e quando olhamos, percebemos o nascimento de indícios por meio de padrões, expressões, frases ditas com ênfase, ou em outras que se repetiam ditas por mulheres que nunca se conheceram. Isto é, são zonas de luminosidade em suas próprias falas que destacam verticalidades, como âmbitos que se salientam.

Zonas de Luminosidades, o autor sugere que são os aspectos que estão no centro de um quadro, pintado de forma colossal e destacada, é aquilo que atrai os olhos. Por este motivo sentimos a necessidade de inserir um quadro mostrando ao leitor aquilo que se destaca em suas falas, aquilo que se faz mais presente, apresentado no próximo capítulo.

Já a noção de Opacidade se refere quando falamos de aspectos que podem estar esmaecidos, omitidos, menosprezados, secundarizados, desprezados, escondidos e muitas vezes silenciados. Ginzburg (1994) reitera que não devemos menosprezar os detalhes, mas

sim dar destaque, pois são estes que tornam possível conhecer as interpretações e as realidades dos sujeitos.

Milton Santos (1996) também mostra como as Luminosidades e Opacidades podem ser utilizadas nos estudos histórico-geográficos ao analisarmos densidades populacionais. Por este motivo, sentimos a necessidade de trabalhar com este tipo de fonte mais cartográfica, para também percebermos geograficamente as zonas de luminosidade e opacidade distribuídas no município de Chapecó/SC. Para isso novamente analisamos as fontes baseadas na disposição cartográfica das benzedadeiras ao longo do município de Chapecó/SC tendo a nossa disposição os sistemas de Informação geográfica.

1.2.1.1 Sistemas de informações geográfica a serviço da pesquisa

Os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) ainda são pouco utilizados na área da História, seja devido ao fator tempo, como também familiaridade, pois são ferramentas consideravelmente novas, sendo mais utilizadas nas áreas das engenharias e na Geografia. Quando passamos a conhecer tal ferramenta, ficamos fascinados com as possibilidades que ela abre ao pesquisador na criação de trabalhos cada vez mais interdisciplinares.

Muito se fala dentro do meio acadêmico em interdisciplinaridade. Nesta pesquisa de mestrado em história, ela foi extremamente necessária. Diálogos com antropologia, história social, ambiental, cultural, etnobotânica e geografia já eram realizados, mas foi através do contato dos SIG que observamos novas abordagens interdisciplinares.

Conforme Rebelatto e Freitas, “Os SIG permitem integrar dados de diversas fontes e criar bancos de dados que se conectam através da característica espacial (país, estado, cidade, bairro, rua, CEP, entre outros)” (2012, p. 2.), alguns sistemas que permitem tal funcionalidade são: ArcGIS, Google Earth, AutoCad Map, entre outros gratuitos e pagos. Na pesquisa que estamos desenvolvendo optamos pela utilização do Google Earth devido à familiaridade, e gratuidade que esta ferramenta oferece.

Os sistemas de informação geográfica, conforme Martins e Ferreira da Silva, permitem responder a três tipos de perguntas:

Relacionadas a: 1) mudanças em um objeto (ou seja, o objeto em si, sem topologia); 2) mudanças na distribuição espacial de um objeto comparando-se datas (no que poderia ser chamado de topologia temporal); 3) mudanças nas relações espaço-temporais no âmbito de diferentes fenômenos geográficos (2011, p. 489).

Essas perguntas que os sistemas de informação geográfica auxiliam a responder, nos contribuíram na compreensão e investigação das benzedeadas dentro de um espaço histórico-geográfico. Pois, por meio desta, foi possível observar a localização destas (pergunta número 1), seus movimentos (pergunta número 2) e criar hipóteses sobre sua permanência, ausência e dispersão territorial em áreas urbanas e rurais do município (pergunta número 3). As localizações destas benzedeadas serão analisadas no capítulo 2. As investigações a respeito de suas permanências, ausências e dispersão buscaremos abordar no capítulo 4.

A utilização desta ferramenta ocorreu aliada ao paradigma indiciário de Ginzburg, pois com os mapas gerados por esta ferramenta, é possível sua leitura crítica. Assim, observamos relações sócio-espaço-ambientais que estas mulheres realizam no meio em que vivem, conforme será possível observar ao longo da pesquisa.

1.2 FONTES ORAIS

Os Sistemas de informação Geográfica são elos sistematizados, dos quais nos servimos para ancorar a representação dos lugares em pesquisa. Nesse sentido, outra importante fonte, inescapavelmente implicada na realização desta pesquisa, é a fonte oral. Até o presente momento muito falamos nela, porém, agora, explicitamos sua importância na presente pesquisa.

Ambas, SIG e fonte oral, compreendem o estudo da realidade espaço-temporal em escala de proximidade com a vida real. Sendo as fontes orais consideradas retratos originais, pois retratam uma visão de mundo única de um determinado indivíduo, ou seja, é uma fonte autêntica, sem nenhuma igual no mundo. A fonte oral, em si, não é novidade, conforme Verena Alberti nos mostra,

A estratégia de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou conjunturas para melhor compreendê-los não é novidade. Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizaram esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época (2005, p.156).

Para Verena Alberti, a fonte oral não é algo novo, sendo que sua utilização na Grécia antiga serviu para formular áreas como a Filosofia. Ricos debates na Àgora que instigavam o pensamento, e chegam a nós através da oralidade. Por isso entendemos que não são apenas atrizes, mas autoras de seus enunciados. Se pensarmos, os textos clássicos gregos tão já

debatidos na história, apenas chegaram a nós graças à oralidade, aos *rapsodos*, (ALBERTI, 2005) que se apropriavam da palavra para narrar o que viviam ou ouviam. Porém este tipo de fonte era difícil ainda de ser trabalhada devido à credibilidade e à própria seleção que o ouvinte poderia fazer daquilo que ouvia, podendo dar mais ênfase para alguns temas, que são aqueles que ele deseja abordar, ou omitir também aquilo que vai contra sua ideologia ou que possa questionar tal material⁶.

Porém, foi somente com a invenção do gravador em 1948 (ALBERTI, 2005) que as fontes orais ganham um grande fomento e incentivo perante os estudos historiográficos e principalmente na História Cultural, principal recanto da fonte oral na historiografia. Pois possibilitaram ouvir a história dos personagens que até então eram marginalizados. A História agora não é só contada pelos vencedores, é contada pelos mais diversos atores, de toda e qualquer classe social, mostrando a multiplicidade de identidades e memórias na mesma sociedade.

Entretanto, como qualquer outra fonte, a oralidade está sujeita a correr riscos se não tratada e analisada criticamente. Para tanto, Éder da Silva Silveira, quando analisa trabalhos de Thompson (2002), Alberti (2004, 2005) e Zago (2003), nos traz alguns critérios e cuidados que devem ser seguidos no trato com as fontes orais:

1. Ter consciência de que não existe neutralidade do pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista até qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes;
2. Respeitar os princípios éticos e de objetividade na pesquisa, lembrando que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões. Todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas e revistas por pesquisas posteriores;
3. O pesquisador não deve se apropriar da entrevista somente como uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo;
4. A entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação. Dar preferência a perguntas mais abertas e a um roteiro flexível;
5. Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista;
6. Durante a entrevista, é válido ter um diário de campo onde possam ser feitas anotações das reações, posturas e impressões do entrevistado, dificuldades nas informações obtidas, o que provocaram suas lembranças, novidades nas informações ou conteúdo, informações obtidas em off, etc.;
7. Fazer uso de elementos que evoquem a memória do entrevistado como fotografias, recortes de periódicos e menção a fatos específicos podem facilitar o desenvolvimento do trabalho;
8. Construir fichas que organizem e orientem as futuras fontes orais [...];
9. No início da entrevista, gravar informações como: nome do entrevistado, do(s) entrevistador(es), data, local e finalidade do trabalho;
10. Providenciar um Termo de Consentimento Informado, onde fique bem claro ao entrevistado [...] (2007, p. 39).

⁶ Inclusive combater tais riscos como omissão de fontes que optamos por inserir como anexo todas as transcrições coletadas pelo pesquisador na íntegra.

Esses critérios apresentados pelo autor, destacam desde a preparação do material, coleta e interpretação das fontes, e nos conduziram durante toda a pesquisa como uma base. E quando coletamos, buscamos seguir estes critérios para termos a nossa disposição fontes confiáveis e possíveis de crítica. Para tal separamos algumas perguntas-chave, que poderiam ser modificadas quando no momento da coleta dado o fato mutável das participantes. São perguntas relacionadas à identificação da participante, história de vida, aprendizagem dos seus saberes-fazer, prática dos saberes-fazer, transformação espaço-temporal, conflitos e dificuldades enfrentadas.

Além do cuidado ao coletar estas fontes, na crítica e investigação destas, tivemos que ter em mente o fator mutável. Pois estamos lidando com memórias, que ao serem ditas representam escolhas do participante. Ele opta por falar de uma maneira ou de um assunto em detrimento de outro. O ato de falar é uma escolha de palavras que o participante faz.

Inclusive, Alberti mostra que o trato com a memória foi alvo de críticas, pois ela não é imparcial:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade de continuidade e de coerência-isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (2005, p. 167).

A memória pertencente a um grupo pode, então, significar ter que fazer escolhas de esmaecer ou não modos particulares de benzer, para manter a coesão. A memória é uma maneira de um grupo criar identidade e, para isso, ele pode fazer escolhas nas palavras que busquem manter essa coesão com medo de represália do restante. Podemos utilizar como exemplo a citação de uma benzedeira, cujo relato na íntegra se encontra posteriormente, onde sua prática foi condenada pela Igreja a qual ela estava vinculada, porém ela buscou, agora tímida, continuar praticando seu saber-fazer.

Os relatos coletados permitem-nos compreender o modo como o indivíduo se vê, do mesmo modo que ele vê o mundo que o cerca e compreendermos como ele é visto pelo outro que está inserido nesta mesma coletividade. Assim, iremos no próximo capítulo mostrar como estas mulheres se veem e como a construção de uma memória de coletividade fortalece sua própria identidade.

2. DEIXA A BENZEDEIRA FALAR

Ainda impregnados do menino apresentado a você leitor na introdução, enquanto sujeitos daqueles rituais de benzeção, temos presente a importância desse saber-fazer a nossa própria constituição na configuração do espaço-tempo coetâneo. Por isso decidimos trilhar esses caminhos de historiador-pesquisador, contando da sua companhia, para, de mãos dadas prosseguirmos essa viagem, cada vez mais implicados nesse universo da benzeção, socialmente discreto, mas contundentemente marcante nos lugares. Nesta viagem, somamos experiências, contamos e ouvimos histórias. E é este exercício que realizamos no capítulo 2. A experiência de ouvir histórias, e sinalizar como as benzedeadas enxergam a si mesmas e a própria história.

Considerando esse complexo, no primeiro capítulo trouxemos o caminho metodológico percorrido para a elaboração desta dissertação. Agora, no segundo capítulo a pergunta à qual perseguimos resposta é o que caracteriza uma benzedead (?). Por isso nosso objetivo é conceituar a prática benzedead, diferenciando estas dos demais termos utilizados, buscando estudar as características de cada um dos conceitos e qual é aquele que estas mulheres se identificam.

A busca pelas benzedeadas em uma cidade com 624.846 km², com uma população com mais de 220 mil habitantes (IBGE, 2019), se configurava em um desafio, pois embora tivéssemos ciência da existência de algumas localizadas em determinados bairros, academicamente, era necessária uma amostra profícua para análise. De início esta tarefa hercúlea se mostrava como uma busca de “agulhas em um palheiro”, conseguimos o apoio da Secretaria Municipal de Saúde de Chapecó/SC.

Após contato com a SMS do município, solicitamos, aos servidores, uma listagem, junto aos agentes de saúde, contendo nomes e endereços de indivíduos que utilizam práticas alternativas de saúde, que nomeamos como benzeção. Esta lista não existia até então na SMS, ela foi criada somente após nossa solicitação com o auxílio dos agentes de saúde.

Obtivemos uma lista com um total de 90 pessoas (CHAPECÓ, 2019). Ainda, agregamos a esse grupo mais cinco pessoas, que já conhecíamos de pesquisas anteriores e cujos nomes não constavam na listagem fornecida. Obtivemos, assim, um total de 95 indivíduos, potenciais participantes à pesquisa. Todavia, concebemos que existem ainda mais benzedeadas existentes no município de Chapecó/SC, pois, nem todos os agentes de saúde enviaram as informações das benzedeadas, e talvez nem tenham conhecimento de todas as residentes no município.

Desta amostragem apenas 10 eram pessoas do gênero masculino e 85 do gênero feminino. Quando realizamos os primeiros contatos experimentais da pesquisa, buscamos entrevistar benzedores do gênero masculino, contudo, deles obtivemos apenas uma resposta, e cobrando valores financeiros para a realização da entrevista. Considerando esse processo, elencamos alguns critérios inclusivos para os possíveis participantes a fim de configurar nossa pesquisa:

Quadro 02 - Critérios espaço-temporais à seleção dos participantes da pesquisa

1º Critério	Gênero feminino
2º Critério	Benzedeiras, que residam em Chapecó/SC e que não possuam formação acadêmica relacionada com esta atuação
3º critério	Localização geográfica das benzedoras na cidade de Chapecó/SC

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Dado ao que antes explicitamos e considerando o complexo teórico, documental e empírico em pesquisa, firmamos como primeiro critério para compor o grupo de participantes da pesquisa, ser do gênero feminino. Desta implicação também se desenvolveu um título e uma escrita adotando-se os termos no gênero feminino, portanto, passamos a nos referir a elas como “as benzedoras”. A utilização do gênero feminino não tem como objetivo excluir ou encobrir o sujeito masculino na pesquisa, mas se configurou opção do pesquisador, tanto que reconhecemos que existem homens que realizam as práticas de cura alternativa populares.

Utilizamos como segundo critério de inclusão, indivíduos que praticam e/ou se identificam como curandeiras e/ou benzedoras, que residam em Chapecó/SC e que não possuam formação acadêmica (em nível técnico ou superior), que os habilite formalmente para a atuação na saúde pública. E neste contexto, os sistemas de Informação Geográfica contribuíram na pesquisa, pois permitiram que conseguíssemos problematizar os indícios das presenças destes indivíduos em suas regiões, conforme buscaremos realizar no capítulo 3 da presente pesquisa.

Como terceiro critério, para a seleção do grupo participante da pesquisa, estabelecemos o aspecto da localização destas mulheres no território de Chapecó. Com esses três critérios estabelecidos, realizamos o recorte para a pesquisa de campo, cuja amostragem envolveu quinze participantes. A essa explicitação, voltaremos mais adiante, mapeando as localizações. Antes, apresentamos o contexto do lugar em pesquisa, a cidade de Chapecó/SC.

A grande amplitude territorial do município, que de início nos parecia um empecilho, acabou sendo pertinente ao conjunto textual, pois permitiu a criação de uma amostra ampla de entrevistas a serem coletadas. Assim selecionamos as participantes da nossa pesquisa por área, organizamos a cidade em zonas de densidade/populacional para compor o contexto espaço-temporal do campo empírico, conforme o quadro 03:

Quadro 03: Densidade Populacional por bairros de Chapecó/SC

Bairro	Densidade (hab/ha) ⁷
Centro	43,75
Cristo Rei	36,93
Efapi	31,25
Eldorado	32,15
Jardim Itália	39,06
Maria Goretti	57,83
Palmital	19,33
Passo dos Fortes	35,74
Saíc	28,01
São Cristovão	55,90
São Pedro	29,55
Trevo	5,89
Universitário	26,01
Distrito Marechal Bormann	0,29
Distrito Goio-Ên	0,28
Distrito Sede Figueira	0,19

Fonte: Elaborado pelos autores (2019), com base nos dados da Prefeitura Municipal de Chapecó.

Compreendendo as densidades dos bairros, dividimos a cidade em três zonas de densidade. Assim foi possível estipular uma estimativa de quantas entrevistas queríamos coletar em cada zona. Coletamos as entrevistas, porém, conforme quadro 03, houve variações nas entrevistas que buscávamos e nas que efetivamente encontramos.

⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó, 2007.

Quadro 04 - Dados estimados para Coleta

Zona	Bairros que compõem ⁸	Densidade (hab/ha)	Quantidade de Entrevistas Estimadas	Quantidade de entrevistas realizadas
1	Maria Goretti	Acima de 40,0	5	1
2	São Pedro, Saic, Efapi, Palmital, Universitário, Cristo Rei, Eldorado	Entre 10,0 e 40,0	5	7
3	Trevo, Interior: Sede Figueira, Marechal Bormann, Linha Cachoeira	Abaixo de 10,0	5	7

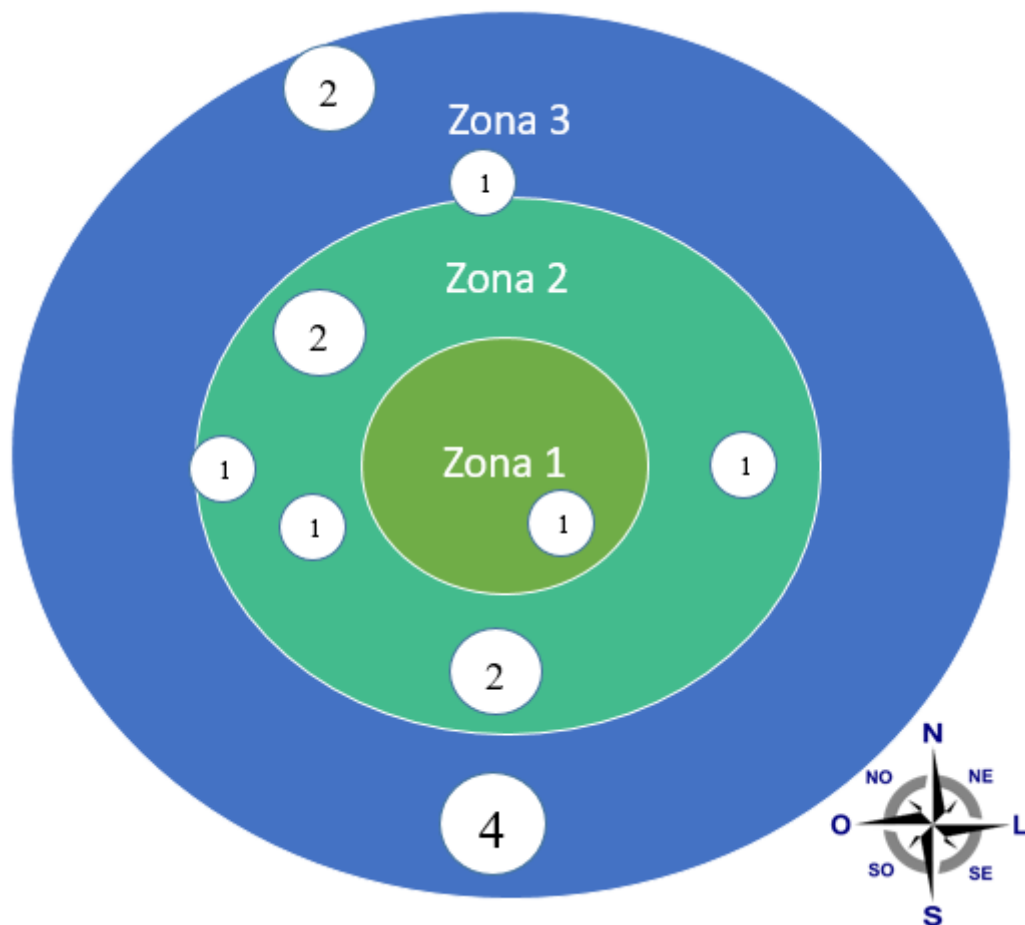
Fonte: Elaborado pelos autores (2020), com base nos dados da Prefeitura Municipal de Chapecó.

Os quantitativos de participantes da pesquisa estimadas e efetivamente coletados foram alterados de acordo com as disponibilidades. Pois, nas áreas de alta densidade têm poucos indivíduos identificados como benzedeiros/as na listagem fornecida pela SMS, contando com somente uma participante. Já nas zonas de menor densidade há maior número de indivíduos, portanto, as participações foram maiores.

Com as fontes coletadas das mais variadas zonas, criamos a figura 1 abaixo para melhor compreensão do leitor sobre a posição e quantidade de entrevistas coletadas na pesquisa.

⁸ Para simplificar ao leitor inserimos somente o nome do bairro no qual foi encontrado participante para a pesquisa.

Figura 1 - Zonas das entrevistas realizadas

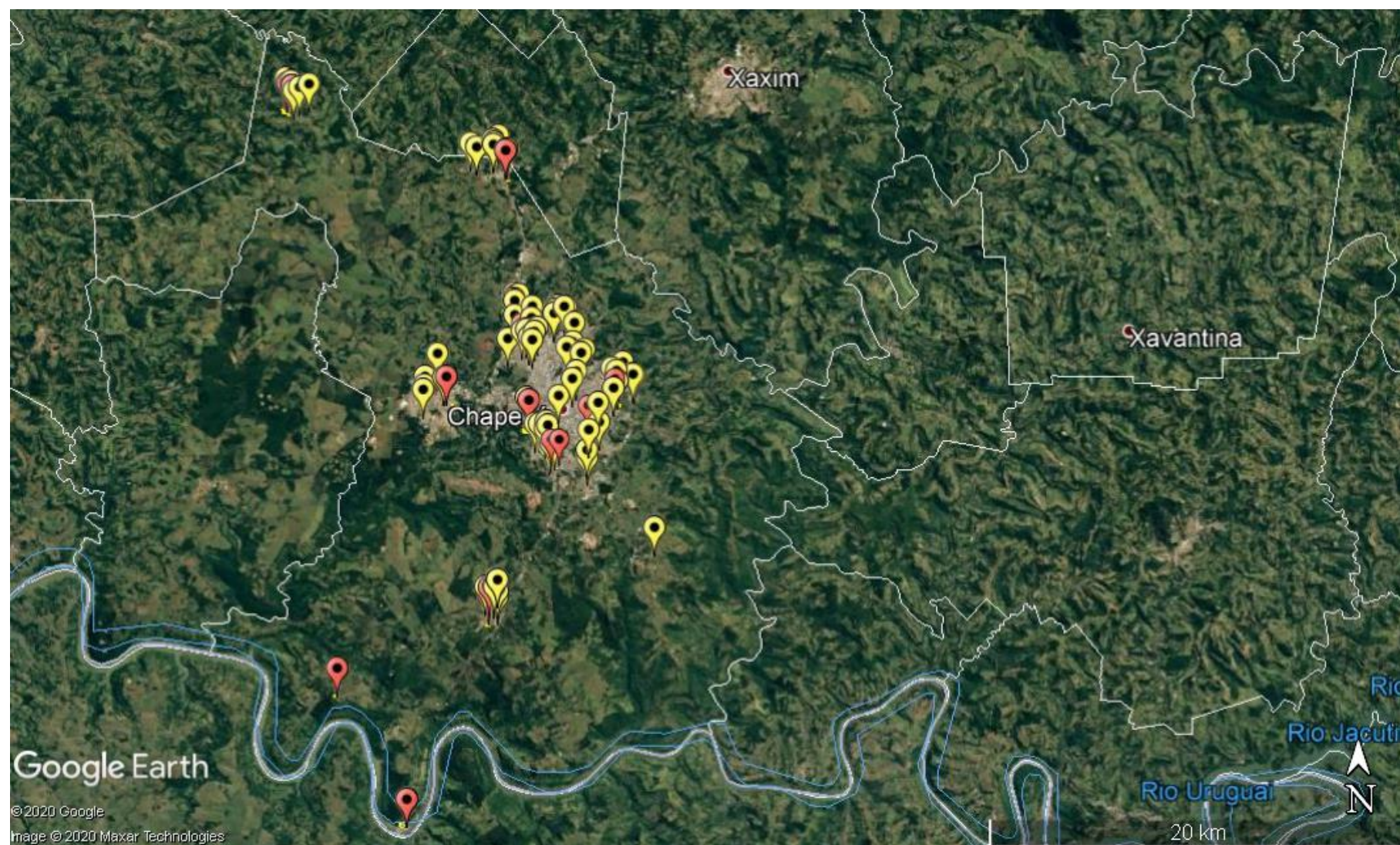


Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A figura 1 foi elaborada como ilustrativa com o objetivo de expressar a distribuição e as proporções das participações das benzedadeiras na pesquisa. Cada zona indica uma região da cidade dividida pela densidade populacional, (Zonas 1 = densidade acima de 40 hab/ha; Zona 2 = densidade entre 10 hab/ha e 40 hab/ha; Zona 3 = densidade abaixo de 10 hab/ha). Além disso, a utilização dos sistemas de informação geográfica, na pesquisa, também permitiu analisar as entrevistas em seus contextos espaciais, auxiliando-nos nos passos 1, 2, 3 e 4, conforme descritos no percurso metodológico.

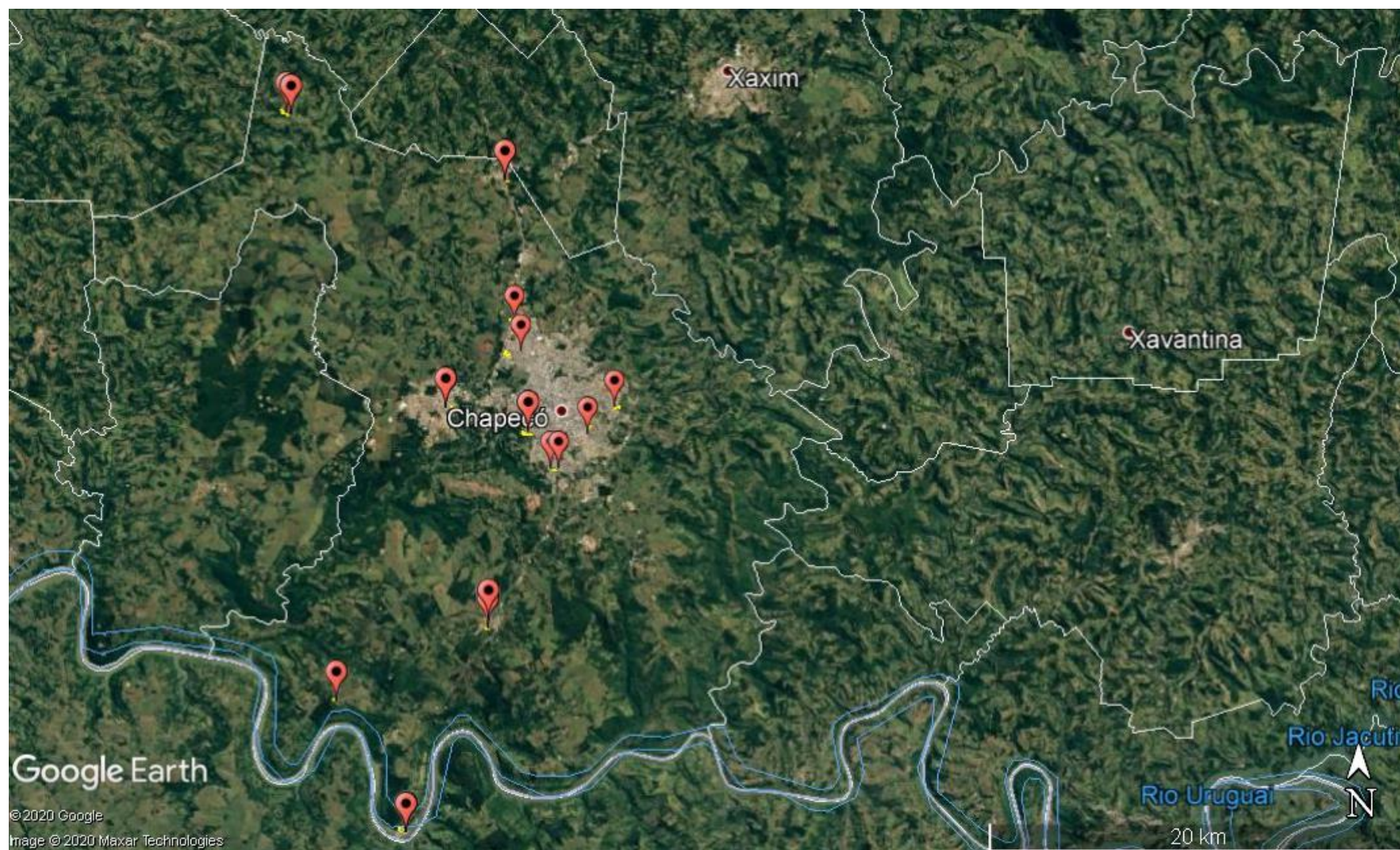
Assim a figura 1 mostra a ausência de benzedadeiras em regiões densamente mais populosas e uma presença mais intensa em bairros e regiões afastados do centro urbano e economicamente mais carentes. E a figura 2, abaixo, com a utilização dos SIG, mostra o estabelecimento das localizações das benzedadeiras no município de Chapecó.

Mapa 1 - Benzedeiros em Chapecó SC



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

Mapa 2 - Benzedeiras participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

Nestes mapas, gerados pelo programa Google Earth®, mostramos todas as localizações das possíveis participantes da pesquisa e das efetivas participantes. Sendo os itens representados em amarelo, as possíveis participantes presentes na listagem, e os itens em vermelho representado as efetivas participantes.

No item 3.3.1 também abordamos os mapas do município a partir de decretos e leis para a compreensão dos aspectos econômicos e sociais de âmbito local. Assim torna-se possível analisar alguns fatores que indiciam os porquês de as benzedeiras estarem onde estão localizadas além do que é dito nas entrevistas que possuímos.

Coletadas as entrevistas, a primeira noção que é importante entender, e uma das primeiras questionadas a estas mulheres é a própria noção de curandeira e benzedeira. Pois não queremos impor uma nomenclatura para suas praticantes. Primeiro observamos em outros autores como estes as denominavam e posteriormente observamos algumas divergências, daí o objetivo de identificar como elas mesmas se denominavam.

2.1 NOÇÕES DE PRÁTICAS DE CURA POPULAR

Para compreendermos o que é ser curandeira e benzedeira, e distinguirmos uma da outra, buscamos nas bibliografias disponíveis, que nos permitiram uma reflexão sobre este próprio termo. Alguns termos como benzedeira, curandeira e rezadeira, são utilizados como sinônimos por muitos autores, assim, quando observamos trabalhos, livros, teses, artigos e dissertações com o emprego destes termos, consideramos que o conceito varia muito de autor para autor. Cabe apontar que, em geral, os autores de cada trabalho esclarecem os critérios para suas escolhas em tratar como noções com sentidos aproximados.

A “benzeção” como prática da “benzedeira”, para Elda Rizzo de Oliveira (1985), é “instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade entre si”, de “exorcizar o mal” ou “passar bons fluidos” (p. 10). A conceituação da autora mostra-se uma possibilidade aberta, dialógica e dialética, sendo, então, aquela que mais se aproxima dos conceitos abordados pelas próprias benzedeiras (como veremos adiante). Principalmente, quando expressa que benzedeira “é uma cientista popular, que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular” (OLIVEIRA, 1985, p. 25). Ou seja, para a pesquisadora não há distinção entre benzedeiras, rezadeiras e curandeiras, uma mulher pode muito bem utilizar de chás e plantas em suas práticas de cura. É justamente por isso que optamos pelo termo

benzedeira, assumimos essa perspectiva desde o título da presente dissertação e, também, para se referir a estas mulheres durante a presente pesquisa.

Encontramos também em Oliveira a utilização do termo “cientista popular”, termo este também presente em outros trabalhos, como, por exemplo em Cavalcante e Chagas (2009). Porém, buscamos evitar a sua utilização por dois motivos: primeiro pelo fato de que este insere uma dicotomia entre o campo científico e o popular. Nesse sentido, é como se o campo popular e o campo social vivessem separados do científico, e somente entrariam em diálogo um com o outro, com a atuação destes indivíduos nas suas comunidades. O segundo motivo é devido ao período em que vivemos, que, segundo Richard Dawkins (2018), coetaneamente a ciência vem sendo criticada, e o senso comum está se sobrepujando ao científico (não que este não tenha credibilidade ou legitimidade). Porém, segundo o autor, este senso pode ser manipulado para defender um ponto de vista, e para criticar outro devido a diferenças ideológicas, o que faz surgir indivíduos que não possuem conhecimento formal na área ao qual pretendem criticar, e assumem a alcunha de cientista popular, sem ter formação na área ao qual critica.

Outro termo encontrado dentro dos trabalhos de Luis da Câmara Cascudo, é “rezadeira”, indicando um conceito até então não utilizado por nós.

A rezadeira [é] especialista em quebrando, mau-olhado, vento caído, enquanto reza em cruzeiros sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes, que vão murchando por adquirir o espírito da doença que fazia mal (CASCUDO, 2001, p. 587).

Neste contexto em que o conceito de rezadeira é utilizado em Cascudo, observamos uma ausência sobre a utilização da técnica de cura com chás e plantas, ficando restrito somente às técnicas de reza onde a planta possui um simbolismo, mas sem ser utilizada medicinalmente. Notamos também que a utilização destes termos que buscam conceituar esta prática acaba variando de região para região:

Em alguns lugares, as mulheres que rezam são conhecidas como “benzedeiras”, em outros como “curandeiras”, e noutros como “rezadeiras”, como é o caso de Cruzeta/RN. Sendo assim, optou-se pelo uso desta última, tendo em vista ser o termo mais usado tanto pelas pessoas dessas comunidades, como pelas próprias rezadeiras uma vez que elas se definem dessa forma (SANTOS, 2009, p. 15).

No trabalho de Santos, este denomina as mulheres que praticam esta técnica de cura de “rezadeiras” pela opção que as mulheres fizeram quando escolheram pela sua própria denominação, embora Santos não faça uma crítica ou uma diferenciação entre os outros

termos como benzedeira ou curandeira. Todavia, um dos autores que nos permitiu refletir e questionar sobre como elas se identificam foi Victor Augustus Graciotto Silva que buscou conceituar o termo:

No trabalho com as fontes, os termos benzedeira, curandeiro, pajelança e feitiçaria se confundem. Isso se repete nos dicionários, onde os significados se misturam, se assemelham, se sobrepõem: benzedeira manipula rezas para males específicos e que no ato da reza eficaz (“reza forte”, aquela que possui um poder mágico) agrega o gesto do sinal da cruz, evidenciando o catolicismo, sendo que parteiras também seriam enquadradas como benzedeiras (BENZEDORES. Dicionário Enciclopédico das Religiões, 1995: 371); benzedura é colocado como elemento das tradições africanas, usado em terreiros de candomblé e umbanda para designar o ato de invocação por meio de orações e ritos próprios em favor de alguém para libertá-los de males físicos ou espirituais (BENZEDURA. Dicionário Enciclopédico das Religiões, 1995: 371); pajelança é outro termo relacionado, refere-se à tradição indígena e com o sincretismo assume o significado de contrafeitiço, curar um mal causado por um feitiço (PAJELANÇA. Dicionário do Folclore Brasileiro: 571). O Dicionário Aurélio diz que benzedeira é mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio de benzeduras, podendo também significar bruxa ou feitiçeira; e benzedura seria o ato de benzer acompanhado de rezas supersticiosas e que seria sinônimo de pajelança (2009, p.5).

Os termos aqui se mesclam, se divergem e se convergem mostrando a dificuldade em conceituar tal termo, como a benzeção, que aqui é católico, mas benzedura é algo mais relacionado à matriz africana, mas também significa bruxa ou feitiçeira e tem sinônimos de pajelança. Já o termo curandeirismo, mencionado apenas uma vez na citação acima, carrega um estigma, pois busca vincular “pessoas que utilizam plantas medicinais”, ao ato considerado crime no Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940:

Art. 284 - Exercer o curandeirismo:

I - Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II - Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III - Fazendo diagnósticos;

Pena - detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa. (BRASIL, 1940)

A negação das benzedeiras em se vincularem ao curandeirismo remete a um preconceito oriundo no final do século XIX (BERTUCCI, 1997), pois os considerados “charlatões” pelas autoridades existentes no Brasil no período colonial utilizavam do termo curandeiros para si, que posteriormente, inclusive, acabam afetando estes ofícios das práticas de cura popular quando ocorre a criminalização deste. No trabalho de Emerson Sena da Silveira e Dayana Dar’c e Silva da Silveira (2015), também, observamos situação semelhante

onde “Dona Rosa resistiu ao termo curandeira e preferiu o termo curadora, pois, para ela, o primeiro seria algo ruim, signo de aproveitadores e charlatões” (2015, p. 98).

Assim, observamos que alguns conceitos estão muito mais ligados às dimensões particulares da arte de cuidar do corpo, Rezadores=rezas é muito mais utilizado no nordeste brasileiro; curandeiros=prescrição de remédios; porém o termo que acabou sendo mais dito foi aquele de Elda Rizzo de Oliveira, benzedeadas, que engloba uma dimensão mais aberta, abrange o uso de rezas e remédios, além do cuidado com o corpo e o espírito. Eis porque nossa escolha recai por assumir o termo benzedeadas.

Apresentado os termos utilizados por diferentes autores para se referir aos praticantes deste ofício, buscamos no item que se segue escutar as benzedeadas sobre o que elas têm a falar sobre sua identificação e sobre sua prática de cura.

2.2 NOÇÕES DE PRÁTICAS DE CURA POPULAR NA PALAVRA DAS BENZEDEIRAS

Como adentramos mais diretamente nas falas das benzedeadas, neste item, trazemos seus codinomes. Então, a seguir, apresentamos um quadro com as denominações que criamos para identificar por meio de código, as participantes da pesquisa e quais bairros ou distritos as quais residem. Não revelamos os nomes próprios das benzedeadas, conforme projeto aprovado pelo CEP (já referido) para, assim, as protegermos de eventuais hostilidades e intolerâncias.

Quadro 05 - Localização e codinomes das participantes da pesquisa

Localização	Codinome
Distrito Sede Figueira	Maragata
Distrito Sede Figueira	Hortelã
Trevo	Arruda
El Dorado	Lima
Cristo Rei	Malva
Efapi	Manjerona
Saic	Cidreira
Linha Cachoeira	Begônia
Distrito Marechal Bormann	Rosa
Distrito Marechal Bormann	Salsa
Universitário	Pêrsica

Maria Goretti	Sálvia
Palmital	Bandana
Distrito Goio-Ên	Chicória
São Pedro	Canela

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Esses codinomes foram criados, conforme antes sinalizamos, para respeitar o anonimato das participantes da pesquisa, bem como para assumir denominações que têm relação com seus saberes-fazer.

Realizar um trabalho sobre este ofício, sem nos questionarmos como seus praticantes se reconhecem e se identificam nesta prática, é realizar um trabalho etnocêntrico, pois estaríamos utilizando de conceitos atribuídos por outros a estes. Assim, quando criamos o roteiro de entrevista, buscamos inserir perguntas que motivassem as mulheres a falarem sobre como elas se identificam. Nesta pesquisa, portanto, estamos buscando compreender o mundo nos termos próprios destas mulheres.

Nas fontes orais coletadas para a realização desta pesquisa, de todas as entrevistadas, em nenhum momento foi utilizado o termo “rezadeira” pelas mesmas, o que pode indicar uma variação linguística, que ocorre também na região norte do Brasil, como apontamos. Já na utilização do termo curandeira, as fontes orais indicaram uma rejeição por algumas mulheres no uso deste conceito, como podemos observar na fala de Dona Arruda: “Bem, eu sou benzedeira, porque que curandeira dá remédio, sei lá faz trabalhos diferentes”. Portanto, tal fator pode ser identificado como um dos indícios de um preconceito oriundo do Brasil Colônia no que diz respeito aos boticários/curandeiros, que vendiam seus chás como dito anteriormente.

A construção deste estigma com o conceito de curandeira chega a construir barreiras inclusive na permanência deste saber, como observamos na fala de Dona Lima em dois momentos:

Eu não gosto de falar muito né, daí as meninas (referindo-se às suas filhas) disse: “A mãe vai virar benzedeira” [dá ênfase como se fosse deboche] mas eu gosto de benzer as crianças né, a coitadinha não tem culpa. [...]
 Não. Eu acho que eu sou [benzedeira], [pausa pensando] benzedeira não sou, e nem gosto de ser [risos] eu acho que eu benzo ‘das bicha⁹’ é isso né. (LIMA, 2019).

⁹ Posteriormente abordaremos as benzeções e enfermidades das quais as benzedeiras tratam incluindo as expressões utilizadas por estas.

Essa negação de um termo e a reiteração de uma derivação do mesmo, logo a seguir em sua fala, é um indício do sentido pejorativo da palavra curandeira, e prefere se referir a “apenas benzo” que, para ela, e para a maioria delas, é visto como uma possibilidade aberta. Esse “Dom de Deus” (BÊGONIA, 2019) ou “graças do espírito santo” (HORTELÃ, 2019), quando questionadas sobre como elas se identificam, algumas também se expressam falando que “é um dom que Deus me deu” (BEGÔNIA, 2019).

Para algumas o conceito de benzedeira e curandeira ainda são sinônimos, como podemos observar na fala de Dona Malva: “é a mesma coisa, dizem curandeira, hoje que falam benzedeira, mas é a mesma”. E ela afirma que a mudança nos significados da palavra se dá pelo elemento tempo, o que pode indiciar uma forma de re-existir das benzedeadas no próprio conceito de técnica de cura.

A benzeção, de Elda Rizzo de Oliveira (1985), como dito anteriormente, ainda é a possibilidade de conceituação que guarda maior abertura em suas práticas, e ainda tivemos cinco que se afirmaram como benzedeadas em falas como: “mais bonito é benzedeira” (CANELA, 2019), “me chamam de benzedeira” (SALSA, 2019) e “eu acho benzedeira, porque curandeira já é mais [breve pausa pensando] Eu benzo e digo assim, tenha fé que é deus que cura” (MANJERONA, 2019). Estes aspectos relacionados à religiosidade, crença e aprendizagem da técnica entre outros, foram abordados quando conversamos com as benzedeadas.

2.3 O QUE DIZEM SOBRE O SEU SABER-FAZER

Para conseguirmos identificar as luminosidades e opacidades das falas das mulheres, ou seja, aquilo que mais apareceu, aquilo que foi omitido, o que foi silenciado, o que foi destoadado, ou singularidades, criamos os quadros-resumos abaixo. Para a criação destes quadros, realizamos as entrevistas com perguntas que abordassem elementos que permitiriam o diálogo entre o entrevistado e o tema em questão, assim, as perguntas que realizamos foram divididas em elementos norteadores que se seguem: história de vida, identificação, saberes-fazeres, aprendizagem, transformações espaço-temporais, remédios, plantas ou chás, e relacionadas ao monge João Maria.

Com a obtenção das respostas, combinamos todas as narrativas formuladas nas entrevistas, conforme as classificações, para que pudéssemos dar consistência analítica, assim, categorizadas as respostas em sessões, foi possível observar o nascimento dos indícios que serão foco no capítulo seguinte. Buscamos primeiramente apresentar os quadros resumos,

cujo conteúdo apresenta as falas das benzedeadas sem quaisquer alterações, exceto correções gramaticais, para posteriormente destacarmos as opacidades e luminosidades nelas contidas. As falas das benzedeadas foram digitadas e algumas palavras e expressões foram alteradas apenas quando continham erros gramaticais para melhor fruição do texto.

Quadro 06 – Quadro-Resumo (parte 1)

	Chicória – Goio-ên	Manjerona - Efapi	Sálvia – Maria Goretti	Rosa - Bormann	Malva – Cristo Rei
Identificação	<i>P:</i> Qual que é a sua idade? <i>R:</i> 74 anos. <i>P:</i> A senhora estudou? Ou não? <i>R:</i> Estudei só até a segunda série. <i>P:</i> Com quem que a senhora mora? <i>R:</i> Moro com Deus (risos). <i>P:</i> A senhora mora sozinha? <i>R:</i> (Confirmando com a cabeça)	<i>P:</i> Qual sua idade? <i>R:</i> 49 anos <i>P:</i> Qual seu grau de instrução? Estudou até que série? <i>R:</i> Eu estudei até o primeiro grau. Daí eu estava fazendo as provas da cooperduc, faltou para completar o segundo grau só duas matérias você sabe o que aconteceu? A cooperduc foi embora e eu perdi todo o dinheiro que paguei. [Risos] <i>P:</i> Qual sua atuação profissional? O que a senhora faz <i>R:</i> Eu trabalho, eu faço salgadinho, doce, bolo, bolacha, de tudo um pouco. As 3 e 15 abro a casinha de churros [conversas paralelas] mini pizza, enroladinho de salsicha tudo caseiro. Tem a escola a creche, tudo. [Entra um jovem no recinto]. Pago o MEI, tudo certinho, tudo registrado <i>P:</i> Qual sua renda aproximada? <i>R:</i> Assim, não dá muito. <i>P:</i> Com quem a senhora mora aqui? <i>R:</i> Eu e meu filho e.... ele. [Apontando para o homem na sala] <i>P:</i> A senhora é católica? <i>R:</i> Sou. Nossa Senhora Aparecida sou muito devota, então assim ô. Não tenho nada aqui, só meus santos, minha bíblia	<i>P:</i> Quantos anos a senhora tem? <i>R:</i> Estou com 80 <i>P:</i> Qual o seu grau de instrução? A senhora estudou até que série? <i>R:</i> Estudei só o terceiro ano <i>P:</i> E a senhora tem profissão? É dona de casa? <i>R:</i> Eu sempre fui dona de casa. <i>P:</i> Sua renda aproximada? <i>R:</i> [breve silêncio] como? <i>P:</i> Sua renda. Quanto a senhora ganha? <i>R:</i> Ganho só o salário do meu marido que morreu há 25 anos de acidente, e eu estava pagando o INSS, daí deixei de pagar e não recebi. Daí a renda minha é R\$ 1.150,00.	<i>P:</i> Qual a sua idade? <i>R:</i> 60, vou fazer quarta. <i>P:</i> Feliz aniversário já, antecipadamente [risos]. A senhora estudou? <i>R:</i> Não. Eu era filha única, não estudei. Estudei só o Nem o primário porque aquele tempo lá era só segunda e terceira série. [cooperativa] Alfabetização <i>P:</i> Com que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Com o meu marido. Só nós dois <i>P:</i> E a senhora nasceu onde? <i>R:</i> Eu nasci no Rio Grande do Sul, Guaporé <i>P:</i> A senhora é aposentada? <i>R:</i> Sou, aposentada de agricultora	<i>P:</i> Qual sua idade? <i>R:</i> 82 anos <i>P:</i> A senhora estudou? <i>R:</i> Não. Sou chucra. Meu pai nunca mandou estudar, só trabalhar. <i>P:</i> Sabe assinar seu nome <i>R:</i> Mal e mal, mas nem faço, sei nada, nada <i>P:</i> E a senhora é dona de casa? <i>R:</i> Sim <i>P:</i> A. Senhora é aposentada? <i>R:</i> Sou, e tenho pensão do meu marido <i>P:</i> E mora com quem hoje? <i>R:</i> Só eu e minha filha, e a família dela, o marido e dois filhos <i>P:</i> A senhora é católica? <i>R:</i> Sim
História de Vida	<i>P:</i> E a senhora nasceu onde? <i>R:</i> Nasci lá na linha CL, lá pra baixo onde tem a corredeira, que agora não tem mais, tinha uma ilha ali, daquela ilha subia a serra, nós morávamos na meia Serra, morava lá. Lá que eu nasci, nasci e me criei lá. Daí depois o finado pai morreu, daí o finado meu irmão desligou os poços, porque ficava só nós dois na casa. Daí vendeu a casa e o terreno, daí que viemos mora no porto. Nós morávamos para o lado de lá da ponte, que tem [pausa pensando] os condomínios. O primeiro condomínio é o lugar onde era nossa casa. Daí deu o dilúvio daí nós viemos mora ali embaixo, dalí debaixo que eu me mudei para cá. Faz 10 anos que estou aqui.	<i>P:</i> Faz quanto tempo que saíram de Planalto <i>R:</i> Faz 6 anos. <i>P:</i> E a senhora benzia em Planalto <i>R:</i> Sim. Lá tinha minha sogra. Inclusive o remédio do amarelão que eu faço foi minha sogra que me ensinou <i>P:</i> A senhora nasceu onde? <i>R:</i> Nonoai, no interior, daí eu morava aqui, casei aqui e depois fui pra Planalto já tinha meu filho grande. Daí eu fui para lá	<i>P:</i> A senhora nasceu onde? <i>R:</i> Eu nasci lá em Cruzeiro do Sul, a estrela, no Rio Grande. <i>P:</i> E com quantos anos a senhora veio para cá? <i>R:</i> Acho que eu vim com uns 7 anos por aí. Não estou lembrada viu, era bem pequena. O pai veio de carroça, uma carroçona grande. <i>P:</i> Vocês vieram de lá direto pra Chapecó? <i>R:</i> Lá pra Concórdia, que o irmão da minha mãe, era o Arthur Lara, ele comprou um sítio para nós irmos morar, e o pai trabalhava na cidade e nós morava lá. E a mãe plantava, nós ajudávamos, fazia arte de tudo, que nós éramos todos pequenos, e daí o tio vendeu tudo lá e viemos para Chapecó. Foi ele que construiu a igreja, o seminário, tudo isso, ele era construtor né. E meu pai trabalhava com ele, até o meu irmão, aquele que mora ali no Presidente Médici, o seu Alfredo. <i>P:</i> Daí vocês compraram o lote de terra no Saic? <i>R:</i> É, comprems ali no Saic, que o pai comprou uma quadra de baixo até em cima, frente e trás. E daí foi dando um lote para cada filho. <i>P:</i> E faz quantos anos que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Aqui, 40 anos.	<i>R:</i> nós continuamos trabalhando, nós arrendávamos a terra. Fazia contrato com uma pessoa e nós trabalhávamos e dava um comprimento pra eles. Depois nós construímos aqui, construímos nossa casinha e compramos nosso pedacinho de terra aqui.	<i>P:</i> Onde a senhora morava? <i>R:</i> Morava em Erechim, de Erechim pra Xanxerê, de Xanxerê para Abelardo. Caminhei um monte <i>P:</i> E aqui em Chapecó, a senhora mora a quanto tempo? <i>R:</i> Faz uns 15, 16 anos que eu moro com a minha filha <i>P:</i> Aqui nesse lugar? Ou em Chapecó? <i>R:</i> Chapecó, eu morava lá embaixo [apontando]. Eu fiquei viúva daí eu vim para cá, lá eu morava sozinha.
Conflitos ?	<i>P:</i> Ninguém critica a senhora? <i>R:</i> Por enquanto que eu saiba não, só os crentes, que os crentes dizem que os benzedores são feiticeiros. <i>P:</i> E como é a sua relação com os enfermeiros, com o posto [de saúde] com os médicos aqui da região? Eles não criticam a senhora? <i>R:</i> Não. É que muita gente não sabe que eu benzo né, os que sabem é os que vem me procurar.	<i>P:</i> E com os médicos da região, a senhora já foi criticada por algum? <i>R:</i> Não, até agora não. Que nem o Dr. Jaques aqui do bairro do bairro ele sabe que eu benzo eu acho que até por isso que elas, as agentes de saúde vêm até mim dizer se eu poderia [falar], já respondi essas perguntas para elas.	<i>P:</i> E como que é a comunidade aqui ao redor? Como eles reagem? <i>R:</i> Olha, são muito bons, eles me respeitam muito. Até logo que o José veio morar aqui, ele era lá do alto da serra, veio um senhor ali de cima benzer um cobreiro, aí ele disse para o seu José “olha eu vou só dar um aviso para o senhor, o senhor pode ficar junto com ela, morarem junto, casar, mas não me tirem essa mulher daqui, porque ela é a nossa guia, nossa médica” ele disse para o José ne. Daí eu disse “não”. Eu benzo muito cobreiro também né, aquelas manchas que dá na pele de bicho assim	<i>P:</i> E alguém algum dia falou mal? <i>R:</i> Sempre tem aquele que não gosta da gente. Que nem tipo de outra região. Que nem os evangélicos não gostam que a gente benze. <i>P:</i> A senhora é católica? <i>R:</i> Sim eu sou. Eles não acreditam né. Eles não gostam. <i>R:</i> Não. Tu fazes tua oração e tu benze a criança. A mãe vai embora, que elas também sempre têm alguma coisa para fazer. Mas senão eu, não [inaudível]. <i>P:</i> E como é sua relação aqui com o sistema público de saúde, com o postinho, com os médicos aqui da região? <i>R:</i> Nós se damos super bem graças a Deus olha. Eu fiz cirurgia das varizes, coloquei duas telas na minha barriga, o meu marido fez cirurgia da vesícula, eu também fiz, nós fomos bem atendidos.	<i>P:</i> Alguém já falou mal da senhora? <i>R:</i> Na minha frente não <i>P:</i> E como é sua relação com os médicos, assim que tem por aqui? <i>R:</i> Eu gosto deles. Não posso ter queixa. Tem gente aqui que vai no médico depois vem aqui. As vezes faço remédio, vejo que não [melhora] e falo, vocês têm que procurar outro lugar <i>P:</i> A gente que conversou com algumas que falam que amarelão. Não é médico que resolve <i>R:</i> médico para o amarelão não faz nada <i>P:</i> E eles mandam aqui para a senhora? <i>R:</i> Os médicos? Mandam nada, mas daí um fala para o outro, imagina se os médicos vão falar <i>P:</i> E no postinho? Porque a gente conseguiu o seu contato com uma agente de saúde? <i>R:</i> Sim, umas par vieram aqui, minha filha faz unha e coisa daí ela fala e coisa, as vezes para benzer cobreiro e procuram eu.
Saberes-Fazeres	<i>P:</i> E a senhora cobra para benzer? <i>R:</i> Não. Doam o que quer. Certamente que as pessoas que vem aqui para eu benzer, eu benzo porque tenho fé, mas daí dizem que foi bom o benzimento e que saem curada. Uma vez uma mulher com um cobreiro nela aqui[apontando] não tinha essa carne aqui, aqui não tinha nada, [apontando para partes do rosto] aqui não tinha nada, só os dentes iluminando. Daí benzemos de cobreiro, benzi ela com três benzimento, no último benzimento já tinha vindo a carne assim, já tinha sarado. Daí ela queria pagar e eu digo “não, eu não cobro benzimento” daí ela me deu uma cesta básica, naquele tempo [eu] não recebia, não tinha dinheiro para receber, nada. Dei graças quando chegou aquela cesta básica. [Risos] <i>P:</i> Mas por exemplo as ferramentas que a senhora usa, o que a senhora usa para benzer? <i>R:</i> Se é para benzer de rendidura é agulha, linha e um paninho. Um paninho assim mais ou menos [gesticula com a mão] deve ter dobra e daí costura e vai dizendo as palavras. <i>P:</i> E para outros benzimentos que nem das bichas a senhora benze também? <i>R:</i> Benzo, daí tem que ser com um raminho verde.	<i>P:</i> E a senhora realiza alguma troca por exemplo, recebe para benzer? <i>R:</i> Eu não peço nada, está na vontade da pessoa. Tem muitas pessoas que depois que cura que vê que está curado que nem rendidura, cobreiro, das bichas, tem muita gente que vem mal, vomitando e de repente sai bem. Do amarelão de ar na cabeça que dizem muitas coisas que aprendi a benze. Então depois que melhora eles me gratificam. E tem uns que não dizem muito obrigado. Só que é difícil a pessoa vim aqui e não melhorar. Agora tem pessoas que vêm aqui com cobreiro muito feito também. Agora “pinge”, aquela rospela. Veio uma mulher e o homem que estava com a perna podre de ficar internado. Eles são meio parente. Primeiro ele melhorou depois mandou ela, só que assim ô, de ficar no hospital com a perna podre quase, e vim aqui até que não melhorou não parei de benzer <i>P:</i> E é bom benzer? <i>R:</i> Para mim é bom. É bom porque eu estou fazendo o bem e estou ajudando né. Assim como me ajudaram. Eu tive meu filho doente e a pessoa me ajudou e eu pensei. Hoje eu faço bem não para um, para várias muitas pessoas que às vezes até eu nem estou em casa, as pessoas ligam: ô meu filho está passando mal, está vomitando pode benze das bichas? E da onde eu estou eu vou benzer, só pelo nome né. Então eu estou ajudando. <i>P:</i> E tem algum coisa ruim de benzer? Alguma coisa negativa, seu tempo, a senhora, por exemplo... <i>R:</i> Eu doo. Eu estou doando o meu tempo, estou deixando de fazer algo para mim. Para ajudar a pessoa. E depois se a pessoa quiser retribuir eu aceito. Mas se não quiser eu estou bem né. Eu acredito que eu estou fazendo bem. <i>R:</i> Eu aprendi benze até antes de nascer [Risos]. Eu já peguei alguma coisa com a minha sogra uns 12 anos atrás. Daí pensei, agora tenho que começar a fazer algo para começar a ajudar as pessoas também. Está difícil hoje em dia ninguém mais quer aprender. <i>P:</i> Tanto que é por isso que a gente quer fazer esse trabalho, tem tão poucas <i>R:</i> Eu acho que assim, hoje as pessoas tinham que ser mais ... como vou dizer... reconhecidas. Porque às vezes um remédio	Quem benze, que nem eu benzo de mingua, de amarelão, as vezes vem gente torta de dor nas costas, eu benzo com o preto velho. E olha, sai daí vem me agradecer “olha dona [confidencial] a senhora benzeu, eu não senti mais dor”, ou seja, por mim porque das vezes, eu caí de joelho ali na entrada e as vezes dói, dói, até estou com uma joelheira, dói. De noite eu tomo banho e digo “ô, preto velho me ajuda, me benze aqui, o que eu tenho aqui” e eu digo a palavra, não sinto mais dor. Eu já benzo com o crucifixo, e o meu benzimento de criança é um, e de adulto é outro. E quando é de machucadura, costas, essas coisas, é outro benzimento. <i>P:</i> E esse preto véio que a senhora aprendeu, ele [pausa]? <i>R:</i> Ele é da senzala, esses preto véio que morreram da senzala. E ele era muito poderoso para benzer. A mãe Maria que a gente diz, e o preto véio, Pajó. E daí eu benzo com eles. A criança de bicha, tudo. <i>R:</i> Tem sempre umas (benzedeira) espalhada por aqui. Pessoas bem idosas né porque esses novos são exploradores, eles gostam muito de [pausa pensando] dinheirista. Eu tenho uma filha, a mais nova minha, que ela mora lá na Coca, o marido dela fez uma casa boa lá, eles tão morando por lá, ela tem um filho só. Ela teve aqui sexta-feira, que ela trabalha na Sadia. Ela tinha um dom assim ô, ela escrevia, por exemplo, tu davas o teu nome completo, tua idade e a data de nascimento. Por aqueles números ela ia te dizendo tudo da tua vida. Só que ela dizia que doía muito a cabeça, mas daí ela queria cobrar, ela queria cobrar e eu não deixei ela cobrar, daí ela parou. Mas atrapalhou muito a vida dela porque se a gente para. Atrapalhar muito a vida. Eu cansei de dizer para o José “chaveia ali que eu não quero mais saber de nada, estou muito cansada”. No outro dia eu amanheço manca, dor nas costas, dor de cabeça, tu tens que voltar de novo. É um dom que a gente ganha e tem que cumprir. <i>P:</i> E tem alguma coisa de ruim? Assim, algum lado ruim de benzer? <i>R:</i> Tem. Tem lado ruim. <i>P:</i> Qual é o lado ruim? <i>R:</i> Olha, eu não sei porque eu nunca usei esse lado ruim, mas tem gente do lado ruim, muito, muito. Eu tenho um irmão que mora no Presidente Médici, aconteceu tanta coisa ruim pra ele, a mulher dele morreu gritando de câncer, ele cortaram uma perna. Eu sempre digo “aqui se faz aqui se paga”. Não adianta eu ganhar um monte de dinheiro fazer uma casona de material que nem ele fez, ter o Carro do Ano, um dia ele fez aniversário e convidou nós lá. Daí ele disse assim “está benzendo muito?” Eu digo “estou benzendo bastante” “e dá remédio?” “Sim”, “Mas como é que nem um carro comprou ainda?” Eu compro todos os anos o carro do ano. O que que adianta agora? Está lá sem perna, a mulher morreu, os filhos desprezam ele, tudo assim. <i>P:</i> E como que é a sua relação, a senhora que mora aqui pertinho do hospital sua relação com os médicos assim por exemplo? <i>R:</i> Olha, as enfermeiras do Hospital Regional mandam muita gente aqui. Até as do Postinho. <i>P:</i> E os médicos? <i>R:</i> Olha médico, eu já curei um filho do Dr. Ramiro Miranda um que já morreu. Um Dr. Picolli não sei como que era, um filho dele de amarelão que veio amarelo que nem uma gema de ovo. Eles não dizem nada.	<i>P:</i> A senhora benze do sol que falam? <i>R:</i> Do sol, do ouvido... <i>P:</i> Quando a senhora benze a senhora faz sua oração para qual Nossa Senhora? <i>R:</i> Eu mais sou devota de Nossa Senhora Aparecida que fui ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, eu e a minha filha fomos. <i>P:</i> A senhora não cobra nada para benzer então? <i>R:</i> Não.	<i>R:</i> Acho que é porque elas [as benzedeiiras] tem medo [de falar]. Eu faço remédio de mato, da capoeira <i>P:</i> Tem alguma troca? As pessoas dão alguma coisa? <i>R:</i> Nada, nada, só Deus que [gemidos baixos] <i>P:</i> A senhora benze de cobreiro? Do que mais a senhora benze? Das bichas? <i>R:</i> É mais amarelão e cobreiro <i>P:</i> Das bichas também? <i>R:</i> Você está informado pia [Risos]. Meu deus o que vêm de criança aqui, mas já estou entregue <i>P:</i> A senhora pensa em ensinar pra alguém? <i>R:</i> eles não se importam, então não adianta. Até tinha o cunhado dela [aponta para a filha], que veio, ensinei algumas coisas, mas não sei se vai querer continuar <i>P:</i> Quantos anos ele tinha? <i>R:</i> 24 anos, agora foi embora. Daí ensinei, para que no dia que eu morrer pelo menos tu sabe

		caseiro é melhor do que uma farmácia. Um benzimento vale mais do que tomar um remédio que vai prejudicar teu estômago. Só que é tipo assim, as benzedei­ras estão ficando muito poucas. Eu me desdobro, as vezes tem dia que de noite em vez de eu dormir, eu vou fazer minhas coisas porque eu preciso trabalhar, é dali meu ganho. Para mim consegui ajudar as pessoas. Para ti ter uma ideia, não sei se você se lembra do [nome impronunciável] o responsável é Santo Antônio. Minha mãe era responsável, mas [a reza] era em Latim, quando estava aprendendo não consegui chegar até o final porque ela faleceu, mas com essa parte que eu aprendi, vários objetos voltaram as pessoas que perdem, ou roubam e voltam. <i>P:</i> É uma reza? <i>R:</i> É uma reza, dizem Siquério, para objetos perdidos e roubados. Assim mesmo, eu não consegui chegar até o final. Mas com a parte que eu aprendi já, vários objetos já voltou.	<i>P:</i> Eles não criticam a senhora? <i>R:</i> Não. Até a Drª Gisele ali do postinho, eu fui consultar que eu estou com uma tosse alérgica do pó do remédio. Ai eu fui consultar para ver, que eu não queria comprimido antialérgico, que engorda muito a gente. Daí ela disse, ela estava receitando lá, daí ela pediu para mim que remédio eu usava para o intestino? Eu disse “é tudo natural, o naturex” [pausa pensando] tomo muito aquele [pausa] é tudo natural. Ela pegou e marcou tudo. <i>P:</i> E a senhora pensa em ensinar para mais alguém? Pros seus filhos? <i>R:</i> Olha, nenhum deles quer, eles não vêm nem se benzer de medo que eu deixe para eles [risos]. É verdade, eles não vêm nem se benzer para mim não deixar para eles. E daí eu tenho aquele (filho) que mora em Pato Branco, um dia, eles (vieram) e tinham uma área grande ali assim, e (eu) tinha uma mesona e tava todo mundo almoçando ali e eu tenho meu quartinho separado, depois vou ali te mostrar e ele entrou lá e o meu netinho que era pequenininho ainda, agora tá um baita homem, vai casar, e ele foi lá arregaçou o jeans dele pra cima e desceu o beijo, tirou a camisa e começou a brincar assim, quando eu vi, todo mundo tonto, eu tive que pegar um pra cá e outro pra lá e gritar, chacoalhei ele. Ele teria um dom que Deus me livre, mas fala para ele, ele fica bravo, fica abusando com a cara da gente. Só que um vai ter que ficar, não sei qual né, mas quem tem força mesmo, é aquele, aquela guria que mora ali perto da coca, e um que mora perto desse que veio aí. Teria, mas eles não querem. E tu quer ver, aquela minha irmã, a Donilda que tu conheces, e eu, nós ajudávamos o pai, fazia remédio, nós enchíamos os litros. Nós ajudávamos, mas nós não benzíamos aquela época. E ela era mandona, e eu era faxineira. Ai ela quando o pai morreu, ela murchou sabe. Que eu também não queria né, mas daí quando eu vendi lá e comprei aqui, estava só na casa da frente, vieram gente me procura, “sabe, é filha do seu Gabriel?” (Respondi) “sou”, “a senhora me benzer?” E eu “não, não benzo não” e daí uma mulher disse assim para mim, aquilo que me marcou. A mulher disse assim “então eu quero que a senhora ao menos passa a mão em mim” e eu peguei, passei a mão no rosto dela e fui assim, botei a mão no peito dela e disse “meu Deus o que eu faço por essa mulher?”. Daí ela foi embora, e de noite o pai veio e (me) chamou no quarto “[confidencial]”. Ai eu disse, “mas o pai morreu, o que está fazendo?” Aquilo me marcou muito, ele disse “eu quero que tu faças esses três remédios”, mostrou as ervas verdes assim na mão. Daí eu levantei, peguei a vassoura e comecei a varrer a casa. Digo “vou tirar as ervas no mato coisa nenhuma” disse para mim, não falei para ninguém. Ai o meu piá mais novo, esse que está em Pato Branco tinha uma bicicleta e saía passear com a bicicleta por ali. Daí ele sumiu. Não tinha jeito de achar esse pia eu perguntei para um, para o outro e ele não era de sair sem dizer “mãe eu vou em tal lugar”. De repente, as mulheres sentadas ali que eu estava apavorada e ele passou com a bicicleta com uns galhos assim de arvore. Ele disse “eu não sei o que que deu”, chamei ele, ele disse, ali tinha um morro assim para subir [apontando] “Parece que alguém foi empurrando a bicicleta para mim” Daí quando ele chegou lá em cima diz que uma arvore balançava assim na frente. Ele desceu da bicicleta, quebrou o galho, botou no bagageiro dele e passeando, como era uma brincadeira para ele né. E era a que meu pai mostrou. E a outra eu achei, como era tudo mato aqui para cima, achei aqui para cima [apontando]. E assim eu comecei, fiz o remédio, levei, ela morava ali perto do (mercado) Barp, levei lá. E a outra mulher ali em cima. Todo mundo (falava) “A Lídia vai morrer”, o médico deu três meses de vida para ela. Daí eu saí daqui e ela vinha vindo lá, amarela, amarela, eu disse “você é a Lídia? ”, ela disse “sou” “Você toma um remédio que eu faço?” Ela disse “eu tomo” eu vi, e fui na hora nas hortas dos vizinhos catar essas ervas. E fiz, levei dois litros para ela, (ela) existe até hoje. Aquilo foi muito gratificante para mim. Eles desenganaram ela. E assim vai, tem vez que eu canso, mas eu vou ali e eu me benzo também, daí ele fica junto comigo [marido], eu benzo ele da coluna e tudo e daí eu me benzo assim. E eu pressinto, por exemplo se eu vou benzer você ou ele o que você tem no corpo de vocês de dor, de doença, eu sinto em mim. Daí eu vou dizendo “tu tens dor de cabeça?” “Tenho, como é que a senhora sabe?” “Não sei” Hoje eu benzi uma mulher e disse “tu tens uma leve tonturinha né?” Ela disse “sim como é que a senhora sabe?” “Eu sei” eu disse para ela, eu sinto, mas depois eu me descarrego. <i>R:</i> E muita coisa. Quando vêm pessoas assim que os outros fazem mal para ela, coisas feias, eu vou benzer, eu sinto o que que tem, daí eu digo “ó você traz três pacotes de vela, um abacaxi, isso e aquilo que eu já tiro isso que você tem, e faço. Como é que a gente diz, não é assim, uma coisa que a gente tem que ser. Eu não sei te explicar, para os outros assim, quando eu benzo eu tenho que falar para eles, e não cobrar, eles dão o que querem. Tem que ser assim, e o meu pai era assim, mas para o meu pai vinha gente de longe, de outras cidades e tudo. Aqui veio de São Miguel, vem de outros lugares aqui para fora vem também, ali do Rio Grande sempre vem também. <i>R:</i> Aqui é o quartinho. Então essa parte é o Jesus Cristo, Nossa virgem Maria e Nossa Senhora Aparecida que eu benzo e daqui para cá então é o Preto Velho, Pai João, São Cosme e Damião que eu benzo as crianças né, o São Jorge, e ali tem esses santos aqui que ganhei de presente, mulheres que vão nas romarias e me trazem. Essa santa aqui foi uma que foi na Romaria e me trouxe, esse aqui foi na Nossa Senhora da Salete e me trouxe. Eu só comprei o São Jorge que eu sou muito fã dele. E os outros tudo eu ganhei de presente, mas nenhum é refugio. E esse é para benzer crianças, esse é meu preto Velho e esse também eu ganhei da minha nora. Esse Pai João aí Deus me livre. E ele era da senzala, esses negros de senzala.		
Como aprendeu?	<i>P:</i> Como que a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Por brincadeira. O finado pai benzia, e daí eu tinha uns 8 anos quando a mãe morreu. Daí ele ia benzer e eu chegava e ficava pertinho dele, parece uma tonga, escutando ele benze. Daí ele benzia e eu escutava o que ele dizia. Perguntava “pai me ensina?” “Não, minha filha, pai não pode ensinar, tu és muito nova”, foi, foi, foi, foi um tanto eu tinha 20 anos me casei, só que eu não benzia. Daí um dia casei, um dia meu marido estava na areia, que ele trabalhava tirando areia, daí ele foi e disse assim, chegou em casa com a mão encolhida assim [faz o gesto encolhendo o braço], “machuquei meu braço”. Daí eu disse assim, vem cá que eu benzo. Daí ele disse assim “você benze?” Eu disse “benzo”. Daí peguei a agulha, peguei o pano e disse as palavras que o finado pai dizia né, aí... E ele era bêbado, que bebia, incomodava muito, mas àquela hora que eu falei ele estava são, não estava bêbado. Daí eu benzi o braço dele. Daí no outro dia ele levantou cedo, segurou a lata naquela mão, se foi para a areia. Quando foi dali a três dias apareceu o Dovair. Daí chegou lá em casa, ele era gago, daí ele chegou AAAA. [Fazendo imitação] [risos] E eu ficava olhando na cara dele, daí ele “eu vim aqui para a senhora me costurar das costas que eu estou rasgado” disse “, mas eu não sei costurar, não sei benzer” “sabe sim, você benzeu o Oli, o Oli sarou”, benzi as costas dele, dali na outra semana começou a chegar gente para mim benzer. Daí dali comecei a benzer. Eu benzo das bichas, de quebrante, mau-olhado, de ar, dor de dente. <i>P:</i> Numa brincadeira. <i>R:</i> Só por uma brincadeira, aprendi benzimento numa brincadeira, porque eu não sabia benzer, daí começaram a procurar, agora quando eu vejo vem gente lá de [pausa pensando] lá de Florianópolis, quando eu vejo vem um carro ali para mim benzer. Uma vez veio uma mulher com um homem de perna quebrada, saiu com a perna erguida. Que lá no médico tinha machucado a perna. Daí ela chegou e era muito brincalhona, conhecida velha minha, o finado [marido da mulher] já tinha morrido. E a porta era assim [fazendo gesto com a mão], e eu estava fazendo a polenta, do outro lado da porta. Daí ela chegou e me grudou nas minhas costas assim “ô, ô, vim trazer um homem para você” e eu soltei a pá da polenta e pá na cara dela “ homem para que? Não quero homem”, daí ela	<i>P:</i> E como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Eu aprendia benzer porque quando nasceu meu filho ele era muito doente, ele tem onze anos vai fazer doze em outubro. Ele era muito doente, e era assim dia e noite e dia e noite. E os médicos não davam na volta dele. E daí o que a gente tinha a gente estava gastando tudo. Ele tinha quatro, cinco meses e nós não sabia o que ele tinha. E era só um umbigo rendido, as Costelinha grudada, que é a mingua que eles dizem. Que hoje eu curo, eu faço a massagem para as crianças, era só costelinha grudada e umbigo rendido, estavam desse tamanho [mostrando com os dedos]. Os médicos de lá [falaram que] era hérnia mais tarde tinha que fazer cirurgia. E não era. Através de uma benzedeira nós curamos meu filho. Daí eu me inspirei a aprender para tentar ajudar também. E foi. <i>P:</i> No caso os mais velhos, que a senhora falou que sua mãe já benzia? <i>R:</i> Minha mãe benzia, minha sogra também. Minha sogra até parteira, lá em Planalto. O que eu pude aprender fui apreendendo. Daí peguei aquele dom de aprender	<i>P:</i> E como que a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Junto com o pai e a vó. Só que eu benzo mais diferente que o pai. Que esse preto véio que eu te disse, ele me ensinou diferente. O meu pai benzia com a cruz do caravagio. <i>P:</i> Como? Cruz de carvalho? <i>R:</i> Eu não sei explicar direito. Ele benzia com aquilo, e tinha a capelinha dele, e fazia as oração.	<i>P:</i> E como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Eu aprendi com a minha mãe. Só com ela <i>P:</i> E como que era ... a senhora aprendeu a benzer com que idade? <i>R:</i> Eu perdi minha mãe com 20 [anos]. Quando minha mãe começou a ficar doente aprendi tudo tinha 18, 19 anos quando minha mãe me ensinou.	<i>P:</i> Como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Da minha avó, [fala muito baixa] ela sempre me dizia, e do falecido padre Zanatto de Abelardo. Queria um bem dele que tá louco. Ele ensinava muita coisa para a gente. <i>P:</i> A sua avó a mãe da sua mãe ou de seu pai? <i>R:</i> Mãe do meu pai. <i>P:</i> Sua mãe não benzia? <i>R:</i> [aceno com a cabeça]. Daí fui fazendo

	me olhou “ô não me conhece mais?” , daí era a mulher do finado Arlindo, daí “não, trouxe um homem para tu benzer a perna dele” e eu digo “ai sim, mas dizer que trouxe homem para mim, não” daí “ele não pode desembarcar”, daí fui lá benzi e disse “mas tem que benzer três vezes”, “mas ele tá de viagem, tu pode benzer?” Daí eu disse “posso. Só deixar o nome”. Daí comecei a benzer, dali de repente ela veio ali só para me dizer que ele tinha sarado. E o Pedro Rotava do Willes também estava na cama e levaram para o médico duma perna. Estava machucado da perna, e era num domingo e daí nós tinha perdido a casa que a agua tinha levado nossa casa, daí nos estávamos numa churrasqueira lá no salão lá embaixo. Daí a mulher veio benzer e eu disse, “ mas hoje não presta, hoje benzimento é só para bicheira” e ela “não, o que vale é a fé. Vai benzer meu pia sim, eu quero levar meu filho pro médico, e ele não quer, disse que a senhora vai curar ele” daí peguei e benzi, quando foi no outro dia quando vi ele chegando, que a perna de arrasto já tava montando a cavalo. Diz que ele chegou lá [na sua casa] e lá levantou da cama e dali eu continuei a benzer.				
Prática de ourtora	P: E como era benzer quando a senhora aprendeu ali com seus vinte e poucos anos. Era diferente de hoje em dia assim ou é tudo igual? R: Tudo igual. P: E vêm mais gente procurar a senhora hoje ou vinha mais gente antigamente? R: Vinha mais gente antigamente. Agora depois que eu me mudei para cá vem pouco, mas mesmo assim, quando eu vejo chega gente. Pessoa que eu nem conheço, quando vejo estão chegando. P: A senhora dedicava o seu tempo só para atender pessoas? Só pra benzimento ou a senhora fazia outra atividade? Trabalhava no campo? R: Trabalhava na roça, trabalhava na areia, trabalhava lavando roupa. P: E como que comunidade reagia ao seu trabalho antigamente? Quando a senhora começou a benzer como que a comunidade reagia ao seu trabalho? Reagiam bem? R: Bem. P: E hoje em dia? R: Até agora, por enquanto está bem.	P: Como era benzer lá? R: Lá fazia a coisa que aqui. Tinha menos criança, que a cidade é pequena lá tem mais benzedeira, tem bastante tipo bastante pessoas idosas daí quando eu vim para cá. Até que minha mãe estava em coma eu não benzia, ficava calada. Que eu tinha que esperar ela passar para mim porque a gente não pode tomar a frente da pessoa. Quando ela melhorou ela falou aqui agora em diante você benze que a mãe não vai mais benze. Daí eu comecei porque tinha muitas pessoas que estavam precisando aqui. Daí vinha até aqui e eu dizia não pode benzer. Só que eu não podia benzer passar na frente dela porque ela era a benzedeira da casa, entendeu? Quando ela passou para mim daí eu comecei.	P: E a senhora benze faz quantos anos? R: 40 anos. Eu já vim de lá (do Saic) benzendo. P: E como que era benzer naquela época? R: Era igual. Só que nem eu te disse, meu pai benzia pela [pausa pensando] era um livrinho que ele tinha muita fé, ele tinha a cruz do caravagia, ele encostava nas pessoas e benzia e eu já aprendi a benzer por causa do outro, como é que a gente diz, não é todos que tem a mesma medunidade, o poder né. Então o meu poder era diferente do daquele do pai. P: A Senhora diz por exemplo, assim tinha mais gente para benzer com a senhora antigamente ou vem mais gente hoje? R: Igual, agora as vezes diminuiu um pouco que tem bastante (benzedeira). Ali na Agua Amarela tem uma lá, mas ela vende ficha, então é muito dinherista. E eu não sou dinheirista. Eu sou assim, as pessoas vêm: “quanto que a senhora cobra” digo, “não sobro nada, se a senhora quiser dar dinheiro pra comprar vela” eu só cobro o remédio, que esse dá muito trabalho.	P: E como era benzer durante esse tempo? R: Só que tu tens que se concentrar e rezar né. Pedir a Deus, pedir para Nossa Senhora que te ajuda né. Que tira aquela dor que tu tens né. Não é só tu colocar uma garrafa de água em cima da cabeça e ponto né. Tu tens que ter fé e tem que fazer tua oração.	P: E como era benzer? A senhora disse que aprendeu a benzer uns 40 anos atrás, em Xanxerê, como era benzer aquela época? R: Mesma coisa de hoje.
Pratica de Ora	P: A senhora acha que mudou o modo como a senhora benze? A senhora usa de alguma coisa que não tinha na época, ou ainda e o mesmo modo? R: Tem certas coisas que eu não tinha que agora eu tenho. P: E vêm muita gente? Por dia quantas pessoas vêm, ou por semana quantas pessoas vêm? R: Às vezes vêm 5, as vezes vem 10 as vezes vem 15. P: Por dia? R: Sim. Não, não, por mês. As vezes tem tempo que não vêm ninguém, tem tempo que vem um hoje, amanhã já vem outro. [Filha ao fundo: “essa semana veio um, quinta”] R: Três. No carro um, mas vieram em três para benzer. Quatro, cinco com a Tatiane e a menina dela que veio benzer também. Seis, com a menininha que o Claudio falou também para benzer que veio lá de Chapecó. [Filha ao fundo: “A maioria manda mensagem para a gente pedindo para ela benzer”] Daí mandam mensagens. Se não vem eles mandam mensagens daí me viro e benzo P: Com o nome a senhora já benze? Não precisa a pessoa estar junto? R: Só ter o nome, nome e sobrenome eu já benzo P: E vêm mais gente hoje ou vinha mais gente antigamente? R: Acho que agora vem mais.	P: E hoje como que a comunidade ao redor reage a senhora benze? A senhora é bem vista? Alguém critica? R: Sou [bem vista] até agora não escutei ninguém criticar. Ao contrário todo mundo sabe, se a pessoa está doente que não tem nada a ver com o que eu faço. Não tem nada a ver com o que eu benzo, mandam igual aqui. Assim, com a minha fé, e a fé da pessoa e as vezes melhora. As vezes não tem nada a ver e melhora. Acredita nisso? [risos] acho que [é] a fé também	P: E a senhora dedica o seu tempo hoje só para benzer? R: É. Só esses dois dias, que nós saímos, segunda das vezes lá para baixo e na terça nós vamos no clube de idosos, só. Senão só em casa. P: Quantas pessoas vêm aqui por dia? R: Não posso nem te dizer. Olha que sexta-feira, nem sei né José quantas. Tem dias que não é muito mas tem dias. Acho que sexta feira em tudo veio mais de 10. Bom hoje de manhã já veio três, de urgência né, que precisavam. P: E a senhora falou que não cobra para benzer? R: Não. Não cobro, não posso cobrar para benzer, se eu ganhei uma coisa de graça, porque eu vou cobrar? Agora o remédio eu cobro. E peço vela para eles trazer, que vela é cara para a gente comprar, e eu nunca benzo sem uma velinha. Eu acendo a velinha para o anjo de guarda deles e faço as orações. P: E antigamente a senhora também pedia pra pessoas trazerem velinha? R: Não. Eu comprava. P: E tem alguma diferença no modo que a senhora benze hoje, para o modo que a senhora benzia há 40 anos atrás por exemplo? Teve diferença do jeito que a senhora benze? R: Não. O benzimento é igual, só que tem pessoas mais exploradoras sabe? Querem fazer coisa, eles dizem assim que querem uma consulta e eu digo não, eu não, consulta nem baralho, nem tarô, nada, eu digo “você quer uma consulta? Eu vejo no copo de agua”, mas não gosto muito de fazer isso. Daí eles dão o que querem, uns dão dez (reais) outros dão cinco (reais) outros vão ajudando	P: Se a senhora fosse falar assim por dia ou por semana quando as pessoas vêm aqui pedir para a senhora atender? R: Uma que outra, não é sempre P: E tem alguma diferença do benzimento que a senhora fazia quando aprendeu para os benzimentos de hoje? Tem alguma diferença que a senhora nota? R: Não. P: E a senhora acha que tem mais gente hoje que procurava antigamente ou hoje? R: Agora procuram bastante, ainda mais no inverno assim, de criança, de gente assim, é bastante agora.	P: A senhora acha que as pessoas acreditam mais nisso hoje ou menos R: Menos, não tanto quanto antes. Agora tem médico. P: A senhora, antigamente a senhoras benzia e trabalhava na roça R: E fazia o serviço de casa P: A senhora cobrava? R: Agora eu cobro 10 pila o litro de chá P: Aquela época a senhora cobrava? R: Não, tinha lenha, era fácil P: E se alguém vem só para se benzer a senhora cobra? R: Não
Curandeira ou Benzedeira	P: Algumas mulheres que a gente foi elas falam, umas falam que são benzedeira umas falam que são curandeira, e a senhora? A senhora seria o que? A senhora se considera o que? Benzedeira? Curandeira? R: Benzedeira. Curandeira não sou porque não faço remédio.	P: Assim a gente passou por muitas pessoas e umas falam que são curandeira outras falam que são benzedeira. R: Eu acho [que sou] benzedeira, porque curandeira já é mais [breve pausa pensando] Eu benzo e digo assim, tenha fé que é deus que cura. Porque eu não curo eu acho que quem cura é Deus	P: A gente conversou com umas mulheres umas falam que são benzedeira outras falam que são curandeira, a senhora se considera o que? R: É a mesma coisa	P: Tem algumas mulheres que a gente foi que elas falam que são benzedeiras, umas falam que são curandeiras. A senhoraalaria que a senhora é o que? R: Eu só benzo de dor de cabeça e da bicha, só. Não faço remédio não faço nada.	P: Mais uma coisa. A gente foi falar com algumas mulheres e algumas falaram que são benzedeiras outras se dizem curandeiras. A senhora se diria oque? R: é a mesma coisa, dizem curandeira, hoje que falam benzedeira, mas é a mesma
Por que Mora Neste lugar hoje	[Não se manifestou]	P: Por que a senhora mora aqui? R: Eu moro aqui porque eu vim cuidar da minha mãe, eu morava no Rio Grande daí minha mãe adoeceu, [morava em Planalto] não tinha nem cuidar dela. Eu cuidei dela, seis meses em coma. Depois ela foi melhorando fui orando por ela, sai do oxigênio, saiu da fralda, foi melhorando saiu da cama e tudo, bem até ela passear estava. Deu a hérnia, a úlcera e levou ela. Fez dois anos em novembro. Daí a gente ficou morando aqui. Ela morava aqui, fazia o tratamento aqui, e ela benzia antes.	P: Por que a senhora mora aqui? R: Quando eu sai de lá que o meu pai morreu eu vendi lá (no SAIC) e comprei aqui. Eu morava na rua Floriano Peixoto, atrás. E o meu pai na Rua Barão do Rio Branco. E daí quando ele saiu dali, que ele morreu e a mãe morreu eu me senti assim muito (pausa), eu tinha uma casa muito grande, um terreno de uns 800 metros, mas não dava. Tinha um vizinho do lado, que tinha só filhos, e aquelas crianças faziam um desaforo, brigavam, (eu) tinha uma parreirinha de uva, eles faziam buraco na cerca e iam derrubar e tudo. Daí me aborreci, vendi lá e comprei aqui. Mas era um buraco, que tiravam terra para a olaria, barro. E eu carreguei, e botei terra, e esparramei. Ali ninguém podia entrar que era tudo uns buracos. Eu fui botando terra. Ai aqui aquela casa da frente eu comprei lá da reunidas. Daí eu peguei lavei toda a parede que não era pintada, fui lá, naquele tempo comprei tinta fiado, fui pagando as prestações e fui pintando forro, parede, tudo. Daí fiz uma arezinha onde tinha um tanque ali. Daí meu marido trabalhava nos Colpani. Daí ele comprava a madeira e eu fui arrumando pra cá, fui aumentando	P: Por que a senhora mora aqui? R: Nós tínhamos um cunhado que morava aqui no Bormann. Nós morávamos lá em Iporã do Oeste, lá em Mondai aquele tempo era o município de Mondai. Agora é Iporã do Oeste. Daí nós casamos, tivemos uma filha que mora ali embaixo, ela é viúva, e tem o filho que mora ali, e faz 41 anos que moramos no Bormannn. P: E como que é a reação da comunidade aqui com o seu trabalho? Eles aceitam bem? Eles sabem que a senhora benze? R:Sim, aceitam	P: Por que é que a senhora mora aqui? R: [evitou a pergunta] P: Por que morava longe? R: Não. Eu morava ali embaixo [apontando]
Lugar mudou?	P: E a região aqui para a senhora mudou muito desde que a senhora começou a benzer? R: Mudou, mudou um eito P: O que mudou para a senhora? Que eu vi que a senhora se mudou já teve até enchente aqui também que levou sua casa? R: Levaram minha casa. E a casa caiu e ia indo balanceando assim e eles queriam que eu fosse olhar e eu digo “não, eu não vou olhar” daí sai dela só com a muda de roupa do corpo e os filhos, quando vi o caminho chegou a carregar a mudança e eu ainda com um pia doente, aquele lá que era pequeno [apontando] aquele tempo era um toquinho assim. Daí viemos para dentro do salão, ficamos 9 meses dentro do salão. Daí que ajeitaram aquele terreno ali pra nós mora.	P: E como era aqui no bairro quando a senhora veio para cá? R: Tinha bastante benzedeira. Tinha várias tinha uma noninha que morava aqui [apontando] outra ali [apontando], só que as noninha morreram já e ninguém quer aprender. P: Pensa no futuro em ensinar para alguém? R: Quando eu não conseguir mais eu quero passar. Espero que alguém carregue né.	R: Muita coisa mudou. Fizeram ali uma casa bem grande [apontando] fizeram muita coisa. P: E isso fez com que a senhora mudasse também? R: Não. Eu sou a mesma pessoa me dou com todo mundo. Trato todo mundo bem	P: E como era aqui no Bormann quando a senhora veio para cá? R: Jesus Cristo. Eu chorava dia e noite. [Risos] tinha que ter peito viver aqui no Bormann eu dizia para o meu marido. Matavam gente no limpo. Era de escurecer tu tinhas que se fechar dentro de casa porque o facão estralava. 41 anos atrás aqui no Bormann era fogo de morar, gente do céu. Mas olha quando nós viemos morar no Bormann não tinha acho que não tinha 10 casas de madeira, de madeira, de material. E era tudo barraco. Agora não. Agora aqui no Bormann é bom de viver. Eu gosto de morar aqui. Tu vais no mercado todo mundo te dá adeus, todo mundo te agrada, um conversa, outro conversa. Só que aqui tu tens que se cuidar. Eu, não faz muito tempo que minha casa foi assaltada e nós fomos roubados. Roubaram TV, roubaram dinheiro, roubaram tudo os documentos.	P: Teve algumas diferenças por exemplo assim, a senhora estava lá em Xanxerê, no campo. Que diferença a senhora viu? R: Para mim não faz diferença por que viajei bastante P: Quando veio pra Chapecó, como era o bairro? R: Era a mesma coisa, era puro barro, tinha um lote P: Tinha muita casa? R: Não tinha aquela ali, essa, essa e essa [apontando]. Faz 16. Anos
Chás	P: E a senhora faz algum tipo de chá, pomada ou coisa assim para as pessoas que vem aqui se benzer? R: Esse não aprendi a fazer ainda P: E a senhora dá receita se alguém vem com alguma coisa? R: Para a língua, tem a erva da língua, levante (<i>Mentha virids</i>) e manjerona. Ferve e daí pega um tanto para tomar o banho e um tanto, que dê uns três goles numa xícara, daí depois que dá o banho tomar aquele chá, para a língua é bom. P: A senhora ensina, mas não dá o chá?	P: A senhora usa plantas? R: Sim faço uns chazinhos, para as crianças principalmente. P: A senhora faz chá? R: Eu doo as plantinhas. Para eles fazer em casa porque a maioria não tem, hoje em dia mora em apartamento não tenho lugar para plantar, daí as mães vem benzer, eu benzo e já dou o chazinho para fazer em casa P: E essas mudinhas de plantas que a senhora tem, como que a senhora conseguiu.	R: Eu não posso pegar (ervas) onde passa veneno, nem de beirada de estrada e nem de roça. Nos últimos tempos nós temos indo lá em Sul Brasil buscar. Aqui não dá. E daí assim, vai o meu marido primeiro e liga para o genro dele que vai arrancando tudo que a gente precisa, daí ele pega o carro e vai buscar. Daí o melhor de tudo é lavar as ervas. Por exemplo, picão, tu tens que lavar bem a raiz e depois escovar para não ficar nada, mas dá um trabalho que nem sei, mas eu estou cobrando cinquenta pila o litro. Dá muito trabalho e o gás. E assim, agora eu tenho bastante erva seca, porque daí nós deixamos, botamos nas grades e deixamos murchar bem, depois a gente leva pra dentro e bota em cima dos papelão, daí vai pras caixa tampadas. E tem gente que faz remédio pra amarelão, a gente tem a tirícia é de um tipo, o amarelão preto é outro tipo, e o amarelo é só do fígado, da vesícula	P: A senhora receita chá para as pessoas que vem aqui? R: Não P: Receita alguma planta para as pessoas que têm doença? R: Não	P: A senhora ainda benze ou faz mais chá? R: Mais chá. Eu para falar a verdade, rezo cinco ave maria e um litro de chá, e com aquilo, meu deus, quanta gente P: A senhora faz chá para que? R: Amarelão P: Faz para mais alguma coisa? R: Mais amarelão mesmo. P: Como a senhora benze? O Chá é a senhora

	<i>R:</i> Porque não tenho os remédios, se eu tivesse os remédios eu fazia, mas não tenho remédio que é suficiente. Antigamente quando eu morava ali embaixo eu tinha, mas agora aqui não tenho. Plantei mas secou os pés de remédio que eu plantei	<i>R:</i> Onde eu vou que tem eu pego, eu peço. Peço a muda e vem e planto que eu sei que as crianças vão precisar <i>P:</i> Qual que a senhora mais usa? <i>R:</i> Para as rezas? Barim e a Manjerona. Essas é o que mais usa. Tem uma bebezinha né, que tem cólica na barriga, daí não saiu aquela sujeirinha [nas fezes] porque tem que sair aquele cocô sujo, se não saiu tudo tem que tomar o remedinho pra limpar. <i>P:</i> E para adulto? <i>R:</i> Para adulto é mais ervas que tem nove qualidades de ervas que vem lá do interior, até tem um mato que é mato virgem, tipo assim, que era da família, a maioria vem de lá, as cascas e as raízes. <i>P:</i> A senhora vai buscar ou alguém traz para a senhora? <i>R:</i> Às vezes a gente vai buscar, as vezes os parentes quando vem de lá trazem. Mas a maioria a gente traz, e quando vai traz bastante. Que aqui não tem lugar para plantar, daí vem tudo de fora. Daí eu uso a flor de coqueiro, que tem que tirar do cacho antes de abrir e daí tem que ficar cuidando, até estou com um cuidando que minha amiga mandou foto de um coqueiro aqui perto e vi que estava na hora, tem que tirar bem devagarinho e esperar secar, daí estou secando um cacho.	né. Se tu não fazes apropriado aquele remédio para isso, não cura. A pessoa dá câncer no fígado <i>P:</i> A senhora pode explicar de novo, como que a senhora faz pra fazer os remédios? A senhora vai onde pegar? <i>R:</i> Nós vamos pegar lá na colônia da filha dele lá em Sul Brasil, para lá de Modelo. <i>P:</i> Por que lá? <i>R:</i> Lá não passam veneno naquela terra, daí nós vamos lá pegar <i>P:</i> Vocês pegam que tipo de ervas? <i>R:</i> Eu pego, uso assim, Alvaca, Pariparóva, Canela do Brejo, Santa Maria. Eu uso muito para o pulmão a casca de Anjico, agrião, mistruz, cambará, eu uso diferentes né, tarumão, tudo pro pulmão né, bronquite. E as outras, é pra amarelão, eu uso muito picão, guaxumba, todas essas coisas <i>P:</i> Eu vi que a senhora tem uma hortinha aqui, é chá da senhora? <i>R:</i> É chá. Eu tinha bem mais plantado, mas daí começaram a pedir chá e isso, e as vezes eu não tinha tempo de ir lá tirar. <i>P:</i> Agora a senhora estava falando que tinha mais um monte de chá antigamente e hoje a senhora vai pegar chá lá em Sul Brasil né, e antigamente era mais fácil conseguir esses chás? <i>R:</i> Sim. <i>P:</i> A senhora conseguia onde? <i>R:</i> Lá no Saic para lá, eu tinha um moreno que agora o coitado não pode mais. O pai (dele) tinha uma colônia, então ele morava na colônia, e o pai deu um cavalo com dois cargueiros para ele trazer os remédios, e carroça com mulinha também, e ele tirava (seu sustento), e depois quando o pai morreu, ele não ficou mais lá na chácara. Daí ele tinha uma casinha ali no Santo Antônio. E ele sempre vinha aqui, me ajudava, trazia erva, o que eu precisava dizia “Ó Avelino, preciso de tal erva”, ele tirava para mim e vinha. Agora aquele lá de Arvoredo eu ligo para ele, e ele conhece tudo as ervas que eu já ensinei ele, que há muitos anos eu curei ele que era um piazinho assim [indicando a altura com as mãos] de veneno de roça, que ele se intoxicou, e daí eu digo “ó Francisco, olha estou precisando de tal erva, assim e assim” ele manda sacada para mim, joga aqui para dentro daí nós lavamos e botamos secar. <i>P:</i> E daí agora já que não tem lugar aqui perto sem veneno. <i>R:</i> Agora não dá mais para tirar por perto não, nem pensar, ainda lá na chácara da neta dela na colônia lá dá para tirar, em outro lugar não. Eu sempre digo para o José, daqui a um tempo, que eu estou velha mesmo, ele está com 86, e eu estou com 80, de certo a velhice vai fazer parar né <i>P:</i> E esses chás aqui [apontando], a senhora usa para fazer chá? <i>R:</i> Olha, eu usava muito a Baldana, a Arruda eu uso para fazer remédio para cobreiro. A baldana, o Pontalivio que eu tenho ali, tem o cambará que é para o pulmão né. Eu uso o que dá ali, e lá atrás também tem coisa para usar.		mesma que faz? <i>R:</i> Sim, para preparar só na capoeira, só ir nos lotes vazios, sempre tem lote vazio. Que nem ali no vizinho sempre tem picão, coisaradas. <i>P:</i> Além do picão o que mais a senhora usa? <i>R:</i> picão, salsa, guachumba, quebra-pedra. <i>P:</i> Eu vi que tem uns chazinhos ali. É malva aquilo ali? <i>R:</i> E Hortelã. Eu tenho Malva guardada seca, que eu deixo secar na sombra
Monge	<i>P:</i> Algumas mulheres que a gente foi elas falaram sobre o monge João Maria, o São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria? <i>R:</i> Ouvi <i>P:</i> O que falaram para a senhora? <i>R:</i> O pai sempre contava que ele andou no mundo e ia chegar um tempo que o pessoal tinha que comprar agua, tinha que comprar leite. E está acontecendo agora, estou comprando a agua e comprando o leite que não comprava antigamente. E daí ele disse que ia chegar um tempo que, ia passar um tempo ia aparecer um tipo de doença que até agora graças a Deus não apareceu. Diz que ia aparecer um tipo de doença que não tinha remédio que curasse, o único remédio que curava era o bigode dos homens e o cabelo das mulheres. São João Maria falou. <i>P:</i> E ele contava mais alguma história de São João Maria? <i>R:</i> Os causos antigos, o pai contava.	[Não se manifestou]	[Não se manifestou]	<i>P:</i> Teve algumas mulheres que a gente foi que falaram do monge, do santo São João Maria. A senhora já ouviu falar em São João Maria? <i>R:</i> Eu ouvi bastante. Falavam São João Maria, mas agora de ver ele não. Agora que tu vais para o Rodeio de Erval tem um postinho de São João Maria. Tu desces, ali antes de chegar numa sanga, antes de chegar numa ponte, no lado de cima tem o postinho São João Maria. Dizem que é o postinho São João Maria <i>P:</i> O que a senhora ouviu falar de São João Maria? <i>R:</i> Só que ele fez uns milagres. Benzia as pessoas ajudava as pessoas. Muita gente daqui quando não estão bons vão no posto de São João Maria	<i>P:</i> Outras falaram que ouviram falar no São João Maria. A senhora já ouviu falar? <i>R:</i> Ouvi falar, mas ...não vivi a época dele. <i>P:</i> Quem lhe falou dele? <i>R:</i> Foi há muitos anos, esses velhos antigos meio falaram dele, do João Maria que andava caminhando e até tinha a fonte que era milagrosa por aqui. Falavam bastante. <i>P:</i> Essas pessoas antigas que lhe falavam são daqui? <i>R:</i> De Xanxerê, de Chapecó.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020) utilizando os dados presentes nas entrevistas

Quadro 07 – Quadro-Resumo (Parte 2)

	Cidreira - Saic	Hortelã – Sede Figueira	Arruda - Trevo	Canela – São Pedro	Begônia - Cachoeira
Identificação	<i>R:</i> Tenho 68 anos. <i>P:</i> Senhora já estudou? <i>R:</i> Até o 4º ano só estudei. Antigamente era assim, não tinha né. <i>P:</i> Qual é sua atuação profissional? A senhora é dona de casa, a senhora é aposentada? <i>R:</i> Sou dona de casa agora, aposentada né, que não tenho outra renda <i>P:</i> Em Águas a senhora era agricultora? <i>R:</i> Lá no interior era agricultora. <i>R:</i> Essa pergunta aqui, a senhora só responde se a senhora se sentir à vontade, qual sua renda aproximada? <i>R:</i> Minha renda? O salário mínimo <i>P:</i> A senhora é aposentada? <i>R:</i> Sim. Graças a Deus.	<i>P:</i> Qual sua idade? <i>R:</i> Tenho 51. <i>P:</i> A senhora estudou até que série? <i>R:</i> Ensino Médio <i>P:</i> Qual a sua profissão? <i>R:</i> Eu sou agricultora. <i>P:</i> Essa a senhora responde se a senhora quiser. Qual sua renda aproximada? <i>R:</i> Olha [pausa] pulamos <i>P:</i> Com quem a senhora mora aqui? <i>R:</i> Eu meus esposos e meus dois filhos.	<i>P:</i> Qual a sua idade? <i>R:</i> 67 anos. <i>P:</i> A senhora já estudou? <i>R:</i> Fiz até o segundo grau. Através do módulo 2. Naquela época tinha o módulo 2, aí fiz até o segundo grau <i>P:</i> A senhora tem profissão? A senhora do lar? <i>R:</i> Agora estou em casa. Mas me aposentei como professora. <i>P:</i> A senhora é católica? <i>R:</i> Sim	<i>P:</i> Qual a sua idade? <i>R:</i> Vou fazer 80 anos dia 8 de outubro. <i>P:</i> A senhora estudou? [Negação com a cabeça] <i>P:</i> Qual é a sua profissão? A senhora é dona de casa? <i>R:</i> Faço massa, faço pão. <i>P:</i> A senhora é aposentada agora? <i>R:</i> Sim, mas daí nós fazemos massa, suquinho. Cansei de no sábado fazer 28 pães. Vinha gente lá do Esplanada comprar pão <i>P:</i> A próxima pergunta a senhora não precisa responder se não quiser. Qual sua renda aproximada? [Silêncio, não quis responder] <i>P:</i> Vamos para a próxima, com quem a senhora mora aqui? <i>R:</i> Com o meu filho.	<i>P:</i> Qual a sua idade? <i>R:</i> 72 <i>P:</i> A senhora estudou? <i>R:</i> Quando eu era nova não <i>P:</i> Qual é a sua profissão? A senhora cuida da casa? <i>R:</i> Agora sou mal e mal <i>P:</i> A senhora é aposentada? <i>R:</i> Faz mais de15 anos <i>P:</i> A senhora falou que morava lá na linha Almeida? <i>R:</i> Morei no carneiro por 2 anos, duas vezes, daí morei na linha Almeida, morei na linha Vailão, morei aqui na linha Quadros, daí vim para cá, já vai fazer 23 anos em janeiro. <i>P:</i> Com quem a senhora mora? <i>R:</i> Agora só eu e ele? [Apontando para marido]
História de Vida	<i>R:</i> Pessoal não [me] conhece, lá em Águas a gente era bem conhecida. Eu nasci no Rio Grande né, vim de lá com 8 anos. Eu casei com 20 anos, fui morar em Aguas e até agora, estou com Sessenta e oito. Eu tinha 8 anos quando eu vim morar pra Chapecó, depois eu casei, tinha 20 anos quando casei, daí vim morar em Águas, que nós morávamos em Planalto Alegre com meu pai, daí com 20 anos casei, fui morar em Águas.	<i>P:</i> A senhora dedica o seu tempo só para atender pessoas aqui ou não? <i>R:</i> Não. É que agora eu estou benzendo. Eu estou com fibromialgia, estou fazendo meu tratamento. Estou afastada do meu trabalho, tudo. Eu tive que ser medicada pela médica e aí nem no enterro do meu irmão não pude ir. Então eu estou passando por um processo bem delicado né. Então assim mais afastada até da própria Igreja. Assim eu sou catequista há 31 anos, sou coordenadora da catequese, mas aí estou um pouquinho afastada. O padre mesmo me orientou né para minha saúde	A gente morou 9 meses no El Dorado, pagando aluguel. Aí procura terrenos para lá para cá até que a gente encontrou aqui e deu para dar uma entrada, o resto pagar parcelado e viemos para cá. Aí meu marido trabalhava para um senhor, ali na cidade e construiu uma cancha de bocha e coisa assim, que era pedreiro né. Ele deu uma casinha velha que ele tinha lá no Bela Vista de 6 por 8 de madeira, a gente trouxe, colocou no fundo do terreno, até construir aqui. Não está acabada ainda, mas está ali parada. Daí meu filho resolveu vim morar no porão.	<i>P:</i> A senhora morava antes onde? <i>R:</i> Eu morava [pausa pensando] em Seara.	O pai, as três mais velhas ele não deixou estudar era ruim mesmo de estudar na época. Aí só os irmãos estudaram 3 meses. Nós as 3 mais velhas não estudamos, as mais novas daí tinham aula na casa do meu cunhado, daí nós fizemos o primeiro grau há um tempo. Mas eu quando entrei fui 2 meses só na escola, mas aprendi as quatro contas, aprender a ler e escrever aprendi, tinha uma ideia muito boa. Aquele tempo tinha mercado lá, daí lá a gente se obriga a aprender um pouco. Quando saí de lá fiquei uns 15 anos que não peguei uma caneta mais, nunca mais, só trabalhar e a filharada. Daí quando eu vim para cá os filhos começaram a sair. Daí veio aquele EJA, fui dois anos, mas a minha ideia já não ajudou eu fiquei dois anos e a conta mesmo eu não aprendi.
Conflitos ?	<i>P:</i> E como era sua relação com os médicos com os postinhos, com os serviços de saúde? <i>R:</i> Lá em São Carlos que tem o Hospital São Carlos tinha um médico que me apoiava né. Um dia eu entrei lá para consultar e fiquei uma hora com ele, o doutor [incompreensível] ele poiava as ervas medicinais. Um médico do Caxambu do Sul, que eu era conhecida nos municípios vizinho, que se ele visse que era amarelão ele mandava lá em casa. Daí dizia: Tu tens amarelão, vai lá na dona [confidencial]. Para terminar, a mulher desse médico do Dr. Ângelo, uma vez ela veio com os agentes de saúde de Caxambu ela veio em casa para passar o que eu aprendi das ervas, que a mulher dele, imagina, a mulher do médico. E nós nem se conhecia. Ela veio junto com os agentes de saúde, com a Zonta né. Depois me disseram que ela era mulher de um médico. Eu disse: Foi até uma coincidência né, uma honra para mim né porque ter uma mulher do médico veio aprender em ervas que [uso].	<i>P:</i> E como que é a sua relação com o sistema público de saúde? Os médicos aqui, os enfermeiros que trabalham no posto? Eles mandam pessoas vir aqui do lado? <i>R:</i> Meu marido que benze de mordida de aranha, elas até dizem tem uma que é ministra da eucaristia, que é enfermeira, e daí quando eles vão lá para ver a pressão ela diz “olha, vai ali no [confidencial] que esse é uma mordida de aranha vai lá que não adianta né. Então eles assim, orientam. <i>P:</i> E o padre pediu para a senhora se afastar? <i>R:</i> Ele pediu para mim me afastar um pouquinho até eu conseguir me recuperar. <i>P:</i> E o padre sabe que a senhora benze? <i>R:</i> Sim ele sabe. <i>P:</i> E ele... <i>R:</i> Ele veio aqui em casa almoçar esses dias e eu até mostrei também a imagem da Nossa Senhora do Rosário de Fátima que eu comprei e o meu terço e ele abençoou para mim, abençoou a casa. [Pausa] Ele é um padre da Nova Itaberaba. Ele coordena as 23 comunidades aqui da região Norte. Ele que reza aqui	<i>P:</i> E como é sua relação com o médico ou com o postinho de saúde? Eles já vieram aqui conversar ou criticar a senhora? <i>R:</i> Não. <i>P:</i> E algum um médico já mandou alguma pessoa, assim? Vai lá eu ela benze <i>R:</i> Eles nem sabem [risos]. É meu segredo <i>P:</i> E se fosse a senhora ver hoje? <i>R:</i> Eu não sei aqui como eles descobriram. Acho que era uma criança que estava aí. A gente percebe a criança. Tem aquela tosse, os olhos lustros, dá febre, passa e tal. E eu fiquei com dó daquela criança daquela mãe que não sabia mais o que fazer, tinha ido no médico e não dava nada. E eu falei. Depois disso que todo mundo descobriu [risos]	<i>P:</i> O pastor falou isso para a senhora? <i>R:</i> Se eu não quero deixar minhas crianças. Quero saber. Daí cheguei em casa tinha quatro meninas e três pia. Tinha 7 crianças Daí eu disse meu Deus. Não vou deixar, e não deixei mesmo. Daí né, as crianças eu benza. Olha veio lá da linha São Roque esses dias uma mulher com um casalzinho de gêmeos, dois piazinho, coisa mais linda do mundo, daí a gente faz o que, precisam da gente. Sentem. <i>P:</i> A senhora falou antes do seu marido, que o seu marido não gostava que a senhora benzesse, o que aconteceu com ele? <i>R:</i> Diz o outro, Negripô [gíria italiana - risos] Ele era tihoso, dizia “vão te chamar de feitiiceira”, não me chamam não, se chamar que chamem, eu não sou. É poder de Deus. <i>P:</i> E como é a sua relação com.... que a senhora falou antes que o pastor falou para a senhora que a senhora não devia mais benzer? <i>R:</i> Ele falou que sabia que tinha gente que benzia dentro da Igreja, mas essa vai para o inferno, porque não é coisa de Deus. [Pausa] É coisa de Deus. Não acha que é verdade? <i>P:</i> Claro. A senhora está fazendo o bem né. <i>R:</i> Estou fazendo o bem, a gente não tá fazendo o mal. <i>P:</i> A senhora é evangélica? <i>R:</i> Sou bem misturada. Bem a verdade eu gosto mais de ir nas igrejas evangélicas.	<i>P:</i> E como que a comunidade reage? Alguém critica? <i>R:</i> Nunca ouvi, sempre me trataram bem, e gente de longe né. Aqui na bodega sempre indicam, quando vê, vem gente que eu nunca vi [Marido interrompe ela “hoje quase nem tem”] <i>P:</i> E como é a sua relação com o sistema de saúde daqui? Com os médicos e enfermeiros? <i>R:</i> Nada para falar. Teve uma médica um dia, uma enfermeira, estava ruim pediu para mim fazer uma oração para ela. Sabe de certo né. [Marido interrompe ela: “até os médicos precisam de médicos”] <i>P:</i> E tem pessoal que vem no médico e depois vêm na senhora? <i>R:</i> Tem bastante gente. Porque as vezes, tem remédio, [gaguejando] que médico trata ser humano, e tem doença que não depende de remédio. Nós temos nosso grande médico que é Jesus. E muita gente não acredita, acredita no remédio, na medicina. E as vezes as pessoas depois que morrerem. O problema não é no corpo, é na alma
Saberes-Fazeres	<i>R:</i> Eu benzo, assim, um pouco de tudo, dize benze, mas é a gente que diz, mas é tudo em oração, mas eu benzo das bichas, de amarelão, [breve pausa pensando] do nervo ciático. E mais coisas assim, mas tudo em oração. Por que não é esse benzimento que tu dizes, que benze assim, como... como muitos fazem, é tudo com oração. <i>P:</i> Quando a senhora benzia em Aguas de Chapecó a senhora cobrava alguma coisa em troca? Cobrava? <i>R:</i> Não. Se alguém de boa vontade, as vezes me dava um presentes uma coisa que ficava no balcão, mas nunca cobreí nada nem um centavo do mesmo. Por isso que eu digo o benzimento é de reza, para ajudar as pessoas <i>P:</i> Assim, sua prática, do jeito que a senhora benzia lá em águas para hoje em dia ela mudou? <i>R:</i> Não. Só a única coisa que mudou é que eu não faço mais os remédios, daí só benzo. <i>P:</i> Como é que era esse curso que a senhora aprendeu? Foi a cooperativa que pagou? <i>R:</i> Sim, foi tudo pago. Fomos para a Unicamp em São Paulo para Paraná lá pra [breve pausa pensando] lá para perto de Ponta Grossa. Era um curso de semana inteira. O primeiro curso que eu fiz foi Itajaí. Com uns Padre de Itajaí, nós íamos. <i>P:</i> Como que a [cooperativa] Alfa escolhia as pessoas para esse curso? <i>R:</i> Eles escolhiam porque tinha assim, eles faziam reunião, que nem lá em Águas era filial. Daí escolhiam uma pessoa para fazer. Do posto era eu e mais duas, eram em três tudo lá de Águas, daí nós que aprendia passava para as sócias. Daí nós fazíamos reunião na comunidade, ou no posto, fazia reunião e repassava o que nós aprendíamos das ervas medicinais porque cada uma servia. <i>P:</i> é uma coisa para servir a comunidade. <i>R:</i> Era assim, a gente aprendia lá e repassava, não ficava só pra gente. Aprendi tanta coisa que a gente fazia errado com os cursos da [cooperativa] Alfa. Ultimamente a ideia era fazer os remédios e vender. Só que não deu certo. Não tinha assim era muito custo muito alto para a gente né porque a gente tinha que registrar e firmar. Que a gente não tinha condições, daí, imposto tudo. Tinha que fazer um lugar lugarzinho assim, tinha que ser no padrão e registrar firma.	<i>R:</i> Benzo de ...Tiro o ar que nem pegam, ar do Sol, da Lua, ou assim da cabeça e eu benzo das bichas, as crianças, que tem bastante, me ligam da cidade, daí só com o nome eu benzo né. Não precisa estar presente. Depois eu procuro ver se realmente a criança melhorou. E dizem que dentro tipo de uma meia hora uma hora. Por que eu digo “se é das bichas dentro de meia hora uma hora essa criança vai estar bem”. Agora se persistir a febre ou coisa assim, tu procura, porque não é. Mas se é das bichas dentro de meia hora a criança está bem. <i>P:</i> A senhora é católica? <i>R:</i> Sim. Sou catequista. <i>P:</i> A senhora gosta de benzer? <i>R:</i> Eu gosto. Porque eu acho que assim, se tu vais levar para o lado de Jesus quanta gente que ele curou né, e sem nada em troca ele sempre dizia “vão e não contem o que” [gaguejos] ele assim, não contem, ele curava e dizia, mas não conta nada para ninguém, mas o povo ia e contava. Eu acho assim, que a gente tem que continuar essa missão dele aqui na Terra. <i>P:</i> Quantas pessoas vêm por dia aqui com a senhora? Ou por semana? <i>R:</i> Olha teve vezes que até três [gaguejos], me ligam até três quatro ligações por dia. Tem vezes, até uma da manhã alguém me liga meu coração dispara. Daí alguém ... “benze por que o meu nenê está com febre, não sei o que vou fazer” eu vejo que é das bichas daí eu então eu ensino né “pegue um pouco de mel de abelha, faça uma cruzinha, três cruzinhas, na palma da mão, na solinha do pé que ele já vai ficar bem, reza uma ave maria pra Nossa Senhora que você mais tem devoção que assim o nenê já vai dormir”. No outro dia a gente tem notícia, o bebê dormiu até tal hora da manhã. Esses dias meu pai estava com um amarelão. Ele não estava bem e até pensava que estava dando um infarto nele. E as vezes foi de fraqueza. Fiz um xarope para ele para o amarelão, meu Deus, está faceiro, está comendo agora. Eu tenho meus livros. Fiz um curso com as irmãs há bom tempo atrás e onde é que eu posso colher alguma informação eu vou anotando lá, eu não sei, eu não sei nada, vou te falar a verdade, eu não sei nada de celular não sei nada de computador e não sei pesquisar nada. O que eu sei é que eu faço tudo no meu punho. Isso que aprendi com as irmãs foi de remédios, foi de isso pra isso, pra aquilo.	<i>P:</i> E a senhora benze de que? <i>R:</i> Bichas de criança, um cobreiro, mal jeito só. Aparece pedindo tanto benzimento, mas aprendi foi pouca coisa <i>P:</i> Começou a vir mais quando a senhora se aposentou então? <i>R:</i> Também não é muito. Um que outro vizinho, de porta. De longe não vem ninguém [risos] <i>P:</i> A senhora realiza alguma uma troca assim, a senhora recebe alguma coisa quando alguém vem benzer com a senhora? <i>R:</i> Nem visita vem. Que nem eu digo aparecem quando precisam <i>P:</i> Mas eles pagam para a senhora, dão alguma para a senhora em troca do benzimento? Não? [Confirma com a cabeça] <i>R:</i> Que eu lembre uma senhora, me trouxe uma blusinha, mas faz mais de dois anos. Era uma neta dela que tinha vindo. Era uma blusinha. Que eu lembre só aquela. A única <i>P:</i> Como que a senhora faz os benzimentos? Faz aqui dentro da sua casa mesmo? <i>R:</i> Sim, é um copo de agua e a linha corta a linha e vai fazendo a oração, diz o nome da criança, mas tem que tomar 3 goles daquela agua. Eu faço assim. Eu pendo, corto aquela linha na agua, faço as orações, daí mexo bem aquela linha. Se fica tudo meio embolada, não afunda, é porque as bichas tão incomodando. Daí dou três golinhos daquela agua para tomar. Daí o resto jogo em cruz faz mais umas orações. Simples <i>P:</i> Vem mais adulto ou criança se benzer com a senhora? <i>R:</i> Criança. Bicha é criança. <i>P:</i> É que a senhora falou que também benze do cobreiro <i>R:</i> Cobreiro vem alguns também	<i>P:</i> Tem alguma coisa que a senhora não gosta de benzer? Atrapalham muito a senhora? <i>R:</i> Não. É que eu deixo, já fiz esse voto com Deus, que eu não ia mais benzer os grandes, só os pequenos. Não vou mais benzer os grandes.	<i>P:</i> E quando as pessoas vêm procurar, pedir oração, eles pedem para que? <i>R:</i> Amarelão, faço remédio para anemia. Sempre tenho na cozinha que as vezes vem gente de longe pegar. Dei remédio até para os padres [risos] o padre veio pela primeira vez e daí tem um vizinho meu lá da linha que tinha uma noninha que estava muito fraquinha e toma dois, três litros de remédio e se recupera. Daí ele me chamou para ver se ela tinha anemia [inaudível] Daí eu fui lá ver o padre estava embarcando voltou de volta, disse “mas beija a minha mão aqui” que eu também estou mal. E estava magro o padre Adélio, parou há pouco tempo, foi substituído, foi para longe. Daí veio o padre Walter só que esse padre Walter teve aqui depois. <i>P:</i> Oração a senhora faz para que? <i>R:</i> Bichas, para qualquer dor. Agora benzi o velhinho ali duas vezes. O velhinho não podia sair da cama, tinha aquela esclerose múltipla. Estava no corpo inteiro. Daí veio o neto dele com ele no carro que ele não podia caminhar. Daí ali uns dias ele veio do São Pedro já caminhando, estava melhor. Daí eu falei: “mas você tem outra coisa” ele disse “tenho esclerose múltipla”. Mas ele pagava, não sei quanto de remédio ele pagava. Mas se conservou uma porção de tempo, mas aquela doença não tinha cura. Depois o finado Pacheco um dia apareceu que não podia caminhar, dei uma pomada ele dizia “eu tenho fé na fia, que ela vai me curar” daí fiz a oração, ele sentou daí a pouco “vou levar o remédio, mas tenho certeza que vou ficar bom” no outro dia ele só agradeceu e devolveu o remédio. Deus cura aquele quem merece, eu só faço a minha parte, mas é ele que resolve. Eu sou uma enviada dele
Como aprendeu?	<i>P:</i> E a benzer, como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Assim só a gente faz uma reza uns Pai Nosso Ave Maria e Creio. Aprendi o que foi passado pelos outros antigos. Tinha uma mulher até ela morava aqui em Chapecó e ela faleceu anos e ela me passou. Do nervo ciático foi um homem que já faleceu e tudo era passado pelos antigos né que já faleceram né. Daí passavam para mim <i>P:</i> Sua mãe benzia? <i>R:</i> Minha mãe não. Era mais assim os outros, minha sogra sim, me passou um benzimento que era do precipério que dá uns vermelhões,	<i>R:</i> O meu pai e minha mãe né, que eles... meu pai tem 89 minha mãe tem 86 e daí eles foram passando para a gente né. Aprendi com eles. <i>P:</i> Com que idade que a senhora aprendeu? <i>R:</i> Assim acho que depois de casar. Antes não me interessei por que o pai benzia, a mãe benzia nós não se interessávamos. Depois que eu casei eu vi a importância que tinha, com os meus filhos, com meus bebês né. Então eu vi que a gente precisava correr atrás de alguma coisa ainda aqui... trazer essa cultura de novo né. Então	E como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> A minha falecida mãe que benzia, alguma coisa, não tanto né. Aqui aparece gente para benzer de amarelão de muita coisa, mas eu não.... Daí como eu era curiosa eu ficava cuidando ela. Daí ela disse: “você quer aprender? ” E falava em voz alta e eu ficava escutando.	<i>P:</i> E como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Aprendi com a minha mãe. Ela meio benzia. Benzia de Nervo de... assim, naquele tempo jogavam muita bola né e não tinha ir no médico, daí ela benzia e sarava. Era só ter fé. <i>P:</i> A senhora aprendeu a benzer lá [em Seara] ou aprendeu aqui? <i>R:</i> Aprendi lá. Daí minha mãe foi lá pra Anchieta, daí eu fui para lá. Faz tempo. Não deu certo. Lá meu cunhado era muito dinherista. E a gente acostumado a trabalhar na roça, e lá você tem que trabalhar né. Mas ele vivia enchendo o saco. Hoje em dia ele	<i>P:</i> Ninguém ensinou a senhora? Nem sua mãe? <i>R:</i> Minha mãe era, minha mãe curou o mundo, curava criança, curou nós em casa que aquele tempo não tinha médico. Então ele dava remédio, fazia oração, fazia benzimento. Mas eu não sei como ela benzia. Daí quando eu tive a filha mais nova, morava na linha carneiro, não, morava na linha Almeida. “ E agora não tenho minha mãe” daí eu mesma fazendo oração aprendi e descobri que tinha o dom da cura.

	esse aprendi da minha sogra, de resto só os velhinhos mais antigos. Tinha uma noninha lá de Caxambu de uns 90 anos que ela queria repassar para alguém antes de morrer e ela passou para mim. Que os filhos dela ninguém quisesam pegar os benzimentos dela <i>P:</i> E os seus filhos? <i>R:</i> Nenhum pegou, nem neto nem nada, eu disse, olha... <i>P:</i> A senhora gostaria de passar para alguém? <i>R:</i> Mais tarde vamos ver né	eu aprendi. <i>P:</i> Quantos anos a senhora tinha? <i>R:</i> Eu casei com 22 acho que aprendi com uns 25, 26 anos porque até então a gente não se interessava. Era o pai a mãe e pronto		está lá, cego. Tem um câncer no olho. Mas ele era muito ruim. Minha irmã coitada. Se ele ia lá no potreiro pegar um gado, ela tinha que ir junto. Uma vez daí ele tinha aquela [vaca] leiteira grande, e ela se se enrolou numa sogra de uma vaca e arrastou ela. Meu Deus, essa mulher sofreu, sofreu, sofreu. E ele ficava brabo. Ficava brabo porque ela não segurava a vaca, mas se a vaca disparou, não tem o que fazer. Daí eu ficava lá com a mãe e ela tinha que ir atrás do marido. Minha mãe era muito querida, meu Deus do Céu.	
Prática de outrora	<i>P:</i> E como era com a comunidade lá em águas reagia? A senhora era bem recebida? <i>R:</i> Era muito... muito [bem recebida] até agora. Agora eles estão pedindo porque que eu saí de lá. Eles sentem falta. Eles vêm ainda o pessoal de águas, o que eles vêm ainda aqui se benze. Só [inaudível] que eu não faço. <i>P:</i> Mas benzer a senhora ainda benze? <i>R:</i> Sim, benzo ainda <i>P:</i> E o que era bom em benzer antigamente? Era bom benzer? <i>R:</i> Era, principalmente assim, amarelão dizem que se não benzer e se você não tomar remédio caseiro que não melhora. Só ir no médico não ainda. Dizem né. Diziam que amarelão só com benzimento e remédio caseiro. E outras coisas também, que nem das bichas, de cobreiro. <i>P:</i> E muita gente ia lá com a senhora? <i>R:</i> Meu deus, iam bastante gente.	<i>P:</i> Como era benzer assim como a senhora tinha ali seus 22, 23, 24 anos? Para hoje? Tem diferença? <i>R:</i> Hoje tem. Porque É assim, a gente invoca mais com o Espírito Santo com auxílio da Nossa Senhora, de Nossa Senhora da Saúde, ou Nossa Senhora Aparecida. Naquela época parecia que era mais assim, ar, simplesmente benzia e pronto. Hoje a gente já tem mais noção do que é. Pedir né, uma força de lá do alto pra tu ter mais força aqui na terra, acho que é muito diferente hoje	<i>P:</i> Certo. E como era benzer lá... A senhora falou que tem 67, então foi uns 40 anos atrás. Como é que era benzer aquela época? Era muito diferente de hoje em dia? <i>R:</i> Não. Praticamente do mesmo jeito. <i>P:</i> Os problemas assim eram os mesmos também do pessoal que vinha procurar a senhora? <i>R:</i> Não é muita gente também que procura. Aqui... algum que outro né <i>P:</i> Se a senhora for ver assim mudou alguma coisa dos benzimentos? Por exemplo assim do modo como a comunidade reage, se mudou? Antigamente não falavam mal senhora? <i>R:</i> Que eu saiba não.	<i>P:</i> E como era? A senhora disse que aprendeu a benzer em Seara, lá em Seara como era benzer? <i>R:</i> Era normal <i>P:</i> E como o pessoal levava a senhora e sua mãe benzer? <i>R:</i> Vinham lá e, as vezes moravam longe, daí almoçavam lá em casa. Daí aquela época a gente tinha companhia. <i>P:</i> E vinha muita gente lá? <i>R:</i> Bastante <i>P:</i> A senhora gostava de benzer antigamente? <i>R:</i> Sim, gostava <i>P:</i> E hoje? <i>R:</i> Sim. Quando vêm as crianças eu gosto.	<i>P:</i> E como que era fazer essas orações, esses benzimentos há 35 anos atrás? É diferente de hoje? <i>R:</i> Cada pessoa tem um jeito. Eu conheci a Chiquinha Borba da linha Almeida quando ela nasceu. Daí eu fazia a pequena dormir e deixava ali. Um dia derrubaram a menina da escada, e a escada era alta, imagina, não mataram por pouco, e eu cheguei, disseram que a menina estava dormindo, fui ver, ela estava se babando tudo. Quase morri de susto sozinha, e naquele tempo era fogão a lenha né, até acender o fogo, daí fiz uns remédios ligeiro lá, comeci a fumaracei ela e ela foi tornando. Chegou no final a Chiquinha lá ela disse que era do umbigo, eu vou benzer ela de ar. Daí ela dizia o pai nosso bem alto, e a oração do pai nosso é uma oração muito forte né. Pois a menina foi melhorando, de tarde estava boa. <i>P:</i> E como a senhora antigamente fazia suas orações? É do mesmo modo que a senhora faz hoje? Teve alguma diferença? <i>R:</i> Teve a diferença que em sonho eu aprendi a estrela do céu. E até hoje eu rezo estrela do céu, e nunca mais esqueci. Por isso que disse, cada um tem um dom né. Eu nunca fiz curso para isso, [risos] e para isso não tem curso. O meu pai dizia que eu tinha o dom, e uma hora tinha que cumprir. Cada um tem uma missão na Terra.
Pratica de Ora	<i>P:</i> E hoje? <i>R:</i> Hoje caiu bastante, por que lá de águas fica longe para vir para cá e aqui não é bem conhecida ainda, depois tem mais pessoas aqui, não é só eu. <i>P:</i> E hoje aqui no bairro a senhora falou que vem menos gente procurar a senhora? <i>R:</i> Tem, assim, não é tanto que nem lá em águas. Estou aqui há pouco tempo, quatro anos.	<i>P:</i> E como a comunidade reage aqui, a senhora benzer? <i>R:</i> Olha, assim bastante mães daqui da nossa comunidade até com gente com mais idade até 14, 15 anos né [gaguejos] que elas me ligam nem para mim que eles veem que eles estão precisando né. E assim eu ajudo muito, assim, eu visito lá, uma palavra que conforte um pouco. Eu tenho uns sonhos... assim estranho... vou te dizer. Assim ontem por exemplo onde eu fui visitar minha sobrinha e que teve a bebê, a bebê tem 20 dias. Então tive um sonho. Eu não consigo entender direito na hora, mas depois vou entendendo. Era para mim ir lá, era para mim ir lá visitar ela, que ela precisava. Então ontem à tarde eu fui, fui lá, daí até benzi a menininha dela que ela tem um tipo de refluxo. A gente diz estomago aberto daí benzi a menininha dela e é assim tipo, eu tenho uns sonhos, que mais ou menos me orientam o que fazer. <i>P:</i> A senhora benze mesmo aqui fora então? <i>R:</i> Sim. Daí eu trago a minha agua e faço com a água e com linha para benzer das bichas. Então eu trago aqui fora. Acendo a minha velinha E daí eu cito o nome da criança ou do adulto que for daí eu benzo daqui de casa mesmo.	<i>P:</i> Se a senhora fosse falar assim por dia ou por semana quantas pessoas vêm aqui para se benzer com a senhora? <i>R:</i> Agora faz 15 dias que veio uma ali de baixo se benzer das bichas. Mas tem vezes que uns 7, 8 meses não aparece ninguém <i>P:</i> E como é assim a comunidade aqui? Como é que a comunidade, reage a senhora benzendo? Eles falam mal da senhora assim? Respeitam a senhora? <i>R:</i> Sim [de maneira tímida]	<i>P:</i> E se a senhora fosse falar hoje, assim, quantas pessoas vem por dia ou por semana? As crianças <i>R:</i> Benzo as crianças e tiro o sol da cabeça. [Repito a pergunta] Não é toda a semana, mas quando vêm, vêm de peito, assim, umas quatro ou cinco. Tem um homem ali no fundo, a filha dele tem duas meninas gêmeas, mas são um papo, um papo. Dizem “quando avozinha, tu morrer, tu dá teu encargo pra mim?” Bem assim sabe? A gente fica [inaudível], mas graças a Deus... não falo, não brigo com ninguém, não falo mal de ninguém porque a única coisa é... gosto de ficar em casa.	<i>P:</i> A senhora acha que vem mais pessoas hoje ou a 30 anos atrás procurar a senhora pra benzimento e orações? <i>R:</i> Agora mais. As pessoas foram descobrindo e eu não conto para ninguém, quando vi estavam chegando. A maioria vem na casa só quando precisam, o doente, mas eu atendo com o maior prazer. Pode vir só quando precisam. [Marido fala ao fundo inaudível] Porque na vida Deus, disse “É os extraviados que nós vamos campear, os que estão perto não precisa, precisamos campear quem está perdido”. Eu vi uma história do padre Marcelo [Rossi] que eu assisti uma missa que derrubaram ele da escada, viu que ele perdeu na hora, e disse essa, não deixaram prender a mulher e disse não, não, pode deixar é essa que precisa de oração. E é verdade. Então é um exemplo né. Os que estão com nós não precisam de oração, rezar não faz mal pra ninguém, não faz ninguém sofrer. <i>P:</i> E hoje por dia ou por semana quantas pessoas vêm aqui? <i>R:</i> Tem semana que não vem ninguém, não é muito. Não chega a dez por semana. Mas as vezes vem de banda. [risos]
Curandeira ou Benzedeira	[Não foi perguntado]	<i>P:</i> Algumas mulheres que a gente foi se consideram benzedeiiras outras curandeiras. A senhora se considera o que? <i>R:</i> Isso na minha opinião é mais uma graça do Espírito Santo porque eu tive a minha cunhada ela teve câncer e eu assim lutei com ela dois anos. Eu fazia chá eu fazia emplasto na barriga dela e eu notei que eu tinha fé que a gente ia resolver essa doença. Infelizmente a gente não conseguiu, mas eu assim sou mais ligada a Nossa Senhora Aparecida a fé mesmo assim para ajudar pessoa sem pensarem em quere ganhar alguma coisa. Só penso que aquela pessoa fica bem.	<i>P:</i> Tem umas mulheres que a gente falou que elas falam que elas são benzedeiiras outras falam que são curandeira. Se fosse a senhora, a senhora decidiria que é o que? <i>R:</i> Bem, eu sou benzedeira, porque que curandeira dá remédio, sei lá faz trabalhos diferentes eu entendo.	<i>P:</i> Tem umas mulheres que a gente foi que elas falam que são benzedeira umas falam que são curandeiras. Se a senhora fosse falar a senhora seria o que? <i>R:</i> [pausa] mais bonito é benzedeira.	<i>P:</i> Tem algumas mulheres que a gente foi que algumas falam que são benzedeira, outras falam que são curandeiras, umas que não se acham entre uma e outra. A senhora se considera o que? <i>R:</i> Não sei, não posso dizer o que sou. Aprendi a fazer remédio com os livros e com o dom que Deus me deu.
Por que Mora Neste lugar hoje	<i>P:</i> Por que a senhora mora aqui no Saic? <i>R:</i> Na realidade nós morar aqui por causa de doença. Meu marido deu câncer, há seis anos atrás, e o câncer, ele sobreviveu por milagre. Ele teve câncer no estômago. E o médico falou: Olha, se tu queres sobreviver ainda, viver uns anos largue de tudo. Daí minha filha, era minha filha que morava aqui, ele disse [pausa] então vem morar pra Chapecó. Daí eu tinha outra filha em São Carlos, e esse aqui. Daí era para nós escolher. Daí aqui era mais perto dos recursos e tudo, até hoje ele tem ainda tem todo o acompanhamento. Daí é lá no regional, era a cada três meses. Passou para seis meses e agora é um ano. Mas ele está bem graças a Deus. Ele não tem mais [câncer no] estomago nem nada, graças a Deus não tem mais nada.	<i>R:</i> Olha, [gaguejou] é que ele já, eu morava a uns 6 quilômetros daqui, daí a gente casou e ele tinha a casa dele aqui, daí a gente veio morar.	<i>P:</i> Por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> [pausa longa]. É uma história muito longa. Nós morávamos no interior de Água Frias. Daí me aposentei na escola e dali a cinco dias até a casa perdi a casa num incêndio. Lá no interior de Águas Frias, na linha São João. Queimou tudo, ficamos sem nada. E daí meu marido plantava fumo. Na última safra que as filhas saíram para fora, acabaram e ficou meio sozinho, com meu filho, mas ele era novo na época tinha uns 15, 16 anos. Daí resolvemos não plantar mais fumo. Daí na última safra foi comprado um terreno em pinhalzinho, foi dado uma entrada. E o restante nós pagávamos por mês, o salário. Daí a gente não podia, queimou a casa, ele tinha começado a construir a casa em pinhalzinho para alugar, para ter assim né. Daí a gente se mudou para lá, para a outra casa, no sofrimento, para Pinhalzinho. Lá a gente ficou acho que dois anos vivendo pouco. Daí meu filho apareceu a oportunidade de trabalhar de Mecânico, que eles tinham dado um curso de Mecânico para ele em União do Oeste. Daí a gente vendeu lá, trocamos a morada e fomos para lá. Lá, uma cidade pequena que não tinha emprego para todo mundo. Aí não dava muita coisa. Chamaram ele aqui para a casa de motores para trabalhar ali. Ele ligou e disse, “eu vou alugar uma casa, venham morar pra Chapecó que aqui tem emprego até para minha esposa e tal”, daí a gente vendeu lá, fomos para Formosa do Sul antes, lá também achamos que não era futuro, era uma cidade que não cresce, daí de Formosa viemos para cá.	<i>P:</i> Verdade, se outros falarem é problema deles. E por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Nós, paguemos as prestações daqui com juros né, os terrenos era 7 reais, depois foi 15, aí quando foi a 25 pesou. Porque o salário naquele tempo era 66 eu acho. E era corrigido, tinha que correr no banco, porque que se passasse um dia já muda. <i>P:</i> A senhora veio morar aqui quando? <i>R:</i> faz [pausa pensando] 39 anos. Não, mais. Porque ele está com 46 e ele nasceu aqui. <i>P:</i> A Senhora pagava essas prestações do conjunto e foi nessa época que a senhora veio morar aqui? <i>R:</i> Sim, nessa época, era para pagar por 5 anos, que se tu não pagasses a prefeitura tirava. Mas eu graças a Deus vim até em Seara trabalhar na casa de uma mulher, minha ex-patroa para ganhar dinheiro. <i>P:</i> Aí veio para cá direto no São Pedro? <i>R:</i> Aí viemos pagando aluguel e meu marido, um padeiro, que agora é morto. Daí um dia ele passou, [pausa pensando] tinha um trabalho de uma casa de uma mulher ali no fundo para fazer pintura, daí o seu coiso veio ali [pausa pensando] seu Agenor veio e disse “ê para você ir lá na prefeitura que tu estás sorteada na casinha”, mas Deus me livre, quem que não vai né? Daí fui.	<i>P:</i> Por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Porque eu gosto. Sempre tive vontade de morar na cachoeira morei sempre ao redor da cachoeira. Nós viemos lá da [Linha] carneiro, não sei se vocês conhecem, lá embaixo nós íamos a pé na Igreja, daí com os anos começaram a rezar os cultos lá esse bispo virou ministro, daí tinha meu sobrinho ficou no lugar dele. Não tinha agente de saúde, aquele tempo nós tínhamos que pegar [remédios] na igreja, não era nada, mas nós tínhamos que aprender a ver a febre, ver a pressão, fazer curativo, aprender a fazer remédio e dar remédio. A Igreja pagou curso, e daí nós tinha que fazer esse trabalho para os vizinhos de graça. Dava hora de meio dia alguém se machucou nós tínhamos que ir lá. Aprendi a fazer remédio, fazer oração, e daí pegou. Até hoje eu dou remédio para anemia. Eu fazia incenso. Agora não faço. Eu tenho os livros daí é fácil fazer, mas eu sozinha... Daí outro curso que eu fiz foi de uma semana, ainda tenho as apostilas. Teve outro curso também feito pela prefeitura de Chapecó. Daí tinha bastante gentarada, tinha palestra e coisarada, mas tem que ter vocação. Garanto que 90% de nós que estamos aqui vai pegar essa apostila e não vai conseguir fazer um chá. E é verdade né
Lugar mudou?	<i>P:</i> E quando a senhora veio morar aqui como é que era aqui no bairro ao redor? Tinha muita casa? <i>R:</i> Em quatro anos, só esse prédio que não tinha [apontando]. Senão era o mesmo há quatro anos atrás, diferente quando veio o meu filho morar há vinte anos atrás. Meu filho esse que mora aqui [apontando] ele se mudou há poucos dias ali perto do boliche do Luiz, mas a casa dele é ali e os netos. <i>P:</i> Qual a diferença que a senhora viu assim de águas para cá quando a senhora veio, que não eram tão perto. <i>R:</i> Foi ótimo, depois que se mudamos já fizemos amizade, tem gente atrás do salão, que é a igreja, já se associamos aos idosos, vamos na cidade do idoso duas vezes por semana.	<i>P:</i> E o lugar aqui, para a senhora a comunidade mudou quando a senhora veio morar para cá? <i>R:</i> Sim. Pense, já faz mais de 20 anos que eu sou casada. Sim Meu Deus. Muita coisa mudou. <i>P:</i> O que a senhora vê de grande diferença que teve? <i>R:</i> Olha desde por exemplo, eu que sou catequista. Desde o meu trabalho de catequista tem ministros que eram meus catequizandos, hoje são ministros de catequistas, ministros de eucaristia, de batismo, de casamento. Eu tenho os meus filhos são catequistas, mas a gente que foi orientando eles. Tem catequistas que estão comigo agora que eram meus catequizandos. Meu Deus. Muita coisa mudou. Eu também canto na igreja né. Cada domingo tem um grupo, que nem eu, da equipe da catequese temos um grupo. Todo primeiro domingo do mês a gente reza na gruta, a celebração e a catequese que faz.	<i>P:</i> E aqui no bairro assim, quando a senhora veio morar para cá nesses 15 anos, então aqui o bairro mudou muito para a senhora? <i>R:</i> Aqui era um capoeirão, de uva Japão a maioria neste terreno aqui, tudo taquara. Era bem diferente. [Inaudível] Agora tem bastante morador. Tem de tudo. Para mim nunca ninguém me incomodou. Tinha bastante casa alugada por ali. [Inaudível] <i>P:</i> Quando a senhora veio aqui tinha quantas pessoas que moravam aqui? Quando a senhora se mudou <i>R:</i> Faço nem ideia <i>P:</i> Mais aqui para trás pelo jeito que mudou bastante né <i>R:</i> Essa casa aqui não tinha. Umass quantas casa não tinha. Uns colocaram a casa pra alugar né, que não tinha na época.	<i>P:</i> Só hoje a senhora atende só as crianças? [Afirma com a cabeça]. <i>P:</i> E o lugar, como era o São Pedro quando a senhora se mudou para cá? <i>R:</i> Eles falavam muito do São Pedro, mas pode passar um bandido, um ladrão aqui na rua que eu não enxergo aqui. E tem gente que enxerga, então a pessoa fica perseguida, mas eu graças a Deus. Pode passar quem passar eu não fico ali né.	<i>P:</i> E aqui? Quando a senhora veio para cá. Mudou muito a comunidade aqui para a senhora? <i>R:</i> A cachoeira até que não. [Risos] diminuiu, porque aqui veio uns moradores, que se criemos junto com eles, daí uma era solteira, morava nesta casa de trás [apontando], daí deu câncer nela, senti muita falta dela, se criemos junta. Daí depois deu infarto na outra, ficou muito tempo doente morreu, ficou só ele sozinho [voz soluçando]. Mas é nosso amigo aqui o vizinho de todo dia. E toda vida se demos bem com ele. Ele tinha 19 anos quando veio mora perto de nós e toda vida se demos bem. E aqui morava o velho Vitor. Faz uns 10 anos acho né que o seu Vitor é morto. Porque o primeiro negócio que o meu pai fez, nós éramos meninas, foi com ele, meu pai comprou uma vaquinha que tinha o terneiro e levaram um cavalo erguido, e daí sempre faziam brique, ele comprava um pouco lá pro outro lado, trazia, vendia pra ele que engordava, carneava, e toda vida ele criava aqui. Eu achei muita falta dele. E deu infarto nele e ficou muito tempo, operado do coração, ele sofreu muito para morrer, nossa Senhora. Daí ali morreu o velhinho, a velhinha deu infarto. Ainda tem quantas que a Cilene disse ontem? 400 famílias aqui.
Chás	<i>R:</i> Eu fazia, quando nós morávamos no interior de Águas nós fazíamos chá, meu Deus, bastante. Mas depois que eu vim pra	<i>P:</i> A senhora também receita ou faz chá? <i>R:</i> Sim, eu ensino a fazer chá. Por exemplo para as bichas a gente	<i>P:</i> a senhora faz chá assim também? <i>R:</i> Claro que não. Faço chá em casa para a gente só. Assim né,	<i>P:</i> E a senhora faz remédio ou chá para vender? <i>R:</i> Eu faço chá pra amarelão. Faço vai 6 tipos de ervas, pra adulto.	<i>P:</i> A senhora cobra os chás? As orações? <i>R:</i> Não. Só cobro os remédios, que tem gasto. [Gaguejando] O trabalho de juntar

	Chapecó não fiz mais. Por que, causo que aqui não tem espaço para plantar as ervas né. Daí eu só benzo assim. Não fiz mais remédio. Eu fiz curso, fiz bastante curso. Uma vez, eu era monitora de Ervas Medicinais da [cooperativa] Alfa, de Aguas [de Chapecó], eu fui escolhida aquela vez. Fui até pra São Paulo na UniCamp fazer curso. Só que daí depois aconteceu a doença dele e nós viemos para Chapecó. Eu fazia, agora não faço mais destilado. Vocês já viram falar destilado ou não? Eu fazia, por isso que o pessoal gostava do meu remédio, ele era destilado, era feito que nem a pinga. Não sei se vocês sabem como é a pinga? Só a essência das ervas colocava uma panela, e até agora não tem mais, é uma panela botava as ervas em baixo, ia outra por cima botava água fria em cima e em baixo as ervas em água quente e botava no fogo. E tinha um paninho que saía só o vapor, só a essência das ervas. Meu remédio era assim, o pessoal adorava. Era um remédio verde né, que nem água, pura essência. P: Eu vi ali na frente a senhora tem uns pés de Cidreira acho que é? R: Sim. Onde eu morava em Águas e tinha a horta. Tinha mais de 100 plantas. Aquela vez que fui fazer um curso Itajaí pela primeira vez, eles assim repassaram todas as mudas para nós. Itajaí repassou para nós do posto para as monitoras e daí a gente multiplicava aquelas que plantas e repassava para as sócias. Foi bem legal aquele curso a gente aprendeu tudo. Só que daí vim para cá por causa das doenças e larguei. E lá a [cooperativa] Alfa não teve mais condição de bancar daí parou faz uns dez anos que parou isso ali. Senão antes a gente fazia todos esses cursos no exterior, em São Paulo, imagina na Unicamp fiquei uma semana. Melhor curso que eu fiz foi na Unicamp. Meu Deus do céu tinha a liberdade que eu tinha, que nem, a planta que ue mais assim, se destacava, eu era o Picão. P: Para que a senhora usava? R: Picão, ele é anti-inflamatório e ele é antibiótico natural, ele é.... qual qualquer infecção que você tiver, picão é bom, para amarelão, para umas 40 doenças ele faz bem P: Mas aqueles remédios que tem ali a senhora faz chá ainda? Que eu vi que tinha cidreira e mais uma do lado que vi até na minha mãe tinha. R: A Fabana? Sim eu faço só para a gente de casa, e uso direto. Tem uns pés de picão, Malva, que a Malva também é antibiótico natural, eu uso direto. Até coloco no Chimarrão, picão também. Meu marido superou até dos remédios de repente com os remédios que eu fazia.	fez um chazinho de hortelã ou de a pontinha do pessegueiro bem na ponta do pé do galho de pessegueiro que tem aquele brotinho. Eu ensino a fazer um chazinho com aquele brotinho, também que faz muito bem pra, assim, para as crianças ficar bem das bichas e tudo.	crianças as vezes P: E se vem por exemplo alguém assim, pedir algum remédio, que por exemplo assim, vem pedir dica de algum chá. A senhora dá? R: Se é algum vizinho que eu conheço sim. Conversando tem bastante mulherada por ali que lidam com chá né. Tem outra vizinha a tal de [confidencial] também que benze das bichas, não sei se tem outro benzimento. Entre vizinhos a gente conversa sobre chá, que a maioria usa chá aqui também né. Não dá nem para tu arriscar, conforme tu não conheces a pessoa, vai fazer um chá mal feito, depois vai condenar a pessoa [risos].	Faço, vai 6 ervas, daí vai cravo, canela, nós moscada P: E a senhora cobra daí o chá? R: Olha se alguém quiser me dar alguma coisa. P: Acho que era isso.	tudo bem, no mato, mas se eu cozinhar no gás, gasto gás, se eu cozinhar no fogão a lenha gasto lenha então eu cobro um pouquinho. Mas as orações nunca cobreí nada, é um dom que Deus me deu. P: E o remédio que a senhora faz, a senhora faz para que? R: Agora faço mais para amarelão, anemia né. Que tem dois, três tipos de anemia [gaguejando] eu gosto de.... é complicado. [marido fala: “o preto é o que mais mata”]. É, o preto é um [pausa pensando] que nem hepatite.
Monge	P: Quando a gente começou a conversar com as benzedadeiras a gente viu a presença do São João Maria, a senhora já ouviu falar? R: Não. P: O monge João Maria que perambulava pela região R: Quem me ensinou foi só pessoas de idade que já faleceram, benzimento simples que nem eu faço	P: Em algumas curandeiras elas falaram do monge João Maria, do São João Maria que andava aqui pela região. A senhora já ouviu falar dele? R: Já. O pai comenta dele. Ele dizia que ele sabia muita coisa, ele previa. E diziam que, lembra que aqui na curva da morte cada repeteio dava um acidente e alguém morria. Diz que ali eu não lembro o que ele falou que é que aconteceu ali, e era por isso que estava acontecendo toda aquelas mortes lá	P: Algumas das curandeiras que a gente foi falaram de um santo que andava por aqui que benzia. Não se se a senhora conheceu, o São João Maria ou se a senhora já ouviu falar dele? R: Já ouvi falar no São João Maria, mas faz anos que falavam disso P: A sua mãe falava disso para a senhora? R: Falavam de um tal de São João Maria. [Pausa] Não conheci, não sei da história nem nada. [Tentando encerrar o assunto] P: É que o monge algumas benzedadeiras assim falaram que o santo era um monge que andava assim pelas... R: Comentavam há muitos anos atrás. Agora ninguém mais comenta nada, naquela época eles comentavam. Os mais antigos né P: O jeito dele benzer as crianças e teve que umas benzedadeiras que aprenderam com ele, mas hoje existe [inaudível] em Xanxerê que tem as águas Santas de Santa Maria R: Nunca vi imagem nem nada, mas antigamente os mais antigos falavam dele	P: Teve algumas que a gente conversou que elas falaram do monge que passou, o São João Maria. A senhora já ouviu falar? R: Eu ouvi falar que uma vez ele caminhava por terra. Ele ia visitar os doentes, e até um dia ele passou na rua assim sabe? E tinha um senhor plantando as melancias, essa história meu pai contava, daí ele pediu “o que tu estás fazendo? ” Para uma senhora e ela disse “estou plantando melancia” “Para quem? ” “Para mim” ela disse, e daí [na colheita] deu só uma para ela. R: Daí sabe o que? Passou por outro lugar e estava outra senhora, daí ele pediu “O que tu estás fazendo? ” Ela disse “Estou plantando melancia” daí ele disse “para quem? ”Ela disse “para tudo nós” não só para ela, para todos nós”, daí sabe? Daí quando foi pegar a melancia, que nem uma pedra. Daí ele pediu comida. E ela disse “Meu Deus, eu não tenho nada, tenho um galo e uma galinha” Daí ele pegou e disse “vamos matar? ” Daí ela matou e mandou ele guardar todos os ossinhos em cima da mesa, dali a pouquinho ele pegou sabe e disse “pode jogar ali na rua” Jogou os ossinhos na rua disse que saiu dali [brotando pés de melancia] em tudo os cantos. Para tu ver. É a fé.	P: Algumas mulheres que a gente foi falaram do monge, do São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria? R: Minha mãe falava muito de São João Maria. P: O que sua mãe falava dele? R: Ela conta histórias dessas coisas que todas essas coisas que estão acontecendo ela sempre contava. Ela tinha até a foto dele, pediu para os filhos ver se conseguiam uma revelação daquela foto, não conseguimos, nunca mais acharam, terminou. E eu me lembro do velhinho que ela tinha a foto de barba branca. Aqui tem a água de São João Maria P: Onde? R: Tem aqui que entra nessa encruzilhada, fica bem perto da casa do Davi da linha Menezes. Minha mãe fazia nós vir lá de baixo buscar o barrinho e a agua de São João Maria. Tinha que ser lá na sagrada [Marido interrompe: “aquela fonte não diminui, não seca e não aumenta”] R: Hoje ninguém cuida né, mas foi ele. Tem três que ele deixou: uma aqui, outra no Rio Grande, não sei aonde, e outra eu acho que é na Agua Amarela, hoje em dia ninguém ... [gaguejando] a maioria não cuida, não ligam para essas coisas. E quando ele disse, que essa agua que eu benzi em um ano vai curar tudo quanto é tipo de doença, de um ano em diante só cura quem tiver fé. Minha mãe para ela era sagrada. E eu já acho que aqui ninguém.

Fonte: Elaborado pelos autores utilizando os dados presentes nas entrevistas

Quadro 08 – Quadro-Resumo (Parte 3)

	Bandana - Palmital	Pérsica - Universitário	Maragata – Sede Figueira	Lima – El Dorado	Salsa - Bormann
Identificação	<i>P</i>: Qual que é a sua idade? <i>R</i>: 84 anos. <i>P</i>: Qual é o seu grau de instrução? <i>R</i>: Nenhum, porque eu nunca fui na aula, nem um dia. Não entrei na aula nunca para estudar. <i>P</i>: Por que não? <i>R</i>: Porque não podia, aí eu fiquei sem pai, daí tinha que trabalhar e as escola eram muito longe <i>P</i>: A senhora é católica? <i>R</i>: Graças a Deus. Até debaixo d’agua.	<i>P</i>: Qual a sua idade? <i>R</i>: 93 anos <i>P</i>: Qual o seu grau de instrução? A senhora estudou até que série? <i>R</i>: Aí, não sei... muito pouco <i>P</i>: Mas não chegou nem a ir para a escola? <i>R</i>: Sim. Muitas vezes. Mas a cabeça não ajudava né, daí os velhos precisavam que os filhos fossem para a enxada, daí a gente foi deixando né. Sempre trabalhei fora, e quando fui solteira ia nas casas de empregada. Depois casei tive sempre a minha casa, e o velho faleceu e eu fiquei aqui e estou aqui. Já [fazem] 51 anos que eu estou morando aqui nesta casa. Compramos este lote, construímos este rancho e estamos aí. <i>P</i>: Qual a sua renda aproximada? <i>R</i>: Eu ganho meus trocos dos remédios né e ajudo os filhos, o resto eu vou guardando para o caixão. <i>P</i>: A senhora é aposentada? <i>R</i>: É <i>P</i>: A senhora é católica? <i>R</i>: Graças a Deus.	<i>P</i>: Quantos anos a senhora tem? <i>R</i>: 73 anos <i>P</i>: A senhora estudou até que série? <i>R</i>: Eu fiz até a 3ª série do ginásial na época. E depois eu vim para casa do colégio. Depois então eu fiz até a 8ª série no CEJA e depois eu fiz o segundo grau no CEJA. <i>P</i>: Tem o segundo grau completo. Qual sua profissão? A senhora se identifica com alguma profissão? <i>R</i>: espiritualista. <i>P</i>: Aqui também tem uma pergunta, daí a senhora responde se a senhora quiser, a renda aproximada da senhora? Se a senhora quiser responder. <i>R</i>: [gemidos]. Olha tem semanas que dá menos tem semanas que dá mais. Tem semanas que está cheio, porque benzimentos eu não cobro, cobro consultas, cobro o trabalho. Esse eu cobro. <i>P</i>: A senhora mora com quem? <i>R</i>: Com o esposo e o filho.	<i>P</i>: Qual sua idade? <i>R</i>: 66 anos. <i>P</i>: A senhora estudou? Tem até que série? <i>R</i>: não estudei nada, não tenho série nem nada <i>P</i>: Mas a senhora lê e escreve? <i>R</i>: Não. Só o meu nome <i>P</i>: A senhora, qual a sua profissão? É do lar <i>R</i>: Eu trabalhava na roça e agora... trabalhava como doméstica. Agora não posso mais esses dias já fiz uma operação de coluna né, ainda estou meio... <i>P</i>: A senhora é aposentada hoje? <i>R</i>: Sou aposentada <i>P</i>: A senhora mora com quem. <i>R</i>: Tem a filha que mora aqui, mas nós moramos aqui né, somos separados. Mas nessa casa aqui mora só nós dois [se referindo ao esposo]	<i>P</i>: Qual é a sua idade? <i>R</i>: 72 anos. <i>P</i>: A senhora estudou? <i>R</i>: Até a 4ª série. Naquela época como eu era mais velha de casa a gente falhava muita aula. Tinha que ajudar em casa porque era a mais velha e depois eles tinham aquela consciência de..., o meu falecido pai falava assim: “por que uma filha ter tanto estudo se vai casar com um agricultor [risos] eu fui muito pouco tempo na escola. <i>P</i>: Com quem a senhora mora aqui? <i>R</i>: Eu e o meu esposo.
História de Vida	<i>P</i>: A senhora morava onde? <i>R</i>: Lá na Cachoeira, lá embaixo. <i>P</i>: Lá onde a senhora foi ontem? <i>R</i>: É. Mas nós morava na beira do rio, não aqui em cima. Não tinha escola lá, daí vim para cá era muito difícil. <i>P</i>: Quanto tempo que a senhora veio de lá? <i>R</i>: Em 78 (1978) <i>P</i>: E qual é a sua profissão? <i>R</i>: Estou cuidando da casa, dos filhos, que criei só doze. <i>P</i>: Nossa. E a renda aproximada da senhora de quanto que é? <i>R</i>: Agora só um salário. <i>P</i>: A senhora é aposentada. <i>R</i>: Sou aposentada. Nem sou aposentada, ganho um benefício. <i>P</i>: Por que não é aposentada? <i>R</i>: Porque não tinha nota. Na época da colônia, eu não tinha. Os meus papéis, foi erro, não sei se do João Maria [seu esposo] ou de quem. Que quando era para registrar, bem como os filhos, não colocaram que eu trabalhava, colocaram do lar. Depois eu fiquei que não trabalhava. Eu acho que sim porque eu sei que eu criei meus filhos, doze filhos. E não ia em médico, fui no médico duas vezes. Nós levávamos, quando levava, na farmácia e daí lá o Ênio (farmacêutico) era onde nós levávamos, e lá pegava os remédios e sempre graças a Deus sarava né, e os benzimento graças a Deus, levava nas benzedei ras	<i>P</i>: Faz quanto tempo que a senhora mora aqui? <i>R</i>: Aqui, só nessa casa 51 anos que eu estou aqui. Meus dois nenês mais novos eu ganhei aqui. [Trecho inaudível] A filha mora aqui embaixo, a primeira casa aqui embaixo é dela. <i>P</i>: Mas a senhora nasceu em Carazinho e daí veio pra Chapecó? <i>R</i>: É. Minha família toda é de Carazinho, o pai, a mãe, todos de lá.	Daí ela lembrou, não, eu vou fazer uma promessa, para a santa da dor de dente, que se ela me tira essa dor de dente porque naquela época ninguém tirava dente de mulher grávida. Né. E se for menina, eu vou dar o nome da santa. E se ela tiver vocação para freira eu mando ela estudar. E ela pagou a promessa. Era menina. Me deu o nome e um dia eu disse “Mãe eu quero estudar para freira” e ela tinha promessa, mas eu não sabia. Eu fiquei três anos e meio com as freiras. E coisas que meus irmãos não sabia eu aprendi e depois eu voltei então <i>R</i>: Eu trabalhei 11 anos como professora. Trabalhei ... [falamos juntos] em Palma Sola e era a primeira série. Aqueles pequeninhos de AEIOU eu era do da cartilha até a quarta série e em um ano eu dei a quinta série para dois meninos, que uma família veio ali que iam concluir a quinta série. Depois eu trabalhei oito anos e meio. Nove ano e meio em Xaxim no frigorífico.	<i>P</i>: Lá vocês trabalhavam na roça? <i>R</i>: Numa granja de porco [marido ao fundo tenta responder] e a Granja fechou. Mas trabalhamos 13 anos. Daí a Granja fechou daí viemos para cá que já tinha essa casa construída né, era alugada. Daí só viemos morar <i>P</i>: A senhora nasceu onde? <i>R</i>: [engole o chimarrão] Eu nasci em Três Pinheiros, Santa Catarina. <i>P</i>: Onde é? <i>R</i>: Acho que é perto de Concórdia ali, não sei. É perto, é perto	Porque a última que me ensinou mais e que eu passei mal na temporada porque meu marido queria, geralmente os italianos e alemães não fecham muito com benzedeira, e o meu marido não queria. Porque ele gostava que eu fosse junto com ele trabalhar e voltasse junto. Foi nessa época que eu acamei, fiquei 15 anos na cama. Daí vinha uma senhora aqui e disse para minha mãe “vou te levar você num lugar que lá que você vai se curar”. E lá ela pegou meu marido e disse “olha, assim e assim, você vai querer viver com ela ou vai querer viver sem ela? ” Daí ele ficou quieto, chorou. Daí ela disse, “não, a consciência está em você, porque ela tem esse dom de Deus para fazer. E se ela fazer ela vai melhorar. Porque ela está fazendo o que Deus deixou para ela. E o senhor não querendo daí o senhor vai ficar sem ela”. Daí ele aceitou. Agora, hoje ele me ajuda, catar os remédios para fazer remédio para o amarelão ele me ajuda. Dá atenção também para as pessoas que vem, uma vez ele era um velho fechadão. Minha sogra não gostava muito de mim porque eu era nega [risos]. Daí eu disse “ela foi, mas eu estou aqui!”
Conflitos ?	<i>P</i>: E como é sua relação com os médicos? O pessoal vai no médico e depois vem aqui igual se benzer? <i>R</i>: Vêm. Quando é preciso eles vêm [risos]. [Mulher que estava assistindo “Eu mesma. Fui no Regional, fui na UPA, fui no posto (de saúde). Tinha o braço fora do lugar e não sabia, daí vim aqui. E tive que passar pelo benzimento, que não conseguia nem dormir] <i>R</i>: Uns quantos vem aqui. <i>P</i>: E como arrumou o braço fora do lugar? Como a senhora arrumou? <i>R</i>: Só benzi [risos] [Mulher que estava assistindo “Podia ir lá fazer raio-X o que quisesse. Davam remédios que não tinha jeito, daí meu marido se lembra “nesses casos eles benzem e costuram” dito e feito” [Marido interrompe “lá na roça, nós se criemos num sistema bruto. Lá na roça tinha que socar a canjica de manhã para o meio dia”]	<i>P</i>: E como que a sua relação com os médicos? Já veio algum médico aqui? <i>R</i>: Quando eu estou meia doente eu vou no médico, ele me dá um remedinho eu já fico meia boa e sigo. <i>P</i>: E o que eles dizem? A senhora diz para eles que é benzedeira? <i>R</i>: Eu não conto para os médicos. <i>P</i>: Por que? <i>R</i>: Eles não perguntam daí eu vou lá, pego, consulto e eles me dão os remédios, mas eu tomo o remédio e já fico boa. [Filha 1 ao fundo: “Mas já veio médico aqui, eles vêm visitar, mas acho que eles têm medo de concorrência. Mas isso é da fé. Se você não tem fé não adiante coisíssima de nada. Porque o que move isso é a fé”] <i>P</i>: O Que o que me chamou bastante atenção foi a mulher que estava aqui antes que ela foi do médico, o médico falou uma coisa e ela veio aqui com a senhora. Ela disse que o médico mandou ela fazer essa cirurgia, mas ela quer se curar com benzedeira. <i>R</i>: Elas saem lá do médico e vem aqui se queixar que o médico fez isso, isso e isso. E elas não aceitam, daí elas vem pegar minhas garrafas de remédio.	<i>R</i>: “Não adianta não adianta” a evangélica diz, “não adianta isso aí é bobeira, uma hora dessas vou na tua casa” ela disse para a guria, “vou na tua casa, e eu quero pegar aquela imagem de Nossa Senhora Aparecida, e fazer pedações para ver que entidade que vai sair de dentro dela porque lá tem só o capeta”. Maria Santa. E a menina tinha uma doença na garganta, mas ela não veio aqui. Tinha uma doença na garganta e ela foi no médico, o médico não conseguia ver o que que era. Ela estava no médico e daí a mãe disse: “fulana, faça alguma promessa para Nossa Senhora Aparecida que nós temos que nós temos fé para te ajudar a curar essa garganta”. Ela estava com fome e não conseguia engolir, não conseguia engolir nada. Aí ela de noite ela pediu um favor para Nossa Senhora Aparecida e disse o que ela iria fazer que ela queria que ajudasse ela a curar aquela garganta que ela não conseguia mais engolir. E o médico preocupado. De manhã quando que ele veio fazer a visita, ele disse: “guria eu acho que aconteceu um milagre” ela disse “por que?” E ela disse “eu estou com fome, eu queria comer”. E daí o médico disse, “mas tu vais comer tudo não tenho mais nada na garganta” então como é que ela vai deixar o outro quebrar a imagem que vocês adoram. Mentira, mentira não é adoram, a gente adora Jesus sacrossanto a gente adora Deus, a Jesus, a hóstia e assim por diante. Os Santos a gente venera né? Você venera, você respeita, você gosta, você admira, você vê o exemplo que eles deram de vida para nós né, é assim. E daí ela disse: “imagina se eu vou deixar quebrar a imagem”, mas vai, eu disse quando ela sai daí lá, Zipiquí [sinal de jogar algo para trás] pegue pimenta e jogue atrás dela. Que essa pimenta não deixe ela sossegar. [risos]	<i>P</i>: E como é sua relação por exemplo com, porque quem recomendou a senhora para a gente foi agente de saúde aqui do bairro. A gente conversou com todas as agentes de saúde... <i>R</i>: [exclamação de surpresa] Ela trouxe o nenê, o pia dela pra benzer <i>P</i>: A gente conversou com todas as agentes de saúde de Chapecó e daí algumas delas recomendaram algumas para a gente, a daqui do bairro recomendou a senhora. E como é sua relação com os médicos ou com o Postinho aqui do bairro? Enfermeiros? <i>R</i>: Tudo bem. <i>P</i>: Eles mandam para a senhora? Como é? <i>R</i>: Não. Nunca mandaram. Para mim benzer, não. <i>P</i>: Por exemplo assim, falaram que as vezes vão no médico e ele não resolve e o médico fala, ó vai com ela que ela resolve <i>R</i>: Não, isso aí nunca aconteceu. Até aquela casa de tijolo a vista lá, uma vez ela estava com a netinha dela no hospital, não tinha jeito de melhorar. Daí ela veio para mim benzer, trouxe o nome da menina né, ela tinha uns 3 aninhos. Daí disse, “posso benzer se for das bichas né, mas não posso garantir que se é só as bicha que a menina tem”. Por que que tal eu disser assim, “ela vai ficar boa. é as bichas”, e se, não é? Eu não sou adivinha né. Daí eu benzi, num dia, no outro dia veio para casa. Mas a mulher ficou [incompreensível]. Começou a baixar a febre sabe? Veio para casa, daí ela trouxe ela benzer, mas que faceira ela ficou. Isso que não baixava a febre, e eu benzi a menina. Não sei se é a fé deles, ou a fé da gente que fez isso. Para fazer uma coisa tem que ter fé	Meu, o que o padre falou sobre as benzedei ras, [inaudível] porque o padre meu deus, o que o padre fez para a mãe. É uma coisa muito boa que eu acho que Deus deixou, e é muito boa. A evangélica, mas ela diz que eu sou feiticeira. Mas isso não me dói em mim, porque eu sei que to fazendo o bem <i>P</i>: E como é a sua relação com o postinho, com os médicos aqui da região? <i>R</i>: Me dou bem graças a Deus com todos. Não falam mal. Até o falecido Dr. Márcio que morreu na tragédia da Chapecoense, era 6 anos que ele estava aqui.
Saberes-Fazeres	<i>P</i>: A senhora pensa em ensinar para alguém? <i>R</i>: Mas olha se me pedirem eu ensino, mas acho que ninguém se interessa. Eu acho que vai terminar os benzimentos porque já está muito pouco. <i>P</i>: Será que vai terminar? <i>R</i>: Pois eu acho que vai porque já quase não tem, eu as vezes me machuco preciso de um benzimento, digo, mas agora quem me benze? <i>P</i>: A senhora acha que precisa ficar alguém? <i>R</i>: Pois é. Era preciso de alguém, porque tem coisa que nem bicha de criança, se não benzer, leva no médico são capazes de matar né. Outra é esse machucado, mordida de aranha se não for com benzimento não sara, virá numa ferida e não sara. E quebrante não tem remédio. <i>P</i>: A senhora cobra para benzer? <i>R</i>: Não, nunca cobrei nada, se a pessoa quiser me dar alguma coisa aceito, mas eu não cobro <i>P</i>: Como é a relação com os vizinhos aqui? Eles vêm aqui se benzer? <i>R</i>: Pois os que quer vir que venham. Sempre vem benzer as crianças. Mais as crianças assim, ou senão de rendidura, cobreiro essas coisas assim, também meio vem no verão tem bastante essas coisas. Mas eu acho bom que eu faço o bem para as pessoas, para as crianças que as vezes estão chorando, tão brabos, não dormem de noite, e isso e aquilo, eu benzo e diz que melhoram, de certo é um bem que a gente faz. <i>P</i>: E a senhora reza com o Rosário né? <i>R</i>: Umas é com o rosário, outras com o raminho. Para costurar, costuro com a mão, agulha e mais nada. <i>P</i>: Como a senhora faz suas rezas? Faz baixinho?	<i>P</i>: E a senhora está ensinando alguém? <i>R</i>: Agora o filho que mora na esquina sabe tudo, até mais que eu, porque ele sabe ler, e eu não sei, tem os livros do [meu] pai, que meu pai benzia. E mora ali na esquina. <i>P</i>: Ele ficou com os livros e benzimentos do teu pai? <i>R</i>: Benzimentos, remédios antigos, essa coisarasdas. <i>P</i>: Será que ele deixaria a gente olhar? <i>R</i>: Vem uma hora aí com gente ele deixa, ele gosta de livros <i>P</i>: E quantos anos tem o seu filho? <i>R</i>: Ele tem 53, 54 anos agora. <i>P</i>: Faz tempo que ele benze? <i>R</i>: Não. Ele aprendeu para ficar no meu lugar, vai assumir ainda meu lugar. [Carros ao fundo]. Ando entregue já das pernas. Disse que vou parar e não posso que dali a pouco vem uma e vem outra [enferma]. <i>P</i>: Mas a senhora cobra para benzer? <i>R</i>: Para benzer não. Não pode se cobrar o benzimento. Só o remédio eu cobro. [Filha ao fundo: “é que as ervas ela compra”] <i>R</i>: E chã né, porque não tenho nada aqui, daí eu cobro. <i>P</i>: Como que a comunidade aqui reage ao seu trabalho? <i>R</i>: Eles são vizinhos tudo. Apoiam, que se diz, não tão bom vem buscar uma garrafinha, o de longe vem buscar um litro, dois litros e assim vai. [Filha ao fundo, “mas não é só disso, ela benze as criancinhas de quebrante, de cobreiro, cobreiro que se diz é mordida de aranha,	<i>R</i>: Aqui é um centro espírita de Umbanda da linha branca, da paz, do bem, do povo da água, e o povo manso. Mas o trabalho aqui também é um trabalho de pretos velhos como é que se diz, de africano. Os benzimentos tudo é africano, dou passes e tudo, mas eu pulei por cima então os meus trabalhos são de incorporação. Mas eu, tenho aqueles dois que vieram aqui de repente se não fosse sábado eu teria outros. Então essa incorporação desce, sobe, desce, sobe então o meu trabalho, e eu faço com os guias encostados, não incorporo mais. Acabou cabocla Jurema, lemanjá, não incorporo mais, só tenho elas do meu lado. Na minha linha nós fomos pra Arruanda e fizemos cruzamentos com Oxóssi. Depois a gente sai de lá aptos para trabalhar com ele. Eu tenho obrigação com ele e ele tem obrigação comigo. Daí fomos fazer o ritual de São Jerônimo, Xangô da Justiça. Pedreira. Então a gente vai em cima da pedreira e eles botam o Machado e o martelo faz. [Som de batida] cruzamento com Xangô. Aí fomos fazer o cruzamento de lemanjá, no mar passar por baixo das Ondas dia 2 de fevereiro. Depois fizeram na Arruanda cruzamento com nossa Senhora Aparecida que seria Oxum menina, Oxum é africana né, Oxum menina, Oxum da Cachoeira e Oxum Maré fizemos na Arruanda. Fizemos um trabalho no cruzamento de Lomba. Lomba é com o cemitério. Se eu tenho esse trabalho aqui, eu tenho que ter esse quartinho que vocês viram ali no lado que eu fui pegar corrente. Aí é a segurança. É a canjira daqui, que se eu não tivesse aquela segurança lá aqui você traz aqui um louco ele me quebra né. Eu domino o louco, eu, sozinho, de lomba. E depois fizemos o que	<i>P</i>: A senhora fala benze das bichas né? <i>R</i>: É, eu benzo das bichas só <i>P</i>: Onde a senhora morava? <i>R</i>: No Paraná. Naquela época a gente quase não via fala em médico. Hoje em dia né, daí o pia eu começo a ficar doente, vomita e vomita, e febre e febre e febre. Daí eu me lembro, nós levamos pra Pato Branco, dava 80 quilômetros donde nós morava aquela época. Eu era uma menina. <i>P</i>: A senhora se lembra onde a senhora morava? O nome da cidade? [Marido ao fundo: “São João do Oeste”] <i>R</i>: São João do Oeste, daí sabe, mas lá ainda não tinha médico, era só em Pato Branco aquela época. Daí sabe, levaram ele, e ele morreu numa altura da estrada, tinha 18 meses o pia. Sabe [inaudível], saía bicho do nariz, pela boca. E naquela época, tinha uma comadre da mãe, uma italiana, que ela benzia das bichas né. Daí a mãe disse assim: Comadre eu quero aprender a benzer das bichas, daí para mim benzer minha piazzada quando precisa. Daí a mãe aprendeu, daí quando ela não quis mais benzer né, que as piazzadas estavam todos grandes, eu me lembro que os vizinho que vinha benze das bichas lá em casa, com a minha mãe. Mas daí ela não quis mais, um dia eu estava, eu e mais minhas duas irmãs lá e ela: “quem de vocês quer aprender a benzer das bichas?” Daí minhas irmãs disse “capaz que eu vou aprender, vou ser benzedeira, mas não falar”, daí eu pensei, eu quero, quem sabe um dia vai ser vir para os meus netos, que eu vou ter, para minha família eu pensei. Daí me ensinou, porque diz que quem ensina não pode mais. A dela não vale mais. Entendeu? Não sei se é verdade. Os antigos diziam muito isso. Daí eu aprendi a benzer. E não é a única herança que minha mãe me deixou, porque agora ela é morta, já faz uns 15 anos. E eu sempre me	Porque benzer de estancar sangue não é pessoa qualquer que sabe. Eu aqui ao redor, de tudo os anos que eu estou morando aqui não vi um falar. E tinha duas mulheres que estavam morrendo esvaída, e eu cheguei e fiz minha oração, nunca mais. E ela diz que tinha dor de cabeça constante. Muita dor de cabeça, e nunca mais. E a outra eu nem conhecia quando vim morar aqui, nem conhecia ela, daí uma amiga minha veio aqui e passou lá diz que ela estava encostada na janela com a mão assim [fazendo gesto com a mão], diz que aquilo estava que uma poça, daí ela chegou em casa e ligou para mim “Dona [confidencial]a senhora não sabe se a dona [confidencial] sabe benzer de estanca sangue” eu disse “eu sei, mas não sei se ela sabe”, porque tem vez que a gente conversa e não chega nesses assuntos. Daí eu disse “eu sei, só que tenho que saber o nome da pessoa né”, porque pelo nome eu benzo até lá do Rio Grande. O que vier, liga para mim eu já faço minha oração. A pessoa não precisa estar junta. Agora de estancar sangue é bom que a pessoa esteja junta que nem, que os médicos dizem torricolo, que é rendidura. Eu também benzo, faço remédio para o amarelão, cuido dos umbigos dos nenês quando nascem. Porque geralmente de 7 meses tem uma tendência de o umbigo estar alto assim [mostrando com os dedos]. Até o meu bisneto nasceu 15 dias antes do prazo também, graças a Deus. O médico disse quando fizesse 7 anos ia ter que fazer cirurgia. E hoje está lá. Ontem chegou aqui de manhã um piazinho caído sabe? Caído no braço da mãe dele, e o pia eu vi crescer desse tamanho, depois não vi mais. Agora já é papai. Daí ele disse “Pois é dona [confidencial] acho que a senhora não está me reconhecendo” e eu disse, “mas não mesmo, sei que o teu rosto não me é estranho para mim, mas eu não te conheço” ele disse “trouxe meu piazinho pra senhora

	<i>R:</i> Sim, bem baixinho. <i>P:</i> E a senhora benze do que? <i>R:</i> Benzo de machucadura também. <i>P:</i> De amarelão? <i>R:</i> Não, de amarelão não. <i>P:</i> Cada reza, cada benzimento tem uma coisa diferente. A senhora sabe que, lá onde eu morava a gente se benzia muito e tinha uma senhora que benzia com um machado. <i>R:</i> Machado era trovoada né? <i>P:</i> Não, a gente ia lá ela pegava, para cobreiro. <i>R:</i> Ah, para cortar o cobreiro. <i>P:</i> É. Ela dizia “o que eu corto?” E a gente respondia “cobreiro brabo” e daí ela continuava a oração com aquele machado. E ela botava na cabeça também um copo d’água para dor de cabeça. <i>R:</i> Para tirar o sol. Tinha uma vizinha aqui perto, que ela fazia assim também com uma faca, cortando uma linha ou coisa assim, para cobreiro. Daí perguntava “o que eu corto” e a gente dizia, daí ele cortava um pedacinho daquela. Mas eu não, não benzo assim. Não aprendi. <i>P:</i> A senhora usa o rosário e um raminho? <i>R:</i> O rosário é para benzer as crianças, de quebrante, de bicha, essas coisas. E o raminho é para benzer de ar, assim é com o raminho né. <i>P:</i> E para costurar ferimento, daí é com a mão mesmo? <i>R:</i> Com a mão mesmo. E o raminho para benzer de ar é bom um raminho de arruda. Mas senão benzo com qualquer outro galho também até com uma vara. <i>P:</i> Acho que era isso. Vou ter que fazer uma cirurgia no joelho, e estou fazendo fisioterapia. Mas ele ainda está meio doido. <i>R:</i> Coloca Bandana no teu joelho. <i>P:</i> Como? <i>R:</i> Bandana, é uma folha grande. Ali tem (apontando para o terreno baldio próximo) <i>P:</i> Mas a senhora não benze? <i>R:</i> Benzo, de mau jeito, de costura. Vamos lá. Pode sentar. Teu nome? [Realiza o benzimento]	desses insetos, do tal de reumatismo, né”] [Vizinha fala: “os vizinhos aqui tudo apoiam, adoram ela, tomam o remédio dela, se benzem”] [Filha ao fundo: “e os bebezinhos que não dormem de noite é o tal de quebrante, mas eu ando na menopausa to precisando de um remédio”] <i>P:</i> Senhora só usa suas mãos para benzer? Ou usa algum rosário? <i>R:</i> Tenho o rosário que tem ali [apontando] [Chega um homem trazendo velas para ela] <i>R:</i> Muito obrigado que Deus lhe ajude. Essa velinha é para minha Santa, todo dia acendo uma. <i>P:</i> As pessoas trazem bastante coisas para a senhora? <i>R:</i> Não. Não ganho quase nada, porque não cobro. Me dão o que querem. Agora vela, conforme o pedido deles daí eu peço. Daí de noite eu faço as minhas orações, acendo as velinhas todas as noites pra Nossa Senhora Aparecida [apontando para a imagem]. Ali acendo a velinha e rezo para mim dormir	ainda? De mata, de pedra de água, de lomba, batizado umbandista, e tenho também o ato sacramental. Então eu tenho um monte de rituais comigo que é o que eu fizer é bem feito. Mas eu trabalho para a direita. Se você vem aqui me diz assim “olha eu precisava que tu quebrasses o fulano de tal lá porque eu não aguento mais”, o que eu faço para você: faço um adoçamento com a nossa Senhora Aparecida, menina, cachoeira, maré. E boto o teu nome ali dentro junto com o teu inimigo e vocês vão ficar amigo. Não faço nada se dizer “eu quero que tu quebres, eu quero que tu faças isso, quero que ele vá de arrasto” não, não. Aqui eu faço é para o bem. Se querem isso vão lá onde é que fazem isso, porque aqui não faço. <i>P:</i> A senhora gosta de benzer? <i>R:</i> Gosto. <i>P:</i> Por que? <i>R:</i> Porque eu me acho realizada. Me acho realizada. Não chamo ninguém. Os outros que me chamam, tem gente em São Paulo, Paraná, do Mato Grosso, que vem aqui, me ligam. Tudo o que vem eu benzo. Agora aquela que vem aqui hoje de manhã eu benzo de ar, com uma garrafa e um pano na cabeça, e faço o benzimento do ar.	lembro. Digo minha mãe me deixou uma coisa boa né. Eu fico feliz quando vem criança bem ruinzinha benze, e melhora, daí no outro dia vem e diz assim, meu Deus como ela dormiu bem, ela melhorou, daí eu fico feliz né. Ajudei <i>P:</i> Como a senhora realiza? Como a senhora chama para benze das bichas? Quem vem os pais trazem as crianças? <i>R:</i> Eles trazem daí eu benzo, ali na pia, pego um prato com agua. <i>P:</i> A senhora usa o prato a agua e a linha para benzer? <i>R:</i> é. <i>P:</i> A senhora recebe para benzer cobra para benzer? <i>R:</i> Eu não! Não quero nada. Tem uns que cobra, para fazer remédio pra amarelão tem quem cobra. Eu se eu sei fazer algum remédio eu ensino eu faço e dou. Benzo de todo lugar, não tem distância, porque Deus está em todo lugar, se você benzer com fé, e eles tem fé onde tão, eu acho que é a mesma coisa, não precisa estar presente, só com o nome né. Pior que vai um tempo que não vai existir mais. Que nem eu, as minhas meninas, não adianta querer ensinar, elas não querem aprender <i>R:</i> Eu pensaria, alguém tinha que pegar gente nova né. Porque é uma coisa que você só faz o bem para essa pessoa né. Agora eu não acredito que tem gente que ... nossa senhora, mexe com bruxaria, essas coisas, eu não acredito e não quero nem saber também.	benzer” benzi o piazinho, saiu faceiro. Que eu benzo com a linha na agua né para ver. Daí tu faz a oração, pronto. Ele tomou um golinho de agua saiu feliz da vida. Hoje disse que vinha até agora não apareceu. Me sinto muito feliz quando uma pessoa vem aqui, que nem ontem de manhã chegar, tu ver uma criança chegar do jeito que chegou. Até o meu neto esse que está estudando para pastor, esse que sofreu o acidente, tava sentado aqui, que foi tirar os ponto, quando chegou, daí ele disse “que felicidade né vô, é uma benção. Olha o piazinho chegou, quando saiu, renovado disse tchau tia, tudo de bom” saiu feliz da vida o piazinho, e chegou caído que dava dó. Porque os vermes deixam a criança lá em baixo. Porque tava com febre levaram no materno não adiantou nada. Daí ontem de manhã ela veio aqui. Saiu com o piazinho faceira. Diz que não adiantou nada. <i>R:</i> Mas que nem eu, é adulto, é tudo. Ai eu depois assim eu tenho toda a companhia do mundo, porque esses dias veio uma senhora aqui que saiu do hospital, na época que o meu neto estava no hospital e se encontraram com meu genro, e o médico deu alta, daí o meu genro chegou em casa e disse assim “Sogra é meio tarde, mas eu estou ligando pra senhora, me passa uma oração pra fulano de tal porque ela deu alta do hospital e a filha dela levou ela agarrada com um cara que não tinha condição de caminhar”, estava cheia de amarelão, e deu pneumonia, meu Deus do Céu. Todo mundo diz que reza para mim não morrer tão cedo. <i>P:</i> Benzedeira tem que passar para alguém né? <i>R:</i> Teve uma menina que agora faz tempo que ela não vem mais aqui, só que eu não posso passar para qualquer pessoa. Ele tem que ter uma idade, tem que ter consciência do que ele vai fazer, porque tem gente que acha que benzer
Como aprendeu?	<i>P:</i> E como que a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Eu aprendi com as outras benzedeiiras velha que tinha. Tinha uma velinha que ia lá em casa no tempo da finada mãe, sempre ela ia posar lá em casa. Ela morava para cima da sede e descia lá posar. Daí nós ficava, as três irmãs, nós ficávamos até a madrugada com aquela velinha perto do fogo de chão. E ela ensinando nós a rezar, oração assim e benzimento e coisa, e foi como eu aprendi. Mas depois eu não contava que eu benzia, ficava bem quieta, tinha vergonha de benzer. Depois viemos morar aqui, eu tinha outra cozinha, tinha o neto dela, não sei se você conheceu, [confidencial] nós compramos o terreno dela, o outro terreno aquele de lá [apontando] e ela ficou morando ali no porão da casa que tinha. Daí eu sabia benzer, mas eu não contava né [risos] daí um dia o pia se arruinou, se rolava na cama de dor. Daí me chamaram, fui lá e tive que benzer. E a velha era um rato, no outro dia ela já saiu contar [risos], alarmou que eu era benzedeira. Meu Deus, daí vinham benzer as crianças, queriam saber, pensavam que eu adivinhava o que era que tinham. Digo “eu vou aprender a adivinhar, mas por enquanto eu não adivinho ainda”. <i>P:</i> Quanto tempo faz isso? <i>R:</i> Faz, logo que nós viemos para cá. <i>P:</i> A senhora veio para cá já sabendo benzer? <i>R:</i> Sabia, mas eu não contava. Era escondido. Primeira vez que benzi foi aqui. Daí sabia também umas palavras de benzimento de mordida de aranha. Daí a velinha que morava ali no porão, um dia diz que uma aranha mordeu no dedo dela. Diz que não dormiu de noite de dor naquele dedo, que caminhava na perna dela. Daí veio ali pra mim benzer, eu não sabia, sabia umas palavra, mas eu fiquei com dó dela, e digo “mas eu vou fazer umas oração e fazer que benzi” [risos], e fiz, pois não é que ela foi pra casa e dormiu, quando foi de meio dia de tarde ela veio de lá do porão dela e tinha mais gente aqui, e eu digo, “pergunte pra ela se melhorou o dedo dela”, e ela chegou já pediram disse “mas essa mulher aí me benzeu, foi o mesmo que tirar com a mão”, [risos] já fiquei benzedeira, daí comecei a benzer de quebrante, as criança de bicha assim, costuro, machucado, benzo de ar. Essas coisa aí, tudo meio por cima né, não é que seja mesmo benzedeira ou curandeira essas coisas não. <i>P:</i> A senhora acha que é um dom? <i>R:</i> De certo é, porque como que eu aprendi meio que sem estudo sem nada né, e aprendi fácil muita cura aí, que nem benze de costurar esses machucados, dor nas costa e dor nos braços. <i>P:</i> A sua mãe sabia benzer? <i>R:</i> Minha mãe não. <i>P:</i> E ela chegou a saber que a senhora benzia ou não? <i>R:</i> Mas eu acho que até ela não soube, porque depois ela andava muito doente, teve um pouco aqui em casa depois que nós viemos para cá. Mas ela era muito simples assim, não ligava para essas coisas né. <i>P:</i> E como a senhora aprendeu com essa mulher? Ela contou como se benze ou a senhora escutava ela benzer? <i>R:</i> Não, ela contou, ela ensinava nós as orações, daí como fazia para benzer. E esse de benzer com o rosário até aprendi com outro rapaz. Ele morou lá em casa, ele era criado de uma outra benzedeira também. E daí ele sabia costurar e benzer com o rosário. E para costurar ele era diferente, porque aquele era de admirar. Se você tinha um machucado no braço, vinha para ele costurar, ele enchia um copo d’água quente e colocava numa bacia de bruços o copo, virava a agua ali e deixava. Daí tu colocava a mão em cima, a mão cima do copo, e fazia o benzimento. Se era machucado, chupava aquela agua para dentro do copo, esse eu não aprendi.	<i>P:</i> Como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> A mãe benzeu toda a vida e o pai [também]. Quando vieram de Carazinho, morar aqui quando Chapecó tinha 38 casas. Não, 58 casas, eles vieram. Daí a mãe e o pai começaram a benzer, fazer remédio, e seguiram né a vida, ali tiravam para comer, tiravam pra ... [beber]. Daí faleceu o pai, daí faleceu a mãe. E Cada vez ficava um filho ou uma filha no lugar da mãe que benzia né. Daí a última que ficou foi eu, daí eu comecei. <i>R:</i> Sim. Morreu a mãe, ficou a Carmem, que era minha irmã, depois ela faleceu, aí eu peguei o lugar dela. Que a mãe dizia que sempre tem que ficar uma no lugar. Para benzer de quebrante ela dizia, coisas levianas né, daí foi indo.	<i>R:</i> Esse trabalho aqui, a mãe me dizia assim que eu tinha um dom de nascimento. Só explicar para vocês, um dom de nascimento. Como é que foi, eu nasci na cabeça, assim, eu nasci uma bola. Encapada a mãe dizia, nasceu aquele bucho lá. E para mim saí de lá, rasgaram aquela pele que nem fosse um bucho de porco. Então a pessoa que nasce assim ela traz, ela traz um dom. Eu dizia para mim é para mim sofrer porque até aquela época eu só sofria. E daí depois daí eu fui num centro e eles me botavam na gira. O que é uma gira: aqui estão os chefes. Bota o povo que canta o ponto e a pessoa vai girando até que recebe a [gaguejos] entidade. Mas aqui eu estou sozinha. Não faço mais aquilo. Eu dou benzimento, os passes, trabalhos. <i>P:</i> Como a senhora aprendeu os benzimentos, que a senhora já conversou. <i>R:</i> Esses benzimentos, pegando um pouco aqui um pouco ali porque se eu vou ser franca. Onde a gente estava desenvolvendo o nosso espiritual, ninguém ensina. Através de livros de benzimentos que eu enxergava fora, e fui pegando, então, um pouco da intuição da pessoa e fui aprendendo os benzimentos. <i>P:</i> Então não teve uma pessoa específica que ensinou a senhora? A senhora foi pegando <i>R:</i> Eu fui desenvolvendo num centro espírita a minha espiritualidade que era com a Cabocla Jurema que também ela benze. Então os benzimentos ela me passou e depois faz assim ou faz assado um que outro ensinou. E eu também pesquisei muito em livros. Se você vai pegar os livros dos pretos velhos você vai achar muito benzimento, muito benzimento. Faça você mesmo a sua macumbinha também tem um monte de benzimento pra criança pra assim de tudo.	<i>P:</i> Há quanto tempo a senhora aprendeu a benzer das bichas? [Pausa longa] A senhora tinha quantos anos, assim, quando aprendeu a benzer das bichas? <i>R:</i> Eu já era casada né, [olha para o marido] já tinha Lucimara, 43 anos <i>P:</i> Com 43 anos a senhora [aprendeu a] benze? Nossa. <i>R:</i> Eu não gosto de falar muito né, daí as meninas disse: “A mãe vai virar benzedeira” [dá ênfase como se fosse deboche] mas eu gosto de benzer as crianças né. Coitadinha não tem culpa <i>P:</i> Isso aí elas não têm culpa do que tem. [Acabamos falando junto] <i>R:</i> É uma coisa justa né. Se tu levar num médico, para bicha não faz nada. <i>P:</i> Tem que se cuidar E como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Com a minha mãe. E ela aprendeu sabe porque eu perdi um irmão das bichas. Naquela época era tudo mato, médico era longe.	<i>P:</i> Como a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Olha. Eu aprendi de várias pessoas. Um que fazia visita para o meu pai era um senhor de idade, ele não é nada nosso. Mas ele, cada vez que ele vinha tinha aqueles portões de vara que eu tinha que abrir para o velhinho. E a gente, eu chamava ele de vô né. Daí eu dizia: “daí vô, como é que está hoje?” Ele dizia “uma hora eu estou bom, uma hora não estou, outra hora melhora, outra hora piora” [risos]. Ele era muito divertido, daí lá ele já disse para mim. O velhinho benzia né, mas eu não sabia de nada, eu era uma menina pequena. Daí ele já dizia para mim “você tem um dom de Deus”. Daí eu fui pegando um pouco aqui, um pouco ali. E depois quando tive meus filhos já teve problema que daí eu aprendi com eles também. Porque era uma senhora de idade que fazia os benzimentos, daí a gente ia lá. De lá eu fui aprendendo, um pouco aqui ou ali. Não foi só de uma pessoa. <i>P:</i> Sua mãe não benzia? <i>R:</i> Minha mãe também benzia. Alguns, minha mãe me ensinou. Minha mãe faleceu... Domingo passado fez sétimo dia. Morreu agora, ia fazer 92.
Prática de outrora	<i>P:</i> E como era o trabalho de benzer quando a senhora veio para cá? Vinha bastante gente? <i>R:</i> Vinha. Tinha uns tempos que meio vinha gente se benzer e benzer as crianças. Mas só que alguns vinham e queriam que eu soubesse o que que era que tinham. Vinha com dor de cabeça vinham benzer e “o que que era eu tinha na cabeça” e eu digo, “mas não sei”	<i>P:</i> E como era benzer? Quando sua irmã morreu e a senhora aprendeu? Foi a quantos anos atrás que a senhora aprendeu a benzer? <i>R:</i> Eu aprendi desde criança, via a mãe benzer e já fui decorando, e já fui aprendendo aos poucos como né. Daí quando a mãe faleceu eu já sabia tudo	<i>R:</i> Como eles me receberam? Eu acho que eu estou bem recebida sabe por que? Faz 24 anos que eu estou aqui e cinco vezes eles me botaram no conselho da igreja. Tem aquele que fica assim [cara feia]. Tem aqueles que se eu leio uma leitura lá na frente, cutuca o outro, mas nem sabem que quando a gente morre, a gente não morre e terra. A gente não morre capital. A gente morre e fica	<i>P:</i> E como era benzer quando a senhora aprendeu a benzer das bichas? Tinha muita gente que procurava a senhora? Muitas crianças? <i>R:</i> Lá onde eu morei sempre tinha as crianças né. Quando descobriu que eu benzia para benzer das bichas né. Sempre traziam uns com vomito, febre. Eu dizia olha eu vou benzer. Mas eu não sei se é só as bichas, porque pode ser que tinha umas coisas a mais.	<i>P:</i> Como que era benzer? A senhora aprendeu a benzer com quantos anos? <i>R:</i> Assim de aprender oração e tudo acho que eu tinha uns 7, 8 anos. <i>P:</i> E quando a senhora começou a benzer para hoje tem alguma diferença? Como que era naquela época benzer <i>R:</i> Naquela época era bem mais... digo assim, era diferente de hoje. Porque assim, saber qual pessoa benzia, mas aquela vez um ou outro saíba, que eu

	<i>P:</i> E antigamente a senhora só benzia, ou trabalhava também? <i>R:</i> Em casa toda a vida trabalhei, na roça era na roça direto. <i>P:</i> E antigamente vinham mais que hoje? <i>P:</i> Vinham, hoje não sei se tem menos gente ou não sei, mas de vez em quando vem algum se benzer. E tem muita gente que gosta de evangélicos e tem os que querem só médico, porque muita gente não acredita em nada. Mas tem gente que vai no médico e vem se benzer. Mordida de aranha, já teve gente que estava no médico e daí vim aqui para mim benzer a roupa que está lá ruim, quando foi no outro dia vieram aqui para mim ir lá no hospital. Diz que numa manhã iam vir me buscar para benzer lá, que já tinha melhorado a doente da mordida no pé. Daí fiquei de ir, quando foi de meio-dia estava esperando para me levar lá. Daí chegaram com a doente já aqui para mim benzer que já estava melhor e tinha trazido de lá. Tinha feito uma ferida na junta do pé dela, e ali escorria uma agua amarela, que aquilo ali que Deus me livre, não fechava aquela coisa. Daí de certo sarou, porque foram para casa e não vieram mais. <i>P:</i> E antigamente como era com os seus vizinhos aqui? Era tranquilo? <i>R:</i> Pois eu acho que sobre oração era mais, porque logo que nós viemos para cá, nós fazíamos os grupos de oração, mas olha vinha homem, mulher, criança e tudo que era sempre bastante gente. Agora nem adianta fazer, porque se faz, convida, vem uma vez, quando vai fazer outra vez tem que ir buscar senão não vem.	<i>P:</i> A senhora assumiu quando? Faz tempo que benze? <i>R:</i> Faz tempo. Uns 30 anos né, mais de 30 anos. [Filha ao fundo: “Faz 40 anos mãe, eu era menina a senhora benzia, e eu estou com 56 anos”] <i>R:</i> Faz tempo né. A gente vai esquecendo. <i>P:</i> As pessoas que vinham benzer eram mais de outros lugares? É diferente das de hoje? Hoje as pessoas que vem eram mais daqui? E antigamente logo que a senhora começou a benzer eram mais de outros lugares? <i>R:</i> Igual. Um conta para o outro e o outro vem, daí eu faço remédio e fica bom, o outro já vem pegar um litro. Benzo para o amarelão também e assim vai. <i>P:</i> E como que era antigamente? A senhora gostava de fazer isso que a senhora faz antigamente? <i>R:</i> Quando a mãe benzia eu não tinha vontade. Mas a mãe sempre dizia “olha, aprendam que eu estou ficando velha, eu vou embora eu preciso que alguém pegue o benzimento” e eu falei “mãe eu já sei, eu escuto o que a senhora fala” já estava fraquinha né. E depois ela faleceu e parecia que eu já estava benzendo quando a mãe faleceu [Filha ao fundo: “já mãe, há tempos. Tinha a outra a Carmem, que elas eram em duas irmãs que moravam no Passo dos Fortes. A tinha Carmem faleceu que benzia também, daí ficou só a mãe”] <i>R:</i> E agora quando eu ir embora fica o meu filho ali.	espírito. Se isso aqui é espiritual no outro lado também. Eles não sabem. Então que não conhecem o espiritualismo, quando o por outro lado se assusta porque não é aquilo que eles querem. Eles querem ver Jesus querem ver Deus. E são poucas as pessoas que veem Deus e Jesus. Você vai numa colônia de paz, que te instrui, que faz as coisas. Então eles vão dizer, mas eu queria morrer não desencarnar. Eu queria morrer de não enxergar nada. Mas lá enxerga tudo mais do que nós, porque se temo um cego lá ele vai enxergar. Então essas pessoas que não acredita no espiritualismo nos benzimentos e assim lá eles vão se rachar <i>P:</i> Quando a senhora começou a fazer os benzimentos aqui a senhora também foi bem recebida? <i>R:</i> Sim, mas é assim, eu não boto o dedo no fogo para nenhum aqui da comunidade. Porque quem não é visto não é lembrado, portanto se eles não vêm aqui o lugar que eles vão lá fora e vão naquela boca braba. Segunda linha. Exu. <i>P:</i> A senhora acha que antigamente teve algum problema pela atividade que a senhora desenvolveu aqui? Preconceito? <i>R:</i> Além de eu ser bem recebida aqui tem aqueles que né “aquela ali é bruxa”	<i>P:</i> E assim, por exemplo, do jeito que a senhora benzia antigamente, há uns 20, 30,40 anos atrás, mudou o jeito que a senhora benze? <i>R:</i> Não. É sempre o mesmo jeito	aqui, depois que eu estou morando aqui. Se eu te dizer que não veio ninguém aqui hoje eu minto. Todo dia eu tenho. Às vezes 15 para meio dia, 10 para meio dia. Eu não gostaria desse horário né, porque eu sou sozinha também, sou só eu e o meu esposo, tem que fazer almoço. E chegam 15 para meio dia e daí eu fico quieta, que vai fazer o que né. Nem que coma atrasado, ninguém trabalha, a gente trabalha né, mas não fora, não cumpre horário, tudo bem. A hora que chegar eu benzo. <i>P:</i> E como que era antigamente? Como que a comunidade reagia antigamente? <i>R:</i> Antigamente eu acho que era melhor que hoje. Na verdade. Porque não tinha essa ...[dificuldade em se expressar] os meus filhos são evangélicos, não vou esconder para você. Eu tenho uma filha aqui que é evangélica, tem o meu bisneto, que sofreu o acidente ficou 19 dias na UTI, ficou entre a minha morte. Eu disse, “mas ele vai voltar porque ele ainda tem muita coisa para fazer aqui” que ele está estudando para pastor. Eu tenho uma neta que é pastora e o neto é pastor também.
Pratica de Ora	<i>P:</i> E a senhora acha que mudou muito o mundo depois, nos últimos anos? Em que a mudança foi maior? <i>R:</i> Mas eu acho que muita coisa. Sobre religião, sobre o respeito as famílias, a juventude mudou muito. Está tudo muito diferente. Porque veja quando nós se criemos era tudo com muito respeito. A juventude pelos idosos, tinha mais respeito, respeitavam, diziam adeus e consideravam. E hoje não. Hoje as vezes agora, se estão meio sozinhos tudo bem, mas se tiver no meio dos amigos, os velhos e idosos assim, já passam por cima. <i>P:</i> E o modo da senhora benzer quando veio para cá, para hoje mudou? Tem diferença ou a senhora ainda benze do mesmo jeito? <i>R:</i> Como comecei, estou terminando, do mesmo jeito. Não mudou nada. As vezes aprendo alguma outra oraçãozinha. <i>P:</i> Aprende com quem? <i>R:</i> Aprendo na televisão, que eu rezo muito, nos livrinhos, que eu tenho uma carreira lá em cima que nem sei quantos. [Risos] <i>P:</i> Livrinho de oração? <i>R:</i> Sim. <i>P:</i> E vem muita gente? Hoje, a senhora falou, que vem menos gente do que antigamente se benzer. <i>R:</i> Agora vem menos. <i>P:</i> Não dá para dizer por dia uma média assim? Um por dia ou menos? <i>R:</i> Às vezes vem um, dois, três por dia, mas também tem dias que não vem ninguém. [Mulher que estava saindo: Os moradores uns foram embora, daí os que vieram não sabem] <i>P:</i> A senhora não benze todo dia? <i>R:</i> Se vim eu benzo todo dia. Até no domingo eu benzo. A doença não escolhe hora para chegar. Temos que acolher <i>P:</i> E a senhora acha que tem muito pouca curandeira, muito pouca benzedeira hoje? <i>R:</i> eu acho que está pouco, aqui, por aqui está pouco. Tem bastante adivinhador, esses que sabem as coisas, adivinham e falam cinquenta coisa, mas é diferente <i>P:</i> E lá na cachoeira tem algum benzedor lá também? <i>R:</i> Tem. Lá tinha mais, agora nem sei como está. Ontem nós fomos lá eu não conheci quase ninguém lá na Igreja. Do nosso tempo morreram quase tudo, e os que não morreram se mudou.	<i>P:</i> E como que é hoje para a senhora benzer? Vêm muita gente aqui? <i>R:</i> Agora está vindo bastantinho, está vindo bastante. Mas eu estou querendo parar de benzer, já estou cansada. <i>P:</i> Que época que vem mais? Início de ano, final de ano? <i>R:</i> Sempre igual. <i>P:</i> Por média, se fosse dizer mais ou menos quantos por dia? <i>R:</i> Por dia, as vezes vem 5, as vezes vem 4 as vezes vem 8, 9, até 10 vem. Até 20 as vezes, vem uns pega remédio, e outros levar remédio, daquele jeito vai o dia inteiro. <i>P:</i> E vem mais gente hoje ou mais gente antigamente quando a senhora começou? <i>R:</i> Antigamente mais pouco, agora está vindo cada vez mais toma meus chás. <i>P:</i> E a senhora acha que é porque aumentou a fé? Ou o serviço de Hospital e atendimento à saúde piorou? <i>R:</i> Hospital faz mal, tratam mal as pessoas, então dão um remédio, logo melhorou, melhorou, se não melhorou quer morrer, morre nem tão. E a gente em casa cuida, trata com jeito, experimenta, tudo isso a gente faz. <i>R:</i> Não. As orações que eu fazia eu tenho elas tudo comigo que eu aprendi com a mãe, do jeito que ela benzia eu benzo, tudo de cor. <i>P:</i> E os remédios mudou? A senhora dá mais remédio hoje? <i>R:</i> Dou mais remédio hoje. E elas tomam um litro de remédio que eu faço assim, e “ai vô eu melhorei bem, estou boa, estou boa”, proseiam, dão risada e vão embora. <i>P:</i> Como que tem tanta gente que circula aqui? Esse homem que trouxe. <i>R:</i> Esse era meu vizinho que trouxe, eles trazem as coisas pra mim, que eu faço muito remédio, e ele tá construindo ali.	<i>P:</i> Acha que hoje é o preconceito está mais ou menos? <i>R:</i> Hoje eu não... [bate as mãos] não dou bola. Piso na minha linha. Eles que pisam na linha deles e olha eu como bebo e durmo e deixo os outros se estressarem <i>P:</i> Com o sistema público assim com os médicos com os enfermeiros aqui da região? Se dá bem? <i>R:</i> Não conheço ainda a médica, que vou pouco, mas as enfermeiras dou bem. <i>P:</i> A senhora mudou o modo que a senhora benze? De antigamente para hoje? <i>R:</i> Assim que eu mudei. Mudei o nome dos Santos, por exemplo, os Orixás eu benzo e quando dou passe eu digo para os meus santos aqui, Oxalá, Iemanjá, Umbu Oxóssi, Iansã, Xangô, Exu. Ai quando que eu que faço esses benzimentos por exemplo eu vi a numerologia de vocês né, e esta é a numerologia então eu digo para você.; os dois são filhos de Ogum guerreiro, e a sua mãe é Iemanjá, seus padrinhos é Oxóssi e Iansã. Ai o que é que o povo me pede? Mas você disse que ia me dar o nome dos meus santos pessoais. Então eu tinha que passar o nome dos orixás da Umbanda africana no sincretismo religioso. Ai para não dizer as duas coisas, te explico aqui depois tenho que explicar ali, o que eu fiz? Você é filho de São Jorge, de Iemanjá, você é filho de São Jerônimo e de Nossa Senhora Aparecida, você tem os padrinhos que é Jesus Nazareno e Santa Bárbara. Então eu mudei, mudei o nome dos orixás da linha africana pela nossa, pelo sincretismo Religioso, aí ficou mais fácil para as pessoas entender. <i>R:</i> Tem dias que vêm dez, doze. Tem dias que vem menos. Tem dias que vem uma, duas, só. Mas eu trabalho de segunda terça quarta quinta e sexta. [Falamos juntos] Essa semana vieram sim, mas essa semana foi quebrada, porque eu saí na segunda, tive que sair na sexta, quinta era feriado, e assim ontem de noite chegou a mãe e a filha daí eu vi o amarelão, via “o que ela tem” “tem ansiedade” daí eu vi o amarelão e disse “você tem ansiedade, aperto, agonia, tristeza, nervoso, estufa e estomago, tem canseira, tem soneira e tem vontade de comer, mas quando vê aquela comida, não é aquela e tu nunca vai achar a comida que tu queres. Então [falei para] as duas juntas, amarelão dá tudo isso aí. A mãe dela deu uma risada e disse “vitória ela te virou do avesso, é tudo isso que tu tens”. E daí esse trabalho é segurança geral espiritual que se retira desde a linha do cemitério, que é terra de cemitério, de defunto, vestimenta de defunto, coroa de flores no cemitério, linha das maldições, linha dos inimigos, linha dos dois espíritos, linha do fracasso. Todas as linhas de bruxaria e feitiçaria a gente tira aqui. Um trabalho de desmanche.	<i>P:</i> A senhora acha que tem mais gente que vem benzer hoje ou antigamente? [Marido ao fundo “vem bastante”] <i>R:</i> aqui vem bastante. Tem semana que [marido tenta falar no lugar dela] a semana inteira que eles vêm benzer [marido ao fundo continua falando] e tem semana que não vem ninguém. [Marido ao fundo] <i>P:</i> Por dia ou por semana quando as pessoas que vêm aqui na senhora. [Marido ao fundo: “agora meio parou”] <i>R:</i> Agora está parado, faz dias que eu não benzo mais. A última foi a menina lá em cima. Ela estava com desmaio e.... a reveria, vinha espuma. Levava no médico não achavam nada, fazia exame não achava nada. Daí ela levou por tudo diz para benze, mas eu não sei por onde. [Pausa]. Daí me deu dó dela. Eu gostaria de achar mais uma que benzesse para experimentar de novo e eu disse para ela eu benzo das bichas, quer que eu benzo a menina benzo. Nunca mais deu desmaio na menina. Sarou. [Marido ao fundo fala]. Outro dia ela passou por aqui esses dias e falou que ia trazer para benze ela mais umas vezes. Só que daí eu fiz minha cirurgia né, e a gente fica fraco né. E a minha filha disse agora a senhora não vai mais benzer das bichas.	<i>P:</i> Quantas pessoas vêm por dia aqui? <i>R:</i> Olha, mas eu não posso te dizer a quantia, porque tem dia que o meu pia que mora ali perto da estrada também dizia “mãe todas essas pessoas vieram lá hoje?” “Sim, todas aquelas pessoas”. É como vai chegando eu já vou despachando, se quiser ficar aqui para tomar chimarrão tudo bem senão. Mas eu não faço ideia de te dizer o montante. Porque no inverno é menor, mas no verão... <i>P:</i> Por cima assim, vêm umas dez pessoas por dia? Mais? <i>R:</i> Mais ou menos, tem vezes que até mais. <i>P:</i> Vem muita gente de fora? <i>R:</i> Vem. Não só daqui ao redor, de longe. Vem lá da Efapi, do Rio dos índios, lá pra Nonoai, vem de Xaxim, vêm de Coronel Freitas. Já tenho amigos de tudo quanto é cantinho
Curandeira ou Benzedeira	<i>P:</i> E a senhora se considera uma curandeira ou uma benzedeira? <i>R:</i> Pois eu acho que nem sei se eu sou benzedeira, o que eu sou, sei que eu benzo um pouco, não que eu seja benzedeira. Nem curandeira eu não sou. O que eu posso fazer eu faço	<i>P:</i> A senhora se considera benzedeira ou curandeira? <i>R:</i> Eu sou benzedeira, mas sou curandeira também, porque faço remédio também. Três painéis desse tamanho, dessa altura, ali eu fervo os chás e vendo, pra amarelão despacho muito, então amarelão é mais.	<i>P:</i> Mas a senhora se considera benzedeira ou curandeira? Como se considera? <i>R:</i> Eu me considero tudo. [Risos]. Porque eu benzo... dor de ouvido, dor de garganta, hemorroida, reumatismo, cobreiro, o que vier na frente, eu estou benzendo. Benzedeira, curandeira, me chamam até a senhora é a benzedeira? É a curandeira? Sou tudo.	<i>P:</i> Tem gente que a gente conversou que umas dizem que elas são benzedeira outras dizem que são curandeiras. A senhora é o que? <i>R:</i> Não. Eu acho que eu sou [pausa pensando] benzedeira não sou, e nem gosta de ser [risos] eu acho que eu benzo das bichas é isso né.	<i>R:</i> Me chamam de benzedeira. Como que tem alguém que eu fiquei muito sentida saber, porque eu nunca pensei em fazer mal para nenhum bicho, então quem dirá de uma pessoa. Ela é evangélica, mas ela diz que eu sou feiteira
Por que Mora Neste lugar hoje	<i>P:</i> Por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Porque viemos para cá, porque lá na colônia estava muito ruim né, não dava bem certo os mantimentos, e depois deu uma encrenca com o meu irmão lá por causa da água. Daí nós saímos e perdemos a encrenca, perdemos a demanda, daí saímos de lá.	Não Perguntamos	<i>P:</i> Porque a senhora está morando neste lugar hoje? <i>R:</i> Nós saímos daqui em 66 quando nos casamos. E fomos morar em Palma Sola onde ele morava. Ficamos 15 anos lá. 15 anos em Xaxim e 24 anos já fazem aqui, e 53 anos agora em julho que nos casamos. Em 91 eu estava no centro e 94 e 95 eu vim para cá então já benzia Lá eu já tinha aprendido tudo e daí quando eu vim para cá meu irmão disse, ele tinha uma estufa de tomates e verduras “Maria então quando tu vens aqui, tu vais ajudar, veja que tu podes fazer”. Então eu benzia os tomateiros benzia as verduras de olho grande inveja. E esse trabalho aqui para desmanchar tudo que está feito em cima da pessoa além dos benzimentos eu passo faço um passe que seria uma benção na proteção e uma descarga de espaço espiritual. E faço esse trabalho para desmanchar as demandas, bruxarias, feitiçaria, tudo. Daí é desmanchado	<i>R:</i> Por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Porque ... eu tenho só duas filhas né, daí vieram as duas pra Chapecó para trabalhar e estudar, nós morávamos em Maravilha, daí elas casaram com um rapaz daqui de Chapecó, daí nós viemos embora para cá também. Daí compramos aqui e moramos aqui. Já faz 23 anos né [marido ao fundo interrompe tentando responder por ela] nós trabalhávamos lá numa granja de porco. [Marido ao fundo tenta falar]. Daí compramos aqui porque as meninas já estavam morando daí. Então a gente já tem só duas filhas né, daí viemos para cá também.	<i>P:</i> Por que a senhora mora aqui? <i>R:</i> Porque a gente trabalhou em vários lugares. Nós fizemos mudanças e mais mudanças que quebramos tudo que tinha [risos] daí trabalhamos sete anos, só comprava roupa para as crianças para ir na aula e nós ficava sem. Para ter o dinheiro né. Daí o dia que surgiu essa chácara aqui nós compramos. <i>P:</i> A senhora morava onde antes? <i>R:</i> Naquele tempo nós se mudemos para cá, nós morávamos na cidade. Mas nós moremos em Guatambu, rodemos. Até parar aqui, compramos essa chácara e ficamos aqui. <i>P:</i> Há quanto tempo a senhora mora aqui? <i>R:</i> 39 anos eu acho que é
Lugar mudou?	<i>P:</i> E aqui, nesse lugar aqui exatamente, vocês moram aqui desde que vieram para Chapecó? <i>R:</i> Desde que viemos pra Chapecó <i>P:</i> E aqui tinha muita casa? Como que era? <i>R:</i> Aqui era matão. Para cima era só mato, só mato. <i>P:</i> E ruas assim, tinham? <i>R:</i> Uns carreiros só. <i>P:</i> Umas picadas?	<i>P:</i> E como era a cidade quando a senhora começou a benzer? Há uns 40 anos? <i>R:</i> Era a mãe que benzia, e tinha poucas casas aqui, ali, tudo mato, estrada de chão. [Filha: “não tinha estrada mãe, era só um carrerinho, com 3, 4 casas”] <i>R:</i> E, depois que o velho Sartori, o dono desses terrenos faleceu, antes dele falecer daí nós compramos aqui, e os vizinhos aqui de	<i>P:</i> E o lugar que a senhora mora mudou? A comunidade? O que a senhora vê? <i>R:</i> Mudou, as estão mais em paz, em paz porque quando elas vêm aqui vai a paz junto. Chegou semana passada uma senhora se queixando da nora, que tratava ela que nem fosse uma urutu né. Vim aqui, botei o filho dela, a nora dela, ela, o esposo dela fiz um ritual. E pedi para Nossa Senhora Aparecida. As três Nossa Senhora Aparecida, que desse a paz, que elas cobrissem essa	<i>P:</i> Certo. E quando a senhora veio morar para cá era? Falou que veio aqui mesmo? Nesse terreno? Como era aqui ao redor? Tinha muita casa era mato como era? [Marido ao fundo: “não era tão mato assim”] <i>R:</i> Era bastante casa até que as casas que tem hoje. Modificou ali na frente ali [apontando], aquela elétrica ali. A vizinha aqui era uma casinha simples agora tem uma casa. <i>P:</i> E que vocês aqui, olha para o bairro que eu vejo aqui é de movimento né	<i>P:</i> E como era aqui no Bormann quando a senhora veio morar para cá? <i>R:</i> Era muita pobreza. Não sei por qual área vocês vieram? [Conversa sobre como chegamos] <i>P:</i> Como era o Bormann quando a senhora veio? <i>R:</i> Era aqui, era tudo aqui assim não era tanto, mas o que vinha da cooperativa, da alfa, na rua da [cooperativa] Alfa, vinha aquele azeite, a gente comprava aqueles azeites de lata, tinha casa construída de barro e aquelas latinhas, da cooperativa para cá a maioria das casas era tudo feita

	<i>P</i>: E vocês continuaram plantando quando vieram para cá? <i>R</i>: Plantando? O João Maria plantava, naquela terra do Zeca. [Marido: “Eu trabalhei dezesseis anos na prefeitura, nas folgas assim eu plantava”] <i>R</i>: Aqui [apontando], nessa quadra aqui ele plantou a quadra inteira até lá em cima de mandioca. Fora os outros lugares que tinham, essa aqui para baixo [apontando], aqui nessa chácara ele chegou a colher oito bolsas de milho. Ali nessas terras ali. Depois ali naquela outra do Santin ali, tiramos por duas vezes tiramos duas bolsas de feijão. <i>P</i>: E o lugar aqui para a senhora, acha que mudou desde quando veio para cá? <i>R</i>: Mudou, porque agora está cheio de casa aqui por tudo, a rua que fizeram, o asfalto. <i>P</i>: Que barulhenta essa rua <i>R</i>: Barulhenta que Deus me livre, hoje está quieto, mas essas horas assim, é de passar um caminhão um no rabo do outro, e moto e carro e tudo, desde madrugada já começam a desandar lá de cima [apontando para o abatedouro]. Mas aqui era uma rua cheia de barro. Que aqui tinha tempo que atolava carro que ficava uma semana atolado.	cima compraram, daí foi. <i>P</i>: A senhora falou antes que aqui era tudo mato, e hoje o que mudou para a senhora? <i>R</i>: Chapecó, quando eu vim tinha 58 casas, a avenida era como essa minha rua aqui. Agora do jeito que está Chapecó está lá em Guatambu, tem o meu irmão que mora lá, emendou tudo né, Chapecó, emendou com Xaxim <i>R</i>: Ali no Rodeio Chato morava meu sogro. Tinha uma meia dúzia de casa só, hoje em dia é cheio, emendou de prédio, cada apartamento lá em cima. Eu fico boba, esses dias fui no meu irmão lá em Guatambu ver os apartamentos que tem digo quem tem coragem de morar lá, eu nem que me dê de presente, pior que galinha empoleirada, altura dá de 10, 15 metros de altura os apartamentos agora, quem vai morar lá?	família, com o manto sagrado e divino de paz, do amor, de luz, de fé de união, de entendimento, de paz no espírito, de amor no coração, de felicidade de viver, de calma, paciência, carinho, perdão. Botei lá, tão lá [apontando para um sapo de porcelana]. Ontem ela veio com o netinho Bernardo, porque ele acorda aos gritos. Daí eu benzi ele de inveja, quebranto mau-olhado, e tal e tal. Benzo daí com o São Jorge, benzo com Cosme e Damião que é os patronos das crianças. E rezo a oração da estrela do céu. Da estrela do céu a gente acalma as crianças acalma o temporal acalma tudo. Benzi e [ela] disse “Maria foi uma benção, está mansinha, tá aqui nas minhas perna” e eu disse “não deixa isso esfriar porque quem vai sofrer é o teu filho”.	porque por exemplo pega aqui tudo vai lá por um lado e por outro passa por aqui <i>R</i>: Bem bom de morar aqui eu gosto	de latinha, só para quem... quando nós viemos para cá a primeira vez a gente viu, eu disse “meu Deus do céu, aqui sim é pobre” Agora tá tudo mudado, surgiu esse bairro novo aqui, daí tem as casinha lá em cima, mudou tudo. A maioria das pessoas que estavam em más condições eles fizeram as casinhas e foram tudo para lá né, ganharam de móveis para cima, tudo.
Chás	<i>P</i>: E a senhora planta chá também aqui para a senhora tomar? <i>R</i>: Para nós eu planto, as vezes algum. <i>P</i>: Mas vender, não vende? <i>R</i>: Não [Mulher que estava assistindo ao fundo: “Eles doam, eu ganhei tanta mandioca deles”, risos] <i>P</i>: Ensina remédio também? <i>R</i>: Sim, chá assim? Ensino.	<i>P</i>: Mas a senhora faz em casa? <i>R</i>: Faço em casa, tem o fogão a lenha, tem as panelonas desse tamanho [abrindo os braços] e tá tudo cheias hoje <i>P</i>: Vocês tomam chá? [Filha: “Chá de pessegueiro, a gente faz um chá, gela e toma durante o dia, é maravilhoso, não dá mais calorão nenhum”] [Filha e vizinha falam juntas se torna inaudível]	<i>R</i>: Ensino a fazer chá. Para muita coisa. E ultimamente eu aprendi também de fazer o chá para a depressão. Meu. Mal do Século do século. Tu conheces a flor de São João? Maragata? Tu viste a Maragata? Ou Flor de Natal? Dá para mim até mostrar lá da janela? [Fomos para a janela]. Aquela flor vermelha lá de baixo, a de cima e eu não sei se dá para a aquela, é a de baixo. Entre a flor branca e a laranjeira. Aquela flor vermelha ali, grandona. Aquela é a flor de São João. Tu pega três flores vermelhas, três pétalas vermelhas e coloca nus três dedos de álcool dentro de uma garrafa, deixa as três folhas lá, três dias amarradas, com um pano escuro que ela fica três dias no escuro. Depois tu pega aquele álcool tira as folhas, e bota num conta-gotas. Toda a manhã em jejum a pessoa depressiva coloca uma gota num pouquinho de água e bebe. A mulher vem aqui desmaiando daí, aqui ela foi curada. Ela disse um dia “vou trazer minha mãe” e essa mãe dela veio. E a moça desmaiava porque a mãe dela teve um aborto e não batizou o espírito daquele aborto. E estava na guria e ela desmaiava. Teve quatro tios enforcados. É eles né, que fazem ela desmaiar. Encaminhei os quatro, e quando ela caiu eu deixei ela no sofá para não se machucar. Ai ela disse para o marido dela, “vamos falar da mãe” a mãe não me falou, mas eu sei que ela teve um aborto porque alguém me falou da tua mãe, tua irmã, teu pai teu irmão. Fizeram uma cova na ponta do mato, e puseram alguma coisa. Pois era aquele feto eu encaminhei aquele feto. Fiz os Trabalhos de Segurança Geral, espiritual para ela. Até hoje isso faz muitos três meses até hoje ela não desmaiou mais, e ela teve que vender a loja dela para se tratar nos melhores médicos, e eles não tiraram essa caida dela. E se curou. A mulher estava uns vinte e poucos anos depressiva, a mãe dela. E eu ensinei esse remédio, mas era fora da época, e eu disse “quem sabe na floricultura tu acha” e foi na floricultura, e não é que ela achou, achou e fez o remédio, tomou quinze dias depois voltou a dizer “Oh Maria, estou bem, mas foi Deus que te criou” Assim eu faço esses trabalhos.	<i>P</i>: S senhora sabe fazer algum remédio? <i>R</i>: Para amarelão eu sei. Fazer chá pra amarelão. <i>P</i>: E a senhora dá esse para as pessoas também? Ou ensina a fazer? <i>R</i>: Ensino. Se precisar fazer e eu estou aí, não cobro nada. Capaz, cobrar isso aí <i>R</i>: E os remédio que a senhora falou que sabe fazer remédio pra amarelão aprendeu com quem? <i>R</i>: Com a minha mãe também. Ela fazia remédio para piazada. Daí eu cansei de fazer para esses aqui, para mim, até quando eu vim morar aqui minhas netinhas eram pequenas, tenho só uma neta e três netos filhos homens, que eu tenho só duas filhas. Três homens e uma mulher. Quando viemos para cá elas iam na aula, mas estavam acabadas, dava cada febrão iam para casa “nona, não aguento mais nona, ai minha barriga”, eu benzia ela das bichas, dali a pouco estava bem, daí curei ela. Daí minha filha levou ela em volta, nessas outras que benzem né, nunca adiantava, eu benzia elas poucas vezes, pronto, nunca mais depois disso. [Marido ao fundo: “é três vezes”] <i>R</i>: É três vezes, uma sentadinha... Três dias. <i>P</i>: E para o amarelão, a senhora falou que sabe fazer chá? <i>R</i>: Mas olha eu sei um chá bem simples, tu pega 3 raízes de picão, 3 de Guaxumba, 3 de salsa e 3 folhas de lima. Tu tiras o talinho da folha e ferve e põe ali na geladeira e toma. Mas olha não tem chá melhor. <i>P</i>: E onde a senhora consegue as plantas que a senhora usa? <i>P</i>: [marido ri]. Agora é difícil. Não faz muito que eu fiz. Fiz para quem? Para mim eu acho. Pegamos dos vizinhos. [Marido tenta ajudar a responder mas fica incompreensível] <i>P</i>: É que aqui tem bastante terreno que eu vi. Mato aqui ao redor. <i>R</i>: Tem, tem, [marido ao fundo “salsa todo mundo tem”] Salta a gente tem à vontade na horta. Vai lá tira 3 raízes e deu. [Marido fala inaudível]. Teve meu neto, que agora uma filha minha mora em Lucas do Rio Verde no Mato Grosso a mais nova, essa que mora aqui é a mais velha. Tinha o pia dela, levava no médico por tudo, cada vez pior, pra ver o que tinha. Dai fizemos esse chá, mas olha que nem tirar com a mão. Sarou o pia. Que tem coisa que é bom né. Eu ensino e podem fazer né. Que é colocar as ervas na panela e ferver. Tem gente que usa e cobra.	<i>P</i>: Falaram para a gente que a senhora também faz chá, assim pra amarelão. <i>R</i>: Sim, eu faço chá para mim, de amarelão e é tudo remédio caseiro, só que tu tens que plantar e cuidar. <i>P</i>: a senhora mesma planta? <i>R</i>: Sim, eu e o meu marido. Tem que plantar porque tu precisas, e se eu não tenho como vou fazer os remédios se eu não tenho. Que nem o funcho quando está maduro nós colhemos a semente, a gente cuida e guarda. A Salsa também que vem o ano todo que tem né, agora ainda a gente compra a muda é mais fácil. Mas se não tu tens que plantar e cuidar. Porque a salsa todo ano tu tens que mudar porque ela floresceu ela morre, daí tem que... <i>P</i>: E a senhora benze de que? [Risos]. É grande a lista? <i>R</i>: Benzo do amarelão, da íngua, das bichas, de estanca sangue, de ar na cabeça, cobreiro, acho que não vou lembrar de tudo, é um monte de coisa. <i>P</i>: A senhora cobra os benzimentos? <i>R</i>: Não <i>P</i>: Os chás a senhora cobra? <i>R</i>: Os chás antigamente eu não cobrava até um tempo porque eu tinha feito uma promessa que se eu melhorasse eu ia fazer uma doação assim para as pessoas que precisavam. Até hoje se eu ver uma pessoa aqui que eu vejo que ela não tem condições de me pagar, porque eu tenho que comprar canela a noz-moscada e o cravo. E a minha filha aqui que trabalha no Forno D’Oro e lá eles têm para vender, então eu pego canela, cravo, noz-moscada. Só que também a noz-moscada está 80 reais e eu compro meio quilo e eles cortaram. A maioria vem no verão que dá mais amarelão e essas coisa, no inverno é menos. ... que nem agora eu estou cobrando os remédios do amarelão, mas o meu marido foi um dia lá para o Esplanada com um rapaz daqui que trabalhava na firma junto com ele. Que ele não sabia certo e o pai sabia e foi junto. Naquela época ele pagou 30 reais uma garrafa. Eu cobro 25 os 2 litros do remédio para amarelão, e eu sei que toma vai melhorar. Porque ontem eu pedi “como é que está tua mãe? ” Aquela que saiu do hospital agarrada, “está bem” de tanto tossia rendeu aqui [apontando para o pescoço] virou um papão daí ontem eu pedi “baixou? ” “tá bem baixinho, nem vou levar mais”
Monge	<i>R</i>: Ouvi falar, mas eu não tive assim de conhecer ele, de ver ele não. Mas ouvi falar, contarem causos. Tem uma mulher que mora lá na cachoeira até, que a avó dela viu o São João Maria. São João Maria ia na casa dessa vó dela. Até ela conta que as vezes ele ia posar debaixo de uma árvore, que ele tinha um lugar que ele posava. Diz que ele chegou lá, diz que as vizinha se combinaram de levar alguma coisa pra ele. Diz que uma levou três folhas de couve, e a outra pegou uma galinha. E diz que quando foi pegar a galinha, não sei o que a galinha fez que ela disse “o galinha do diabo” daí pegou e levou lá pra ele, diz que ele pegou as couve que aquela uma levou, e a galinha ele não quis porque ela já tinha dado pro Diabo. [Mulher que estava assistindo “Viemos lá do Rio Grande, e lá nós não conhecíamos, e um dia eu quase apanhei de uma mulher lá na cachoeira porque eu disse que eu não acreditava, porque a Igreja não reconhecia São João Maria, mas essa mulher ficou brava. Ele é mais do povo assim]. <i>R</i>: Mas têm bastante história dele. Diz que uma vez ele chegou uma casa e pediu pouso, diz que não deram. Mandaram dormir num galpão, numa coisa que tinha uma esteira. Daí diz que de noite a mulher se afogou com uma espinha de peixe, parece que era. Daí diz que chamaram ele que ela estava quase morrendo né. Daí diz que ele veio de lá, e o benzimento era [pausa pensando] casinha velha... e deram um trato de feijão cozido com agua e sal. Daí diz que ele dizia “casinha velha, feijão, agua e sal”, não, primeiro era “homem bom, mulher má” que o homem queria dar pouso pra ele e a mulher não quis, era “homem bom, mulher má, casinha velha, feijão sem sal, cama de esteira”, não sei bem como que era, sei que ele falava de uma cama de esteira, espinha de peixe que saia desse lugar, e a mulher conseguiu tirar o espinho	<i>R</i>: Deixa eu lhe fazer uma pergunta. A senhora já ouviu falar, que algumas mulheres que a gente foi conversa falam do São João Maria. <i>R</i>: Minha sogra falava que ele era padrinho dela, minha sogra lá no Rodeio Chato, mas ela faleceu já. E o são João Maria era padrinho da minha sogra, porque que ele vinha de viagem, e eles moravam ali no Rodeio Chato, e ele tinha uma arvore bonita lá, e ele vinha dormir embaixo da árvore. Quando era noite ela saiu levar um prato para ele jantar, quando foi de dia, estava minha sogra na casa com as piazada, e o São João Maria veio e ficou até... no cemiteriozinho de São João Maria, diz que ficou com as crianças. E era um lugar muito bonito. Daí quando eles vieram [os pais] se reuniram e falaram para minha sogra vamos se reunir e meu Deus vamos fazer uma jantinha e fazer um bolo e levar um pedaço para ele. Daí o meu sogro chegou da roça “que está fazendo véia” “to fazendo um bolinho pra São João Maria que tá ali embaixo da arvore” e ele falou “pra que fazer um bolo pra esse velho? Tem que fazer para mim que trabalho que trago de comer” e saiu, daí fez e mandou ela levar para ele embaixo da arvore, ele pegou o bolo cortou pela metade e falou “essa metade é para sua mãe, parabéns, me deu de bom coração, e essa metade é pro teu pai que disse que eu não merecia”, daí ela agarrou fê com João Maria que era padrinho da minha sogra. <i>P</i>: Sua mãe conheceu ele? <i>R</i>: Conheceu, e a minha sogra também <i>P</i>: E o São João Maria benzia? <i>P</i>: A senhora disse que tinha o retrato de São João Maria. <i>R</i>: Sabe que eu tinha, sabe que eu estou esquecida será que me roubaram? Vai trazer [pedindo para a filha]. Eu tinha, não sei se eu guardei. <i>R</i>: Ele disse para minha sogra, rezou e a minha sogra disse “como seria o mundo? ” E ele disse, ai do mundo quando as mulheres ...[pausa pensando] mostrassem as canelas, tudo ia mudar, e agora não tá isso aí? [Filha 2: “A cobra preta ia levar muitos mortos, e a cobra preta era o asfalto”] [entra e sai um homem levando galhos nas mãos] <i>R</i>: A cobra preta era a estrada	<i>R</i>: Sim. A gente sabe, dizem assim: a fonte da aguinha de São João Maria. Aonde que tem essa fonte. Na curva da morte, não sei explicar onde, mas na Curva da Morte ele deixou uma fonte de cura. Ali muitas pessoas morreram. Ali tinha uma casa de ferramentas, de peças do Mohr e eu fui fazer uma limpeza na casa dele. E foi descoberto, pelo trabalho, que tinha um indigente. Nos fundos da terra delas, morreu alguém e era um indigente e cobriram ele para baixo da terra dele. E estava incomodando já, estava quase que nem um monstro e era parente do cara que morava aqui em cima. A gente ele tirou aquilo encaminhou se foi. E quando a pessoa está muito abalada. Eu vejo se tem espíritos encostados [inaudível]. Fulano de Tal tem espíritos encostados, sem luz, sem paz, sem fé, sem lugar para morar. [Inaudível] se é assim o pêndulo faz isso aqui [mostra uma corda rodopiando]. Se eu não fico quieto [mostra a corda parada]. Eu digo “tem espíritos encostados” se sim eu eu peço “tem um? ” O pêndulo faz assim. E para. Daí a gente encaminha que vai para a luz. Se tem mais eu conto 2 3 4 5 8 10 20 30 40 50 500 600 700. Eu tirei até 7 mil. Até trinta e cinco mil espíritos encostados e aonde que eles se encostam? N pescoço. Eles vão no pescoço que é o melhor lugar deles de ficar. Dai dói o pescoço? “Dói”. E se do pescoço para baixo tem uma lesão eles vão lá, arranhar, sapatear, morder para sentir dores, para dizer que eles também sofrem assim. Peço para as entidades e batizo esses espíritos e mando para a luz. Depois eu boto a vela aqui e entrego esses espíritos pra Santa Bárbara. Santa Bárbara é dona dos espíritos. E ela leva para as dimensões onde eles pertencem. Ou aonde eles merecem. Mas eu peço que ela leve para um lugar de paz, de amor, de luz, de fé, de descanso eterno, de felicidade, eles que sejam muito felizes, mas que se retirem, que se retirem da vida, do corpo e da alma desse filho. É que nem quando o passarinho tá assim baixinho, acanhado, tu faz esse trabalho já ele se levanta já ele tá bem	<i>P</i>: A senhora diz que morou no Paraná e algumas benzedadeiras falaram até para nós que já ouviram falar no Monge no Santo que caminhou por toda essa região aqui o São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria. <i>R</i>: Não... O que eu sei é isso.	<i>P</i>: Algumas benzedadeiras falaram do monge do São João Maria, a senhora já ouviu falar no São João Maria? O que a senhora ouviu falar dele? Umas falaram que aprenderam benzeção que diz que vem dele. <i>R</i>: Nós íamos muito porque minha falecida avó gostava muito da água que descia nos pés de São João Maria, ali perto para cá da coca, ali na curva da morte. Ali tinha e a gente sempre ia de cavalo lá buscar agua para a falecida avó. A gente ia lá pegar aquela água, tinha aquela água para batizar uma criança, batizava em casa. A gente sempre ia. Mas não sei te dizer lá, não aprendi lá. Muita gente falava bem, mas a gente daquela época é mais nova, que falavam muita coisa, mas a gente tinha fé naquela água

Fonte: Elaborado pelos autores utilizando os dados presentes nas entrevistas

Podemos notar, pelos enunciados dos quadros, que há diversidades de ideias e entendimentos por parte das participantes da pesquisa. Também, numa observação geral, percebemos aspectos que remetem à uma relação forte com o lugar e com as pessoas que compõem este lugar, principalmente no que diz respeito à aprendizagem da técnica de cura, que era aprendido ainda quando crianças pela figura principalmente materna, ou em uma dimensão autodidata, sendo aprendida por meio de “dons de nascimento”. Essas vinculações religiosas, são analisadas mais detalhadamente no capítulo 4 para apresentarmos aspectos de modos de curar.

O ambiente em que estas mulheres se encontram também acabou nos chamando a atenção durante a pesquisa, pois quando não detínhamos um endereço específico de sua localização (nº da residência), quando olhávamos aos arredores, era possível identificar as residências das benzedeiras analisando o próprio pátio das residências, que predominantemente era dominado pela presença de plantas, árvores e ervas plantadas em seus arredores. Assim, reforçamos a potência da questão de pesquisa envolvendo a relação com o ambiente de vida, com o cotidiano e com a cultura.

A relação com os monges da região também esteve presente em um terço das entrevistas, e observamos dois fatores envolvidos neste ponto. O primeiro foi o fator idade, pois geralmente as benzedeiras mais velhas possuem conhecimentos ou histórias relacionadas ao monge. O segundo fator é geográfico, onde as benzedeiras mais afastadas do centro urbano também tinham conhecimento do monge e dos seus modos de curar.

Sobre os modos de curar, encontramos em dois terços das entrevistadas um aprendizado e um conhecimento sobre chás e plantas, também caracterizado pelo comércio de garrafadas produzido por estas mesmas senhoras. Além disso elas também ensinam indivíduos enfermos ou indicam chás que amenizem suas enfermidades.

Outro fator que nos chama a atenção é a idade das mulheres, cuja mais nova possui 49 anos. Mulheres mais novas que praticam estas práticas de cura não foram encontradas. Porém, podemos ter como um indício desta ausência três fatores: o primeiro é ausência de interesse em receber este dom por parte de mulheres jovens. O segundo é o fato de que para algumas mulheres, estes saberes-fazer preferencialmente devem ser repassados a mulheres idosas, como observamos em uma fala quando perguntamos “Benzedeira tem que passar para alguém né. Teve uma menina que agora faz tempo que ela não vem mais aqui, só que eu não posso passar para qualquer pessoa. Ele tem que ter uma idade, tem que ter consciência do que ele vai fazer” (SALSA, 2019). O terceiro é o fator morte, pois para algumas mulheres somente a próxima pode exercer estas práticas quando a anterior falecer, fator observado quando uma

benzedeira afirma que já tinha ensinado ao seu filho: “ele aprendeu para ficar no meu lugar, vai assumir ainda meu lugar. Ando entregue já das pernas. Disse que vou parar e não posso que dali a pouco vem uma e vem outra” (PÉRSICA, 2019).

Quando analisamos as mazelas das quais estas mulheres tratam, obtivemos também a seguinte tabela:

Quadro 09 - Benzedeiras e enfermidades tratadas

Benzedeira	Enfermidades tratadas
Arruda	Amarelão, bicha, cobreiro
Baldana	Cobreiro, quebrante, bicha, ar, rendidura
Begônia	Anemia-amarelão, ar, umbigo
Canela	Mal dos nervos, Sol, amarelão
Chicória	Rendidura, bicha, quebrante, amarelão, ar, dor de dente, cobreiro, íngua
Cidreira	Bicha, amarelão, nervo ciático
Hortelã	Ar, Sol, Lua, bicha, estômago, amarelão
Lima	Bicha, amarelão
Malva	Amarelão, cobreiro
Manjerona	Amarelão, íngua, umbigo rendido-rendidura, cobreiro, bicha, ar, rosipela,
Maragata	Olho grande, inveja, cobreiro, hemorroida, ar, quebrante, temporais, amarelão, estômago
Pérsica	Quebrante, amarelão, cobreiro, reumatismo
Rosa	Sol, ouvido, bicha
Salsa	Estanca-sangue, rendidura, amarelão, umbigo, íngua, ar, cobreiro
Sálvia	Amarelão, íngua, bicha, pulmão

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações coletadas nas entrevistas.

Algumas enfermidades são comuns a quase todas as benzedeiras, e buscamos abaixo explicar do que se trata na linguagem das benzedeiras. Reiteramos que estes termos podem ser uma forma de acessar e procurar compreender concepções de doença e de saúde das

benzedeiras e também das pessoas que as procuram, em geral. E alguns termos não foram encontrados em correspondências no sistema oficial de medicina.

Amarelão: Inflamações, lesões ou dores no fígado, que deixam a pessoa com aspecto amarelo;

Ar: Enxaquecas e dores de cabeça;

Bicha: Quando a criança está com vermes e apresenta dores de barriga, diarreia e vômito;

Cobreiro: Espécie de afecção cutânea decorrente de contato ou mordida de animal, em geral sapos, cobras e aranhas e suas urinas;

Quebrante: Também dita como mau-olhado, são males infligidos por outros intencionalmente ou não decorrentes de uma relação de inveja;

Rendidura: Torção, lesão muscular ou por esforço que necessita que o músculo seja “costurado”.

Sendo estas as enfermidades mais citadas, cada benzedeira tem sua própria maneira de curar, seja com orações ou receitando chás e remédios. Analisados estes fatores gerais, investigadas as práticas de cura e ouvidas as mulheres, no próximo capítulo veremos o processo histórico da prática da benzeção para, no capítulo 4, retomarmos as falas das benzedeiras, então, agregando reflexões, histórica e documentalmente, construídas e registradas.

A opção nesta pesquisa de dissertação, foi trazer a realidade, e, desta partir para olhar a configuração histórica dos saberes-fazeres das benzedeiras, visto que a ciência nasce da vida (MASSEY, 2008). Por isso trazemos o campo empírico discriminado antes da análise da configuração histórica.

3. TRAJETÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NA HISTÓRIA

Neste capítulo trazemos uma reflexão para compreender o complexo histórico envolvendo a construção de caráter mais universal-conceitual das especificidades que constituem a dimensão teórica e conceitual dos saberes-fazer das benzedadeiras. A seguir, trazemos esse complexo histórico destacando a abrangência de caráter regional, que situa esta pesquisa de mestrado. Esse movimento, realizamos sempre nos pautando nos pressupostos da análise microgenética, implicada à história cultural e nos ancorando nas articulações espaço-temporais. Também, remete ao paradigma indiciário, pois as trajetórias históricas da benzeção abrigam o complexo que ancora a história cultural e a análise microgenética, no sentido de que: os lugares se constituem sempre em relações de confronto uns com os outros e assim produzem o que denominamos mundo; e o hoje desses lugares, tem, também, sempre implicados o ontem e o amanhã. Ainda, esses aportes servem como amparo para no capítulo quatro ter claras as implicações históricas gerais e regionais e alicerçar a apresentação de indícios de suas re-existências no contexto espaço-temporal coetâneo em Chapecó/SC.

Arguimos que estes saberes vêm sendo construídos historicamente, e agregando transformações nos grupos humanos no espaço-tempo. Apontamos que não buscamos trazer um viés evolutivo deste saber, nem utilizar concepções historiográficas evolucionistas e/ou eurocêntricas, pois realizar tal leitura é se contradizer e hierarquizar linear e horizontalmente esse saber, como se o processo histórico não permanecesse entranhado à vida cotidiana. Realizamos uma análise das transformações destes saberes-fazer em certas situações e em certas dimensões espaços-temporais que nos auxiliam na compreensão do saber-fazer existente em Chapecó/SC.

3.1 DAS MARCAS DOS XAMÃS ÀS FEITICEIRAS QUE RESISTEM AS FOGUEIRAS

A trajetória de pesquisa, à qual nos dedicamos, ou seja, no complexo implicado enquanto vereda, como viemos sustentando, possui milhares de anos, cujos primeiros indícios de práticas de cura utilizando gestos e plantas podem ser vistos ainda em pinturas rupestres feitas há cerca de 17.000 anos, que já mostram danças ritualísticas: os Xamãs (PORTER, 2002). “A palavra shaman (xamã), em geral utilizada, tem sua origem na língua Manchú-Tangu e atingiu o vocabulário etnológico através da língua russa. A palavra se originou a partir do *Tungus saman* (xaman), derivado do verbo “*scha*”, “conhecer”, de modo que xamã significa alguém que sabe, ou seja, que é um sábio” (SRAMANA, 2016). Mas também pode

ser considerado como um intermédio ou mensageiro entre o mundo físico e o mundo espiritual (CAMPBELL, 1992).

Estes xamãs deixaram suas marcas nas cavernas, e seguindo os passos investigativos discutidos por Ginzburg (1994), servem como indícios de suas interações com o universo da cura. Nessas representações é possível visualizar sinais que podem ser relacionados com rituais, danças e celebrações para os mais diversos fins, inclusive com a intenção de curar. Ainda neste período através de experimentações e observações de animais descobrem-se princípios medicinais de algumas plantas.

Figura 2 - Representação de helicônia em grafismo de natureza ritual/cerimonial



Fonte: Magalhães, 2011.

Pinturas rupestres, como a representada na figura 2, são os primeiros indícios da utilização de plantas em momentos ritualísticos. Nesta pintura, Magalhães (2011) já investiga os usos de plantas como a helicônia em rituais de cura e celebrações no Nordeste do Brasil há cerca de 10.000 anos antes do presente, indicando uma relação com o sobrenatural.

A caverna estaria assim como o lugar intermediário ou de passagem entre o mundo dos homens e o dos seres sobrenaturais, dito também mundo paralelo, e, neste santuário, o xamã intermediaria o equilíbrio entre os humanos e a natureza, num ambiente mágico propiciado pelas representações (2011, p. 48).

Essas interpretações que fazemos destes rituais são baseadas nos indícios que encontramos, que nos permitem investigar os usos das plantas por estes povos. Também, a própria conceituação de Xamã realizada pelos historiadores é uma dificuldade que existe, pois incapazes de realizarmos um trabalho de caráter oral com estes produtores da história, acabamos utilizando nomenclaturas de outros.

As descobertas dos poderes curativos das plantas é dito por Roy Porter (2004) como um triunfo do empirismo, pois através de testes, cheiros e observação do efeito de tais plantas em animais acabou-se descobrindo cada vez mais os benefícios que as plantas forneciam ao ser humano. Roy Porter mostra também que, no Ocidente os estudos dos gregos Teograsto e Dioscóridas através de experimentações e informações coletadas oralmente detinham o conhecimento da utilização de algumas plantas para curar ou amenizar enfermidades.

Rompendo com essas práticas sagradas, o aparecimento inicial de uma medicina essencialmente secular no Ocidente veio com os médicos hipocráticos, surgidos no mundo de língua grega no século V a.C. Desacreditando os curandeiros tradicionais e religiosos, eles criaram um ideal elitista de identidade profissional. Elevando-se acima dos colhedores de raízes, dos adivinhos e de outros a quem descartavam como ignorantes e charlatães, os hipocráticos promoveram teorias naturais sobre a saúde e a doença (baseadas num conhecimento natural superior) e formas de cura naturais. Não mais tendo a pretensão de ser um intercessor junto aos deuses, o verdadeiro médico seria o amigo sensato e confiável junto ao leito do enfermo. (PORTER, 2004, p. 41).

Dessa forma, o ofício da pessoa que realizava atividades curativas ganha mais importância e poderes nos grupos. Nesse contexto, a instituição da Igreja também ganhava forças, e os curadores passam a ser rotulados de pagãos, numa forma de fazer com que a cura do corpo se tornasse propriedade da Igreja.

Nesta trajetória de configuração da ideia de xamã para a ideia de feiticeiro, a igreja tem um papel importante, onde:

Com a cristianização do Império Romano, a medicina e a religião superpuseram-se, fundiram-se e, vez por outra, entraram em choque. Alguns dos primeiros Padres da Igreja condenaram a medicina pagã e, durante muito tempo, foi uma chacota espirituosa dizer que *ubi tre physici, due athei* (onde há três médicos, há dois ateus), fazendo eco ao culto grego de Esculápio, floresceram santuários cristãos de cura e os santos e mártires eram invocados para trazer saúde. Cada órgão do corpo e cada moléstia ganhou seu santo específico—Santo Antônio para a erisipela, São Vito para a coréia, e assim por diante. Suplantando Esculápio, São Cosme e São Damião tornaram-se os padroeiros da medicina em geral (PORTER, 2004, p. 50).

O poderio da Igreja Católica buscou desacreditar as formas anteriores de cuidar do corpo, degradando o culto grego de Esculápio e criando um ensino médico escolástico formal, para monges e clérigos. Santos específicos cultuados pela Igreja foram escolhidos como os responsáveis pela saúde do corpo. Posteriormente no século XII surge um ensino escolástico formal, para que “um médico instruído conhecedor das coisas não fosse confundido com um mero curandeiro” (PORTER, 2004, p. 51). Tendo a Igreja Católica uma extensa influência

sobre a sociedade medieval é que temos uma grande transformação para os praticantes das técnicas de cura alternativas.

Neste período as cidades crescem e com elas surgem doenças que modificam as formas de cuidar do corpo. Consideramos que a história da cura é também a história das doenças, isso porque conforme surgiam doenças decorrentes, por exemplo, das mudanças nos sistemas de circulação de pessoas, produtos, de modos, de organização das edificações, no processo de mudanças que conformam cidades e o campo, aglomeram pessoas e animais, trazendo uma higiene precária (ou inexistente), fazendo com que roedores e parasitas se proliferem, chegando a Peste Negra¹⁰.

Por volta de 1300, a Peste Negra começou a campear pela Ásia, antes de rumar em direção oeste, atravessando o Oriente Médio até chegar à África setentrional e à Europa e substituindo a lepra como o flagelo de Deus. Entre 1346 e 1350, é possível que ela tenha abatido 20 milhões de pessoas, ou cerca de um quarto da população da Europa - a maior de casos fatais provocados por uma única epidemia na história europeia. A peste entrincheirou-se e alimentou os espectros horripilantes que assombraram a imaginação gótica da baixa Idade Média – visões aterradoras do inferno e do diabo, a dança macabra, os Cavaleiros do Apocalipse, a Ceifeira Implacável -e provocaram a perseguição aos hereges e a febre da caça às bruxas, em meio a pobres pecadores convencidos de que tinham que aplacar a ira divina (PORTER, 2004, p. 25)

Neste cenário o Santo Ofício chega para condenar e queimar em fogueiras erigidas em cerimônias comandadas por rituais baseados nos credos da própria igreja que então simbolizavam as leis do Estado. As pessoas que realizavam curas populares, apontadas como sendo hereges, compunham alvo destes. Conforme Elda Rizzo de Oliveira, as mulheres que praticavam curandeirismo, entravam em confronto com a autoridade da Igreja, “por romperem com as normas, a ordem e os valores que a Igreja defendia, faziam desafios a ela” (1985, p. 18).

A Igreja, para defender sua autoridade sobre estas práticas do cuidar do corpo e espírito, passam a considerar estas pagãs como feiticeiras e bruxas. Com esta crença de que estes indivíduos podiam provocar doenças por meio de feitiços vindo de sua associação com forças malévolas (ABREU; NOGUEIRA; KURY, 2018), passam a ser perseguidas pelo Tribunal do Santo Ofício.

Esses rituais, essas práticas de cura, essas – por que não dizer – medicinais alternativas são simplificadas como atos de bruxaria, de feitiçaria. E, sendo as mulheres, o maior número envolvido com essas práticas – já que “esse sexo é muito

¹⁰ Peste Negra também denominada de peste bubônica, tem o nome relacionado às manchas negras que surgiam na pele dos enfermos, de 1347 a 1351, vitimou um terço da população da Europa (PORTER, 2004)

mais inclinado a se deixar enganar pelo demônio”, [...] consequentemente, serão elas as maiores vítimas da Inquisição. (BUGHAY, 2010, p.7).

As práticas de cura consideradas bruxaria e feitiçaria eram sustentadas na ideia de superioridade diferencial entre religião e magia, e homem e mulher, rotulando de paganismo todas as práticas celtas, gregas, romanas e orientais, a partir daí se “cristalizou a identificação do paganismo com idolatria, magia e demônios (LUPU, 2010, p. 112).

Tais práticas, quando não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica, eram perseguidas e condenadas pela Igreja e pelo Estado. Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feitiçeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces. Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha durante a União Ibérica (1580-1640), havia a ordem para que não se praticasse a benzeção sem a autorização da Igreja e do Estado (NOGUEIRA; VERNONITO; TRISTÃO, 2012, p. 168).

A caracterização de uma feitiçeira poderia se dar das mais diversas formas: uma viúva que vive sozinha, uma mulher que receita chás ou plantas, uma bela jovem sedutora ou não casada, uma anciã ou alguém que vivia em meio a natureza (AZEVEDO, 2015). Não havia interesse em relacionar a mulher ao poder, pois a mulher era para ser uma classe a serviço da outra, ela deveria estar relegada aos afazeres domésticos, caso contrário entraria neste processo de estigmatização e poderia enfrentar a fogueira. Para Ginzburg, essa repressão é um indício da “crise da sociedade europeia no século XIV e as carestias, a peste, a segregação ou a expulsão de grupos marginais que a acompanharam” (1991, p. 81), representando um descontentamento religioso. E assim elas resistem, através de silêncios, de expulsão e fuga para outras terras.

O homem ainda ocupa lugar de destaque neste ofício por muitos anos. E era a figura masculina aquela que curava que era aceita para que se dedicasse a melhorar seus estudos nas universidades e a formar guildas. Tinham técnicas próprias para realizar diagnósticos e neste momento ainda detinham uma forma íntima de cuidar de seus pacientes.

Através de um interrogatório minucioso, o médico determinava os sintomas (anotando o histórico do paciente), determinava a natureza da doença, estruturava um diagnóstico e formulava um regime de tratamento. Provavelmente, isso incluiria a prescrição de ervas medicinais, a serem misturadas pelo boticário - juntamente com o cirurgião, outro luminar menor da profissão médica. Antes da introdução dos exames físicos sistemáticos e dos exames para fins de diagnóstico, o trabalho do médico não era de participação ativa: o que importava eram a aprendizagem livresca, a experiência, a memória, o discernimento e o jeito para lidar com o paciente (PORTER, 2004, p. 53).

No século XIX os médicos trabalhavam juntamente com boticários responsáveis pela venda das plantas e ervas, e atendiam seus pacientes em casa criando uma relação próxima com a família do enfermo. O homem ocupando lugar de destaque neste ofício, a mulher geralmente ocupava o cargo de enfermeira ou parteira (PORTER, 2004. p. 70), com um papel de cuidado e zelo, sendo proibida de estudar em universidades. Porém quando a indústria farmacêutica cresce, a relação íntima entre médicos e pacientes acaba se distanciando.

Depois de se tornarem muito mais poderosos em termos terapêuticos, graças aos antibióticos e a outras drogas mágicas, pode-se argumentar que os médicos abandonaram a arte de agradar os pacientes. Munidos de armas mais eficazes, tenderam a esquecer a importância e os benefícios psicológicos da estreita relação de confiança entre médico e paciente, esperada pelos enfermos. Na década de 1980, um médico britânico do Serviço Nacional de Saúde explicou, em linguagem curta e grossa, a função de receitar comprimidos ao fim de uma consulta rápida: "É uma boa maneira de nos livrarmos do paciente; a gente rabisca qualquer coisa no receituário e arranca a folha do bloco. Esse arrancar, na verdade, é o "Caia fora." Hoje em dia, os médicos podem curar mais do que nunca, mas o público talvez fique em dúvida se eles se importam (PORTER, 2004, p. 63).

Esse distanciamento para com a população faz com que cresça uma medicina não-ortodoxa no século XVIII, como hidroterapia, e venha uma crescente venda de tônicos e elixires (PORTER, 2004). Posteriormente, tais métodos são questionados e combatidos pelos Estados, principalmente por decretos e proibições. Já no Brasil, as benzeções chegam com fortes marcas europeizadas, trazidas por tripulantes de embarcações portuguesas que encontram aqui técnicas de curar singulares já utilizadas pelos indígenas.

3.2 VELHAS MARCAS NAVEGAM EM UM MUNDO NOVO

Todas estas marcas, especialmente as europeizadas, acabam atravessando o Oceano e quando chegam no Brasil, acabam entranhando a partir do confroencontro formando um sincretismo cultural de matrizes indígenas e africanas. O Mundo Novo a que nos referimos nesta arguição, refere-se ao coetâneo, ou seja, contemporâneo que entrecruza multiplicidades que passam, pelo confroencontro, a coexistir com a presença de indígenas que já praticavam rituais de cura.

A chegada desses portugueses e posteriormente dos escravos africanos, encontram aqui a presença de indígenas que já praticavam rituais de cura. Abreu, Nogueira e Kury defendem que este encontro, principalmente com o indígena, nos três primeiros séculos de colonização do Brasil foi essencial para a sobrevivência destes colonos. Este confroencontro tenso ocasionou trocas de experiências e apropriações de saberes oriundos de diversas

culturas, seja de matriz indígena, africana ou europeia, gerando esta forma de benzimento singular. Sérgio Buarque de Holanda em sua obra mostra como esse contato transformou a arte de curar:

A soma de elementos tão díspares gerou muitas vezes produtos imprevistos e que em vão procuraríamos na cultura dos invasores ou na dos vários grupos indígenas. Tão extensa e complexa foi a reunião desses elementos, que a rigor não se poderá dizer de nenhum dos aspectos da arte de curar, tal como a praticam ainda hoje os sertanejos, que é puramente indígena [...] ou puramente europeu (1995, p. 78-79).

O pesquisador, em toda a sua obra, apresenta argumentos sobre como o contato entre povos tão distintos cria um produto, resultado desta troca de experiências, de culturas e hábitos, especialmente nos modos de curar. Um dos exemplos deste sincretismo dá-se no contato dos jesuítas com indígenas, onde a sabedoria das plantas pelos povos indígenas, a criação de toda sorte de amuletos e os cuidados com os males espirituais tratados pelos pajés são assimilados e estes fornecem novos significados a tais práticas conforme seus padrões de condutas tradicionais (HOLANDA, 1995).

Com a chegada de médicos europeus, estes ainda compreendiam a doença como “decorrente do desequilíbrio dos humores e a saúde deveria ser restabelecida por meio de remédios purgativos e sangrias. Essa terapêutica foi difundida no Brasil pelos médicos e cirurgiões, e pelos manuais de medicina, sendo vista como panaceia na arte médica brasileira até o século XIX” (ABREU; NOGUEIRA; KURY, 2018, p.29).

Este equilíbrio entre os humores – sangue, cólera (ou bÍlis amarela), fleuma e melancolia (ou bÍlis negra), garantia uma boa saúde, porém, quando estão em desequilíbrio provocam doenças. O equilíbrio, todavia, estava associado a forças sobrenaturais, pois medicina e religião se entrelaçavam:

Para a Igreja, a saúde do corpo dependia da saúde da alma e do bom cumprimento das obrigações cristãs. Assim como os clérigos, os médicos prescreviam orações, exorcismos e lançavam mão de recursos que excediam os recursos naturais. Ao mesmo tempo, a Igreja e a medicina oficial procuravam combater as ações dos indivíduos que não eram investidos de autoridade para realizar esses procedimentos, como os curandeiros (ABREU; NOGUEIRA; KURY, 2018, p. 32).

A relação entre medicina e a religião católica era interesse mútuo, pois como não há garantias de cura, a religião, a dimensão da crença aparece como salvadora tanto do corpo como do espírito, e os médicos como intermédios entre o povo e a Igreja, paralelamente trazendo fiéis para mais perto da instituição. E para aqueles que mantinham tradições que não condiziam com os seus eram perseguidos, trazendo inclusive feitiçarias no rol de

adoecimentos (ABREU; NOGUEIRA; KURY, 2018, p.32), um indício ainda da caça às bruxas europeia.

Porém é importante termos em mente que a aceitação e assimilação a muitos dos primeiros colonos e posteriormente pela população luso-brasileira por práticas indígenas e de matriz africana também se dá pela aproximação com indivíduos que curavam que eram advindos destas matrizes culturais. A exemplo disso podemos citar a própria cura de feitiçarias:

Mais recentemente, em estudo sobre a religiosidade e as práticas mágicas, Laura de Melo e Souza afirmou que os procedimentos de cura específicos dos universos culturais de indígenas, africanos e mestiços se atrelaram ao acervo da medicina popular europeia. Ao pesquisar documentação da inquisição, a historiadora perscrutou as artes de cura exercidas por negros escravos e forros, indígenas e mestiços, muitas delas para combater doenças, atribuídas a feitiços. Rituais, fórmulas encantatórias, orações e ervas eram recursos utilizados pelos curandeiros para atender as necessidades cotidianas das populações (ABREU; NOGUEIRA; KURY, 2018, p.39).

Algumas práticas realizadas por curandeiros e benzedeiros de outras matrizes religiosas também buscavam combater feitiços, além de outros procedimentos como a sangria, - um procedimento muito comum na medicina europeia, era realizado por alguns grupos indígenas. Inclusive no Brasil, a maioria dos sangradores “era de africanos e de seus descendentes, contribuindo ainda mais para a mencionada aproximação e amálgama de diferentes tradições e concepções sobre o corpo e as doenças que o assolam” (CHALHOUB, 1996, 307).

A semelhança destas práticas de cura encontradas no Brasil em meio aos povos indígenas e africanas para com aquelas práticas já conhecidas na Europa favoreceu esta assimilação por populações de colonos europeus ao chegarem no Brasil. Esta aproximação, dada algumas especificidades como grandes metrópoles, aliada com a ausência de profissionais da área de curar oficiais contribuiu para o aumento da procura da benzeção, tais como “negros curadores, cuidadores e mestiços para curarem a si, seus familiares e escravos” (ANDREOLLA; LIA, 2018, p.39).

O Estado de Santa Catarina, mais especificamente o Oeste de Santa Catarina é um exemplo da chegada tardia de profissionais oficiais de saúde. Dessa forma, a população cabocla que se encontrava no estado acabou se ligando aos monges.

3.3 MARCAS REGIONAIS: “TÔ FAZENDO UM BOLINHO PARA SÃO JOÃO MARIA”

A região Oeste de Santa Catarina foi marcada por muitos conflitos e disputas sendo considerada definitivamente território catarinense em 1916 com o fim da Guerra do Contestado. Neste período, marcado pela passagem do monge, parte da região oeste era contestada pelo estado do Paraná, e anteriormente, ainda no século XIX, foi disputada na questão de Palmas pela Argentina. Porém, antes de todos estes conflitos ainda era habitada por povos indígenas e mesmo assim considerada “terra devoluta”.

Assim, a região foi alvo dos primeiros bandeirantes portugueses no século XVIII, e “aos poucos, o caboclo foi tomando parte na composição cultural da população local, que agrega uma espécie de síntese de elementos das culturas africana, portuguesa e até mesmo indígena” (MARQUETTI, SILVA, 2011, p. 556). Este confronto tenso entre colonizadores e caboclos da região gera consequentemente, conflitos territoriais na região.

A situação se acirra com a lei de terras de 1850, onde “registravam propriedades no contexto das disputas de divisas, agravando a situação das populações locais” e assim o Oeste considerado até então “sertão”, chamou a atenção das companhias colonizadoras. Estas, responsáveis pela colonização da região Oeste de Santa Catarina, iniciaram suas atividades através de uma campanha migratória, com o objetivo de trazer para a região migrantes descendentes de europeus (italianos, poloneses, alemães, entre outros), que acabaram “chegando na região através do estado vizinho Rio Grande do Sul” (MARQUETTI; SILVA, 2011, p. 556). Este processo buscava povoar e defender a região de possíveis ataques, “além de garantir posse brasileira desta região” (ALVIM, 1998, p. 280).

Com a chegada destes migrantes europeus na região, ocorre o contato com os povos que ali viviam. Conforme Arlene Renk (2008), estes migrantes impuseram a identidade de Caboclo aos indígenas e aos brasileiros que ali viviam antes deste processo de colonização, devido ao fato de observarem ausência da produção agrícola, da propriedade privada, de bens e capital econômico. Como nos mostra Paulo Pinheiro Machado:

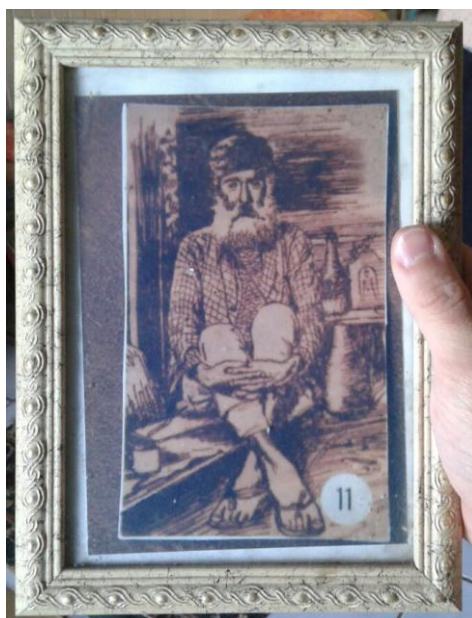
Embora não haja uma conotação étnica na palavra caboclo, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro. Mas a principal característica desta palavra é que distingue uma condição social e cultural, ou seja, são caboclos os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões (MACHADO, 2004, p.48).

Esses caboclos que habitavam a região viviam em condições inseguras, dependentes de fazendeiros e prestando serviços rudimentares. Eram, assim, vítimas “da violência costumeira, já que a única possibilidade de ascensão social estava na propriedade da terra, e

esta, era indivisível e acessada apenas pelos grupos que tinham influência junto aos políticos da esfera estadual e federal” (VALENTINI; RADIN, 2011, p. 128).

Sem poderes sobre a terra e enfrentando situações precárias, acabaram se ligando aos monges que passavam pela região e deixaram marcas profundas na cultura cabocla. Diferentemente dos padres católicos, estes se tornavam partes integrantes do modo de vida dos moradores da região (VALENTINI; RADIN, 2011, p. 129). Praticando sua fé atraíam indivíduos para próximos de si, e as formas com que estes lidavam com os males do corpo e da alma foram também assimilados.

Fotografia 1 - Retrato João Maria



Fonte: Acervo dos autores. Fotografia retirada em 20/02/2019

Nota-se que a expressão forte (seriedade, martírio, luta, pobreza), do homem pequeno, magro, simples e humilde (sentado abraçando as pernas, em local com objetos simples e contendo ao fundo um esboço de miniatura de capelinha, vestindo roupas comuns e calçando chinelos de dedos), nesta representação contém os aspectos nos quais os caboclos reconhecem a si mesmos. Para além disso, os monges que passaram deixaram profundas marcas nos modos de vida.

Tornaram figuras respeitadas por boa parte da população. Tanto que a fotografia acima foi encontrada em uma das casas das benzedeiras, e corrobora com tal aspecto. Tal respeito foi o que originou o título do presente capítulo, onde, quando perguntamos a uma das benzedeiras entrevistadas se ela já ouviu falar do monge, obtivemos um pequeno conto:

Tinha uma árvore bonita lá, e ele vinha dormir embaixo da árvore. Quando era noite ela saiu levar um prato para ele jantar. Quando foi de dia, estava minha sogra na casa com as piaçadas, e o São João Maria veio e ficou no.... no cemiteriozinho de São João Maria. Diz que ficou com as crianças. E era um lugar muito bonito. Daí quando eles vieram [os pais] se reuniram e falaram para a minha sogra: “vamos se reunir e meu Deus vamos fazer uma jantinha e fazer um bolo e levar um pedaço para ele”. Daí o meu sogro chegou da roça “que está fazendo véia”, “tô fazendo um bolinho pra São João Maria que tá ali embaixo da árvore” e ele falou: “pra que fazer um bolo pra esse velho? Tem que fazer para mim que trabalho, que trago de comer” e saiu. Daí ela fez e mandou levar para ele embaixo da árvore. Ele pegou o bolo cortou pela metade e falou “essa metade é para sua mãe que parabéns, me deu de bom coração, e essa metade é para o teu pai que disse que eu não merecia”. Daí ela agarrou fé com João Maria (PÉRSICA, 2019).

O conto narrado por uma das benzedadeiras demonstra a fé que as populações tinham com os monges. Onde mesmo estes sendo desconhecidos, recebiam doações e viviam seus modos de vida com o apoio das comunidades. Assim como também narra uma das experiências em que o monge demonstra um poder sobrenatural baseado na adivinhação.

O respeito pelo monge e pelas suas profecias assim como as suas formas de benzer e curar se constitui uma síntese única presente no Oeste de Santa Catarina, pois “posteriormente, com as primeiras levas de imigrantes oriundos da Alemanha e da Polônia, a partir da segunda década do século XIX, passam também estes a se “acaboclar”, adquirindo muitos hábitos e costumes daquela população, como os métodos agrícolas e a devoção a João Maria” (MACHADO, 2004, p. 48). Tais formas de benzer e curar se incorporaram no cotidiano das comunidades caboclas e hoje se tornou popular a realização de batismos em casa ou nas águas de São João Maria presente.

Fotografia 02 - Idosa rezando para a imagem do monge João Maria, em fonte de água no município de Porto União, Santa Catarina, em 2015



Autor: Gerson Witte. Fonte: VALENTINI et al. (2015, p. 24).

As práticas do monge se incorporaram ao mundo caboclo, e como a fotografia acima apresenta, elas ainda fazem parte deste sincretismo religioso existente na região do Oeste de Santa Catarina. Inclusive podemos notar a semelhança do modo como ele é retratado na fotografia 1, encontrada na residência de uma das benzedadeiras, com a do santuário da fotografia 02, desde sua posição, vestuário e feição. As fontes de água, batismos em casa, até a benção advindos de São João Maria, demonstram como este saber é respeitado pelas comunidades caboclas, e faziam parte do modo de vida.

Além disso, o apego pela figura do monge, também ocorria devido a distância da igreja católica e seus representantes, bem como a própria pregação do monge, ensinando prédicas, profetizando e batizando as populações. Os batismos realizados pelo monge se mostravam muito importantes para a população, pois com a ausência da Igreja, era ele o responsável pelos batismos das crianças, e o temor na morte de uma criança sem ela ter recebido o sacramento do batismo fazia com que estes tivessem uma relação íntima com o monge. Estes ensinamentos construíram esta memória coletiva do monge, onde mesmo tendo vários indivíduos com características semelhantes caminhado pela região, seria, apenas um, o São João Maria, cujas lendas são repetidas, com pequenas variações, em diversos lugares de Santa Catarina.

Antecedente à guerra do Contestado, tal prática, realizada pelas populações, era vista como um “elemento que o fanatismo criou”, e, portanto, deveria desaparecer da região, segundo os olhos do poder público. Este elemento de combate ao fanatismo por parte do poder público é observado quando notamos elementos na região como a guerra e a ocupação de terras (VALENTINI; RADIN, 2011, p. 146).

Importante também destacar o monge enquanto legenda, pois para a população sertaneja, existiu apenas um monge João Maria. Porém, acaba incorporando uma legenda que contém as características de inúmeros indivíduos que passam a adquirir esta denominação de monge ou São João Maria (MACHADO, 2004) e que passam pela região.

Este contato entre os caboclos, indígenas e os migrantes descendentes de europeus, gerou conflitos na região, consequentemente, diminuição de comunidades indígenas existentes na região e a “submissão de populações caboclas” (MARQUETTI; SILVA, 2011, p. 555), que eram rotuladas como “incivilizados, violentos, preguiçosos e atrasados”, em contraposição aos que chegavam, vistos como “progressistas, ordeiros, construtores de um futuro promissor e propagadores da civilização” (VALENTINI, RADIN, 2011, p. 142).

Este cenário de lutas ocasionou também trocas culturais entre estes povos, seguido pela modernização e colonização da região, que trouxe um crescimento demográfico e o desenvolvimento da agroindústria, gerando uma sociedade cada vez mais urbana que foi se distanciando do rural. Porém alguns hábitos ditos como caboclos ainda permanecem vivos na sociedade, como as práticas de cura, que sofreram fortes transformações com a chegada da igreja católica na região a partir da década de 1920 e, principalmente com a modernização da sociedade após implantação das agroindústrias em Chapecó/SC.

3.3.1 O Confronto entre o “oficial” e o “popular” em Chapecó/SC

Escrever sobre uma cidade, e ainda mais a cidade em que moramos é um exercício singular, pois à medida que lemos outros trabalhos de pesquisadores vamos refletindo sobre a nossa própria experiência e existência neste espaço-tempo. Tivemos que realizar o exercício do distanciamento com o nosso objeto, para conseguirmos refletirmos e analisarmos com cautela, e assim, questionamos nossa realidade e percebemos fatos, experiências e sujeitos que ficavam esmaecidos aos nossos olhares, pelo menos em alguns momentos.

Figura 3 - Localização da cidade de Chapecó



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó. Elaboração: Reche, D. 2008

Chapecó é um município do Oeste de Santa Catarina, possui um território de 624.846 km² e conta com uma população de aproximadamente 220 mil habitantes (IBGE, 2019). É marcada fortemente pela presença de agroindústrias e conta com um total de 70 bairros, linhas rurais e distritos. Assim, mapear todas as benzedeiros existentes no município individualmente é uma tarefa extremamente difícil, e, para isso, contamos, como dito anteriormente, com a ajuda da Secretaria Municipal de Saúde no mapeamento. Quando observamos as benzedeiros dispersas espacialmente notamos que a maioria está localizada em bairros economicamente carentes e afastados do centro urbano de Chapecó, conforme apontamos na imagem elaborada pelo Sistema de Informação Geográfica no capítulo 2.

A região em que se situa Chapecó teve três fases de ocupação distinta:

A primeira refere-se à ocupação indígena Kaingang até meados do século XIX; a segunda denota a ocupação cabocla, proveniente da miscigenação indígena com luso-brasileiros; e a terceira seria a fase marcada pela chegada dos imigrantes descendentes de italianos e alemães oriundos do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX (SOUZA, 2010, p. 03).

No período de colonização marcado pela atuação das companhias colonizadoras, durante o processo de construção e consolidação da cidade, a questão da precária saúde pública passa a preocupar as autoridades quando “na década de 40 a febre tifoide afeta a população” (SOUZA, 2010, p. 05).

Quadro 10 - *Causa mortis* indicada em inventários post mortem da Comarca de Chapecó, 1917-1930

Causa da morte	Nº. de casos	%	Causa da morte	Nº de casos	%
Sem assistência médica	18	22,22	Inflamação interna	1	1,23
Assassinato	11	13,58	Longa enfermidade	1	1,23
Febre	5	6,17	Gripe Espanhola	1	1,23
Vítima de parto	4	4,94	Gripe e pneumonia	1	1,23
Gripe	3	3,70	Pneumonia	1	1,23
Bronquite asmática	3	3,70	Câmara de sangue	1	1,23
Motivo ignorado	2	2,47	Moléstia do fígado	1	1,23
Vítima de paralisia	1	1,23	Morte repentina	1	1,23
Morte natural	1	1,23	Angústia no peito	1	1,23
Tuberculose	1	1,23	Congestão	1	1,23
Bronquite	1	1,23	Lesão cardíaca	1	1,23
Hidropisia	1	1,23	Moléstia no útero	1	1,23
Mordida de cobra	1	1,23	Sem informação	17	20,98
			Total	81	100

Fonte: Elaborado por SILVA e ROSA (2018) utilizando inventários *post mortem* da Comarca de Chapecó (1917-1930), Fórum de Chapecó.

Os médicos que visitavam a região vinham a grande maioria, de Florianópolis (SOUZA, 2010) e ficavam na cidade em determinados períodos de tempo. Assim, podemos observar no quadro acima uma grande quantidade de mortes sem assistências médicas, representando 22,22% do total. Além de 17 óbitos, dentre os 81 ocorridos sem quaisquer informações. A falta de médicos é um dos fatores que fez com que neste período a população se voltasse aos farmacêuticos e benzedeiros para aplacar seus males. Porém, no final da década de 40, “as práticas ligadas à saúde foram agenciadas pelos discursos nacionalistas e higienistas da época” (SOUZA, 2010, p. 06). Assim, chegam-se médicos, constroem-se hospitais e a paisagem vai se alterando, se destacando os centros urbanos em detrimento das áreas marginalizadas.

Muitos autores trabalharam com a questão da marginalização das populações carentes em Chapecó, como FACCO, FUJITA e BERTO (2014), MORAES (2014), RECHE (2008), NASCIMENTO e VILLELA (2017). Estes últimos, em especial, publicaram diferentes textos que contribuem para uma reflexão sobre o espaço urbano devido ao seu contexto, após o Plano Diretor de 2014; assim, este mostra como noções do século XX ainda são aplicadas para pensar o espaço urbano em Chapecó/SC.

A política de criação de planos diretores são prerrogativas do Estado, porém ele é um agente na transformação socioespacial, agindo sobre as cidades, assim, num primeiro

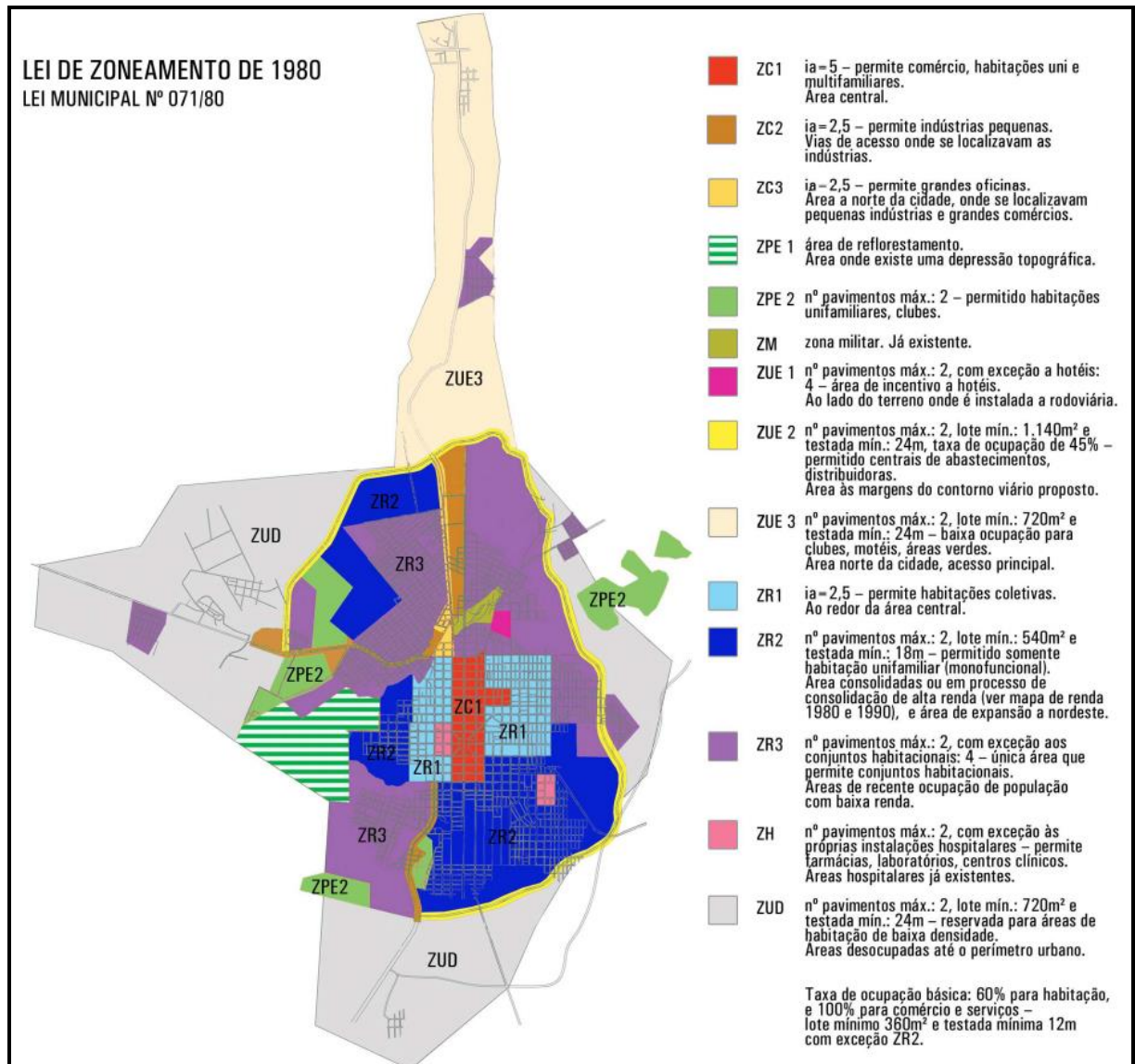
momento analisamos como os planos diretores e Leis de Zoneamento modificaram o espaço urbano:

Sendo assim, o Estado é capaz de determinar, através de suas ações, a organização espacial da cidade. O Estado que, teoricamente, seria um representante neutro da sociedade, segundo as evidências e estudos no Brasil, acaba por se mostrar defensor ou representante de interesses particulares de acordo com a sua “classe” e período histórico (RECHE, 2008, p. 39)

O Estado, que poderia amenizar situações socioeconômicas, pode contribuir para uma segregação socioespacial¹¹, aumentando a desigualdade com um discurso de “progresso”. Um dos exemplos desta transformação e exclusão pode ser visto em Chapecó na Lei de Zoneamento de 1980 e sua alteração em 1983, que buscavam delimitar a região central evitando a “concentração excessiva da população”, “conservando e estabilizando o valor das terras”, visando o “bem-estar social de seus habitantes” (CHAPECÓ, 1980).

Figura 4 – Mapa da Lei de Zoneamento de 1980 de Chapecó/SC

¹¹ Segregação aqui é entendido nos mesmos termos propostos por NASCIMENTO: “A fim de enfatizar a interdependência entre os efeitos sociais e espaciais derivados deste processo, particularmente na conformação de áreas residenciais com conteúdos sociais distintos entre si e tendencialmente homogêneos internamente. Entretanto, a literatura especializada apresenta outros termos para designar o mesmo processo, tais como “segregação urbana”, “segregação residencial”, “segregação espacial”, ou simplesmente “segregação” (2017, p. 105).



Fonte: CHAPECÓ, 1980, Elaborado por RECHE, 2008.

A figura 04 detalha como áreas urbanas e arredores de Chapecó deveriam ser segmentadas, idealizando locais comerciais, de moradia uni e multifamiliares etc. Delimitando a ocupação na área ZC1, simbolizada em vermelho, para comerciais e unifamiliares, tornando uma área economicamente valorizada. Já define também que o lote mínimo na zona ZR2, representado em azul marinho, seria considerado de grande porte (540m²) e que deveria ser utilizado para residências unifamiliares e de forma indivisível, distanciando famílias de baixa renda, pois os únicos que teriam condições para a compra destes lotes acabariam sendo pessoas economicamente favorecidas.

As zonas ZR3, destacadas em roxo, foram destinadas aos conjuntos habitacionais da população de baixa renda, sendo locais que já estariam habitados por trabalhadores das agroindústrias, garantindo assim sua permanência longe do centro urbano. O centro urbano,

ficava, dessa forma, voltado para as atividades comerciais e moradia de famílias economicamente mais privilegiadas.

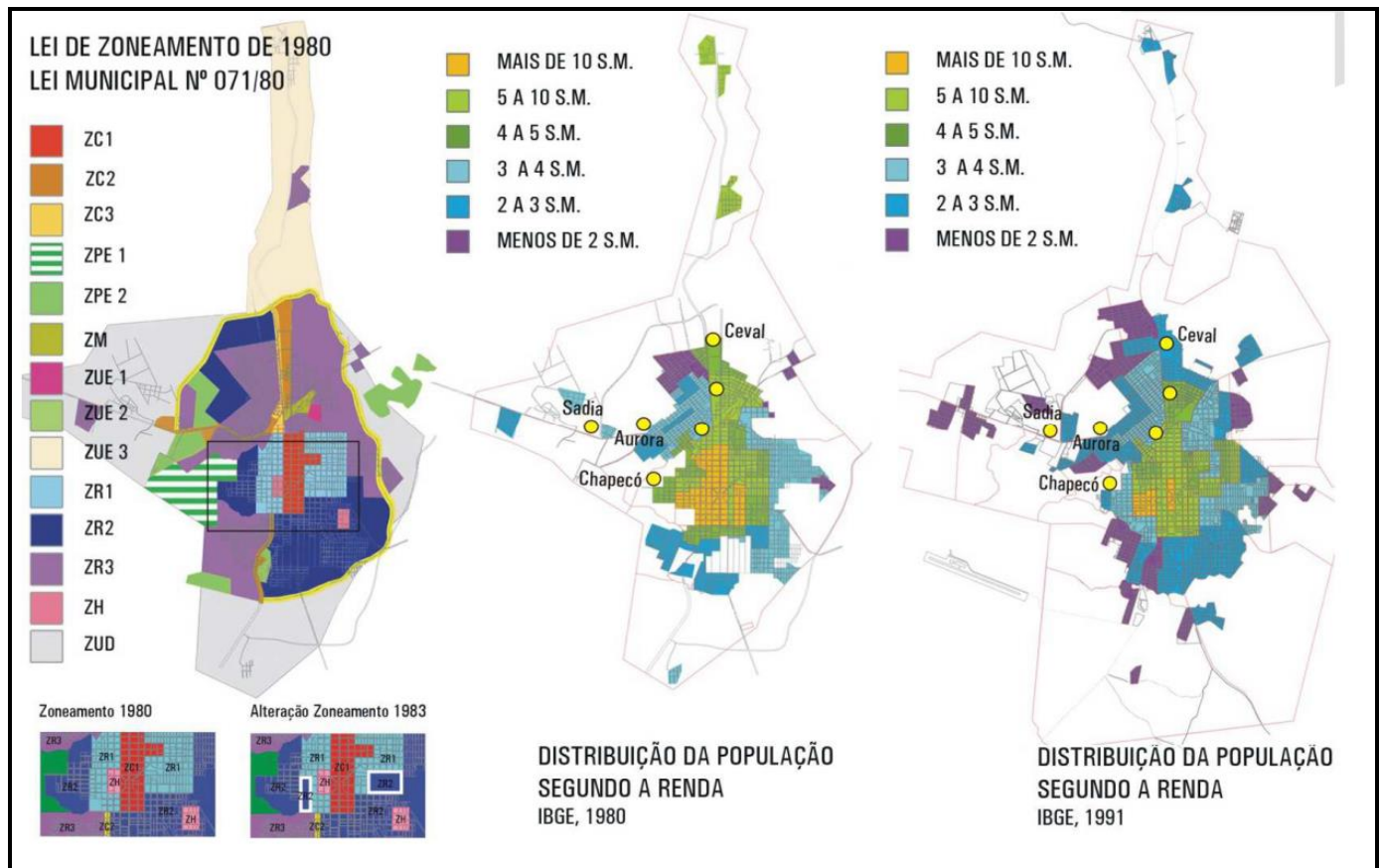
Figura 5 - Fotografia de Chapecó em 1980



Fonte: GUARAGNI, ONGHERO (2018, p. 23).

A figura 5 apresenta já em 1980 as edificações ocorrendo na ZR1, que permitem habitações coletivas, sendo estes os edifícios, cujo valor imobiliário elevado financeiramente também inibe populações mais carentes de ali residirem. A segregação ocorreu neste momento, entre classes, assim como descreve Chalhoub (1996), de uma forma semelhante ao Rio de Janeiro, como uma “suspeição generalizada”, pois supostamente afastando os pobres, estaria garantindo o bem-estar social. O Estado acaba vendo que caso o cidadão menos favorecido permanecesse no meio urbano causaria desordem e violência.

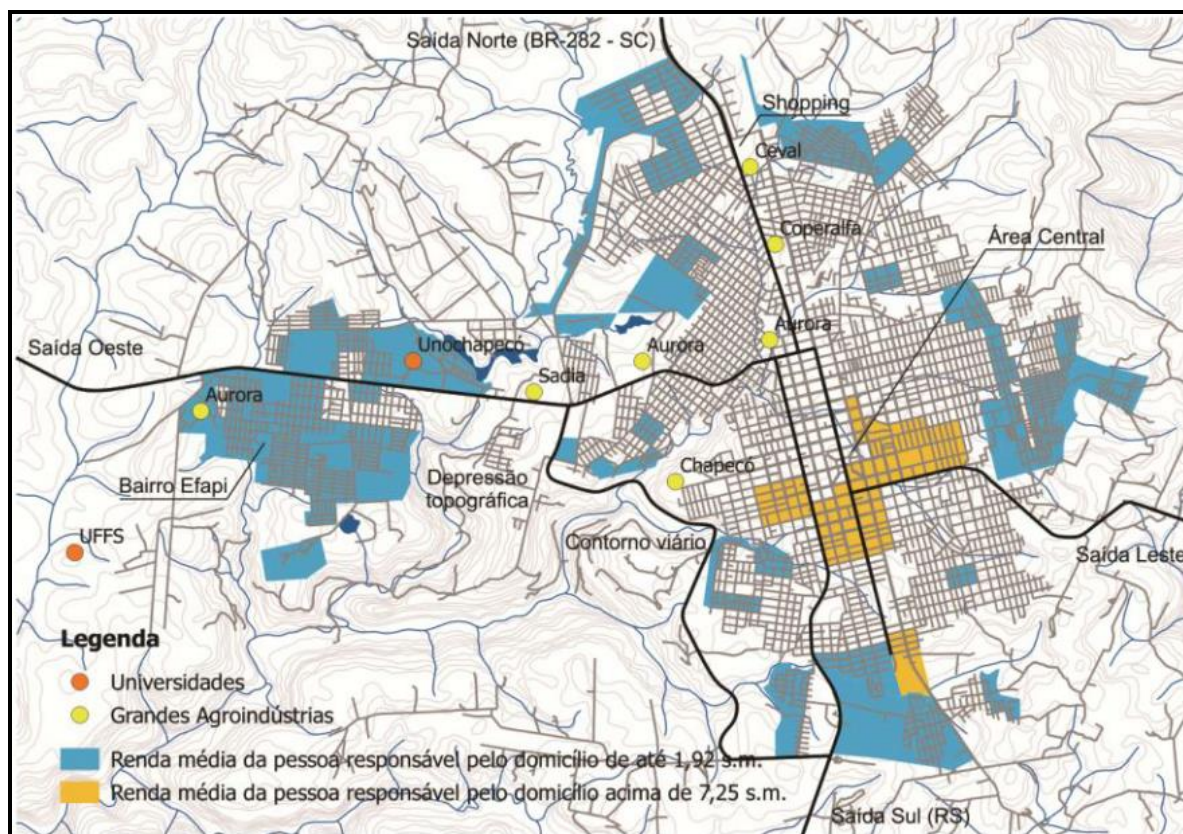
Figura 6 - Lei de Zoneamento X Renda



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó. Elaborado por RECHE, 2008.

Na figura 6, já observamos o crescente aumento populacional das populações de baixa renda mais próximas as agroindústrias que servem como trabalhadoras destas, mantendo assim seus funcionários residindo em suas redondezas. Dessa forma, esta lei teve o objetivo de proteger as áreas de interesse da população de alta renda, afastam-se alguns e mantém-se um centro que vai servir ao interesse de outros, semelhante às políticas higienistas descritas por Chalhoub, “a utilidade do projeto não se assentaria na melhoria das condições de vida das classes populares em si, mas na vantagem de torná-las menos perigosas para a classe dominante” (1996, p. 53).

Figura 7 - Distribuição da população por extremos de renda em 2010 (salário-mínimo= R\$510,00) e localização agroindustrial



Fonte: IBGE, 2010; Base cartográfica: PMC, 2015. Elaboração: RECHE, 2015, In: NASCIMENTO E VILLELA, 2017.

Com os dados da figura 7, analisamos que as políticas de organização socioespacial surtiram efeito, assim, onde existe a concentração de agroindústrias, a presença de indivíduos de baixa renda aumenta, estando estes trabalhando próximos de sua residência, afastados do centro urbano, esmaecendo indivíduos em detrimento de outros. Os economicamente carentes tinham de se afastar para dar espaço a uma parcela financeiramente elevada. Esse processo de esmaecimento de identidades é também descrito por ZEN (2019, p. 165) quando trata da questão da representatividade de minorias em monumentos erguidos em Chapecó, a “pluralidade das representações em Chapecó (SC) é esmaecida, enquanto que a narrativa oficial de uma representação homogênea que destaca uma dimensão unilateral, exclusiva e excludente é reforçada”. Nestas representações, o município sempre tenta evocar a figura do colonizador, enquanto minorias étnicas e sociais são suprimidas e invisibilizadas.

As benzedeadas, estando em bairros afastados do centro urbano, ali, tem sua visibilidade esmaecida. Conforme os mapas 1 e 2 observados no capítulo 2, é possível analisar que são nestas zonas periféricas que também permanecem e re-existem. Essas constatações são pistas que nos permitem investigar esta realidade de maneira mais profunda,

na qual enquanto essa segregação socioespacial favorece tal processo excludente na cidade de Chapecó/SC, fazendo com que a identidade desses sujeitos seja reprimida do espaço e do tempo da cidade, o nosso compromisso com a pesquisa cresce, mostrar a diversidade presente no município, trazer à tona sabedorias e técnicas que re-existem destas mulheres benzedadeiras.

Essas mulheres carregam em sua constituição todas estas marcas trazidas pelo passado, sejam elas indígenas, caboclas ou africanas, assim como também seus estigmas e preconceitos. Mas é nesse confronto entre classes que nasce o presente debate. Essas mulheres são relegadas às suas comunidades, mas ainda atendem pessoas de diversas classes sociais, que necessitam de seus conselhos e atendimentos.

Dois momentos chamam a atenção para este debate, dois resultados diferentes entre confrontos com os representantes oficiais do Estado, os médicos. O primeiro destes está presente em uma fala de uma das benzedadeiras quando perguntada sobre como é sua relação com os médicos:

R: Um dia eu entrei lá para consultar e fiquei uma hora com ele, o doutor [confidencial] ele apoiava as ervas medicinais. Um médico do Caxambu do Sul, que eu era conhecida nos municípios vizinhos, que se ele visse que era amarelão ele mandava lá em casa. O Dr. [confidencial] que fazia Caxambu dizia: “Tu tens amarelão, vai lá na dona [confidencial]”. Para terminar, a mulher desse médico do [confidencial], uma vez ela veio com os agentes de saúde de Caxambu ela veio em casa para passar o que eu aprendi das ervas, que a mulher dele, imagina, a mulher do médico e nós nem se conhecia, ela veio junto com os agentes de saúde né. Depois me disseram que ela era mulher de um médico. Eu disse: “Foi até uma coincidência né, uma honra para mim né, porque ter uma mulher do médico veio aprender em ervas, ela que usa produtos químicos né, remédio de farmácia (CIDREIRA, 2019).”

Aqui observamos uma aproximação entre benzedeira e médico, onde o médico encaminha para benzedeira pessoas que ele acredita que seus métodos não surtiram efeito, inclusive indo sua esposa na residência desta aprender mais sobre ervas e plantas que a benzedeira utiliza. Nesta fala não observamos uma depreciação da prática da benzeção, mas uma legitimação pela parte do médico.

Nas entrevistas realizadas não foram encontrados relatos de intimidações, depreciações ou críticas negativas feitas por médicos para estas mulheres. Todavia, devemos refletir sobre o fato de que em Chapecó e região, o curandeirismo já fazia parte da construção histórica dos povos caboclos e talvez este seja um indício para apurarmos tal fenômeno.

Porém, o que encontramos em nossa pesquisa foi um oferecimento de treinamentos para benzedadeiras com médicos para mudar o método como tratavam de doença, numa forma de padronizar o cuidado com o corpo. Tal relacionamento pode ser observado em uma fala do médico Walmor Lunardi, o mesmo responsável pelo oferecimento do treinamento, quando este concedeu uma entrevista à acadêmica Terezinha de Quadros em 1999:

Nós mandávamos chamar elas para que participassem das reuniões, até intimava, fazíamos um convite sob pena de criar problemas [...]. Quando [as benzedeiras] tinham problema elas encaminhavam para o hospital, então a gente dava um amparo elas não tinham medo de chegar ao médico. Não tinham porque a gente abriu espaço para elas. Se procurou em vez de assustá-las, a gente trouxe elas como aliadas nossas da saúde pública (LUNARDI, 1999).

Este processo de intimidação descrito pelo médico quando trata das dificuldades que teve em atrair as mulheres para a realização deste treinamento, apresenta um indício de afastamento e distanciamento de algumas benzedeiras para com alguns médicos. Aqui também observamos um método de buscar padronizar técnicas populares para se adequar ou se aproximar daquelas oferecidas pelos médicos. Fazendo isso, embora podemos pressupor que a intenção do Estado fosse benéfica, com o intuito de ensinar técnicas, acaba-se indiciando um método de hierarquizar este conhecimento.

E esse pode ser um indício de um afastamento de algumas benzedeiras dos médicos. Quando perguntamos para duas benzedeiras obtivemos respostas como:

P: E algum um médico já mandou alguma pessoa?

R: Eles nem sabem [risos]. É meu segredo (ARRUDA, 2019).

R: Eu não conto para os médicos.

P: Por quê?

R: Eles não perguntam daí eu vou lá, pego, consulto e eles me dão os remédios, mas eu tomo o remédio e já fico boa. (PÉRSICA, 2019).

Enquanto a primeira esconde dos médicos seu ofício, a segunda demonstra um receio de falar sobre suas práticas, e uma das hipóteses para a origem da omissão destas mulheres falarem sobre seu ofício pode ser analisada nestes cursos que intimidavam aqueles que não estivessem presentes.

Importante destacar que não buscamos depreciar a prática médica, pois, inclusive a maioria das benzedeiras entrevistadas afirmou ter uma relação positiva com os trabalhadores de saúde principalmente com aqueles com os quais elas costumam se encontrar nos postos de saúde comunitários, mas buscamos apresentar alguns indícios presentes nas marcas histórico-temporais que podem ter contribuído para este saber permanecer discreto em suas comunidades.

O confroencontro é uma condição do processo de configuração histórica dos lugares. É possível depreender que em Chapecó esse entrecruzamento, cheio de meandros, aspectos esmaecidos e cotidianamente entretecidos pelas relações entre as pessoas e os ambientes

(CERTEAU, 2008) é construído diária e paulatinamente pela força das horizontalidades se manter frente as verticalidades, como permite pensar Milton Santos (1996).

Neste processo que se estabeleceu entre métodos oficiais e populares em Chapecó, é possível observar como sendo entrelaçados um ao outro, pois as pessoas vão em um médico e vão na benzedeira como muito se observa nas entrevistas. Se a benzedeira não consegue amenizar elas indicam um médico, e, inclusive, alguns médicos aconselham à irem nas benzedeadas. Pois, como afirmam “Tem coisa que médico não resolve” (LIMA, 2019), essas expressões mostram a força das horizontalidades do popular, que sutil e paulatinamente, fazem frente às verticalidades oficiais.

3.4 PESQUISAS QUE VEM SENDO DESENVOLVIDAS

Todos esses aspectos apreendidos nesta pesquisa, na compreensão destes saberes-fazeres e das suas marcas ocorreu através da investigação de pesquisas e trabalhos já desenvolvidos e em desenvolvimento. Portanto, faz-se necessário também evocarmos outros pesquisadores e trabalhos que estão sendo desenvolvidos e que contribuem para a compreensão do fenômeno da benzeção por trabalharem com a mesma região, lugar ou tema discutido na dissertação.

Ao pesquisarmos as teses e dissertações já existentes e em andamento em plataformas como Google Acadêmico, Scielo, Plataforma Brasil, BDTD, entre outros, tivemos uma dificuldade no que diz respeito a diversidade de termos que são utilizados em pesquisas semelhantes, termos como benzeção, curandeirismo, cura popular, rezadores, raizeiras etc., são usados para descrever modos semelhantes de práticas de cura. Um dos exemplos pode ser visto atualmente quando pesquisamos o termo “curandeirismo” na plataforma BDTD, ela devolve 90 resultados; ao pesquisarmos o termo “benzeção” temos 14 resultados; “rezadores”: 26 resultados; “cura popular”: 218 resultados. E muitas vezes os resultados presentes em uma pesquisa não são encontrados em resultados de outras.

Porém a diversidade de termos também representa a pluralidade e a diversidade existente em território nacional, visto que as regionalidades possuem suas formas de falar e de benzer. Do mesmo modo muitos dos resultados também se referem a práticas de comunidades quilombolas, sob a figura do Pajé, das quais não trataremos na presente pesquisa por se tratar de técnicas realizadas de modo mais exclusivo dentro das aldeias e redutos indígenas.

Das pesquisas recentes e que vêm sendo desenvolvidas destacamos os trabalhos da historiadora Daiane Brum Bitencourt “Remédios da Terra, Amuletos e Medicina Popular”

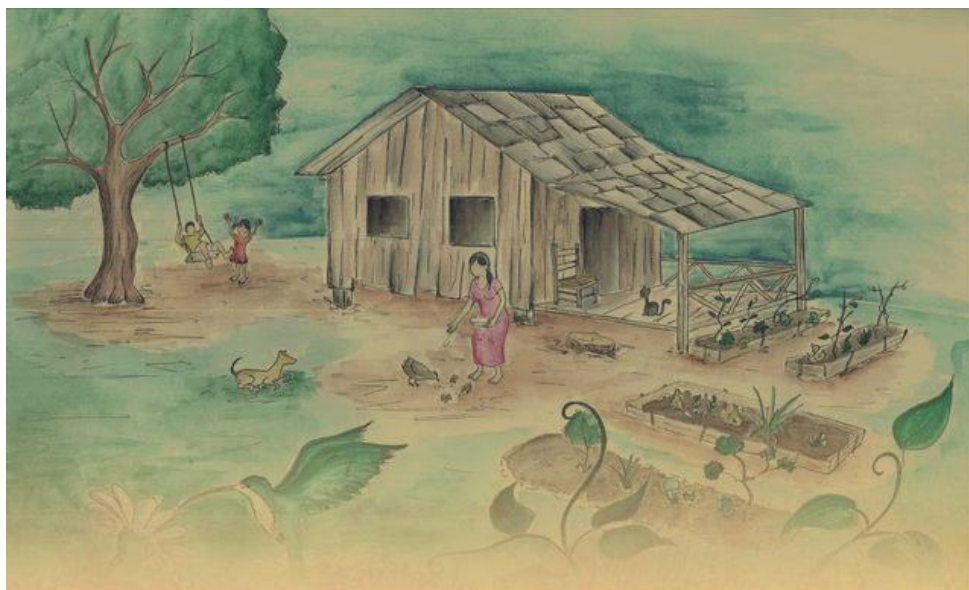
(2017) e “Para sua Saúde e Vigor: Práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre (1776-1936)” (2011), cujos trabalhos sobre as diferentes formas de curar, em especial com o uso de plantas em diálogo com a etnobotânica, história da medicina e antropologia, se mostraram um excelente trabalho interdisciplinar na construção dos remédios e plantas, bem como seus efeitos.

Trabalhos na área da antropologia são comuns quando se tratam de práticas de cura populares, assim, outro trabalho que se encontra em andamento que destacamos é “Tempo De Cuidar: Raizeiras e Benzedeiras em Ibitaré (MG)” (2019), realizado pela antropóloga Mariana Oliveira e Souza, que se baseia no município de Ibitaré (MG) para compreensão dos saberes-fazeres destas mulheres face ao mundo contemporâneo, que busca apresentar relatos das práticas das mulheres benzedoras com o objetivo de um resgate de saberes imaterial.

De forma semelhante, criando um inventário de plantas e remédios de benzedores de modo a criar um inventário imaterial, uma pesquisa que vem sendo desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Mato Grosso, pela mestrandia Verônica Lourenceto Silva intitulada “Saberes e práticas medicinais de benzedores em Cáceres” (2019), traz reflexões sobre os saberes-fazeres e sua importância na forma de preservação de um saber autêntico e popular.

Uma pesquisa realizada na região do Oeste Catarinense e que foi uma das inspiradoras para a presente pesquisa foi o projeto “No quintal da Casa de Madeira: fazeres e dizeres dos benzedores e benzedoras do oeste de Santa Catarina” (2015), de Fernanda Ben juntamente com o Museu Histórico de Pinhalzinho/SC, que resultou em um documentário e oficinas, que percorrem museus do Estado.

Figura 8 - Arte do Projeto “No Quintal da casa de Madeira”



Fonte: Fernanda Ben, 2015.

O projeto –que resultou em artigo de Fernanda Bem-, é composto por entrevistas com benzedadeiras de diversas cidades do Oeste juntamente com dinâmicas e oficinas voltadas para crianças buscando conscientizar e educar os mais jovens, salvaguardar os saberes, o modo de vida destes e estimular a transmissão destes saberes-fazer. Atualmente, o projeto possui uma vasta gama de entrevistas que permanecem sob tutela do museu de Pinhalzinho/SC, além de banners, folders e materiais de divulgação.

As fotografias do monge João Maria (p. 77 e p. 79) e a figura 8 mostram aspectos que denotam a simplicidade e a humildade que compõem um imaginário regional, mas que não pode ser confundido como fraqueza e silenciamento. Sobre isso, arguiremos para afirmar a re-existência das benzedadeiras na construção do espaço-tempo coetâneo, na sequência do texto, especialmente, a partir do capítulo 4.

Outro trabalho que analisará um aspecto que envolve saberes-fazer da região Oeste sobre as parteiras está sendo realizado por Heloisa Regina Souza, intitulado: “Doutoras no Assunto: memórias e histórias de parteiras oestinas”, que ainda está em desenvolvimento, contando com alguns dados prévios divulgados em trabalhos apresentados em eventos. Todavia, estas compreensões sobre as formas de realização de partos contribuíram ao se pensar a dimensão do cotidiano das populações que viviam também no Oeste Catarinense.

Além destas, organizações como a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) também contribuíram para conhecermos trabalhos que utilizam de fontes orais para pensarmos e criarmos modelos de entrevistas e conhecermos as dificuldades e possibilidades da utilização da fonte oral nos estudos históricos. Bem como, também, a Plataforma Brasil,

cujos projetos que necessitam da utilização de pessoas para serem feitos, se mostra uma boa fonte quando buscamos projetos e pesquisas em andamentos que utilizam de entrevistas sobre as práticas de cura populares.

Além destes outros trabalhos que merecem ser citados e que tratam de práticas de cura populares produzidos nos anos recentes são de Eliane Aparecida Bughay (2010), Joel Martins Cavalcante e Waldeci Ferreira Chagas (2009), Mariana Giraldo e Natalia Hanazaki (2010) e Caroline Constanci (2013) que trouxeram reflexões e análises para a presente pesquisa.

Encaminhamos a discussão, reiterando que conhecendo a estrada, seus caminhos e os personagens que por aqui trilharam e que ainda trilham (ontem-hoje-amanhã co-implicados), é possível compreender a constituição histórica dos sujeitos que utilizam das práticas de cura populares para a produção da nossa sociedade, são sujeitos que trazem marcas dos xamãs, que utilizam de seus encantos, rezas e suas energias. Notamos que sua presença ocorre de modo destacado nas áreas menos centralizadas da cidade, praticando suas técnicas e re-existindo aos seus próprios modos. São, aliás, essas formas de re-existir o foco do próximo capítulo.

4. INDÍCIOS DAS INTERAÇÕES DAS BENZEDEIRAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO

Trilhando este caminho, inicialmente apresentamos a você leitor a vereda na qual estamos implicados metodologicamente. Na segunda parte referimos o panorama dos sujeitos participantes da pesquisa, seus modos de pensar e se organizar. Na terceira parte expressamos as marcas que trazem este caminho, mostrando que este saber possui fortes raízes no tempo e no espaço. Agora nesta parte, antes das considerações finais, buscamos trazer uma discussão de todos os elementos encontrados na caminhada, dos quadros, das falas e dos locais. Investigaremos estes elementos que encontramos, que por ora se sobressaem em meio aos outros, se repetindo de maneira aguçada, e alguns outros elementos que são ofuscados em meio aos materiais que encontramos. Todavia, são estes elementos que dão sentido a esta caminhada, e menosprezá-los ou ignorá-los significa a perda e o desperdício de uma experiência.

4.1 ASPECTOS LUMINOSOS E OPACOS

Investigamos aqui, a partir de indícios, os elementos que representam as luminosidades e opacidades presentes nos quadros-resumos do capítulo dois. Na compreensão da produção do espaço-tempo coetâneo sendo as benzedadeiras, as figuras centrais. Portanto, aqui investigamos as fontes orais com vistas a refletir sobre como as benzedadeiras conseguem re-existir. Análise esta pautada nos passos do paradigma indiciário apresentados no item 1.2.

Aqui utilizamos, de modo mais direto, os dados das participantes da pesquisa por meio dos passos do paradigma indiciário, apresentados no capítulo 1, que explicitou a Vereda Metodológica. Compreender a re-existência destas mulheres no contexto espaço-temporal coetâneo, pressupõe trazer debates sobre os elementos presentes em suas entrevistas. Assim, estas nos sustentam para indiciar os elementos de seus saberes-fazeres que são luminosos e opacos para posteriormente indiciarmos suas re-existências no contexto espaço-temporal coetâneo.

Nesta parte, cabe lembrar que o estudo dos dados em pesquisa estão se pautando no paradigma indiciário. Como antes dissemos, os passos não são estanques nem independentes entre si. Entrecruzam-se dialogando em toda a dissertação. Os passos 1 (Identificar os objetos em pesquisa), 2 (Sistematizar os dados prospectados da realidade), 3 (Investigar o contexto histórico e geográfico no qual os dados se constituíram e onde-quando estão sendo analisados

na atualidade) e 4 (Extraír aspectos gerais dos dados), já vêm compondo a argumentação desde o início do texto. A partir deste capítulo 4, trazemos mais presente a elaboração de argumentos a partir de sinais luminosos e opacos, constitutivos do passo 5, propostos por Andreis (2018).

O olhar às luminosidades e opacidades é realizado a partir das categorias prospectadas nas falas das benzedeiras e em diálogo com os apontamentos dos referenciais teóricos debatidos no texto, que são:

Quadro 11 – Categorias prospectadas das entrevistas

Aspectos Luminosos		Aspectos Opacos	
Religiosidade	Mantém paralelamente um credo baseado em uma religião oficial	Têm ciência da condenação da benzeção	Demonstram saber a importância de não anunciar formalmente seu saber-fazer
Sabedoria que vem com o tempo	Possuem idade média entre 70 a 79 anos	Ritos realizados silenciosamente	As falas não são verbalizadas em voz alta
Plantas nos quintais	Possuem e fazem manutenção de quintais em suas residências mantendo plantas e ervas	Não publicização de seu saber-fazer	Não fazem propagandas de seu ofício para a comunidade
Aspecto íntimo e pessoal e gratuito no atendimento às pessoas	Atendem em suas próprias residências e não cobram valores monetários	Carência de tecnologias informacionais	Carência de ferramentas tecnológicas informacionais em suas residências
Áreas Verdes	Residem próximas a áreas verdes	Ausências em apartamentos	Residem em casas de no máximo dois andares e é escasso residirem em apartamentos
Aprendizagem do saber-fazer com familiares	Aprenderam seu ofício com pessoas próximas de seu ciclo familiar		
Compõem grupo social popular	Possuem renda média abaixo de dois salários-mínimos e residem em		

	bairros periféricos		
--	---------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A partir do quadro 11 que contém os dados apreendidos dos quadros-resumos elaborados no item 2.3, foi possível a análise tanto dos indícios presentes nas luminosidades quanto das opacidades. A seguir investigamos cada item individualizado e em quais expressões ou fatores foi possível de serem identificados.

4.1.1 O luminoso

Os aspectos que denominamos de luminosos, referem-se as falas e expressões que se repetem, se destacam e se sobressaem nas entrevistas realizadas com as benzedeiras. O conceito de luminosidade muito se destaca em expressões populares como: “luz da sabedoria”, “luz da razão” ou “luz da alma”, se referindo a algo que se reflete de grandiosidade tal que desperta o espírito humano.

Para Milton Santos, a luminosidade também ocorre nas cidades por meio da “mecânica rotineira, que cria um sistema de gesto sem surpresa” (2006, p. 221), hábitos que se repetem e tornam possível ver padrões, semelhantes ao exercício que fizemos ao analisar as entrevistas. Aqui nesta dissertação, esta luminosidade nos permite indiciar fenômenos que são comuns e importantes para que estes saberes-fazerem continuem re-existindo.

4.1.1.1 Religiosidade

O primeiro elemento luminoso que notamos que acabou se repetindo durante toda a pesquisa é o aspecto religioso da benzeção. Este aspecto pode até parecer subestimado, porém ele é a síntese do que é o ato de benzer. Para todo o ato de benzer ocorrer, é necessário ter fé, indiferente da religião de quem o pratica ou de quem o recebe.

Todas as entrevistadas estão inseridas dentro de uma matriz religiosa, 6.66% pertencem à matriz evangélica, e a grande maioria, 93.34% pertencem à religião católica. Porém, um fator que nos chamou a atenção em relação a duas mulheres entrevistadas foi a utilização de elementos de outra religião: a umbanda. A primeira é a benzedeira Maragata:

Eu sou católica e tenho esse trabalho espiritual A umbanda hoje ela é uma religião, mas aqui eu não posso seguir a Umbanda porque eu tenho os meus filhos católicos e eu também sou nascida em família católica. E muito bem católica. Eu faço a minha

obrigação católica e faço a minha obrigação de umbandista, e de benzedeira e curandeira e de faz tudo (MARAGATA, 2019).

Já a segunda entrevistada que levantou este questionamento foi a benzedeira Sálvia:

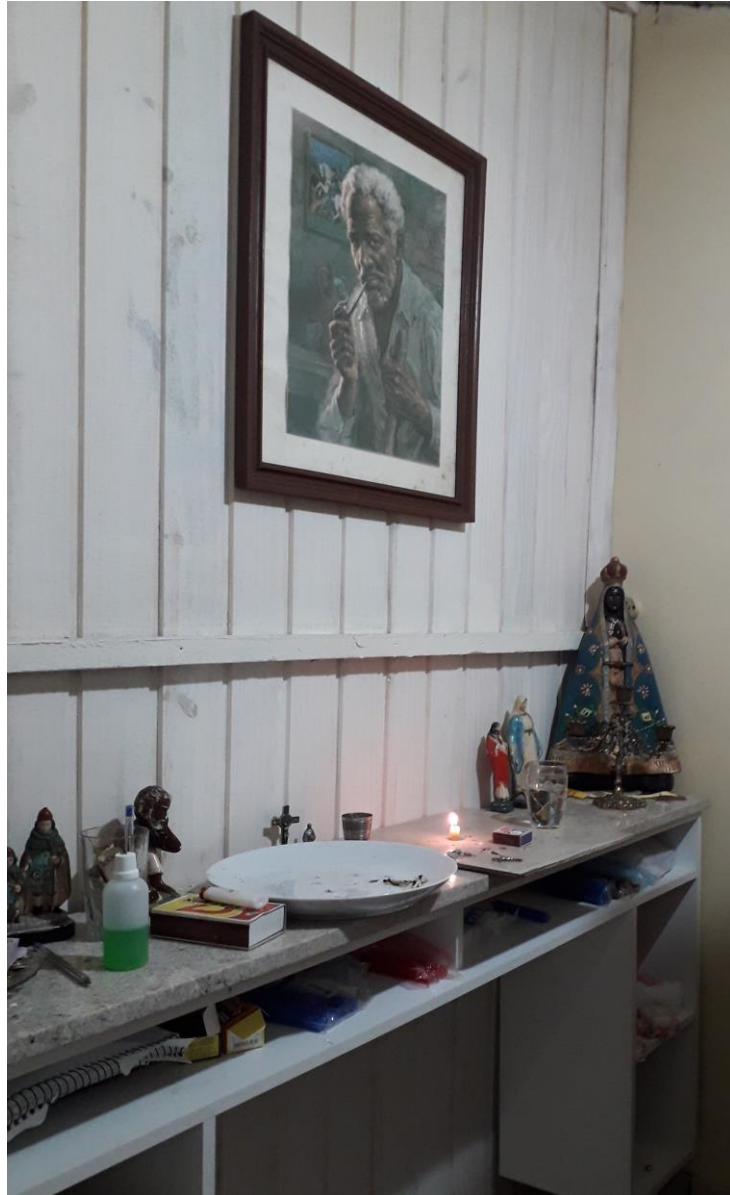
Ele é da senzala, esses preto véio que morreram da senzala. E ele era muito poderoso para benzer, a mãe Maria que a gente diz, e o preto véio, Pajó. E daí eu benzo com eles, as crianças de bicha, tudo [...]. Aqui é o quartinho. Então essa parte [apontando] é o Jesus Cristo, Nossa virgem Maria e Nossa Senhora Aparecida que eu benzo e daqui para cá então é o Preto Velho, Pai João, São Cosme e Damião que eu benzo as crianças né, o São Jorge, e ali tem esses santos aqui que ganhei de presente, mulheres que vão nas romarias e me trazem. Essa santa aqui foi uma que foi na Romaria e me trouxe, esse aqui foi na Nossa Senhora da Salette e me trouxe. Eu só comprei o São Jorge que eu sou muito fã dele. E os outros tudo eu ganhei de presente, mas nenhum é refugo. E esse é para benzer criança, esse é meu preto Velho e esse também eu ganhei da minha nora. [...]

P: Que religião a senhora tem?

R: Católica (SÁLVIA, 2019).

Ambas utilizam elementos de outra religião, porém não se identificam como pertencentes a ela. A primeira entrevistada admite que segue a religião umbandista juntamente com a católica, embora esta seja mal vista pelos seus filhos, (fator que analisamos no item 4.1.2.1), ela ainda acaba praticando seus saberes-fazeres e se definindo como católica. Ao passo que a segunda também realiza suas práticas de cura se voltando a uma entidade da umbanda, mas quando perguntada em relação a qual religião se identifica, se afirmou católica. Inclusive esta segunda benzedeira possui em sua residência um espaço, próximo à entrada, com imagens, velas e miniaturas das entidades aos quais ela reza, seja católico ou pertencente à umbanda:

Fotografia 03 - Sala de Rezas



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 18/05/2019

Na sala de rezas da benzedeira Sálvia podemos ver a existência de símbolos, quadros e imagens pertencentes a duas matrizes religiosas. As imagens de santos no lado direito são comuns da religião católica ao passo em que na parede e no canto esquerdo é possível ver imagens que representam uma entidade da umbanda, o “preto velho”, que simboliza divindades purificadas de escravos africanos.

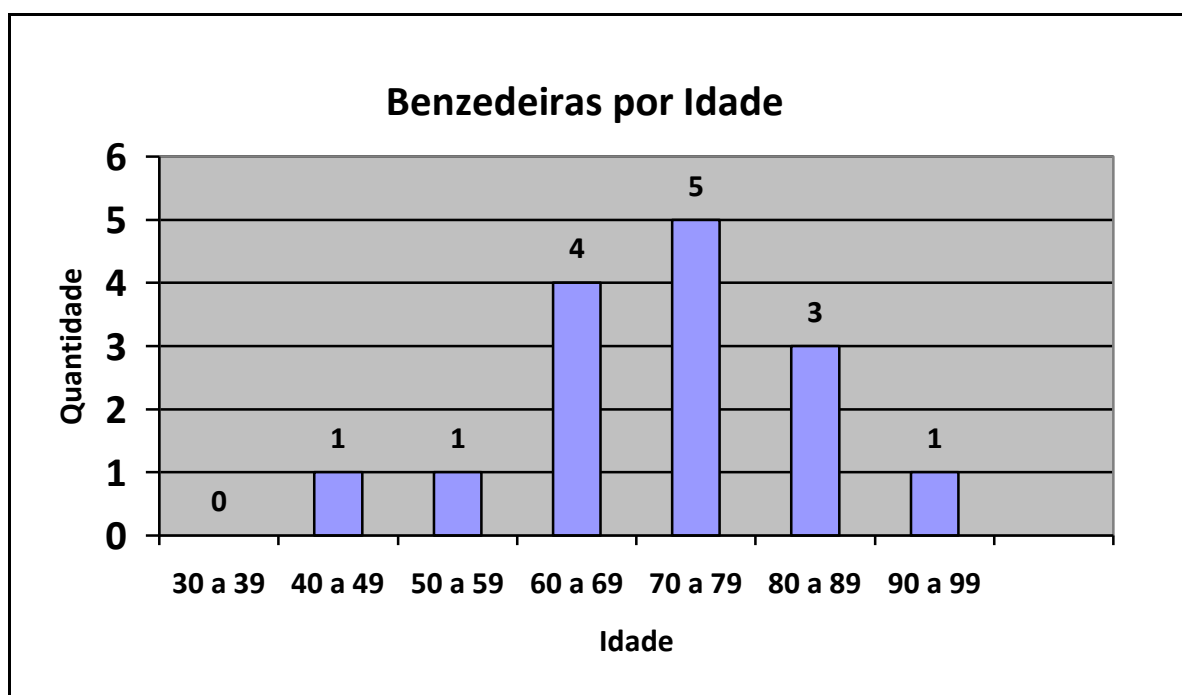
Não estamos criticando o negacionismo da benzedeira em não se identificar como pertencente à religião umbandista. Ou seja, quando perguntamos à qual religião ela se identificava, mesmo venerando e tendo imagens de divindades da umbanda, ela se identifica como católica, e não pertencente à umbanda, e não queremos criticá-la por isso. Mas sim indicamos que a luminosidade da prática da benzeção está presente nos locais em que a

religião católica é prevalecente. Porém, identificando a existência de elementos de outras matrizes podemos indiciar que, assim como apresenta Holanda (1995), a benzeção é uma síntese de elementos de outras religiões, sejam de matrizes católicas, africanas ou outras.

4.1.1.2 Sabedoria que vem com o tempo

O segundo aspecto luminoso encontrado nas entrevistas realizadas na pesquisa é a idade das mulheres que praticam a benzeção. Constatamos que predominantemente são mulheres com idades acima dos 50 anos, como vemos no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Benzedeiras por idade



Fonte: Elaborado pelo autor (2020), utilizando informações coletadas nas entrevistas.

O gráfico 01 apresenta a proporção da quantidade de benzedeiras por idade dentre as 15 mulheres entrevistadas. Podemos observar que a maioria das benzedeiras se encontra na faixa dos 70 a 79 anos, assim passamos a investigar esta área luminosa dentro da prática da benzeção buscando encontrar suas raízes.

Podemos indiciar que esta prática está associada à experiência e confiança dos membros que frequentam as benzedeiras para com elas. Uma confiança que cresce conforme a idade, fazendo com que benzedeiras em idade acima dos 50 anos demonstrem ter maior experiência e conhecimento que as mais jovens. Baseada na não existência de mulheres que praticam este ofício com faixa etária abaixo dos 49 anos, também pode ser levantada a

hipótese da dificuldade de encontrar alguém que queira se tornar benzedeira, como algumas falaram nas entrevistas:

P: A senhora pensa em ensinar para alguém?

R: eles não se importam, então não adianta. Até tinha o cunhado dela [aponta para a filha], que veio, ensinei algumas coisas, mas não sei se vai querer continuar (MALVA, 2019).

P: E a senhora pensa em ensinar para mais alguém? Pros seus filhos?

R: Olha, nenhum deles quer, eles não vêm nem se benzer de medo que eu deixe para eles [risos]. É verdade, eles não vêm nem se benzer para mim não deixar para eles (SÁLVIA, 2019).

P: A senhora pensa em ensinar para alguém?

R: Mas olha se me pedirem eu ensino, mas acho que ninguém se interessa. Eu acho que vai terminar os benzimentos porque já está muito pouco. (BANDANA, 2019).

Com estes indícios, podemos levantar inúmeras hipóteses que discorrem sobre a resistência em se tornar benzedeiras por parte das filhas: a ausência de remuneração, o tempo investido para se dedicar ao cuidar do outro, (que poderia ser gasto em outra atividade), a criação de um “rótulo” perante a comunidade, ou a união de todos estes fatores. Mas, ainda assim, as benzedeiras re-existem.

Ao que este fator Marisete T. Hoffmann-Horochovski nos demonstra como o “Tempo” se transforma conforme envelhecemos:

Seu ofício muitas vezes lhes tolhe a possibilidade de participar de outras atividades, incluindo grupos de terceira idade. Seu tempo não lhes pertence. Mas não conseguem visualizar outro modo de vida para si próprias. É sua prática que lhes garante sua identidade, sua sensação de pertencimento na comunidade, seu lugar no mundo. Sem ela, não se reconhecem; parar de exercê-la significa morrer, mesmo que simbolicamente [...]. Os discursos que predominam apontam ou para um período eivado de realizações e possibilidades ou para uma etapa na que há perda de autonomia, doença, solidão. De um lado a “melhor idade”, de outro, a “última idade”. Desconstrução e fortalecimento social da idade cronológica. Assim, duas categorias são socialmente construídas: a do ‘jovem’ velho que sobrevive aos augúrios do tempo e a do ‘velho’ velho que se curva sob seu peso (2012, p. 136-137).

Para Hoffmann-Horochovski (2012), conforme estas mulheres envelhecem, o seu tempo passa a ser usado de outra maneira, em prol do outro. E como o tempo dedicado ao trabalho formal se reduz em grande média quando envelhecemos, este pode ser usado para estar a serviço do outro através de práticas como a benzeção.

4.1.1.3 Plantas nos Quintais

Outro fator luminoso que encontramos na presente pesquisa ao visitarmos as benzedeiras, foi a constante presença de plantas e ervas em seus quintais e ao redor de suas residências. As imagens abaixo são representativas de algumas residências visitadas.

Fotografia 04 - Vista Frontal da residência da benzedeira Arruda



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 25/05/2019

Fotografia 05 - Vista do Quintal da residência da benzedeira Arruda



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 25/05/2019

Fotografia 06 - Vista Frontal da residência da benzedeira Sálvia



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 18/05/2019

Fotografia 07 - Imagem do quintal interno mantido na residência da benzedeira Manjerona



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 18/05/2019

Fotografia 08 - Vista Frontal da fachada da
residência da benzeadeira Rosa



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 10/08/2019

Fotografia 09 - Vista interna da
residência da benzeadeira Maragata



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019

Das 15 benzeadeiras entrevistadas, apenas duas não possuíam em suas residências um quintal com plantas e ervas. Nas moradias das demais, a presença de plantas e ervas nos arredores reinava. Inclusive, quando partimos em busca de algumas benzeadeiras orientados pelos dados da secretária de saúde, observamos que algumas vezes os endereços estavam incompletos, por exemplo com a ausência da numeração. Porém quando estávamos na rua indicada procurando as benzeadeiras, um fator que nos chamou a atenção durante a pesquisa empírica foi a análise dos arredores das residências, pois geralmente eram nas residências com maior presença de plantas nos entornos, onde encontrávamos as benzeadeiras.

Este fator sinaliza a resistência destas mulheres em se manterem em seus locais cultivando, plantando e mantendo as próprias plantas e ervas que estas utilizam em seus rituais. Como a maioria das benzeadeiras utiliza de plantas em seus rituais, como afirma a benzeadeira Bandana, quando fala sobre suas técnicas, das quais “umas é com o rosário, outras com o raminho” (2019), a resistência em manter-se nestes locais é de suma importância para a permanência deste saber fazer. Pois a disponibilidade de matéria-prima é mantida pelas próprias benzeadeiras em seus quintais.

4.1.1.4 Aspecto íntimo, pessoal e gratuito no atendimento às pessoas

Outro aspecto que se sobressai de forma luminosa durante toda a pesquisa que nos permite levantar indícios das re-existências das benzeadeiras é o aspecto íntimo e pessoal em atender seus “pacientes”. Utilizamos aqui o substantivo pacientes entre aspas, pois estas

mulheres ao atenderem as pessoas que a elas se dirigem, não cobram nenhum valor monetário, nem nenhuma outra espécie de permuta. Embora aceitem doações, como podemos observar abaixo:

Eu não peço nada, está na vontade da pessoa. Tem muitas pessoas que depois que cura que vê que está curado que nem rendidura, cobreiro, das bichas, tem muita gente que vem mal, vomitando e de repente sai bem [...]. Então depois que melhoram eles me gratificam (MANJERONA, 2019).

P: E a senhora cobra para benzer?

R: Não. Doam o que quer [...]. Uma vez uma mulher com um cobreiro nela aqui, não tinha essa carne aqui, aqui não tinha nada, [apontando para partes do rosto], só os dentes alumando. Daí benzemos de cobreiro, benzi ela com três benzimento, no último benzimento já tinha vindo a carne assim, já tinha sarado. Daí ela queria pagar e eu digo “não, eu não cobro benzimento” daí ela me deu uma cesta básica, naquele tempo [eu] não recebia, não tinha dinheiro para receber, nada. Dei graças quando chegou aquela cesta básica. [Risos] (CHICÓRIA, 2019).

Esta gratuidade é um fator importante para compreendermos estes saberes-fazeres, pois, conforme Marisete T. Hoffmann-Horochovski nos indica, estas benzedeiras realizam seu ofício “de boa vontade e gratuitamente, afinal considera seu ofício um “dom” que recebeu de Deus e que, portanto, não pode ser negociado” (2012, p. 130). A isso, uma das benzedeiras também afirma: “se tu vais levar para o lado de Jesus quanta gente que ele curou né, e sem nada em troca” (MARAGATA, 2019). Esta capacidade, segundo o entendimento das benzedeiras, foi-lhes doada graciosamente, portanto, não podem cobrar pelo serviço. A cobrança ocorre apenas pelo fornecimento de alguns utensílios (velas) e chás ou garrafadas. As mulheres explicam que precisam cobrir os custos, porém, jamais a cobrança se refere ao saber-fazer da benzeção.

P: A senhora cobra os chás? As orações?

R: Não. Só cobro os remédios, que tem gasto [gaguejando]. O trabalho de juntar tudo bem, no mato, mais se eu cozinhar no gás, gasto gás, se eu cozinhar no fogão a lenha, gasto lenha, então eu cobro um pouquinho. Mas as orações nunca cobrei nada, é um dom que Deus me deu (BEGÔNIA, 2019).

Quando cobram pelos chás que fazem, as benzedeiras sempre buscam se justificar informando que este valor monetário se dá devido aos gastos com produtos necessários para sua fabricação. No demais, esta gratuidade fortalece o sentimento de solidariedade para com os membros da comunidade em que residem.

No que se refere ao aspecto íntimo e pessoal das benzeções, observamos que inclusive durante a pesquisa empírica, em alguns momentos fomos interrompidos no meio da entrevista

em função de pessoas que se dirigiam à casa das benzedeiras para se benzerem e/ou apenas conversarem. Este aspecto tão próximo com seus frequentadores, em meio a um mundo cujas relações sociais cada vez mais se tornam artificiais e digitais, é um fato que deve ser levado em consideração, assim como a gratuidade, na qual cada vez mais corporações e profissionais da área da saúde se voltam ao lucro, elas oferecem um espaço onde seus pacientes se sentem à vontade em ser curados ou apenas conversar.

4.1.1.5 Áreas Verdes

Outro aspecto marcante e luminoso que foi possível de ser identificado por meio da ferramenta SIG, tem associação com a posição das residências das benzedeiras em relação às áreas verdes da cidade de Chapecó/SC. Observamos cartograficamente, em escala com área mais abrangente (menor em escala, geograficamente falando), e vemos uma relação entre as respectivas moradias das benzedeiras com áreas verdes. Observemos as imagens abaixo:

Figura 9 - Localização da benzedeira Bandana



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em:
<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

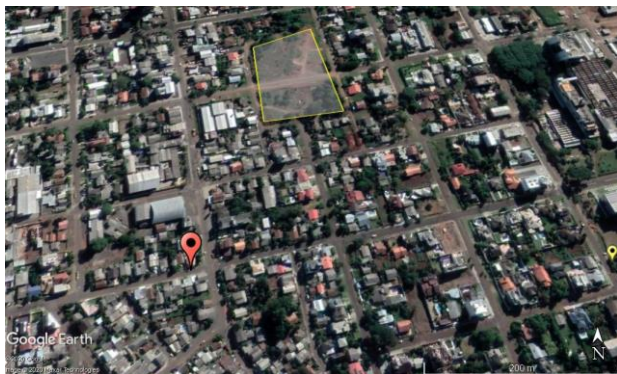
Figura 10 - Localização da benzedeira Pérsica



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em:
<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

Figura 11 - Localização da benzedeira Sálvia

Figura 12 - Localização da benzedeira Malva



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em:
<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>



Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019) e com uso do GoogleEarth, disponível em:
<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

As quatro imagens acima representam as localizações de quatro benzedeiras representadas com o ícone em vermelho, ao passo que as zonas destacadas com opacidade em branco representam as áreas verdes mais próximas de suas residências¹². Estas benzedeiras são todas residentes nas Zonas 1 e 2 (conforme destacamos na figura 1) e convivem muito próximas a áreas verdes¹³. Bandana mora a uma distância de 37 metros de uma área verde; Pérsica reside a 133 metros de área verde; Sálvia a 212 metros; e Malva mora a uma distância de 554 metros de uma área verde.

Malva, dentre as 15 entrevistadas é a que possui a maior distância entre sua moradia e a área verde mais próxima de sua residência. E dentre as benzedeiras residentes nas zonas 1 e 2, obtivemos a média de 193 metros entre as residências das benzedeiras e a área verde mais próxima de sua moradia. Porém, se incluirmos as residentes das zonas 3, reduzimos esta distância para uma média de 133 metros.¹⁴

Analizadas as distâncias entre as benzedeiras e as áreas verdes próximas, aflorou mais essa luminosidade, a proximidade destas mulheres com áreas verdes. Podemos inferir deste modo um indício, a necessidade de uma aproximação com áreas verdes para que estas mulheres possam continuar exercendo seu ofício, pois muitas das benzeções necessitam de plantas, assim como também os remédios para aquelas que fornecem chás ou garrafadas. Destacamos duas citações, de duas benzedeiras diferentes sobre:

¹² Identificamos por áreas verdes, matas, áreas de preservação ambiental e terrenos baldios que contêm condições para crescimento de plantas e ervas.

¹³ Não demonstraremos aqui as benzedeiras residentes nas zonas 3 devido a baixa densidade populacional nestas zonas, descritas no capítulo 2, que faz com que se tornem residentes em zonas rurais, estando assim muito mais próximas as áreas verdes do que as residentes nas zonas 1 e 2. Para comparação ver anexo 3, que contém as localizações das 15 benzedeiras entrevistadas.

¹⁴ Distâncias e localizações de cada uma das 15 benzedeiras entrevistadas se encontram no anexo 3.

R: Bandana, é uma folha grande. Ali tem (apontando para o terreno baldio próximo) (BALDANA, 2019).

P: Desde que a senhora mora em Chapecó a senhora já benzia?

R: Sim, benzo a uns 40 anos. Faço remédio para amarelão de capoeira. [...]

P: Como a senhora benze? O Chá é a senhora mesma que faz?

R: Sim, para preparar só na capoeira, só ir nos lotes vazios, sempre tem lote vazio. Que nem ali no vizinho sempre tem picão, coisarada (MALVA, 2019).

Ambas as benzedadeiras afirmam que buscam alguns de seus remédios em locais próximos de suas residências. Assim, com a análise do quadro-resumo foi possível analisarmos todas as plantas utilizadas pelas benzedadeiras de Chapecó, ao qual foi possível criar o seguinte quadro contendo todas as plantas utilizadas:

Quadro 12 - Plantas utilizadas pelas benzedadeiras

Planta	Nome científico	Origem
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	Exótica
Alvaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Exótica
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Nativa
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Exótica
Baldana	<i>Arctium lappa</i>	Exótica
Barim	<i>Arrabidea chica</i>	Nativa
Cambará	<i>Lantana camara</i>	Nativa
Canela	<i>Cinnamomum verum</i>	Exótica
Canela-do-brejo	<i>Ocotea pulchella</i>	Nativa
Cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i>	Exótica
Coqueiro (Flor)	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Nativa
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i>	Exótica
Fabana	<i>Fabiana Imbricata</i>	Exótica
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Exótica
Guaxumba	<i>Sida Rhombifolia</i>	Nativa
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Exótica
Levante	<i>Stemodia viscosa</i>	Exótica
Lima	<i>Citrus limettoides</i>	Exótica
Malva	<i>Malva sylvestris</i>	Exótica
Manjerona	<i>Origanum majorana</i>	Exótica
Maragata	<i>Euphorbia pulcherrima</i>	Exótica
Mistruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Exótica
Noz-Moscada	<i>Myristica fragrans</i>	Exótica
Pariparova	<i>Pothomorphe umbellata</i>	Nativa
Pessegueiro	<i>Prunus pérsica</i>	Exótica
Pontalívio	<i>Achillea millefolium</i>	Exótica
Picão	<i>Bidens alba</i>	Nativa
Quebra-Pedra	<i>Phyllanthus acutifolius</i>	Nativa
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	Exótica

Santa Maria	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Exótica
Tarumão	<i>Vitex megapotamica</i>	Nativa

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações coletadas nas entrevistas.

Apesar de muitas das plantas serem exóticas¹⁵, elas se difundiram na região e hoje são fáceis de serem encontradas, assim como afirma Fernandes quando analisa a flora catarinense, plantas como a Malva, Alvaca, Cidreira e o Pontalívio se tornaram “exóticas adaptadas e são amplamente utilizadas pela população” (2014, p. 115), principalmente pela disponibilidade, pois podem ser encontradas facilmente no território catarinense.

Aqui também observamos novamente a importância dos quintais com plantios de ervas e plantas medicinais pelas benzedeiras, pois estes contribuem na propagação das plantas exóticas, para que quando tenham necessidade de serem utilizadas, sejam facilmente encontradas. As vastas áreas verdes também se mostraram como um fator que fez com que as benzeções fossem muito mais realizadas e ensinadas nas áreas rurais. Pois a disponibilidade de plantas e ervas era muito maior nestas comunidades, como afirma uma das benzedeiras entrevistadas:

A mulher disse assim “então eu quero que a senhora ao menos passa a mão em mim” e eu peguei, passei a mão no rosto dela e fui assim, botei a mão no peito dela e disse: meu Deus o que eu faço por essa mulher? Daí ela foi embora, e de noite o pai veio e (me) chamou no quarto “[confidencial]”. Aí eu disse: mas o pai morreu, o que ele está fazendo? Aquilo me marcou muito. Ele disse “eu quero que tu faças esses três remédios”, mostrou as ervas verde assim na mão. Daí eu levantei, peguei a vassoura e comecei a varrer a casa. Digo: vou tirar as ervas no mato coisa nenhuma, disse para mim, não falei para ninguém. Aí o meu piá mais novo, esse que está em Pato Branco tinha uma bicicleta e saía passear com a bicicleta por ali. Daí ele sumiu. Não tinha jeito de achar esse piá eu perguntei para um, para o outro e ele não era de sair sem dizer “mãe eu vou em tal lugar”. De repente, as mulheres sentadas ali, que eu estava apavorada, e ele passou com a bicicleta com uns galhos assim de árvore. Ele disse “eu não sei o que que deu”, chamei ele, ele disse, ali tinha um morro assim para subir [apontando] “Parece que alguém foi empurrando a bicicleta para mim” Daí quando ele chegou lá em cima diz que uma árvore balançava assim na frente. Ele desceu da bicicleta, quebrou o galho, botou no bagageiro dele e passeando como era uma brincadeira para ele né. E era a que meu pai mostrou. E a outra eu achei, como era tudo mato aqui para cima, achei aqui para cima [apontando]. E assim eu comecei (SÁLVIA, 2019).

As zonas rurais possuem uma variedade muito maior de plantas e ervas para as benzedeiras utilizarem. E esta disponibilidade pode então ser vista como um indício do fenômeno das localizações das benzedeiras serem muito mais comuns em regiões afastadas do

¹⁵ Utilizamos como base na identificação das origens das plantas entre nativas e exóticas o trabalho de LORENZI e MATOS (2008).

centro urbano. E mesmo quando existem nos centros urbanos, ainda vemos elas re-existirem plantando em seus quintais ou residindo próximas a áreas verdes de onde ainda podem retirar suas matérias-primas.

4.1.1.6 Aprendizagem do saber-fazer com familiares

Outro fator que observamos como luminoso na pesquisa empírica foi o processo de transmissão deste conhecimento. Quando perguntamos às participantes da pesquisa como aprenderam a benzer, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 13 – Formas de aprendizagens de saberes-fazeres das benzedeadas de Chapecó/SC

Forma de Aprendizagem	Quantidade de Benzedeadas
Aprendeu/desenvolveu em centro espírita	1
Aprendeu com pessoas idosas sem relações de parentesco	3
Aprendeu com os pais	11

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações coletadas nas entrevistas.

A grande maioria respondeu que aprendeu a benzer com seus pais, sendo que destas apenas duas falaram que aprenderam com a figura masculina, as nove demais informaram que aprenderam com suas mães ou avós. Já as três pessoas que aprenderam com sujeitos sem relação de parentesco afirmam que estas figuras eram ainda assim presentes em suas vidas, como vizinhas ou amigas de seus pais:

Eu aprendi com as outras benzedeadas velhas que tinham. Tinha uma velhinha que ia lá em casa no tempo da finada mãe, sempre ela ia posar lá em casa. Ela morava para cima da sede e descia lá posar. Daí nós ficava, as três irmãs. Nós ficávamos até a madrugada com aquela velhinha perto do fogo de chão. E ela ensinando nós a rezar, oração assim e benzimento e coisa, e foi como eu aprendi (BALDANA, 2019).

O trabalho de Silva e Colvero quando aborda a transmissão do ofício de benzer também demonstra a importância do gênero oral nesta transmissão, que ocorre geralmente no âmbito familiar cujo “papel da família constitui importante elemento de análise na prática dos benzedores, pois é em seu interior que as relações de influência e de decisão norteiam este ofício” (2014, p. 109).

A benzeção se configurava até então ao nosso ver, como um dom que é passado de geração a geração, dos mais velhos para os mais novos. E a relação com o lado feminino é muito forte, e aqui embora não seja o nosso objetivo realizar uma análise na perspectiva de gênero, sentimos o dever de abordar essa dimensão. Pois historicamente o gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1986, p. 21), e investigando este fenômeno da benzeção, observamos que as mulheres aqui são dotadas de um saber e um poder que lhes confere um *status* dentro destas relações sociais, sendo respeitadas e consultadas pela comunidade, não apenas estando relegadas à função de cuidar “da economia doméstica, e cabendo ao homem progredir” (WOORTMANN, 1995, p. 143).

Embora o Oeste Catarinense, como dito anteriormente, tenha um histórico de passagem de homens que benziavam, hoje este saber é predominantemente feminino, e uma resposta a este fenômeno é encontrada no trabalho de Archanjo e Leite:

Uma divisão de tarefas por gênero e, como responsável pela vida doméstica, à mulher/mãe foi delegada a função de manter a saúde dos filhos e de outros familiares. Considerando os recursos disponíveis tornou-se comum o uso de ervas, banhos e massagens com objetivos terapêuticos, além de orações pedindo pela recuperação do doente. Com passar dos tempos algumas mulheres que se destacaram em suas comunidades pela eficácia de suas práticas, foram reconhecidas pelo ‘dom’ de curar e passaram a ser legitimadas como benzedoras (2009, p. 4).

Sendo estes ideais de papéis sociais um construto social, com o intuito de “reproduzir as estruturas socioeconômicas e as estruturas de dominação masculina de uma ordem social” (SCOTT, 1986, p. 11), aqui a mulher desempenha um papel importante nas suas comunidades, dominando este saber e esta parte da estrutura social. E mantendo uma prevalência das mulheres neste saber, elas ensinam suas filhas e netas.

Porém, quando observamos a única mulher que respondeu que aprendeu e desenvolveu seu saber em um centro espírita, analisamos também o elemento do sobrenatural, como uma porta de entrada para a realização deste ofício:

Esse trabalho aqui, a mãe me dizia assim, que eu tinha um dom de nascimento. Só explicar para vocês, um dom de nascimento como é que foi: eu nasci na cabeça, assim, eu nasci [com] uma bola encapada [na cabeça], a mãe dizia, nasceu [com] aquele bucho lá. E para mim sair de lá, rasgaram aquela pele que nem fosse um bucho de porco. Então a pessoa que nasce assim ela traz, ela traz um dom (MARAGATA, 2019).

A partir deste relato analisamos que a prática da benzeção não é somente relacionada à hereditariedade, mas também abarca a dimensão da predestinação, um dom com o qual se nasce. Porém, deve-se desenvolver o dom para realizar a prática e ser respeitada na sua comunidade:

Percebe-se que a arte de rezar é vista como um dom e como algo sobrenatural, pois pode surgir tanto devido ao ensinamento de um ancião respeitado na comunidade pelo seu ofício, quanto pode surgir mediante acontecimentos fortes na vida de uma pessoa, por exemplo, através de uma revelação e até mesmo uma doença grave na família. Contudo, ainda é insuficiente para que essa pessoa possa obter um reconhecimento social. É preciso antes de aprender como funciona o sistema da benzeção, aprender a diferenciar os tipos de doenças, e as orações específicas para a cura dos males; além disso, aprender o conhecimento das ervas e ramos que são importantes no ritual de cura (OLIVEIRA, 2014).

Assim, existem estes dois modos de transmissão dos saberes-fazeres do ofício de benzeira: quando recebem os ensinamentos de alguém ou quando possuem o dom, simbolizado por algum acontecimento em sua história de vida relegado ao sobrenatural. Nos casos de quando se recebe o dom de outra pessoa, o processo de inserção nos rituais de benzeção ainda são cheios de mistério, pois a benzeira geralmente ensina a próxima a benzer quando esta encerra sua prática.

Até que minha mãe estava em coma eu não benzia, ficava calada. Que eu tinha que esperar ela passar para mim porque a gente não pode tomar a frente da pessoa. Quando ela melhorou ela falou aqui agora em diante você benze que a mãe não vai mais benze. Daí eu comecei porque tinha muitas pessoas que estavam precisando aqui. [...]

P: Pensa no futuro em ensinar para alguém?

R: Quando eu não conseguir mais eu quero passar. Espero que alguém queira né (MANJERONA, 2019).

Este fator também é um indício do forte respeito destas benzeiras pelas suas antecessoras e pelo sistema de transmissão deste saber-fazer, pois espera-se até o momento em que uma benzeira esteja pronta para passar seus ensinamentos a outra, para que esta segunda possa continuar sua prática.

4.1.1.7. Compõem grupo social popular

Outro ponto de luminosidade encontrado na pesquisa diz respeito ao grupo no qual pertencem, pois quando questionadas sobre suas rendas aproximadas, duas benzeiras se negaram a responder, as treze restantes responderam que são aposentadas. Uma ainda afirmou

Fonte: NASCIMENTO (2016, p. 54)

Neste mapa, cujo foco é econômico, podemos analisar que das 9 mulheres residentes nos bairros censitários urbanos (representadas com o ícone em azul) que abrange a imagem, uma reside na zona de até 15 (Maria Goretti), uma se encontra na zona de 35.1 a 50 (Saic), três são residentes nas zonas de 50.1 a 70 (residentes nos bairros Trevo, Universitário e Palmital) e quatro são residentes nas zonas de 70.1 a 100 (residentes nos bairros Efapi, Cristo Rei, São Pedro e Eldorado). Ou seja, quanto menor a renda do bairro, maior a quantidade de benzedeadas que podem ser encontradas no mesmo.

Agora observamos a tabela abaixo que representa em quais bairros estão localizadas todas as benzedeadas existentes na listagem fornecida pela SMS somada com as cinco já conhecidas pelos autores:

Quadro 14 – Quantidade de Benzedeadas por bairro

Bairro/Distrito	Quantidade de benzedeadas	% População do Bairro que recebe até 2 salários-mínimos
Centro	2	Até 15
Maria Goretti	1	Até 15
Universitário	1	35.1 a 50
Santa Maria	1	35.1 a 50
Presidente Médici	2	35.1 a 50
Saic	2	35.1 a 50
Santo Antonio	6	50.1 a 70
Palmital	1	50.1 a 70
Esplanada	2	50.1 a 70
Passo dos Fortes	5	50.1 a 70
Trevo	8	50.1 a 70
Líder	6	50.1 a 70
Bela Vista	6	50.1 a 70
Alvorada	1	70.1 a 100
Boa Vista	2	70.1 a 100
Bom Pastor	2	70.1 a 100

São Pedro	4	70.1 a 100
Seminário	2	70.1 a 100
Quedas do Palmital	4	70.1 a 100
Efapi	6	70.1 a 100
Cristo Rei	4	70.1 a 100
Eldorado	7	70.1 a 100
Colônia Cella	8	70.1 a 100
Rodeio Chato	1	70.1 a 100
Marechal Bormann	9	70.1 a 100
Cachoeira	1	70.1 a 100
Goio-Ên	1	70.1 a 100
Total	95	

Fonte: Elaborado pelos autores (2020), utilizando informações da SMS (CHAPECÓ, 2019).

Este quadro compreende todas as benzedeadas que estão na nossa listagem¹⁶. Demonstramos assim, a baixa renda das benzedeadas e dos bairros em que residem, e este fator pode acabar levantando insidiosos indícios. Por exemplo: a preferência por estas mulheres pela população de baixa renda em detrimento às de alta renda; o fato da população de baixa renda frequentar as benzedeadas devido à ausência de médicos; ou devido ao valor financeiro que estes cobram. Para estes indícios que poderiam ser levados em conta, descartamos pelos motivos que se seguem.

O primeiro motivo que nos levou a descartar tal possibilidade se baseava na preferência das populações de baixa renda pelas benzedeadas, descartamos, pois, quando conversamos com as benzedeadas obtivemos respostas como:

Tem pessoas que vêm de outra cidade aqui, vem lá do centro, lá de fora. Vem para se benzer de amarelão também (MANJERONA, 2019).

Daí começaram a procurar, agora quando eu vejo vem gente lá de [pausa pensando] lá de Florianópolis, quando eu vejo vem um carro ali para mim benzer. Uma vez veio uma mulher com um homem de perna quebrada, saiu com a perna erguida (CHICÓRIA, 2019).

Estas falas já demonstram que a busca por benzedeadas é abrangente e não depende de classe social. Embora a maioria das benzedeadas resida em uma zona de baixa renda, aqueles

¹⁶ O quadro 03 contém a localização somente das 15 entrevistadas.

que as procuram vêm de bairros e cidades diversas, assim como das mais diversas classes sociais. Já sobre a busca por benzedeiras pela população devido à ausência de médicos ou pelo valor financeiro também acabamos investigando este indício e os criticamos baseados em afirmativas de algumas benzedeiras:

Elas saem lá do médico e vem aqui se queixar que o médico fez isso, isso e isso. E elas não aceitam, daí elas vem pegar minhas garrafas de remédio. (PÉRSICA, 2019).

P: E como é sua relação com os médicos, assim que tem por aqui?

R: Eu gosto deles. Não posso ter queixa. Tem gente aqui que vai no médico depois vem aqui. Às vezes faço remédio, vejo que não [fica bem] e falo, vocês têm que procurar outro lugar (MALVA, 2019).

Teve uma médica um dia, uma enfermeira, estava ruim pediu para mim fazer uma oração para ela. Sabia de certo né.

P: E tem pessoal que vem no médico e depois vem na senhora?

R: Tem bastante gente. Porque às vezes, tem remédio, [gaguejando] que médico trata do ser humano, e tem doença que não depende de remédio. Nós temos nosso grande médico que é Jesus. E muita gente não acredita, acredita no remédio, na medicina. E às vezes as pessoas depois morrem. O problema não é no corpo, é na alma (SÁLVIA, 2019).

Estas afirmações de diferentes benzedeiras demonstram que sua clientela também consulta médicos e demais serviços de saúde, porém também confiam nos trabalhos realizados pelas benzedeiras que conhecem. Inclusive ao visitarmos uma das mulheres, vimos a chegada de uma paciente que tinha recebido um diagnóstico de um médico advertindo que deveria realizar uma cirurgia, porém, esta mulher queria antes ir na benzedeira para ver se esta conseguiria curar seus males.

A busca por benzedeiras na coetaneidade não se trata de uma necessidade devido à carência de médicos e demais serviços de saúde como era em outrora. As pessoas que recorrem às benzedeiras atualmente também utilizam destes serviços de saúde, de médicos e seus diagnósticos, e mesmo assim escolhem ir a estas mulheres, se considerando assim uma escolha legítima pela parte delas.

Soares também defende tal ponto que “não é a ausência de médicos que explica a ampla aceitação dos curandeiros, mas antes a concepção de que a origem das doenças tinha uma natureza sobre-humana sobre a qual essas pessoas tinham a faculdade de intervir” (2001, p. 421). E do mesmo modo que afirmou a benzedeira Sálvia, esta escolha se legitima quando o problema “não é no corpo, mas na alma” (2019).

4.1.2 O opaco

Se a luminosidade é aquilo que nos mostra a grandiosidade presente nas falas das benzedeiras, agora nos debruçaremos nos aspectos opacos, nos aspectos escondidos, por vezes obscurecidos pelas benzedeiras. Analisaremos agora os silêncios, as omissões, os aspectos aparentemente sem interesse, mas que possuem uma profundidade tão grande quanto as luminosidades.

Para Ginzburg, são justamente estas pistas que nos permitem revelar a realidade que buscamos compreender, e assim poderemos levantar novos indícios das interações destas benzedeiras na produção do espaço-tempo, e os seus modos de re-existir.

4.1.2.1 Têm ciência da condenação da benzeção

Quando realizamos as entrevistas com as benzedeiras e as questionamos sobre as dificuldades em realizar suas práticas, encontramos em grande maioria respostas negativas, informando que não tinham dificuldades em realizar tal práticas. Porém a citação de duas benzedeiras permitiu analisar que o silêncio da grande maioria para com essa pergunta era um indício de sua re-existência:

Ele falou [o pastor] que sabia que tinha gente que benzia dentro da Igreja, mas essa vai para o inferno, porque não é coisa de Deus. [Pausa] É coisa de Deus. Não acha que é verdade? (CANELA, 2019).

O relato desta benzeadeira denota uma dimensão complexa inerente às crenças. “Associada ao catolicismo popular, a benzeção tem sido condenada por crentes que questionam sua eficácia” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p. 122), assim como também criticam seus métodos e seus símbolos utilizados. E um representante da igreja evangélica condenando tal prática, buscando ameaçar uma benzeadeira de ir para o inferno quando morrer demonstra tal conflito. Assim buscamos as origens para tal condenação desta prática popular por outras religiões.

Em muitas Igrejas Evangélicas, por exemplo, a doença ora é vista, assim como os colonos a viam, como um castigo ou mesmo provação divina, e até mesmo como resultante da ação diabólica na vida das pessoas (CAVALCANTE; CHAGAS 2009, p.05).

Em algumas religiões a prática da benzeção acaba sendo vista como condenatória como afirmam os autores. Isso, porque a doença para estes é entendida como um castigo divino. Além disso, é dentro das suas igrejas que se encontra a cura, e não no trato popular. Assim este saber passa a ser perseguido por estes, pois:

[...] A invasão das igrejas neopentecostais, as chamadas igrejas protestantes ou evangélicas têm contribuído consideravelmente para o desaparecimento das práticas realizadas pelas benzedadeiras, pois consideram estas, como elementos ligados ao aspecto negativo e demoníaco (SILVA, 2016, p. 02).

Para o autor, com o crescente aumento de igrejas evangélicas, muitas benzedadeiras estão deixando seu ofício para evitarem conflitos. Renata Siuda-Ambroziak, quando aborda as benzedadeiras de Florianópolis, ao analisar a sua diminuição na Ilha, afirma que “cresce também e constantemente, na ilha, a população evangélica, o que faz com que os contatos com a vizinhança fossem ainda menos amistosos” (2018, p. 138), com ocorrências policiais e hostilidades entre estes praticantes.

Porém, as hostilidades para com as benzedadeiras por vezes são ainda mais sutis. Um fenômeno que nos chamou a atenção ocorreu ao visitarmos uma das benzedadeiras que reside próxima a uma gruta no distrito Sede Figueira. Uma localização distante do centro urbano de Chapecó/SC, onde observamos os indícios abaixo que chamam à atenção:

Fotografia 10 - Placa da Gruta Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019.

Fotografia 11 - Vista da Entrada da Gruta Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019.

Fotografia 12 - Vista Frontal da Gruta Nossa
Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019.

Fotografia 13 - Cachoeira da Gruta Nossa
Senhora de Lourdes



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019.

Ao visitarmos a benzedeira Maragata, residente no Distrito Sede Figueira encontramos uma placa indicando a localização de uma gruta católica (fotografia 10) a uma distância de 700 metros de sua residência. Ao descermos o caminho para conhecer a gruta, encontramos um local com imagens de santos, velas e uma pequena gruta. Ao subirmos as escadas (fotografia 12), encontramos uma queda d'água.

A Igreja Católica realiza a manutenção da gruta, que é aberta ao público, e no último final de semana de janeiro, anualmente, ocorre uma romaria até a gruta, e tal celebração recebe centenas de fiéis católicos. Porém, o que nos chama a atenção foi uma pequena placa fixada em uma árvore próxima da queda d'água (fotografia 13).

Fotografia 14 - Zoom sobre a placa fixada na gruta



Fonte: Acervo do autor. Fotografia realizada em 22/06/2019.

A placa apresenta a inscrição “PROIBIDO FAZER OFERENDAS NESTE LOCAL, RESPEITE A COMUNIDADE”. Até então observamos o aviso como voltado aos fiéis católicos que ali deixariam suas oferendas. Porém, ao analisarmos a imagem, observamos que

tal inscrição também pode indiciar uma aversão à prática da benzedeira Maragata. Pois esta benzedeira, dentre todas as entrevistadas, é a única que realiza oferendas para entidades de matriz afro-brasileira. E o fato de o aviso estar a uma distância de 700 metros de sua casa, sendo ela a única a realizar oferendas deste gênero naquele distrito também pode ser um sinal destes conflitos. Os conflitos, portanto, estão presentes na vida de muitas benzedeadas, porém mesmo com estes, elas ainda re-existem.

4.1.2.2 Ritos realizados silenciosamente

Outro fator que analisamos como silenciado, é o modo como as benzedeadas realizam as práticas pertencentes aos seus saberes-fazer. No momento em que as benzedeadas realizam suas falas observamos que geralmente são realizadas em silêncio, ouvindo-se no máximo sussurros monossilábicos. Inclusive, uma das benzedeadas fala a respeito, quando perguntamos como ela realizava suas rezas, ela responde: “bem baixinho” (BALDANA, 2019), e não fornece mais nenhuma outra explicação.

Tendo nos deparado com essa pista, buscamos, nos teóricos, apontamentos que nos permitissem compreender o motivo que faz com que as benzedeadas realizem tal ato. Assim, encontramos no trabalho da letróloga Danielle Gomes Nascimento diálogos que nos permitem compreender tal opacidade:

O fato de preferirem silenciar no momento em que estão rezando é uma marca desta tradição, uma vez que estão imbricados valores, sentidos e sentimentos religiosos. No momento da reza, poucas palavras são pronunciadas, o que mais se ouve são monossílabos acompanhados de uma infinidade de gestos. Na maioria das vezes, o discurso das rezadeiras é silenciado por fatores intrínsecos à tradição. Os fatores intrínsecos do silenciamento do discurso dizem respeito à força da reza e a forma singular de estar em contato com Deus. Assim, a tradição das rezas sugere “às escolhidas para exercer tal ofício” que silenciem, mantendo num estado de extrema concentração com Deus. O fato de as rezadeiras “silenciarem” no ato da reza é uma forma tradicional que elas utilizam para transcender, ficarem mentalmente em contato com Deus, além de ajudar na memorização das rezas. O silêncio é, pois, uma estratégia de comunicação, de maneira que é capaz de expressar algo muito mais significativo do que as próprias palavras. A tradição oral das rezadeiras está caracterizada pela vocalização das rezas, já que para se comunicar com Deus não é necessário falar, apenas sentir a presença dele (2010, p. 24).

Quando se silenciam para as rezas, o silêncio, os gestos e os símbolos se interagem fazendo a benzedeira entrar em um estado de concentração extrema, aproximando seu comportamento e postura ao ato ritual de benzer. É uma tradição oral baseada na vocalização

das rezas muitas vezes sigilosas, por vezes também já esquecidas das mentes das benzedadeiras, que nos sussurros encontram legitimidade e sua ligação com o sagrado.

Como na síntese de M. Lê Bot, “O silêncio não são as palavras silenciadas que se guardam no segredo, sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge” (2017, p.69). É o que é dito – ou não dito-, nas falas em sussurros, causa um efeito simbólico que toma formato de cura. É como se ocorresse um diálogo com um ente supremo: a benzedeira pede e o ente supremo atende por meio das rezas em silêncio.

4.1.2.3 Não publicização de seu saber-fazer

Como falamos anteriormente, a opacidade também está naquilo que não é dito. Nesse sentido, outro fator que observamos é o aspecto da divulgação, afinal para este saber-fazer continuar a existir dentro da sociedade é necessário que tenha procura. Porém, referente a este aspecto observamos que as benzedadeiras não divulgam seu ofício. Das quinze entrevistadas, apenas uma delas falou a respeito: “As pessoas foram descobrindo e eu não conto para ninguém, quando vi estavam chegando” (BEGÔNIA, 2019).

A legitimação da benzedeira é atribuída pela comunidade, não bastando ela simplesmente dominar os rituais:

Não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atua, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com ela desse momento singular. É necessário que essas pessoas queiram que tal dom exista, que a elejam como uma pessoa especial, capacitada, dotada de poderes sobrenaturais (OLIVEIRA, 1985, p. 39).

Sendo estes saberes-fazeres passados através da oralidade, é também através desta que se legitima a benzedeira. Inicia-se geralmente através de uma pessoa (LIMA, 2019), que acaba tendo sua enfermidade tratada pela benzedeira, que adquire confiança em seu trabalho e posteriormente divulga seu ofício, fazendo com que pessoas fora do círculo de conhecidos acabem frequentando as benzedadeiras e mesmo assim confiando nos seus trabalhos:

Aqui eu estou quieta assim, e às vezes chega pessoa que eu nem conheço [...]. Agora quando eu vejo vem gente lá de [pausa pensando] lá de Florianópolis, quando eu vejo vem um carro ali para mim benzer. Uma vez veio uma mulher com um homem de perna quebrada, saiu com a perna erguida. Que lá no médico tinha machucado a perna. Daí ela chegou “trouxe um homem para tu benzer a perna dele (...), mas ele está de viagem, tu podes benzer?” Daí eu disse: posso! Só deixar o nome. Daí comecei a benzer, dali de repente ela veio ali só para me dizer que ele tinha sarado (CHICÓRIA, 2019).

Pessoas que desconhecem a benzedeira, que não fazem parte do seu ciclo social, acabam através de um sistema de pessoas conhecidas, adquirindo confiança nesta. Ou seja, um indício da existência de um sistema de confiança que faz com que esta prática se propague entre comunidades aumentando a clientela das benzedadeiras.

É necessário que se proceda ao ritual do benzimento para que a saúde do cliente seja restabelecida. Entrelaçam assim no cotidiano os fios da crença neste conhecimento ligado ao divino e sobrenatural à vida prática. Tomando por empréstimo as palavras de Brandão. “Não é porque uma crença é verdadeira que uma comunidade acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela é que ela é verdadeira” [...] Neste aspecto percebe-se a legitimidade social destas práticas (SILVA, 2007, p. 147).

O reconhecimento da benzedeira se dá através do seio social, ou seja, é a comunidade que divulga seu ofício, seus chás e suas garrafadas. Estes saberes-fazeres estão, assim, inseridos dentro da perspectiva da circularidade cultural de Ginzburg, sendo legitimadas e contribuindo para que a comunidade continue utilizando destes saberes propiciando alívio às enfermidades dos seus integrantes.

4.1.2.4 Carências de tecnologias informacionais

Outra zona de opacidade que observamos no cotidiano destas mulheres benzedadeiras foi a carência de ferramentas tecnológicas que a modernidade traz, no seu cotidiano e nos seus saberes-fazeres. Quando preparam as ferramentas para a prática de cura, os materiais geralmente utilizados são velas, rosários, água e linhas, não utilizando de nenhum material que necessite de energia elétrica ou baterias para ser utilizado.

Para compreendermos seu cotidiano observamos as residências das benzedadeiras, internamente e externamente, bem como seus espaços, ao qual constatamos a existência e não-existência de algumas ferramentas que se seguem:

Quadro 15 - Tecnologias existentes nas residências das benzedadeiras

Benzedeira	Localização	Veículo Próprio	Veículo de Terceiros	TV	TV a cabo	Computadores	Internet	Telefone Celular	Telefone Fixo	Rádio
Maragata	Sede Figueira		X	X			NC	X		X

Hortelã	Sede Figueira		X	X		NC	X	X	X	NC
Arruda	Trevo		X	X		NC	NC	X	X	X
Lima	El Dorado		X	X			X	X		X
Malva	Cristo Rei		X	X	X	NC	X		X	NC
Manjerona	Efapi		X	X			X	X		X
Cidreira	Saic		X	X			X	NC		X
Begônia	Linha Cachoeira		X	X			NC	X		X
Rosa	Marechal Bormann		X	X			NC	NC	X	X
Salsa	Marechal Bormann		X	X			NC	X		X
Pêrsica	Universitário			X					X	X
Sálvia	Maria Goretti		X	X			X	X	X	X
Baldana	Palmital		X	X			X		X	X
Chicória	Goio-Ên			X					X	NC
Canela	São Pedro			X					X	X

Fonte: Elaborado pelos autores baseado na observação das residências das benzedadeiras.

Marcamos com X quando tal tecnologia era existente na residência da benzedeira. Quando não encontrada deixamos em branco; quando não constatamos a existência ou a ausência marcamos com NC. Assim observamos a ausência de canais de televisão fechados¹⁷, somente possuindo acesso a canais abertos de televisão, sendo nestes os canais religiosos os mais assistidos: “aquela rede vida e canção nova é as minha que eu assisto, só isso aí” (BALDANA, 2019). Importante destacar que das quinze entrevistadas três moram sozinhas - Pêrsica, Chicória e Canela; três moram com o marido, porém na residência de seu filho/a - Baldana, Cidreira e Malva; e as nove benzedadeiras restantes moram somente com o marido. O que faz com que algumas ferramentas embora encontradas na residência, fossem mais utilizadas por seus outros moradores.

Nenhuma das benzedadeiras possui veículo automotivo próprio, e quando existentes em suas residências eram pertencentes ao seu marido ou filhos/as, sendo este o seu modo de se

¹⁷ Malva apresentou TV a cabo na residência existente somente no salão de beleza de sua filha que fica em um espaço separado.

locomover principalmente quando necessitam ir ao centro urbano da cidade. Telefones fixos foram mais comuns que telefones celulares, porém todas o utilizam de alguma forma.

Todavia, a tecnologia que por vezes atrapalhou as transcrições das entrevistas foram os rádios, que regularmente estavam ligados em estações de música quando visitamos as benzedeiras. A presença constante destas ferramentas é também, um símbolo da marca do cotidiano destas mulheres. Pois, nessas residências era muito mais comum encontrarmos rádios do que telefones celulares ou computadores, se mostrando um contraste para com a realidade que vemos no nosso próprio cotidiano.

4.1.2.5 Ausências em apartamentos

Outro fator relacionado à opacidade que foi possível de observarmos visualmente quando analisamos as residências das benzedeiras foi o tipo de construção de suas moradias. Nenhuma das benzedeiras entrevistadas moravam em apartamentos.

Quadro 16 – Tipos de Construção da residência das benzedeiras em Chapecó/SC

Benzedeira	Tipo de construção residência	Número de andares
Arruda, Malva, Bandana	Alvenaria	2
Begônia, Cidreira, Hortelã, Lima, Maragata, Rosa, Salsa, Sálvia, Canela	Alvenaria	1
Manjerona, Pérsica, Chicória	Madeira	1

Fonte: Elaborado pelos autores baseado na observação das residências das benzedeiras.

As residências das benzedeiras, conforme quadro 16, mostra que todas as entrevistadas residem em casas de no máximo 2 andares, estando ausentes em apartamentos. E quando residem em casas de dois andares, notamos que a moradia também é ocupada por algum filho/a com quem dividem a residência. Ao que perguntamos à uma das benzedeiras sobre o crescente número de apartamentos em seu bairro, ela responde:

Eu fico boba, esses dias fui no meu irmão lá em Guatambu ver os apartamentos que tem, digo, quem tem coragem de morar lá? Eu nem que me dê de presente, pior que galinha empoleirada, altura dá de 10, 15 metros de altura os apartamentos agora, quem vai morar lá? (PÉRSICA. 2019).

A fala desta benzedeira demonstra a aversão em morar em apartamentos, justificando sua preferência por morar em casas devido ao espaço que teria à sua disposição. Sendo a expressão “galinhas empoleiradas” utilizada para se referir ao aglomerado de pessoas que residem no mesmo local. Mas também pode ser entendida a aversão a morar em apartamentos devido ao reduzido uso do espaço para plantar conforme outra benzedeira nos mostra: “Eu doou as plantinhas. Para eles fazer em casa porque a maioria não tem, hoje em dia moram em apartamentos e não tem lugar para plantar, daí as mães vêm benzer, eu benzo e já dou o chazinho para fazer em casa” (MANJERONA, 2019).

Residir em apartamentos para as benzedadeiras significa a perda de espaços individuais que estas estruturas verticais simbolizadas pelos prédios causam. E perda de terreno para plantio de suas ervas e plantas. Optando, assim, por residirem em casas, seja de madeira ou alvenaria.

Desta forma, a busca e análise das opacidades presentes nas entrevistas demanda mais trabalho que as luminosidades, pois ver os sentidos silenciados são mais difíceis que observar e analisar aqueles que são destacados. Reconhecemos que dentro dos quadros-resumos apresentados no item 2.3, foi possível analisar estas opacidades apresentadas. Porém, existe a possibilidade de encontrarmos outras áreas luminosas e opacas que a priori podem ter passadas despercebidas.

4.2 A RE-EXISTÊNCIA

Analizadas as zonas de luminosidade e opacidade, observamos o nascimento de indícios dos modos de re-existir das benzedadeiras neste espaço-tempo coetâneo. Estes indícios estão relacionados com as micro-resistências de Michel de Certeau, pois, as benzedadeiras fundam micro-liberdades: “mobilizam recursos insuspeitos e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima” (2008, p. 18). As formas como elas conseguem descolar as fronteiras da dominação, permitem a sua re-existência no mundo coetâneo, e a análise das zonas luminosas e opacas nos permitiram compreender estas micro-resistências dos saberes-fazer nas ênfases dos dizeres e nos silêncios das benzedadeiras. Estas duas zonas foram pensadas em diálogo com a obra de Milton Santos (1996) que propõe modos de pensar o espaço-tempo, por meio de diferenciações territoriais.

Nesta pesquisa, que busca resposta à pergunta “Por que a re-existência das benzedadeiras é importante na produção do espaço-tempo coetâneo?”, o que compreende responder, também, “Como as benzedadeiras se constituem em relação com a produção do espaço-tempo

coetâneo em Chapecó SC (?)”, tem uma relação dialógica com o modo de pensar o espaço-tempo de Milton Santos. Para tanto, comentamos essas diferenciações, trazendo as noções de luminosidades e opacidades, pensadas em diálogo com as horizontalidades e verticalidades, apresentadas pelo pesquisador.

Quadro 17 – Verticalidades e Horizontalidades em Milton Santos (1996)

Proposições de SANTOS (1996)	
Verticalidade	Espaços mais proeminentes de mando, controle e deliberações oficiais
Horizontalidade	Espaços menos salientes e com restrito poder de tomada de decisões

Fonte: Elaborado pelos autores (2020) com base em SANTOS (1996)

Seus estudos apontam que as verticalidades se apresentam como hegemônicas e que aparecem, ou melhor, são visibilizadas como comandantes das estruturas espaço-temporais, marcando os lugares. Grandes corporações bancárias, comerciais, industriais e da área da Saúde são comandantes destes espaços, e geram luminosidades territoriais, sociais e culturais (SANTOS, 1996).

Já os espaços horizontalizados aparecem de modo menos destacados, possuem estruturas menos protuberantes. São aqueles aspectos que aparentam ser frágeis e parecem obedecer a um sistema normatizado pelas verticalidades, e pelas grandes corporações globais e nacionais.

Ao encontro dessas proposições do pesquisador, elaboramos uma constatação que singulariza a re-existência das benzedeiras no espaço-tempo coetâneo em Chapecó/SC. Propomos que, no caso das benzedeiras, estas se mantêm interativas como produto e como produtoras do espaço-tempo coetâneo (no qual os sistemas oficiais de atendimento à saúde são verticalizados e luminosos no século XXI), por que suas luminosidades estão exatamente na sua condição de horizontalidade (contiguidade, proximidade, modo de linguagem, vinculação com o lugar e com as memórias das pessoas), encontrando-se com as categorias que constata o seguinte:

4.2.1 Novos modos de curar com a tecnologia

Observamos que uma das formas das benzedadeiras re-existirem está relacionada ao uso de tecnologias informacionais, investigado a partir da opacidade que analisamos anteriormente no item 4.1.2.4. Essas ferramentas, que antes as benzedadeiras não dispunham, agora inserem-se em seus cotidianos. As benzedadeiras convivem com estas ferramentas da modernidade e as utilizam para continuar exercendo seus saberes-fazer:

Benzo de todo lugar, não tem distância, porque Deus está em todo lugar, se você benzer com fé, e eles tem fé onde tão, eu acho que é a mesma coisa, não precisa estar presente, só com o nome né (LIMA, 2019).

Benzo de ...Tiro o ar que nem pegam, ar do Sol, da Lua, ou assim da cabeça e eu benzo das bichas, as crianças, que tem bastante, me ligam da cidade, daí só com o nome eu benzo né. Não precisa estar presente. Depois eu procuro ver se realmente a criança melhorou (HORTELÂ, 2019).

Estas duas citações de benzedadeiras mostram uma mudança que a modernidade impôs, este distanciamento social, advindo com o meio digital. A benzedura foi se modificando com a realidade a qual a cerca, assim modifica-se também o modo de re-existir das benzedadeiras para com o mundo coetâneo.

Elas utilizam ferramentas que antes não dispunham, que a modernidade trouxe, representado na forma dos telefones, sejam eles celulares ou fixos, e assim acabam reinventando seus modos de benzer. Produzem uma técnica capaz de atender à outras pessoas a distância, que não podem estar de corpo presente para serem curadas.

Enquanto as tecnologias são ferramentas centrais dentro dos complexos sistemas verticais, arautos da evolução:

A tecnologia constitui não apenas uma esfera da realidade, mas uma ordem da realidade, possuidora de sua própria racionalidade. As inovações técnicas se encontram com a história portando suas próprias regras, às quais as demais escolhas devem curvar-se (SANTOS, 1996, p. 201).

Neste sistema vertical onde a tecnologia é figura central, as benzedadeiras encontraram outra maneira para além de se curvar a estes avanços tecnológicos. Continuam praticando seus ofícios, alterando-os conforme suas realidades. Assim, também com o conturbado período que estamos vivendo com a pandemia causada pelo COVID-19, também se tornou uma solução para com que as benzedadeiras, cuja maioria são pertencentes aos grupos de risco devido à sua idade, possam continuar atendendo e continuarem seguras do conforto de suas residências.

4.2.2 Formas de lidar com discursos que desqualificam seus saberes-fazer

Outro modo de re-existir das benzedeadas, está relacionada às dificuldades no exercício do seu saber-fazer, analisada a partir da opacidade do item 4.1.2.1. São as dificuldades que vêm com as igrejas evangélicas e o seu discurso condenatório que desqualifica seus saberes-fazer. Quando uma das benzedeadas trouxe à tona o fato dela estar tendo dificuldades em exercer seu ofício devido à Igreja Evangélica, utilizamos novamente dos SIG para investigarmos sua realidade, ao qual observamos a seguinte figura:

Figura 14 – Igrejas Evangélicas próximas à residência da Benzedeadas Canela



Fonte: Elaborado pelos autores (2020) com uso do Google Earth, disponível em:
<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>.

Na figura 14, observamos que o ícone em vermelho simboliza o lugar onde a benzedeadas Canela reside, ao passo em que os ícones representados em círculos amarelos são as Igrejas Evangélicas existentes em seu bairro. A única simbolizada em vermelha no topo da figura caracteriza a única Igreja Católica existente em seu bairro. Notadamente esta benzedeadas está literalmente rodeada de Igrejas Evangélicas. Assim, sendo este um fator que põe em risco a benzedeadas e seus saberes-fazer devido às formas de desqualificação

praticadas por parte desta religião, a solução encontrada por esta benzedeira foi se tornar evangélica:

Eu não quero deixar minhas crianças que, não. Quero saber. Dai cheguei em casa tinha quatro meninas e três pia. Tinha 7 crianças. Daí eu disse meu Deus. Não vou deixar, e não deixei mesmo. Dai né as crianças eu benzia. Olha, veio lá da linha São Roque esses dias uma mulher com um casazinho de gêmeos, dois piazinhas, coisa mais linda do mundo, daí a gente faz o que, precisam da gente (CANELA, 2019).

A benzedeira Canela afirma-se ser evangélica, porém anteriormente comenta que era católica, tornando-se evangélica a partir do momento em que essas igrejas passam a ocupar as redondezas. Quando a benzedeira entra em atrito com o homem representante da igreja evangélica que buscava fazer com que Canela encerrasse seu ofício, ainda assim ela não para de exercê-lo, mas altera a forma como benze, excluindo os adultos, porém ainda praticando-o com as crianças. Ou seja, altera-se a forma como se benze, mas mantém-se evangélica para conseguir re-existir em sua comunidade.

4.2.3 Novos meios de coletar matéria-prima

Notadamente as benzeções eram muito comuns em áreas rurais, conforme analisamos nas zonas de luminosidade, onde a grande maioria das benzedeadas residiam. Nestes espaços a disponibilidade de plantas e ervas para utilizarem em seus ofícios era muito maior. Porém, com a modernidade, estas benzedeadas passam a residir em zonas cada vez mais urbanas. Assim, uma alternativa para que as benzedeadas continuassem praticando seus saberes-fazeres era residindo próximas a áreas verdes, conforme observamos em uma das zonas de luminosidade. Porém, notamos outra forma de conseguir matérias-primas que mantém relação com as formas das benzedeadas re-existirem: adquirindo uma rede de contatos que transporta até suas residências as matérias-primas necessárias de forma gratuita.

A relação entre suas residências com as áreas verdes já mostramos como uma das áreas de luminosidades, porém acabamos observando que quando possuem dificuldades em conseguir as matérias-primas necessárias, elas conseguem através de uma rede de contatos, ou seja, através de pessoas que se dispõem a trazer até elas aquelas matérias-primas que as benzedeadas necessitam:

Para adulto é mais ervas que tem nove qualidades de ervas que vem lá do interior, até tem um mato que é mato virgem, tipo assim, que era da família, a maioria vem de lá, as cascas, as raízes.

P: A senhora vai buscar ou alguém traz para a senhora?

R: Às vezes a gente vai buscar, às vezes os parentes quando vem de lá trazem. Mas a maioria a gente traz, e quando vai traz bastante. Que aqui não tem lugar para plantar, daí vem tudo de fora. Daí eu uso a flor de coqueiro, que tem que tirar do cacho antes de abrir e daí tem que ficar cuidando, até estou com um cuidando. Que minha amiga mandou foto de um coqueiro aqui perto e vi que estava na hora. Tem que tirar bem devagarinho e esperar secar, daí estou secando um cacho (MANJERONA, 2019).

P: Agora a senhora estava falando que tinha mais um monte de chá antigamente e hoje a senhora vai pegar chá lá em Sul Brasil né? E antigamente era mais fácil conseguir esses chás?

R: Sim.

P: A senhora conseguia onde?

R: Lá no Saic para lá, eu tinha um moreno que agora o coitado não pode mais. [...] O pai (dele) tinha uma colônia, então ele morava na colônia, e o pai deu um cavalo com dois cargueiros para ele trazer os remédios, e carroça com mulinha também, e ele tirava (seu sustento), e depois quando o pai morreu, ele não ficou mais lá na chácara. Daí ele tinha uma casinha ali no Santo Antônio. E ele sempre vinha aqui, me ajudava, trazia erva, o que eu precisava dizia “Ó Avelino, preciso de tal erva”, ele tirava para mim e vinha (SÁLVIA, 2019).

Ambas as benzedeiras Manjerona e Sálvia em suas falas demonstram este fator de transformações que tiveram que passar para continuar re-existindo, e ainda também produzindo o espaço-tempo, alterando relações sociais construídas historicamente nos bairros em que residem, e assim fornecendo novos sentidos simbólicos. Estas benzedeiras, possuindo sua rede de contatos, conseguem através de um sentido de comunidade e solidariedade, os meios necessários para re-existirem.

Enquanto nos sistemas verticais as matérias-primas são vistas como fontes de lucro, observamos que coetaneamente, conforme nos argumenta Milton Santos, existe uma “tendência no sentido de uma união vertical dos lugares. Créditos internacionais são postos à disposição dos países e das regiões mais pobres, para permitir que as redes se estabeleçam ao serviço do grande capital (1996, p. 194). Os espaços são comandados para servirem ao lucro e a circulação de capital.

Porém estas benzedeiras conseguem se entrecruzar neste sistema, alterando de certa forma a ordem monetária. Elas criam e estipulam relações de solidariedade que vão na contramão destes complexos sistemas econômicos. Conseguem redes de entrega de materiais necessários a elas para continuarem exercendo seu ofício de forma gratuita.

4.2.4. Trato da transmissão do ofício e legitimação

Outro indício da re-existência dos saberes-fazeres das benzedeiras está relacionada à transmissão dos seus conhecimentos de saberes-fazeres e legitimação, que somente

conseguimos investigar por meio das zonas de luminosidades e opacidades tratadas anteriormente. A legitimação de um ofício ou de uma ação ocorre de uma maneira a serviço dos sistemas verticais onde:

Os objetos têm um discurso que vem de sua estrutura e revela sua funcionalidade. É o discurso do uso, mas, também, o da sedução. E há o discurso das ações, do qual depende sua legitimação. Essa legitimação prévia tornou-se necessária para que a ação proposta seja mais docilmente aceita, e mais ativa se torne na vida social. Como o discurso invadiu o cotidiano, ele se torna presente em todos os lugares onde a modernidade se instala. Por isso, áreas de agricultura moderna e respectivas cidades acolhem um grande número de pessoas treinadas para ler sistemas técnicos, verdadeiros tradutores. Por isso, nessas é grande a presença do trabalho intelectual que ajuda a formar os novos terciários. Mas os seus atores estão longe de um entendimento completo do que fazem (SANTOS, 1996, p. 150).

Enquanto vivemos em uma sociedade onde os títulos são os símbolos de *status*, observamos que nestas comunidades onde as benzedeiras vivem, as mesmas possuem um *status* baseado nos seus saberes-fazeres que lhes confere respeito e admiração pelos seus membros, que neste conceito, baseado também na circularidade cultural de Ginzburg, lhes confere poderes para continuar praticando suas técnicas e fazer seus serviços à favor da sua comunidade.

Assim, enquanto não possuidoras de objetos como diplomas, ou formações técnicas e superiores, aqui nestes sistemas onde as benzedeiras vivem seu cotidiano, elas não necessitam destes objetos para serem legitimadas. Coetaneamente pontuamos que as benzedeiras buscam transmitir seus saberes-fazeres cada vez mais para pessoas com experiência que dispõem de tempo para atender à outras pessoas, assim, buscam transmitir estes conhecimentos cada vez mais para pessoas com idade mais avançada.

Pensar em práticas de cura por meio de benzeduras, em uma comunidade que se reconhece como católica, remete à necessidade de compreensão do fenômeno catolicismo popular no Brasil. Essas manifestações populares de cultura religiosa não são consideradas menos legítimas pelos seus fiéis. Segundo Souza, essas práticas religiosas geram sentido à experiência social que os indivíduos estão construindo, ressignificando a simbologia oficial do universo religioso (ANDREOLLA; LIA, 2018, p. 147).

Bem como o trabalho da legitimação destes saberes-fazeres, conforme apontamos em uma das zonas de opacidade, é relegada à própria comunidade onde a benzeadeira está inserida. São estes que legitimam seu ofício e seus saberes-fazeres. Ou seja, como afirma Michel de Certeau seu “Saber Fazer não precisa de cunho científico para existir” (2008, p. 140).

4.2.5 Custos e Intimidades

Observamos grandes *status* conferidos a médicos e outros agentes que estão a serviço do grande mercado medicinal, e o capital que este gera, ganhando valores financeiros e baseando suas práticas na movimentação de capital a serviço dos sistemas verticais. Sendo que são estes sistemas propriamente os grandes motivadores do fluxo monetário global, investigamos nas zonas de luminosidade anteriormente citadas justamente o caráter íntimo e espontâneo nos quais as benzedoiras baseiam suas práticas. Muito mais voltadas para valores de comunidade e solidariedade, sem cobrar valores monetários a seus frequentadores.

A cidade fragmentada territorializa desigualdades, legitimada por um discurso hegemônico que serve a ideias e valores dominantes. De seus espaços física e socialmente fracionados escolhe aqueles que ilumina, que aparecem na imagem da cidade do espetáculo, e aqueles que lançará à sombra e invisibilizará. Mitigando subjetividades e rejeitando comportamentos e discursos desviantes, constrói, molda, enquadra a cidade que deseja ser e mostrar. Nos limites onde cessa a visibilidade, a cidade está, porém, em contínua produção. A sombra que acoberta os territórios marginalizados, também os revela por escaparem suas práticas à compreensão do olhar totalizador. Por meio da cultura marginal, a periferia espalha sua sombra sobre as zonas iluminadas da cidade, pintando com sua subjetividade, dando novos sentidos, disputando seus espaços e discursos (VIEIRA; ESTEVES JÚNIOR, 2018, p.01).

Assim, as práticas de cura dão novos sentidos a esta horizontalidade. São as benzedoiras responsáveis por manterem luminosas a horizontalidade comum em algumas periferias. Elas re-existem porque o dia a dia é mais forte que a marca empresarial. Re-existem porque a luminosidade está na horizontalidade. O sistema social em que as benzedoiras vivem são predominantemente regidos pelos sistemas de solidariedade e comunidade e não pelos sistemas econômicos e comerciais. Enquanto verticalidade (o dominante) no nosso caso, é o contrário. O visível, o luminoso é aquilo que estaria opaco numa perspectiva unilateral.

A luminosidade e opacidade caminham conjuntamente, porque cada “aqui” pode ser consistente e atrativo em alguns aspectos e pouco atrativo em outros. Em geral a luminosidade é relacionada com locais que acumulam densidades técnicas e informacionais. Mas, nesse caso, podem ser representativas de opacidade, por exemplo, em relações sociais, de solidariedade, ou opacas no que se refere a reservas vegetais, hídricas ou outros. Há assim espaços que têm poder de mando, porque tem instalações selecionadas que controlam as etapas do processo produtivo, por exemplo. [...]. É assim que Milton Santos lembra que também é difícil associar a ideia de rapidez com a densidade e a ideia de lentidão com rarefação e que é mais fácil associar todas essas noções com os espaços do mandar e do obedecer. Há centralidade e marginalidade como capacidade de estabelecer normas em diferentes

aspectos. Por exemplo, um espaço pode ter centralidade como poder político e marginalidade em relação à circulação, ou então, pode ser periférico economicamente e central em poder paralelo das gangues ou em solidariedade (ANDREIS, 2014, p. 164).

Essa constatação de que a luminosidade está entremeada com as horizontalidades é onde está a força da re-existência das benzedeiras. Porque a luminosidade delas está relacionada com a horizontalidade e não com as verticalidades, com os grandes sistemas econômicos, corporativos e empresariais. Os indícios nos permitiram concluir isto. Elas sabem se adequar a contemporaneidade, sabem utilizar dos elementos da contemporaneidade e as utilizam meticulosamente, fortalecendo os sistemas horizontais, tão luminosos em suas próprias realidades.

As proeminências das benzedeiras se sobressaem verticalmente, apesar de elas habitarem e estarem implicadas a áreas e em ofícios considerados horizontalizados e de menor saliência no poder e tomada de decisões. A luminosidade entendida como força de re-existência das benzedeiras está na grandiosidade de sua simplicidade e na identificação e pertencimento a comunidade em geral.

As benzedeiras representam às pessoas, em geral, conexões com seus lugares (cenas e cenários ambientais) e familiares do passado (antepassados e suas histórias), podendo-se estabelecer uma tênue relação com a ideia proposta por Dondarini (2015), enquanto raízes para voar. Relacionar-se com as benzedeiras é, também, possibilidade de conviver com um universo (idílico) que respeita a história. Na relação com as benzedeiras, está implicada a busca pelo bucólico onde habita a significação da vida humana, assim, fazendo frente aos sistemas oficiosos, artificiais e excludentes.

Esses aspectos de conexão com lugares e pessoas denotam a luminosidade intrínseca às horizontalidades, sustentada nesta pesquisa. Os indícios prospectados (áreas verdes, quintais com plantas, relações amistosas, gratuidade, ritos em silêncio, transmissão do ofício por pessoas do passado, conexões com o monge, residir em casas e bairros afastados do centro urbano etc.), que permitem inferir essas identificações e até o modo de re-existir frente aos sistemas dominantes, afirmam o argumento da capacidade de se manter, coetaneamente (século XXI), contribuindo na produção espaço-temporal e, sutilmente, adequando-se e conseguindo se relacionar com as investidas das organizações economicamente poderosas, especialmente da área da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fim do caminho que percorremos, que afinal foi em busca pela resposta à pergunta motivadora: por que a re-existência das benzedeiras é importante na produção do espaço-tempo coetâneo (?), e como as benzedeiras se constituem em relação com a produção do espaço-tempo coetâneo em Chapecó SC (?) encontramos um lugar diverso e aberto a novas caminhadas. Esta trilha não termina aqui, ela ainda pode ser trilhada por outros.

Eles podem observar novos elementos que podem ter sido passados despercebidos por nós e tomar caminhos diferentes dos nossos. Este lugar ao qual atingimos, não é um lugar como os outros, mas um lugar que possibilitou calma, conversas amigáveis e reflexões em meio ao caos e correria do dia a dia.

E leitor, não falamos metaforicamente, pois o final da escrita da dissertação, foi literalmente desenvolvido na casa dos pais. Diversos foram os motivos que nos fizeram voltar: a saudade deles, a grande preocupação com a saúde deles em meio a pandemia, a suspensão do contrato de trabalho, entre outros. Não foi na minha residência que este texto foi finalizado, foi no lugar da simplicidade, berço e habitat da nossa identificação e pertencimento à horizontalidade.

Estas benzedeiras que encontramos e permitiram ser ouvidas durante a nossa caminhada são detentoras de saberes-fazeres de cura e cultura popular, sendo resistências ao processo de isolamento, de dominação e homogeneização distorcendo as relações de poder e fornecendo novos significados a elas. As benzedeiras conseguem fornecer luz às horizontalidades através de suas práticas e relações sociais. “Onde a medicina popular marginalizada é aceita, onde pessoas excluídas de uma sociedade desigual encontram refúgio e a assistência negada pelas instituições oficiais, através da benzedura” (CAVALCANTE; CHAGAS, 2009, p. 02). E nestes espaços todos são bem-vindos.

Não é feito somente por e para uma parte da sociedade, pessoas de todas as classes sociais podem as utilizar. Este espaço é também uma síntese da circularidade cultural de Ginzburg, pois essas benzedeiras são produtos e produtoras da realidade, partícipes da construção da realidade. Assim como a cultura, não é fechada ou limitada, elas representam uma dimensão que se “move de cima para baixo e de baixo para cima” (1994, p. 13), ou seja, ela é formada pelas elites e pelo povilêu, sem distinção. Assim, atualmente, em alguns contextos, determinadas práticas homeopáticas já são aceitas pela medicina, e são vistas como legítimas, uma vez que “não se trata da preferência dos ignorantes por curandeiros, mas uma

escolha legítima de práticas mais próximas das concepções de cura existentes entre a população” (WITTER, 2005, p.22).

Buscamos também deixar claro que nem tudo é possível de ser representado, mas elas re-existem espaço-temporalmente. Elas se modificam em acordo com o mundo e se constituem com as mudanças, elas não são ditadoras, mas aprendem a re-existir. Assim, nossa leitura permitiu propor um olhar diferente do olhar trazido pela autora Renata Siuda-Ambroziak, que, em seu trabalho “Benzedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia”, defende que estes saberes-fazeres estão em vias de extinção, pois defendemos que as benzedeadas buscam em seus próprios modos ações para re-existirem e continuarem praticando seu ofício, e como detentoras de forças provenientes das horizontalidades conseguem ser produtos e produtoras da realidade no seu espaço-tempo.

Esta pesquisa acaba também trazendo questionamentos a outros estudos que foram divulgados na mídia, com destaque para a matéria divulgada em um dos maiores meios de comunicação de Santa Catarina, pela autora Tade-Ane de Amorim (<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/01/28/florianopolis-ganha-um-mapa-com-as-benzedeiras-e-benzedores-da-cidade.ghtml> acesso em 14/09/2019) em 2019, que catalogou 16 benzedeadas, em um território de 674,844 km² (IBGE 2018) e uma população de 421.240 (censo 2010), pois comparando com Chapecó, possuidor de um território de 624.846 km² com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes (IBGE, 2018), encontramos um total de 95 benzedeadas. Assim, podemos observar que a quantidade de benzedeadas existentes em Florianópolis provavelmente é maior do que as que se tem até então catalogados. De qualquer forma, trabalhos semelhantes a estes são importantes na criação de banco de dados e manutenção e conservação destes conhecimentos.

Concluimos afirmando que este é um trabalho de reconhecimento cultural, para mostrar a riqueza da possibilidade que se dá pela diversidade de conhecimentos e saberes de cunho popular. Como Boaventura de Souza Santos e Doreen Massey já anunciaram, estamos lutando contra o desperdício das experiências. Pois a homogeneidade causa perda, e este saber não pode ser desperdiçado.

Novos olhares às falas, às residências e aos cotidianos das benzedeadas podem abrir para achados diferentes destes aqui apresentados. As luminosidades fortemente presentes no cotidiano das horizontalidades das benzedeadas, que as permitem re-existir em diálogo com as grandes modificações das modernidades podem ir além dos indícios encontrados. Ademais novas formas de abordagens e novas perguntas podem serem feitas a estes registros e se

desenrolarem posteriormente em futuras teses de doutorado. Por isso agregamos, em anexo, as falas completas das benzedadeiras, para servirem às novas investigações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jean Luiz Neves; NOGUEIRA, André; KURY, Lorelai. Na saúde e na doença: enfermidades, saberes e práticas de cura nas medicinas do Brasil Colonial (séculos XVI-XVIII). In.: TEIXEIRA, Luiz et al. **História da Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Hucitec, 2018.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: Fernando A. NOVAIS (org): **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- AMADO, Janaína. **O Grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. História. São Paulo, 14:125-136, 1995
- ANDREIS, Adriana Maria. **Cotidiano**: uma categoria geográfica para ensinar e aprender na escola. 2014. Tese (Doutorado). Ijuí/RS, 2014
- ANDREIS, Adriana Maria. **Paradigma Indiciário à leitura de dados em pesquisa**. Chapecó: Oficina, 2018. Documento de uso restrito.
- ANDREOLLA, Caroline Lipreri; LIA, Cristine Fortes. Catolicismo popular em Fazenda Souza: a prática das benzedadeiras como patrimônio cultural. **MÉTIS: história & cultura** – v. 17, n. 34, p. 147-166, jan./jun. 2018.
- ARCHANJO, Léa Resende; LEITE, Daniela Araújo Teixeira. A permanência da benzeção como prática terapêutica. In: **XIV Congresso brasileiro de sociologia**, Rio de Janeiro: Universidade Positivo, 2009.
- AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedadeiras nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, v. 21, n. 21, p. 119-33, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BEARD Charles A. **Economic Origins of Jeffersonian Democracy**. New York: The Macmillan Company, 1915
- BEN, Fernanda. No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedadeiras do oeste de Santa Catarina. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais do XXVIII Encontro Nacional de História, 2015.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. Trad. J. M. Gagnebin e M. L. Müller. In: LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005

BITENCOURT, D. B. **Para sua saúde e vigor**: práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011

BITENCOURT, D. B. **Remédios da terra, amuletos e medicina popular**: a etnofarmacobotânica nas artes de curar dos amazônidas entre Oriximiná (PA) e Nhamundá (AM), 1870-1940. 2017- Em andamento. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BRASIL. **Decreto-Lei N° 2.848, de 7 de dezembro de 1940** (Código Penal). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm . Acesso em: 21.01.2019.

BUGHAY, Eliane Aparecida. “Eu te benzo, eu te curo”: práticas cotidianas de benzedeadas na comunidade de São Cristóvão, vozes de uma tradição. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. União da Vitória: SEED, 2010.

BURKE, Peter. **História e teoria social**, São Paulo: Unesp, 2012

BURKE, Peter, **O que é História Cultural?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CAMARA NETO, Isnard de Albuquerque. Religiosidade popular e catolicismo oficial: o eterno contraponto. **Ciências Humanas Unitau**, v.9, n.1, 2003.

CAMPBELL, 1992. **As Máscaras de Deus**: mitologia primitiva. São Paulo: Palas Atenha, 1992

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTELNUEVO, Enrico; GINZBURG, Carlo. História da arte italiana, centro e periferia. In **A Micro-História e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994

CAVALCANTE, Joel Martins; CHAGAS, Waldeci Ferreira. As mulheres benzedeadas: entre o sagrado, a saúde e a política. **Anais do II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais** – Culturas, leituras e representações. 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11178863-As-mulheres-benzedeiras-entre-o-sagrado-a-saude-e-a-politica.html>>. Acesso em: 1 nov 2019

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAPECÓ. **Lei n° 071 de 18 de setembro de 1980**. Que dispõe sobre o Zoneamento do Município, institui a forma de uso das áreas territoriais. Chapecó, Câmara de Vereadores, 1980.

CHAPECÓ. **Lei n° 171 de 21 de outubro de 1983**. Que dispõe sobre a alteração do limite da Zona Residencial um e dois, da Lei Municipal n° 071/80 de 18 de setembro de 1980. Chapecó, Câmara de Vereadores, 1983.

COELHO, Ana Luiza Ferreira. O Paradigma Indiciário como Metodologia para Estudos Historiográficos. In: FEPEG, 8º, 2014, Recife. **Fórum**. Unimontes, 2014.

CONSTANCI, Caroline. **O uso de plantas medicinais por integrantes do Movimento de Mulheres Camponesas do Oeste de Santa Catarina**. 2013. 78 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Unochapecó, Chapecó, 2013.

CURTIUS, Ernst-Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Trad. T. Cabral e Paulo Ronai. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

DAWKINS, Richard. **Ciência Na Alma**: Escritos de um racionalista fervoroso. 2018

DONDARINI, R. Le radici per volare. In: BORGHI, B.; DONDARINI, R. **Le radici per volare** – Ricerche ed esperienze del Centro Internazionale di Didattica della Storia e del Patrimonio. Minerva Edizioni, 2015.

FACCO, J.; FUJITA, C.; BERTO, J. L. Agroindustrialização e urbanização de Chapecó (1950-2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 187-215, jan-abr. 2014.

FARINHA, Allyne Chaveiro. **As transformações da prática de benzimento em Anápolis – 1979-2004**. Goiânia- GO. 2012 – Dissertação de Mestrado

FERNANDES, Patricia. **Plantas Medicinais: Conhecimento e Uso nos Espaços Rurais do Planalto Sul Catarinense**. (Tese) Doutorado em Produção Vegetal. Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal- UDESC, Lages, 2014.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**: Da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: CONTEXTO, 2016.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1990.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o Sabá. Companhia das Letras: São Paulo, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Pesquisa sobre Piero**. Barcelona: Muchnik Editores, 1984.

GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**: feitiçaria a cultos agrários nos séculos XVI e XVII., trad., São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GIRALDI, Mariana; HANAZAKI, Natalia. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais do Sertão do Ribeirão**, Florianópolis, SC, Brasil. Acta bot. bras., 2010.

GOÉS, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: **Cadernos CEDES**, XX, 50, 2000.

GUARAGNI, Fernanda; ONGHERO, André. (2019). Arquitetura e História: o catálogo de projetos de edificações do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). **Revista de Arquitetura IMED** v. 7, nº 2, Passo Fundo/RS, 2018.

HAUSER, Arnold: **História social da literatura e da arte**, São Paulo: Martins Fontes, 2000

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas benzedeadas. **Mediações**, Londrina, PR, v. 17, n. 2, p. 126-40, jul./dez. 2012

IBGE. Censo Demográfico- Resultados Preliminares, 2019. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 dez. 2019

LÊ BOT, M. In ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. -6ª Ed – Campinas, SP: Unicamp, 2007

LIMONAD, Ester. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **Geographia**. Niterói: v. 1, n. 1, p.71-91, jan. 1999.

LOHN, R. L.; CAMPOS, E. C. DE. Tempo Presente: entre operações e tramas. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 10, nº 24, Ouro Preto. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.

LUPI, João (org.). **Druidas, cavaleiros e deusas**. Florianópolis: Insular, 2010. 288 p

MAGALHÃES, S. M. C. **A arte rupestre no centro-norte do Piauí**: indícios de narrativas icônicas. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Unicamp, 2004

MARQUETTI, D.; SILVA, J. B. L. **Religiosidade e religião no oeste de Santa Catarina**: a crença no monge João Maria e a instituição do Catolicismo. *Mneme*, v. 12, p. 555-571, 2011.

MARTINS, J. S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

MARTINS, P. A.; FERREIRA DA SILVA, L. F. C.. Panorama das Pesquisas com Sistemas de Informações Histórico-Geográficas no Mundo e suas Relações com a Geografia, História e Cartografia Histórica. RBC. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, p. 485-498, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MOLON, Susana Inê. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. **Informática na Educação: Teoria e Prática**, 11(1), 55–68. UFRGS, Porto Alegre, 2008
MORAES, Cintia. Espaços e relações de poder em Chapecó/SC na década de 1950. In: **Revista Franco-Brasileira de Geografia - Confin** nº 21, 2014.

MOREIRA, Neiva Marinho; WOLFF, Juçara Nair. Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedadeiras em Xaxim. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 13, p. 157-182, 2001

MYSKIW, A. M.. Algumas reflexões acerca da colonização das regiões Sudoeste e Oeste do Paraná (1940-70). **Fronteiras** (Florianópolis), n.7, p. 14-16, 1999.

NASCIMENTO, Ederson; VILLELA, Ana Laura [Org.] **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano-regional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017

NASCIMENTO, Ederson. Urbanização, globalização e exclusão social: reflexões a partir do caso brasileiro. **Revista Geografica de America Central**. v.57; p. 43-67. Heredia, Costa Rica, 2016

NASCIMENTO, D. G. do. **Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabiana**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

NEWTON, Francis. **História Social do Jazz**, 2. Ed, Trad. Angela Noronha. Rio de Janeiro: Paz e Tera, 1990

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas - o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez., 2012

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é Benzeção?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, J. E. S. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: Entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2014

PAOLIELLO, Carla; MACHADO, Amanda. **Os Produtos Coêtaneos do Território: o espaço aberto de Doreen Massey**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes, 2016. Relatório de Pós Doutorado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º Ed: Belo Horizonte: Autêntica, 2005

PORTER, Roy (Ed.). **Medicina: a história da cura**. [Lisboa]: Livro e Livros, 2002.

PORTER, Roy. **Das tripas coração-** Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter ; HOCSMAN, Luis D. **Despojos y Resistencias en América Latina**. 1ª. ed. Buenos Aires: Editora Estudios Sociológicos 2016.

REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. “Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na História”. In: **5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, de 11 a 13 de maio de 2012, UFRGS, Porto Alegre, 2012;

RECHE, Daniella. **Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó-SC**. (Dissertação Mestrado em Urbanismo, Historia e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RENK, Arlene. Catolicismo popular e etnicidade no oeste catarinense. **Revista Grifos**. n. 25, dez. p. 59-70, 2008.

ROSA, J.G. - **Grande sertão: veredas**. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

ROTENBERG, A. **Nas margens: alteridade e partilha da experiência**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia)/Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015

SANTOS, Boaventura Souza. Para uma sociologia das ausências e das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 63, 2002 237-280

SANTOS, Francimário Vito. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, mai./out. 2009

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço tempo, globalização e meio técnico-científico informacional**. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

SCOTT, Joan W. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. American Historical Review 1986;

SILVA, Giselda Shirley. **Um cotidiano partilhado: Entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeiros (Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga – MG / 1999–2007)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Paulo Kleber Borges da. Saberes e poderes – a expressividade das benzedeiras remanescentes em jaci-paraná/RO. In: **Simpósio linguagens e identidades da Amazônia sul ocidental**, 10., 2016, Rio Branco. Anais. Rio Branco: Ufac, 2016. p. 1-4.

SILVA, Victor Augustus Graciotto. Benzedeiras de Curitiba: tradição ou modernidade? In: **Simpósio Nacional De História**, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009

SILVA, J. B. ; COLVERO, R. B. . A Transmissão do Ofício de benzer: Uma análise em São Miguel das Missões RS. **Revista Memorare**, v. 01, p. 96-110, 2014.

SILVA, A.; ROSA, A. Antes do Oeste Catarinense: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 18, p. 139-160, 5 jun. 2018.

SILVA, Verônica Lourenceto. **Saberes e práticas medicinais de benzedores em Cáceres (MT) 2018** - Em Andamento; Mestrado em Ciências Ambientais - Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018

SILVEIRA, É. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**, v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SILVEIRA, E.s.; SILVEIRA, D.d.s.. Entre a Bricolagem Moderna e o Hibridismo Pós-Colonial: Um Caso de Religiosidade Amazônica. **Plura - Revista de Estudos de Religião**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.69-99, 30 dez. 2015.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Benzedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia. **MÉTIS: HISTÓRIA & CULTURA**, v. 18, p. 125-146, 2018.

SOARES, M. de S. Médicos e mezinheiros na corte imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Vol. VIII: 407 - 38 Jul. Ago. 2001.

SOUSA, R. F. B. Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedeiras e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica. In: **Anais do XIV Encontro Estadual de História do Ceará, A Historiografia contemporânea e seu caráter libertário - As contribuições de MARC BLOCH**. Fortaleza, CE. Revista Eletrônica Correlatio v. 16, n. 2 - Dezembro de 2017. Disponível em: http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519.pdf . Acesso em: 12 jul. 2019.

SOUZA, Mariana de Oliveira. **Tempo de cuidar: raizeiras e benzedoras em Ibitaré (MG); 2019** - Em andamento; Iniciação científica (Graduando em Educação Física) - Universidade do Estado de Minas Gerais, 2019

SOUZA, Arão de Azevedo . Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2010, São Paulo. Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

SOUZA, Heloisa Regina. 2010. Doutoradas no Assunto: memórias e histórias de parteiras oestinas. In: **Fazendo Gênero 9** - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. PPGAS/UFSC, 10p, Florianópolis, 2010.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SRAMANA, Akaiê. **A Origem do Xamanismo**. 2016. Disponível em: <http://akaiesramana.com/artigos/blog/2016/09/11/a-origem-do-xamanismo/>. Acesso em: 29 maio 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward, **Custom and Culture**. 1978; reeditado em *Customs in Common*, 1993

TINEM, Nelci; BORGES, Lucia. Ginzburg e o paradigma indiciário. In: **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**: História, acontecimento e narrativa, 22., 2003, João Pessoa. João Pessoa: ANPUH, 2003

VALENTINI, Delmir José; RADIN, José Carlos. Camponeses no Sertão Catarinense: A colonização da região do contestado nas primeiras décadas do século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh**, São Paulo, n. 26, p.1-14, jul. 2011.

VALENTINI, D. J.; WITTE, G.; CARBONERA, M.; SALINI, A. M.; ONGHERO, A. L. (Orgs.). **Revelando o Contestado**: as fotografias na história do centenário da guerra Chapecó: Argos, 2015.

VIANA, I. A Escrita da Nação no Grande Sertão de Guimarães Rosa. **Revista Baleia na rede**. UNESP, 2010. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/1_A_escrita_da_nacao.pdf último acesso em 01/12/2019

VIEIRA, A. P. F. D.; ESTEVES JÚNIOR, M. Cidade e Narrativa: Discurso e direito à cidade nos espaços opacos. **V!RUS**, São Carlos, n. 17, 2018. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 25 Ago. 2020.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: Hucitec; Edunb, 1995

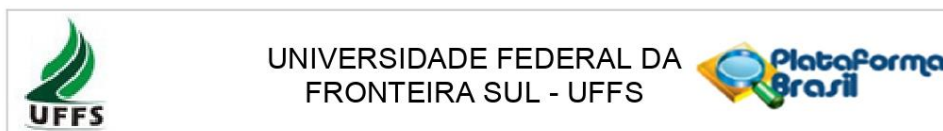
WITTER, Nikelen Acosta. Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, n. 19, 2005.

ZEN, Daniel Dalla. **A Construção De Representações Coletivas: A Semiótica No Estudo Do Patrimônio Público Em Chapecó/SC**; Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2019

ANEXOS

Anexo I

Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CURA ALTERNATIVA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO COETÂNEO EM CHAPECÓ/SC

Pesquisador: ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 04090818.4.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.116.325

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma reapresentação de proposta de pesquisa, mantida em pendência ad referendum. Ver parecer consubstanciado do CEP Nº 3.092.470

Objetivo da Pesquisa:

Compreender como o saber de cura popular contribui histórica e geograficamente nos modos de produção e organização do espaço-tempo do município de Chapecó/SC."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

TRANSCRIÇÃO RISCOS:

Considerando que toda e qualquer entrevista envolve riscos, faz-se necessário esclarecer que o participante entrevistado e observado poderá sentir desconforto ou constrangimento em compartilhar informações pessoais, profissionais ou confidenciais ou em alguns tópicos poderá se sentir incomodado em se expressar. De toda forma e como meio de minimizar os riscos, o pesquisador deixará claro que o participante não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas na entrevista, caso considere que a informação é muito pessoal ou sentir desconforto em manifestar-se. Também será ressaltado, no processo como um todo a confiabilidade das informações e sua utilização somente como produto de conhecimento. Dois encaminhamentos serão realizados, no sentido de minimizar os riscos, especialmente, na fase 2, porque envolvem seres humanos. De toda forma, e como meio de minimizar os riscos, nas etapas

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

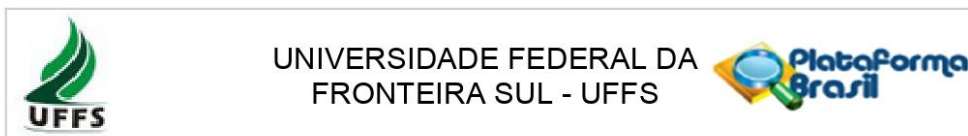
CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.116.325

que envolvem os participantes da pesquisa com entrevistas, os procedimentos serão os seguintes: para responder as perguntas constantes na entrevista (fase 2), o termo de concordância TCLE será lido e explicado pelo pesquisador, que ao aceite do participante que quer participar, poderá responder as questões. Em ambos os procedimentos e fases, estará claro, que o participante da pesquisa pode deixar de participar a qualquer momento. Caso ocorra dano emocional ou psicológico a entrevista será encerrada, sem maiores prejuízos ao participante

RELATORIA: Adequados

TRANSCRIÇÃO BENEFÍCIOS:

Os resultados da pesquisa oferecerão dados que servirão como aportes para outras pesquisas relacionadas com a temática do curandeirismo, bem como oferecerão elementos que servirão para reflexões sistemáticas no âmbito científico-acadêmico. Também, servirão como referência para debates e ações estratégicas no sentido de valorização de um saber popular, além de contribuir ao reconhecimento dos participantes da pesquisa, enquanto produtores da História e Geografia da região.

RELATORIA: Adequado

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As alterações solicitadas pelo CEP foram realizadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos obrigatórios foram apresentados adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem impedimentos éticos para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECÓ
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.116.325

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a "central de suporte" da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1271789.pdf	12/01/2019 15:58:30		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	cartedependenciaalex.pdf	12/01/2019 15:56:55	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	modificadoprojetoalex.pdf	12/01/2019 15:12:04	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	modificadoTCLEalex.pdf	12/01/2019 15:11:36	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito
Folha de Rosto	modificadofolhaderosto.pdf	12/01/2019 15:10:19	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

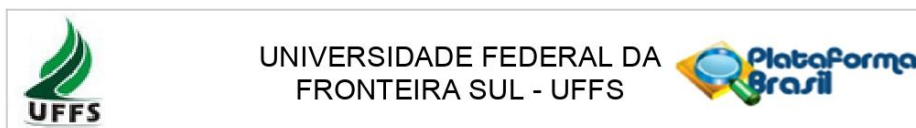
CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.116.325

Outros	usoimagemevozalex.pdf	05/12/2018 21:54:28	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoalexcep.pdf	05/12/2018 21:53:25	ALEX JUNIOR RAPCZYNSKI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 19 de Janeiro de 2019

Assinado por:
Fabiane de Andrade Leite
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br

Anexo 2 - Entrevistas Transcritas

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó 18 de maio de 2019

Entrevistada: Cidreira [SAIC]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse aqui ele é um termo de consentimento livre e esclarecido. Ele só comprova que a gente teve aqui esse acaba de ficar com a senhora. Ele fala que se a senhora não quiser responder a nenhuma pergunta, a senhora pode ficar bem à vontade também. Se a senhora se sentir constrangida ou com vergonha não precisa responder. Se a senhora quiser encerrar essas perguntas em qualquer momento da entrevista a senhora pode parar pode parar. E ele também mostra a importância dessa pesquisa porque o objetivo da pesquisa é compreender essas benzedeiras no espaço em que elas vivem, como que elas fazem isso. Porque hoje, como a senhora falou onde a senhora estava em águas já não tem mais, e quando a senhora veio para cá já não tem mais tanta procura.

Resposta: Pessoal não conhece, lá em Águas a gente era bem conhecida. Eu nasci no Rio Grande né, vim de lá com 8 anos. Eu casei com 20 anos, fui morar em Águas e até agora, estou com Sessenta e oito.

P: A senhora já respondeu uma das primeiras perguntas, qual a sua idade? A senhora tem 68 anos?

R: 68 anos!

P: Certo. Qual seu nome?

R: [confidencial]

P: Então a senhora falou que morava no Rio Grande e veio com 8 anos pra Chapecó?

R: É, eu tinha 8 anos quando eu vim morar pra Chapecó, depois eu casei, tinha 20 anos quando casei, daí vim morar em Águas, que nós morávamos em Planalto Alegre com meu pai, daí com 20 anos casei, fui morar em Águas.

P: Senhora já estudou?

R: Até o 4º ano só estudei. Antigamente era assim, não tinha né.

P: Qual é sua atuação profissional? A senhora é dona de casa, a senhora é aposentada?

R: Sou dona de casa agora, aposentada né, que não tenho outra renda [voz baixando gradualmente].

P: Em Águas a senhora era agricultora?

R: Lá no interior era agricultora.

R: Essa pergunta aqui, a senhora só responde se a senhora se sentir à vontade, qual sua renda aproximada?

R: Minha renda? O salário mínimo

P: A senhora é aposentada?

R: Sim. Graças a Deus.

P: A senhora mora com quem?

R: Tem o meu esposo aqui né, nessa peça, e daí tem os meus neto que moram ali na frente. São duas casas aqui. É o nosso cantinho aqui. Eu e meu marido né, e os neto ali na frente e na minha frente.

P: E o seu marido faz o que?

R: Ele é aposentado, eu me aposentei e daí ... [baixa a voz]

P: Por que a senhora mora aqui no Saic?

R: Na realidade nós morar aqui por causa de doença. Meu marido deu câncer, há seis anos atrás, e o câncer, ele sobreviveu por milagre. Ele teve câncer no estômago. E O médico falou: Olha você não tem mais, se tu quer sobreviver ainda, viver uns anos largue de tudo. Daí minha filha, era minha filha que morava aqui, ele disse [pausa] então vem morar pra Chapecó. Daí eu tinha outra filha em São Carlos e esse aqui, daí era pra nós escolher. Daí aqui era mais perto dos recursos e tudo, até hoje ele tem ainda tem tudo acompanhamento. Daí é lá no regional, era a cada três meses. Passou para seis meses e agora é um ano. Mas ele tá bem graças a Deus. Ele não tem mais [câncer no] estômago nem nada, graças a Deus não tem mais nada.

P: A senhora tem quantos filhos?

R: 2, dois homens

P: E a senhora benze?

R: Eu benzo, assim, um pouco de tudo, dize benze, mas é a gente que diz, mas é tudo em oração, mas eu benzo das bicha, de amarelão, [breve pausa pensando] do nervo ciático. E mais coisas assim, mas tudo em oração. Por que não é esse benzimento que tu diz, que benze assim, como... como muitos fazem, é tudo com oração.

P: A senhora usa de alguma planta? Faz chá?

R: Eu fazia, quando nós morávamos no interior de Águas nós fazia chá, meu Deus, bastante. Mas depois que eu vim pra Chapecó não fiz mais. Por que, causo que aqui não tem espaço pra plantar as ervas né. Daí eu só benzo assim. não fiz mais remédio. Eu fiz curso, fiz bastante curso. Uma vez, eu era monitora de Ervas Medicinais da [cooperativa] Alfa, de Aguas, eu escolhida aquela vez. Fui até pra São Paulo na UniCamp fazer curso. Só que daí depois aconteceu a doença dele e nós viemos para Chapecó daí...

P: Como é que era esse curso que a senhora aprendeu? Foi a cooperativa que pagou?

R: Sim, foi tudo pago. Fomos para a Unicamp em São Paulo para Paraná lá pra [breve pausa pensando] lá pra perto de Ponta Grossa. Era um curso de semana inteira. O primeiro curso que eu fiz foi Itajaí. Com uns Padre de Itajaí, nós íamos.

P: Como que a [cooperativa] Alfa escolhia as pessoas para esse curso?

R: Elas escolhiam porque tinha assim, eles faziam reunião, que nem lá em águas era filial. Daí escolhia uma pessoa para fazer. Do posto era eu e mais duas, eram em três tudo lá de Águas, daí nós o que aprendia passava para as sócias. Daí nós fazíamos reunião na comunidade, ou no posto, fazia reunião e repassava o que nós aprendíamos das ervas medicinais porque cada uma servia. Eu tenho um monte de curso, mas só certificado assim.

P: É uma coisa para servir a comunidade.

R: Era assim, a gente aprendia lá e repassava, não ficava só pra gente. Aprendi tanta coisa que a gente fazia errado com os cursos da [cooperativa] Alfa. Ultimamente a ideia era fazer os remédios e vender. Só que não deu certo. Não tinha assim era muito custo muito alto pra gente né porque a gente tinha que registrar e firmar. Que a gente não tinha condições, daí, imposto tudo. Tinha que fazer um lugar, um lugarzinho assim, tinha que ser no padrão e registrar firma.

P: Eu vi ali na frente a senhora tem uns pés de Cidreira eu acho que é...

R: Sim. Onde eu morava em águas e tinha a horta. Tinha mais de 100 plantas. Aquela vez que fui fazer um curso Itajaí pela primeira vez, eles assim repassaram todas as mudas para nós. Itajaí repassou para nós do posto pras monitora e daí a gente multiplicava aquelas que plantas e repassava pras sócia. Foi bem legal aquele curso a gente aprendeu tudo. Só que daí vim pra cá por causa das doença e larguei. E lá a [cooperativa] Alfa não teve mais condição de bancar daí parou faz uns dez anos que parou isso ali. Senão antes a gente fazia tudo esses curso no exterior, em São Paulo, imagina na Unicamp fiquei uma semana. Melhor curso que eu fiz foi na Unicamp. Meu Deus do céu tinha a liberdade que eu tinha, que nem, a planta que tu mais assim destacava, eu era o Picão.

P: Pra que a senhora usava?

R: Picão, ele é anti-inflamatório e ele é antibiótico natural, ele é... qual qualquer infecção que você tiver picão é bom, pra amarelão. Pra umas 40 doenças ele faz bem

P: A senhora foi morar em águas. A senhora que idade tinha quando foi morar em águas?

R: 20 anos. Fiquei uns 40 anos na época em Águas.

P: Em Águas a senhora era agricultora e benzia?

R: Sim. Daí a gente tinha ali um pouquinho de renda. Mas depois que vim morar pra Chapecó daí não tem lugar.

P: Quando a senhora benzia em águas a senhora cobrava alguma coisa em troca? Cobrava?

R: Não. Se alguém de boa vontade, as vezes me dava um presentes uma coisa que ficava no balcão, mas nunca cobre nada nem um centavo do mesmo. Por isso que eu digoo benzimento é de reza, pra ajudar as pessoas.

P: E como era com a comunidade lá em águas reagia? A senhora era bem recebida?

R: Era muito até agora. Agora eles estão pedindo porque que eu saí de lá. Eles sentem falta. Eles vêm ainda o pessoal de águas, o que eles vêm ainda aqui se benze. Só [inaudível] que eu não faço.

P: Mas benzer a senhora ainda benze?

R: Sim, benzo ainda

P: E o que era bom em benzer antigamente? era bom benzer?

R: Era, principalmente assim amarelão dizem que se não benzer e se você não tomar remédio caseiro que não melhora. Só ir no médico não ainda. Dizem né. Diziam que amarelão benze só com benzimento e remédio caseiro. E outras coisas também, que nem das bicha, de cobreiro.

P: E muita gente ia lá com a senhora?

R: Meu deus, iam bastante gente.

P: E hoje?

R: Hoje daí não, caiu bastante, por que lá de águas fica longe pra vir pra cá e aqui não é bem conhecida ainda, depois tem mais pessoas aqui, não é só eu.

P: E como era sua relação com os médicos com os postinhos, com os serviços de saúde.?

R: Lá em São Carlos que tem no Hospital São Carlos tinha um médico que me apoiava né. Um dia eu entrei lá para consultar e fiquei uma hora com ele, o doutor Brustolin [incompreensível] ele apoiava as ervas medicinais. Um médico do Caxambu do Sul, que eu era conhecida nos municípios vizinho, que se ele visse que era amarelão ele mandava lá em casa. O Dr. Ângelo Nicolini que fazia Caxambu. Daí dizia: Tu tem amarelão, vai lá na dona [confidencial]. Pra terminar, a mulher desse médico do Dr. Ângelo, uma vez ela veio com os agente de saúde de Caxambu ela veio em casa para passar o que eu aprendi das ervas, que a mulher dele, imagina, a mulher do médico. E nós nem se conhecia. Ela veio junto com os agentes de saúde, com a Zonta né. Depois me disseram que ela era mulher de um médico. Eu disse: Foi até uma coincidência né, uma honra pra mim né porque ter uma mulher do médico veio aprender em ervas que [usa] produtos químicos né remédio de farmácia. Eu fazia agora não faço mais destilado, vocês já viram falar destilado ou não? Eu fazia, por isso que o pessoal gostava do meu remédio, ele era destilado, era feito que nem a pinga. Não sei se vocês sabem como é a pinga? Só a essência das ervas colocava uma panela, e até agora não tem mais, é uma panela botava as erva em baixo, ia outra por cima botava água fria em cima e em baixo as ervas em água quente e botava no fogo. E tinha um paninho que saía só o vapor, só a essência das ervas. Meu remédio era assim, o pessoal adorava. Era um remédio verde né, que nem água, pura essência.

P: E essa técnica a senhora aprendeu lá em Itajai?

R: Em Itajai e no começo eu fui lá em Itajai. Aí depois foi pra São Paulo e depois ali no Rio Grande em Frederico Westphalen.

P: E a benzer, como a senhora aprendeu a benzer?

R: Assim só a gente faz uma reza uns Pai Nosso Ave Maria e Creio, a gente reza. Aprendi que foi passado pelos outros antigos. Tinha uma mulher até ela morava aqui em Chapecó e ela faleceu anos e ela me passou. Do nervo ciático foi um homem que já faleceu e tudo era passado pelos antigos né que já faleceram né. Dai passavam pra mim

P: Sua mãe benzia?

R: Minha mãe não. Era mais assim os outros, minha sogra sim, me passou um benzimento que era do precipério que dá uns vermelhão, esse aprendi da minha sogra, de resto só os velinho mais antigo. Tinha uma noninha lá de Caxambu de uns 90 anos que ela queria repassar para alguém antes de morrer e ela passou pra mim. Que os filhos dela ninguém quiseram pegar os benzimentos dela

P: E os seus filhos?

R: Nenhum pegou, nem neto nem nada, eu disse, olha...

P: A senhora gostaria de passar pra alguém?

R: Mais tarde vamos ver né

P: A gente vai fazer essa pesquisa porque a gente vê menos pelo menos hoje em dia parece aqui em Chapecó porque por exemplo eu quando era criança lá no bairro eu nasci que ela se lá no Palmital, tinha quando eu cresci tinha um monte

R: Antigamente tinham mais né faleceram e não passaram para ninguém.

P: E aí parece que como a senhora já falou os filhos não querem aprender e isso vai se perdendo mesmo. E hoje aqui no bairro a senhora falou que vem menos gente procurar a senhora

R: Tem, assim, não é tanto que nem lá em águas. Tô aqui a pouco tempo, quatro anos. [Vozes ao fundo]

P: E quando a senhora veio morar aqui como é que era aqui no bairro ao redor? Tinha muita casa?

R: Em quatro anos, só esse prédio que não tinha [apontando]. Senão era o mesmo há quatro anos atrás, diferente quando veio o meu filho morar há vinte anos atrás. Meu filho esse que mora aqui [apontando] ele se mudou há poucos dias ali perto do boliche do Luiz, mas a casa dele é ali e os netos.

P: Assim, sua prática, do jeito que a senhora benzia lá em águas pra hoje em dia ela mudou.?

R: Não. Só a única coisa que mudou é que eu não faço mais os remédios, dai só benzo.

P: Mas aqueles remédios que tem ali a senhora faz chá ainda? Que eu vi que tinha cidreira e mais uma do lado que vi até na minha mãe tinha.

R: A Fabana? Sim eu faço só pra gente de casa, e uso direto. Tem uns pé de picão, Malva que a malva também é antibiótico natural, que eu uso direto. Até coloco no Chimarrão, picão também. Meu marido superou até dos remédio de repente dos remédio que eu fazia

P: Quando a gente começou a conversar com as benzedeiras a gente viu a presença do São João Maria, a senhora já ouviu falar?

R: Não.

P: O monge João Maria que perambulava pela região

R: Quem me ensinou foi só pessoas de idade que já faleceram, benzimento simples que nem eu faço

P: Qual a diferença que a senhora viu assim de águas para cá quando a senhora veio, que não eram tão perto.

R: Nós Foi ótimo depois que se mudemos já fizemos amizade, tem gente atrás do salão, que é a igreja, já se associamos aos idosos, vamos na cidade do idoso duas vezes por semana.

P: Eu há um tempo atrás trabalhava na auto Viação e fazia uma viagem lá dentro da cidade dos idosos.

R: Meu filho trabalha lá, Odair Pedroso

P: Ele é seu filho eu não sei mas acho que eu outra eu trabalhei com ele e trabalhei de cobrador eu acho eu trabalhei já fazem uns cinco seis anos que eu trabalhei lá. Acho que era isso. Vou Deixar esse documento aqui ele comprova que eu tive aqui com a senhora. [arrumando os papéis] Eu deixo uma cópia para a senhora que hoje é dia 18. De Maio. E. Vou pedir à senhora assinar.

R: Não tem problema?

P: Não, não, como falei é só um comprovante. Assina na linha debaixo. Nessa linha de cima a senhora só coloca o nome completo. Assina aqui também. E o respeito com os idosos como é aqui?

R: A gente gosta, a gente tem uma amizade que nunca pensava que teria em Chapecó uma amizade aqui e lá tanto aqui no grupo como na cidade do Idoso

P: Seu marido também vai junto?

R: Sim a gente vai junto, joga canastra. [Chega o marido] esse é meu marido. Ela está trabalhando e hoje, aproveitando os netos de folga e o sol né.

R: Esse documento que ele tem os meus contatos também. Se a senhora por exemplo sentir que ela falou algo que não deveria comigo tem o meu telefone que pode ligar e falar “Olha não quero participar de pesquisas”. Eu posso tirar uma foto desse quadro que achei muito bonito.

R: Pode

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó 18 de maio de 2019

Entrevistada: Manjerona [Efapi]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Então se esse termo aqui seria chamado Termo de Consentimento Livre e livre e esclarecido ele fala aqui que se a senhora não quiser responder nenhuma pergunta a senhora não precisa responder se a senhora quiser parar durante a entrevista a gente pode parar bem tranquilo, não tem nenhum problema, se ficar com vergonha de alguma pergunta também não precisa responder. A senhora permite que a gente grave? sim ? É depois pra gente escutar melhor e pensar mais sobre isso. Esse fica uma cópia com a senhora. São algumas perguntas que a gente gostaria de fazer para senhora para conhecer porque essa pesquisa ela vem justamente para isso, para entender como que essas ideias ainda existem hoje. E como é que elas estão resistindo. Porque como a senhora falou, é um tempo que a senhora está dando para outra pessoa. Eu por exemplo sou daqui de Chapecó, ele é de maravilha, e eu por exemplo eu nasci lá no Palmital e lá quando eu nasci lá tinha um monte. E hoje tem uma duas dá de contar nos dedos.

Resposta: Tem pessoas que vêm de outra cidade aqui, vem lá do centro, lá de fora. Vem pra benzer de amarelão também. Tem gente que vem aqui muito mal muito mal, as vezes é amarelão. Esses dias a minha sobrinha veio aqui tava com Leucemia, já viu? Ela é caminhoneira. Tava mal. Daí eu disse: Mara antes de viajar vem aqui vem pegar um remédio que ajuda. Tu acredita que ela viajou não tinha mais nada agora ela vai chegar hoje ou amanhã ela vai pegar de novo. E tudo porque o remédio do amarelão não é só pro amarelão, ele ajuda muito. Por que vai nove quantidades de ervas, só ali. As vezes o estomago, tá com problema no estomago. Não é, não que é leucemia que é aquela [pensando] que ataca o fígado... cirrose. às vezes é do própria amarelão porque é anemia quando a anemia toma conta claro que o sangue vira em agua dai dá leucemia

P: Qual seu nome

R: [confidencial]

P: Qual sua idade?

R: 49 anos

P: Qual seu grau de instrução? Estudou até que série?

R: Eu estudei até o primeiro grau. Daí eu estava fazendo as provas da COOPERDUC, faltou para completar o segundo grau só duas matérias você sabe o que aconteceu? A COOPERDUC foi embora e eu perdi todo o dinheiro que paguei. [Risos]

P: Qual sua atuação profissional? O que a senhora faz?

R: Eu trabalho, eu faço salgadinho, doce, bolo, bolacha, de tudo um pouco. As 3 e 15 abro a casinha de churros [conversas paralelas] mini pizza, enroladinho de salsicha tudo caseiro. Tem a escola a creche, tudo. [Entra jovem no recinto] Pago o MEI, tudo certinho, tudo registrado

P: Qual sua renda aproximada?

R: Assim, não dá muito. [esquiva-se da pergunta]

P: Com quem a senhora mora aqui?

R: Eu e meu filho e... ele. [apontando para o homem na sala]

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Eu moro aqui porque eu vim cuidar da minha mãe, eu morava no Rio Grande daí minha mãe adoeceu, [morava em Planalto] não tinha nem cuidar dela. Eu cuidei dela, seis meses em coma. Depois ela foi melhorando fui orando por ela, saiu do oxigênio, saiu da fralda, foi melhorando saiu da cama e tudo, bem até ela passear estava. Deu a hérnia, a úlcera e levou ela. Fez dois anos em novembro. Daí a gente ficou morando aqui. Ela morava aqui, fazia o tratamento aqui, e ela benzia antes

P: Faz quanto tempo que saíram de Planalto

R: Faz 6 anos.

P: E a senhora benzia em Planalto

R: Sim. Lá tinha minha sogra. Inclusive o remédio do amarelão que eu faço foi minha sogra que me ensinou

P: E como a senhora aprendeu a benzer?

R: Eu aprendia benzer porque quando nasceu meu filho ele era muito doente, ele tem onze anos vai fazer doze em outubro. Ele era muito doente, muito doente e era assim dia e noite e dia e noite. E os médicos não davam volta dele. E daí o que a gente tinha a gente tava gastando tudo. Ele tinha 4 cinco meses e nós não sabia o que ele tinha. E era só um umbigo rendido, as costelinha grudada, que é a mingua que eles dizem. Que hoje eu curo, eu faço a massagem pras criança, era só costelinha grudada e umbigo rendido, tava desse tamanho [mostrando com os dedos]. Os médicos de lá [falaram que] era hérnia mais tarde tinha que fazer cirurgia. E não era. Através de uma benzedeira nós curamos meu filho. Daí eu me inspirei a aprender pra tentar ajudar também. E foi.

P: No caso os mais velhos, que a senhora falou que sua mãe já benzia?

R: Minha mãe benzia, minha sogra também. Minha sogra até parteira, lá em Planalto. O que eu pude aprender fui apreendendo. Dai peguei aquele dom de aprender

P: Assim a gente passou por muitas pessoas e umas falam que eu sou curandeira outras falam que são benzedeira.

R: Eu acho benzedeira, porque curandeira já é mais [breve pausa pensando] Eu benzo e digo assim, tenha fé que é deus que cura. Porque eu não curo eu acho que quem cura é Deus

P: A senhora é católica?

R: Sou. Nossa Senhora Aparecida sou muito devota, então assim ó. Não tenho nada aqui, só meus santos, minha bíblia

P: A senhora nasceu onde?

R: Nonoai, no interior, daí eu morava aqui, casei aqui e depois fui pra Planalto já tinha meu filho grande. Dai eu fui pra lá

P: A senhora aprendeu a benzer em Planalto?

R: Lá, com minha mãe e minha sogra

P: Como era benzer lá?

R: Lá fazia a coisa que aqui. Tinha menos criança, que a cidade é pequena lá tem mais benzedeira, tem bastante tipo bastante pessoas idosas daí quando eu vim pra cá. Até que minha mãe tava em coma eu não benzia, ficava calada. Que eu tinha que esperar ela passar pra mim porque a gente não pode tomar a frente da pessoa. Quando ela melhorou ela falou aqui agora em diante você benze que a mãe não vai mais benze. Daí eu comecei porque tinha muitas pessoas que estavam precisando aqui. Daí vinha até aqui e eu dizia não pode benzer. Só que eu não podia benzer passar na frente dela porque ela era a benzedeira da casa, entendeu? Quando ela passou para mim daí eu comecei.

P: E assim com a senhora no seu tempo assim a senhora benzia lá em Planalto ou a senhora fazia outra atividade?

R: Fazia a mesma coisa que aqui

P: E a senhora realiza alguma troca por exemplo, recebe pra benze?

R: Eu não peço nada, tá na vontade da pessoa. Tem muitas pessoas que depois que cura que vê que está curado que nem rendidura, cobrero, das bicha, tem muita gente que vem mal, vomitando e de repente sai bem. Do amarelão de ar na cabeça que dizem muitas coisas que aprendi a benze. Então, então depois que melhora eles me gratificam. E tem uns que não dizem muito obrigado. Só que é difícil a pessoa vim aqui e não melhora. Agora tem pessoas que vêm aqui com cobrero muito feio também. Agora pinga, aquela rosipaga. Veio uma mulher e o homem que estava com a perna podre de ficar internado. Eles são meio parente. Primeiro ele melhorou depois mandou ela, só que assim ó, de ficar no hospital com a perna podre quase, e vim aqui até que não melhorou não parei de benzer

P: E é bom benzer?

R: Pra mim é bom. É bom porque eu tô fazendo bem e estou ajudando né. Assim como me ajudaram. Eu tive meu filho doente e a pessoa me ajudou e eu pensei. Hoje eu faço bem não pra um, para várias muitas pessoas que às vezes até eu nem estou em casa, as pessoas ligam: ó meu filho tá passando mal estar vomitando pode benze das bicha? E da onde eu tô eu vou benzer, só pelo nome né. Então eu estou ajudando.

P: E tem alguma coisa ruim de benzer? Alguma coisa negativa, seu tempo, a senhora, por exemplo...

R: Eu doou. Eu estou doando o meu tempo, tô deixando de fazer algo pra mim. Pra mim ajudar a pessoa. E depois se a pessoa quiser retribuir eu aceito. Mas se não quiser eu tô bem né. Eu acredito que eu tô fazendo bem

P: A senhora benze diferente lá de Planalto do jeito que a senhora benze aqui?

R: Mesma coisa

P: A senhora usa plantas?

R: Sim faço uns chazinhos, pras criança principalmente.

P: A senhora faz chá?

R: Eu doou as plantinhas. Pra eles fazer em casa porque a maioria não tem, hoje em dia moram em apartamentos e não tem lugar pra plantar, daí as mãe vem benzer, eu benzo e já dou o chazinho pra fazer em casa

P: E hoje como que a comunidade ao redor reage a senhora benze? A senhora é bem vista? Alguém critica?

R: Sou [bem vista] até agora não escutei ninguém criticar. Ao contrário todo mundo sabe, se a pessoa está doente que não tem nada a ver com o que eu faço. Não tem nada a ver com o que eu benzo, mandam igual aqui. Assim, com a minha fé, e a fé da pessoa e as vezes melhora. As vezes não tem nada a ver e melhora. Acredita nisso? [risos] acho que [é] a fé também.

P: E com os médicos da região, a senhora já foi criticada por algum?

R: Não, até agora não. Que nem o Dr. Jaques aqui do bairro do bairro ele sabe que eu benzo eu acho que até por isso que elas agente de saúde vem até a mim dizer se eu poderia eu também já cheguei a perguntar já respondi essas perguntas pras elas.

P: Então o modo que a senhora benze não mudou nada de Planalto pra cá? [nega com a cabeça] a senhora falou que seu filho tem onze anos, então há quantos anos a senhora aprendeu a benzer?

R: Eu aprendi benze até antes de nascer eu já peguei alguma coisa com a minha sogra uns 12 anos atrás. Dai pensei, agora tenho que começar a fazer algo pra começar a ajudar as pessoas também. Tá difícil hoje em dia ninguém mais quer aprender.

P: Tanto que é por isso que a gente quer fazer esse trabalho, tem tão poucas

R: Eu acho que assim, hoje as pessoas tinham que ser mais ... como vou dizer... reconhecidas. Porque às vezes um remédio caseiro é melhor do que uma farmácia. Um benzimento vale mais do que tomar um remédio que vai prejudicar teu estômago. Só que é tipo assim, as benzedeiras tão ficando muito pouco. Eu me desdobrei, as vezes tem dia que de noite em vez de eu dormir, eu vou fazer minhas coisas porque eu preciso trabalhar, é dali meu ganho. Pra mim consegui ajudar as pessoas.

P: Quantas vezes a senhora benze por semana?

R: [expressão de magnitude] Nem tem esse número. Porque assim, tem dia que vem menos e tem dia que tenho que deixar minhas coisas tudo paradas lá pra mim dar conta.[múrmuros] É direto.

P: E como era aqui no bairro quando a senhora veio para cá?

R: Tinha bastante benzedeira. Tinha várias tinha uma noninha que morava aqui [apontando] outra ali [apontando], só que as noninha morreram já e ninguém quer aprender.

P: Pensa no futuro em ensinar para alguém?

R: Quando eu não consegui mas eu quero passar. Espero que alguém queira né.

P: Engraçado, uma coisa que percebemos que vemos pouco homem benzendo, a maioria é mulher, por que será?

R: A maioria é mulher. Pra ti ter uma ideia, Não sei se você se lembra do [nome impronunciável] o responsável é Santo Antônio. Minha mãe era responsável mas era em Latim, quando tava aprendendo não consegui chegar até o final porque ela faleceu, mas com essa parte que eu aprendi vários objetos voltaram as pessoas perdem ou roubam e voltam.

P: É uma reza?

R: É uma reza, dizem Siquério, pra objetos perdidos e roubados. Assim mesmo, eu não consegui chegar até o final. Mas com a parte que eu aprendi já, vários objetos já voltou.

P: E essas mudinhas de plantas que a senhora tem, como que a senhora conseguiu.

R: Onde eu vou que tem eu pego, eu peço. Peço a muda e vem e planto que eu sei que as crianças vão precisar

P: Qual que a senhora mais usa?

R: Pras reza? O Barim e a Manjerona. Essas é o que mais usa. Tem uma bebezinha né, que tem cólica na barriga, daí não saiu aquela sujeirinha [nas fezes] porque tem que sair aquele cocô sujo, que daí se não saiu tudo tem que tomar o remedinho pra limpar.

P: E para adulto?

R: Pra adulto é mais ervas que tem nove qualidades de ervas que vem lá do interior, até tem uma mato que é mato virgem, tipo assim, que era da família, a maioria vem de lá, as casca as raízes.

P: A senhora vai buscar ou alguém traz pra senhora?

R: As vezes a gente vai buscar, as vezes os parentes quando vem de lá trazem. Mas a maioria a gente traz, e quando vai traz bastante. Que aqui não tem lugar pra plantar, daí vem tudo de fora. Dai eu uso a flor de coqueiro, que tem que tirar do cacho antes de abrir e daí tem que ficar cuidando, até tô com um cuidando. Que minha amiga mandou foto de um coqueiro aqui perto e vi que tava na hora, tem que tirar bem devagarinho e esperar secar, daí tô secando um cacho.

P: E Como que é o respeito assim no que diz respeito à comunidade. A senhora é respeitada mesmo?

R: Sim eu sou respeitada.

P: Acho que era isso mesmo era uma coisa meio rápida. Esse termo fica com a senhora pra assinar, por exemplo assim se a senhora não quiser mais participar da pesquisa inclusive agora que terminou pode parar. Tem os meus contatos aqui

R: Aquela ali era minha mãe naquela foto [apontando e pegando o retrato] a última festa, eu fiz a festa em agosto de 88 quando ela faleceu mas ela estava linda assim quando ela faleceu. Ela conversava muitos causos antigos sabe? Daí ela voltou à memória e voltou tudo o que eu fiz de remédios pra ela pra voltar a memória e tudo que

comprei pra ela. Ela estava muito ciente. E ela saia passear vinha as mulherada visitar com ela, ela era muito de passear

P: Que bom. Posso pedir para a senhora assinar aqui confirmando que a gente esteve aqui presente. Seu nome em cima de sua assinatura embaixo.

R: Eu estava fazendo bolo [risos] pra uma igreja evangélica, mas ficou lindo aquele bolo

P: Certo. Esse aqui fica com a senhora tem os meus contatos. Eu gostaria de agradecer a senhora. Muito obrigado pela ajuda.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó 18 de maio de 2019

Entrevistada: Malva [Cristo Rei]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse aqui é o termo de consentimento livre e esclarecido que a universidade pede comprovando que a gente apresente também para o participante da pesquisa, uma cópia fica comigo e a outra cópia fica com a senhora. É um comprovante que a gente veio aqui e conversou com a senhora. A gente vai fazer algumas perguntas aqui para senhora se a senhora não quiser responder a uma pergunta não precisa responder. Se a senhora quiser parar a entrevista no momento que a senhora quiser a senhora pode parar à vontade se a senhora se sentir constrangida também. Vamos lá: A primeira pergunta, qual o seu nome?

Resposta: [confidencial]

P: Qual sua idade?

R: 82 anos

P: A senhora estudou?

R: Não. Sou chucra. Meu pai nunca mandou estudar, só trabalhar.

P: Sabe assinar seu nome

R: Mal e mal, mas nem faço, sei nada, nada

P: Onde a senhora morava?

R: Morava em Erechim, de Erechim pra Xanxerê, de Xanxerê para Abelardo. I, caminhei um monte

P: E aqui em Chapecó, a senhora mora a quanto tempo?

R: Faz uns 15, 16 anos que eu moro com a minha filha

P: Aqui nesse lugar? Ou em Chapecó?

R: Chapecó, eu morava lá embaixo [apontando]. Eu fiquei viúva daí eu vim para cá, lá eu morava sozinha.

P: A senhora, em Chapecó, mora há quanto tempo?

R: 20 anos.

P: Desde que a senhora mora em Chapecó a senhora já benzia?

R: Sim, benzo a uns 40 anos. Faço remédio pra amarelão de capoeira.

P: E a senhora é dona de casa?

R: Sim

P: E quando a senhora morava em Xanxerê?

R: Também. Eu trabalhei um tempo na Tucano, mas sem carteira assinada. Era mais na roça

P: A. Senhora é aposentada?

R: Sou, e tenho pensão do meu marido

P: E mora com quem hoje?

R: Só eu e minha filha, e a família dela, o marido e dois filhos

P: Porque é que a senhora mora aqui?

R: [evitou a pergunta]

P: Por que morava longe?

R: Não. E morava ali embaixo [apontando]

[silêncio e latidos]

R: Perto da rotesma

P: Mas eu moro, eu morava lá no Palmital. Essa pesquisa que vamos fazer com os curandeiros aqui é mais por uma investigação que, por exemplo quando eu era criança tinha um monte de benzedeira, e hoje sumiu um monte daí queremos conversar.

R: Acho que é porque elas tem medo. Eu faço remédio de mato, da capoeira

P: Como a senhora aprendeu a benzer?

R: Da minha avó, [fala muito baixa] ela sempre me dizia, e do falecido padre Zanatto de Abelardo. Queria um bem dele que tá loco. Ele ensinava muita coisa para a gente.

P: A sua avó a mãe da sua mãe ou de seu pai?

R: Mãe do meu pai.

P: Sua mãe não benzia?

R: [aceno com a cabeça]. Daí fui fazendo

P: A senhora ainda benze ou faz mais chá?

R: Mais chá. Eu pra falar a verdade, rezo cinco ave maria e um litro de chá, e com aquilo, meu deus, quanta gente

P: A senhora faz chá para que?

R: Amarelão

P: Faz para mais alguma coisa?

R: Mais amarelão mesmo.

P: E como era benzer? A senhora disse que aprendeu a benzer uns 40 anos atrás, em Xanxerê, como era benzer aquela época?

R: Mesma coisa de hoje

P: Mudou alguma coisa do jeito que a senhora benzia lá do jeito que a senhora benze aqui

R: Mesma coisa

P: A senhora acha que as pessoas acreditam mais nisso hoje ou menos

R: Menos, não tanto quanto antes. Agora tem médico.

P: Quantas pessoas vem por dia ou por semana?

R: no verão vem umas 4, 5, 6 pessoas por dia. Vem de Xanxerê aqui.

P: A senhora, antigamente a senhoras benzia e trabalhava na roça

R: e fazia o serviço de casa

P: A senhora cobrava?

R: Agora eu cobro 10 pila o litro de chá

P: Aquela época a senhora cobrava?

R: Não, tinha lenha, era fácil

P: E se alguém vem só pra se benzer a senhora cobra?

R: Não

P: Tem alguma troca? As pessoas dão alguma coisa?

R: Nada, nada, só Deus que [gemidos baixos]

P: Como a senhora benze? o Chá é a senhora mesma que faz?

R: Sim, pra preparar só na capoeira, só ir nos lote vazio, sempre tem lote vazio. Que nem ali no vizinho sempre tem picão, coizarada.

P: Além do picão o que mais a senhora usa?

R: picão, salsa, guachumba, quebra-pedra.

P: E como é com a comunidade ao redor? Eles respeitam?

R: [aceno da cabeça]

P: Alguém já falou mal da senhora?

R: Na minha frente não.

P: E a senhora gosta de benzer?

R: Eu gosto de benzer, salva a vida [fala inaudível]

P: Tem algum lado ruim de benzer? Eles ocupam muito o seu tempo?

R: Capaz. Com Deus fica tudo ...[fala inaudível]

P: E como é sua relação com os médicos, assim que tem por aqui?

R: Eu gosto deles. Não posso ter queixa. Tem gente aqui que vai no médico depois vem aqui. As vezes faço remédio, vejo que não e falo, vocês têm que procurar outro lugar

P: A gente que conversou com algumas que falam que amarelão. Não é médico que resolve

R: médico pro amarelão não faz nada

P: E eles mandam aqui pra senhora?

R: Os médicos? Mandam nada, mas daí um fala pro outro, imagina se os médicos vão falar

P: E no postinho? Porque a gente conseguiu o seu contato com uma agente de saúde

R: Sim, umas par vieram aqui, minha filha faz unha e coisa dai ela fala e coisa, as vezes pra benzer cobrero e procuram eu.

P: a Senhora benze de cobreiro? Do que mais a senhora benze? Das bicha?

R: É mais amarelão e cobreiro [carros passam ao fundo fazendo barulho alto]

P: das bicha também?

R: Você ta informado pia? [risos]

P: É que minha nona tem 89 anos lá em Caibi e é benzedeira também

- R: Meu deus o que vêm de criança aqui, mas já tô entregue [e falo], vai lá pra nona
- P: Teve algumas diferenças por exemplo assim, a senhora estava lá em Xanxerê, no campo. Que diferença a senhora viu?
- R: Pra mim não faz diferença por que viajei bastante
- P: Quando veio pra Chapecó, como era o bairro?
- R: Era a mesma coisa, era puro barro, tinha um lote
- P: Tinha muita casa?
- R: Não tinha aquela ali, essa, essa e essa [apontando] Faz 16. Anos.
- P: A senhora não mudou o jeito que a senhora benze?
- R: Não. Tem que continuar sendo a mesma.
- P: A senhora tem quantos filhos?
- R: São 11 vivos, mas são 12 filhos. Tudo formoso.
- P: A senhora pensa em ensinar pra algum?
- R: eles não se importam, então não adianta. Até tinha o cunhado dela [aponta para a filha], que veio, ensinei algumas coisas, mas não sei se vai querer continuar
- P: Quantos anos ele tinha?
- R: 24 anos, agora foi embora. Dai ensinei, pra que no dia que eu morre pelo menos tu sabe
- P: Mais uma coisa. A gente foi falar com algumas mulheres e algumas falaram que são benzedadeiras outras se dizem curandeiras. A senhora se diria oque?
- R: é a mesma coisa, dizem curandeira, hoje que falam benzedeira, mas é a mesma
- P: Outras falaram que ouviram falar no São João Maria. A senhora já ouviu falar?
- R: Ouvi falar mas ...não vivi a época dele.
- P: Quem lhe falou dele?
- R: Foi a muitos anos, esse velhos antigos meio falaram dele, do João maria que andava caminhando e até tinha a fonte que era milagrosa por aqui. Falavam bastante.
- P: Essas pessoas antigas que lhe falavam são daqui?
- R: De Xanxerê, de Chapecó [cachorros latem alto e próximos]
- P: A senhora católica.
- R: Sim
- P: Se a senhora pudesse deixar um recado para essa nova geração, que gostaria de falar pra eles?
- R: Aprender coisas pequenas como, que seria bom não mentir [latidos altos]
- P: A senhora pode assinar pra mim? Tem meu contato, meu telefone sobre as entrevistas que a senhora concedeu, que a gente vai utilizar para nossa pesquisa [muitos latidos]. Se a senhora não queira mais participar ou que não use a entrevista tem meu contato.
- R: Quantos que vieram aqui desenganados, que era só uma ferida, que melhorou.
- P: Eu vi que tem uns chazinhos ali. É malva aquilo ali.?
- R: E Hortelã. Eu tenho Malva guardada seca, que eu deixo secar na sombra
- P: Essa é uma cópia do comprovante que eu vou deixar com a senhora. Posso tirar umas fotos?

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó 18 de maio de 2019

Entrevistada: Lima [El Dorado]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse aqui é o termo de consentimento livre e esclarecido esse eu vou deixar uma cópia com a senhora, é um comprovante de que a gente veio conversar com a senhora. Então assim, não muito obrigado[rejeitando a cuia de chimarrão]. A gente vai fazer algumas perguntas se a senhora não quiser responder a senhora não precisa responder. Se você quiser parar a entrevista no meio, pode parar. Fique bem à vontade, essa pesquisa é justamente pra isso pra gente, porque assim eu falo por experiência própria, eu nasci aqui em Chapecó, Diego é de maravilha, eu nasci lá no Palmital do outro lado da cidade, e quando eu cresci lá na comunidade um monte de benzedadeiras. Hoje meus pais ainda moram no Palmital, a gente encontra uma ou duas, quando é muito. Isso que instigou essa pesquisa sabe, a gente gostaria de conversar com essas mulheres então. Isso aqui depois eu vou dar uma cópia também para a senhora. As primeiras perguntas que eu gostaria de fazer para senhora: qualquer o seu nome?

Resposta: [confidencial]

P: Qual sua idade?

R: 66 anos.

P: A senhora estudou? Tem até que série?

R: não estudei nada, não tenho série nem nada

P: Mas a senhora lê e escreve?

R: Não. Só o meu nome

P: A senhora, qual a sua profissão? É do lar

R: Eu trabalhava na roça e agora... trabalhava como doméstica. Agora não posso mais esses dias já fiz uma operação de coluna né, ainda tô meio...

P: A senhora é aposentada hoje?

R: Sou aposentada

P: A senhora mora com quem.

R: Tem a filha que mora aqui mas nós moramos aqui né, somos separados. Mas nessa casa aqui mora só nós dois [se referindo ao esposo]

R: Por que a senhora mora aqui?

R: Porque ... eu tenho só duas filhas né, daí vieram as duas pra Chapecó pra trabalhar e estudar, nós morava em Maravilha, daí elas casaram com um rapaz daqui de Chapecó, daí nós viemos embora pra cá também. Daí compramos aqui e moramos aqui. Já faz 23 anos né [marido ao fundo interrompe tentando responder por ela]. Nós trabalhávamos lá numa granja de porco. [Marido ao fundo tenta falar] Daí compramos aqui porque as meninas já estavam morando daí. Então a gente já tem só duas filhas né, daí viemos para cá também.

P: As duas filhas vieram para cá?

R: Estudar e trabalhar. Casaram com os rapazes daqui.

P: Lá vocês trabalhavam na roça?

R: Numa granja de porco [marido ao fundo tenta responder] e a Granja fechou. Mas trabalhamos 13 anos. Daí a Granja fechou daí viemos pra cá que já tinha essa casa construída né, era alugada. Daí só viemos morar

P: A senhora nasceu onde?

R: [engole o chimarrão] Eu nasci em Três Pinheiros, Santa Catarina.

P: Onde é?

R: Acho que é perto de Concórdia ali, não sei. É perto, é perto

P: A senhora fala benze das bicha né?

R: É, eu benzo das bicha só

P: Há quanto tempo a senhora aprendeu a benzer das bicha? [pausa longa] A senhora tinha quantos anos, assim, quando aprendeu a benzer das bicha?

R: Eu já era casada né, [olha pro marido] já tinha Lucimara, 43 anos

P: Com 43 anos a senhora [aprendeu a] benzer? Nossa.

R: Eu não gosto de falar muito né, daí as menina disse: “A mãe vai virar benzedeira” [dá ênfase como se fosse deboche] mas eu gosto de benzer as criança né. Coitadinha não tem culpa

P: Isso aí elas não têm culpa do que tem. [Acabamos falando junto]

R: É uma coisa justa né. Se tu levar num médico, pra bicha não faz nada.

P: Tem gente que a gente conversou que umas dizem que elas são benzedeira outras dizem que são curandeiras. A senhora é o que?

R: Não. Eu acho que eu sou [pausa pensando] benzedeira não sou, e nem gosta de ser [risos] eu acho que eu benzo das bicha é isso né.

P: E como era benzer quando a senhora aprendeu a benzer das bicha? Tinha muita gente que procurava a senhora? Muitas crianças?

R: Lá onde eu morei sempre tinha as crianças né. Quando descobriu que eu benzia pra benzer das bicha né. Sempre traziam uns com vomito, febre. Eu dizia olha eu vou benzer. Mas eu não sei se é só as bicha, porque pode ser que tinha umas coisa a mais.

P: A senhora acha que tem mais gente que vem benzer hoje ou antigamente?

[marido ao fundo “vem bastante”]

R: aqui vem bastante. Tem semana que [marido tenta falar no lugar dela] a semana inteira que eles vêm benzer [marido ao fundo continua falando] e tem semana que não vem ninguém. [Marido fala ao fundo]

P: Por dia ou por semana quando as pessoas que vêm aqui na senhora.

[marido ao fundo: “agora meio parou”]

R: Agora tá parado, faz dias que eu não benzo mais. A última foi a menina lá em cima. Ela tava com desmaio e... a reveria, vinha espuma. Levava no médico não achavam nada, fazia exame não achava nada. Daí ela levou por tudo diz pra benze, mas eu não sei por onde. [pausa] Daí me deu dó dela. Eu gostaria de achar mais uma que benzesse pra experimentar de novo e eu disse pra ela eu benzo das bicha, quer que eu benzo a menina benzo. Nunca mais deu desmaio na menina. Sarou. [marido ao fundo fala]. Outro dia ela passou por aqui esses dias e falou que ia trazer pra benze ela mais umas vezes. Só que daí eu fiz minha cirurgia né, e a gente fica fraco né. E a minha filha disse agora a senhora não vai mais benzer das bicha.

P: Tem que se cuidar E como a senhora aprendeu a benzer?

R: Com a minha mãe. E ela aprendeu sabe porque, porque eu perdi um irmão das bicha. Naquela época era tudo mato, médico era longe.

P: Onde a senhora morava?

R: No Paraná. Naquela época a gente quase não via fala em médico. Hoje em dia né, daí o pia eu começo a ficar doente, vomita e vomita e vomita, e febre e febre e febre. Daí eu me lembro, nós levamos pra Pato Branco, dava 80 quilômetros donde nós morava aquela época. Eu era uma menina.

P: A senhora se lembra onde a senhora morava? O nome da cidade?

[Marido ao fundo: “São João do Oeste”]

R: São João do Oeste, daí sabe, mas lá ainda não tinha médico, era só em Pato Branco aquela época. Daí sabe, levaram ele, e ele morreu numa altura da estrada, tinha 18 meses o pia. Sabe [inaudível], saía bicho do nariz, pela boca. E naquela época, tinha uma comadre da mãe, uma italiana, que ela benzia das bicha né. Daí a mãe disse assim: Comadre eu quero aprender a benzer das bicha, daí pra mim benzer minha piaçada quando precisa. Daí a mãe aprendeu, daí quando ela não quis mais benzer né, que as piaçada tava tudo grande, eu me lembro que os vizinho que vinha benze das bicha lá em casa, com a minha mãe. Mas daí ela não quis mais, um dia eu tava eu e mais minhas duas irmãs lá e ela: “quem de vocês quer aprender a benzer das bicha?” Daí minhas irmãs disse “capaz que eu vou aprender, vou ser benzedeira, mas nem falar”, daí eu pensei, eu quero, quem sabe um dia vai ser vir pros meus neto, que eu vou ter, pra minha família eu pensei. Daí me ensinou, porque diz que quem ensina não pode mais. A dela não vale mais. Entendeu? Não sei se é verdade. Os antigos diziam muito isso. Daí eu aprendi a benzer. E é a única herança que minha mãe me deixou, porque agora ela é morta, já faz uns 15 anos. E eu sempre me lembro. Digo minha mãe me deixou uma coisa boa né. Eu fico feliz quando vem criança bem ruinzinha benze, e melhora, daí no outro dia vem e diz assim, meu Deus como ela dormiu bem, ela melhorou, daí eu fico feliz né. Ajudei

P: Como a senhora realiza? Como a senhora chama pra benze das bicha? Quem vem os pais trazem as crianças?

R: Eles trazem daí eu benzo, ali na pia, pego um prato com agua.

P: A senhora usa o prato a agua e a linha pra benzer?

R: é.

P: A senhora recebe pra benzer cobra para benzer?

R: Eu não! Não quero nada. Tem uns que cobra, sim pra fazer remédio pra amarelão tem quem cobra. Eu se eu sei fazer algum remédio eu ensino eu faço e dou.

[marido ao fundo falando inaudível]

P: S senhora sabe fazer algum remédio?

R: Pra amarelão eu sei. Fazer chá pra amarelão.

P: E a senhora dá esse pras pessoas também? Ou ensina a fazer?

R: Ensino. Se precisar fazer e eu tô aí, não cobro nada. Capaz, cobrar isso aí

P: Que bom que tem a senhora aqui. E como é a sua relação aqui com a comunidade ao redor? Eles respeitam?

R: Sim, nunca ninguém criticou.

[Marido ao fundo: “ não. Respeitam”]

P: A senhora gosta então de benzer?

R: Mas olha das bicha sim, porque eu vejo que faço o bem pras crianças. Um dia chegou uma conhecida minha aqui com a netinha dela caída, com uma febre, uma febre. Daí ela disse “eu também passei mal e mal” e disse “tu não benze das bicha” e eu falei “eu benzo”, “então benze minha netinha ela tá que Deus me livre com uma febre”, e tava mesmo com uma febre, caidinha. Daí a gente era bastante conhecida, e eles vieram passear e trouxeram a menina. Daí eu disse “deixa eu benzo ela”. Daí a vinte minutos a menina tava brincando. Daí a gente fica feliz de ver né.

[Marido ao fundo: “vem gente, gentaiada que liga aqui”, os dois falam juntos se torna inaudível]

R: Benzo de todo lugar, não tem distância, porque Deus está em todo lugar, se você benzer com fé, e eles tem fé onde tão, eu acho que é a mesma coisa, não precisa estar presente, só com o nome né.

P: A senhora é católica?

R: Sou

P: E assim, por exemplo, do jeito que a senhora benzia antigamente, há uns 20, 30,40 anos atrás, mudou o jeito que a senhora benze?

R: Não. É sempre o mesmo jeito

P: E os remédio que a senhora falou que sabe fazer remédio pra amarelão aprendeu com quem?

R: Com a minha mãe também. Ela fazia remédio pra piazada. Daí eu cansei de fazer pra esses aqui, pra mim, até quando eu vim morar aqui minhas netinhas eram pequenas, tenho só uma neta e três netos filhos homens, que eu tenho só duas filhas. Três homens e uma mulher. Quando viemos para cá elas iam na aula, mas tavam acabada, dava cada febrão iam pra casa “nona, não aguento mais nona, ai minha barriga”, eu benzia ela das bicha, dali a pouco tava bem, daí curei ela. Daí minha filha levou ela em volta, nessas outras que benzem né, nunca adiantava, eu benzia elas poucas vez, pronto, nunca mais depois disso.

[marido ao fundo: “é três vezes”]

R: É três vezes, uma sentadinha... Três dias.

P: Certo. E quando a senhora veio morar para cá era? Falou que veio aqui mesmo? Nesse terreno? Como era aqui ao redor? Tinha muita casa era mato como era?

[Marido ao fundo: “não era tão mato assim”]

R: Era bastante casa até que as casas que tem hoje. Modificou ali na frente ali [apontando], aquela elétrica ali. A vizinha aqui era uma casinha simples agora tem uma casa.

P: E que vocês aqui, olha para o bairro que eu vejo aqui é de movimento né porque por exemplo pega aqui tudo vai lá por um lado e por outro passa por aqui

R: Bem bom de morar aqui eu gosto

P: E como é sua relação por exemplo com, porque quem recomendou a senhora para a gente foi agente de saúde aqui do bairro. A gente conversou com todas as agentes de saúde...

R: [exclamação de surpresa] Aaaaa, ela trouxe o nenê, o pia dela pra benzer

P: A gente conversou com todas as agentes de saúde de Chapecó e daí algumas delas recomendaram algumas pra gente, a daqui do bairro recomendou a senhora. E como é sua relação com os médicos ou com o Postinho aqui do bairro? Enfermeiros?

R: Tudo bem.

P: Eles mandam pra senhora? Como é?

R: Não. Nunca mandaram. Pra mim benze não.

P: Por exemplo assim, falaram que as vezes vão no médico e ele não resolve e o médico fala, ó vai com ela que ela resolve

R: Não, isso aí nunca aconteceu. Até aquela casa de tijolo a vista lá, uma vez ela tava com a netinha dela no hospital, não tinha jeito de melhorar. Daí ela veio pra mim benzer, trouxe o nome da menina né, ela tinha uns 3 aninhos. Daí disse, “posso benzer se for das bichas né, mas não posso garantir que se é só as bicha que a menina tem”. Por que que tal eu disser assim, “ela vai ficar boa, é as bicha”, e se não é? Eu não sou adivinha né. Daí eu benzi, num dia, no outro dia veio pra casa. Mas a mulher ficou [incompreensível]. Começou a baixar a febre sabe? Veio pra casa, daí ela trouxe ela benzer, mas que faceira ela ficou. Isso que não baixava a febre, e eu benzi a menina. Não sei se é a fé deles, ou a fé da gente que fez isso. Pra fazer uma coisa tem que ter fé

[marido: “conte daquela outra, que diz que tavam pagando 300 reais pra fazer exame e ela benzeu, tchau”]

R: Esses dias até ela passou aqui e pediu como eu tava e eu falei “tô bem, graças a Deus”, daí ela disse “Meu Deus eu não acredito, minha menina nunca mais deu ataque”, [falando junto com marido]. Diz que começava a estufava, ficava amarelinha, estufava, vinha uma espuma pela boca.

P: E pro amarelão, a senhora falou que sabe fazer chá?

R: Mas olha eu sei um chá bem simples, tu pega 3 raízes de picão, 3 de guaxumba, 3 de salsa e 3 folha de lima. Tu tira o talinho da folha e ferve e põe ali na geladeira e toma. Mas olha não tem chá melhor.

P: E onde a senhora consegue as plantas que a senhora usa?

P: [marido ri] Agora é difícil. Não faz muito que eu fiz. Fiz pra quem? Pra mim eu acho. Pegamo dos vizinho. [marido tenta ajudar a responder mas fica incompreensível]

P: É que aqui tem bastante terreno que eu vi. Mato aqui ao redor.

R: Tem, tem, [marido ao fundo “salsa todo mundo tem”] Salsa a gente tem a vontade na horta. Vai lá tira 3 raíz e deu. [marido fala inaudível] Teve meu neto, que agora uma filha minha mora em Lucas do Rio Verde no Mato Grosso a mais nova, essa que mora aqui é a mais velha. Tinha o pia dela, levava no médico por tudo, cada vez pior, pra ver o que tinha. Dai fizemos esse chá, mas olha que nem tirar com a mão. Sarou o pia. Que tem coisa que é bom né. Eu ensino e podem fazer né. Que é colocar as erva na panela e ferver. Tem gente que usa e cobra.

P: A senhora diz que morou no Paraná e algumas benzedadeiras falaram até para nós que já ouviram falar no Monge no Santo que caminhou por toda essa região aqui o São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria.

R: Não... O que eu sei é isso.

P: Não? Não faz mal. Acho que era isso né? Era mais pra conhecer mesmo.

[cachorro late ao fundo e marido pergunta “para que que serve isso aí?”]

P: É para um trabalho da universidade que a gente está fazendo. Daí a gente quer conversar com as benzedadeiras. Que nem eu falei, assim esse trabalho...

R: Pior que vai um tempo que não vai existir mais. Que nem eu, as minhas meninas, não adianta querer ensinar, elas não querem aprender

P: A senhora pensa em ensinar para alguém?

R: Eu pensaria, alguém tinha que pegar gente nova né. Porque é uma coisa que você só faz o bem pra essa pessoa né. Agora eu não acredito que tem gente que ... nossa senhora, mexe com bruxaria, essas coisa, eu não acredito e não quero nem saber também.

P: Mas eu gostaria de agradecer a senhora muito obrigado. A gente está conversando aqui com várias Chapecó e tá muito bacana. Isso aqui que eu falei então é o comprovante que a gente veio aqui. Tem meu contato meu telefone. Se a senhora não quiser que a sua entrevista faça parte da pesquisa pode me chamar a qualquer momento. Não só hoje. Esse a senhora vai assinar. Por exemplo vai pensar amanhã “eu não gostaria de ter falado isso” a senhora pode me ligar: “Olha eu não gostaria que fosse colocado isso isso isso” ou “eu não gostaria que a entrevista fosse utilizado em todo ou em partes. A gente vem aqui a gente vai rasgar ela, vai dar um final bem tranquilo. Se a senhora se arrepender pode falar comigo e dizer que a gente descarta essa entrevista. A senhora pode assinar.

[conversa ao fundo]

R: Agora tem gente que usa as coisas por bobeira. Isso ai não, nem sou de acordo

[marido: “essa parte tem as crença, essas coisa”]

R: Não. Tem católico que benze de ar, e acredita em muita coisa e bobeira, essa coisa eu não gosto.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeadas em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeadas em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó 25 de maio de 2019

Entrevistada: Arruda [Trevo]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse aqui é mais pra dissertação. A gente tá produzindo uma dissertação de mestrado onde a gente está pesquisando as benzedeadas que atuam aqui em Chapecó como que é a recepção a percepção da comunidade sobre elas porque como eu falei pra senhora antes. Tem muito poucas hoje em dia. A gente quer tentar descobrir o porquê que tem tão poucas. Esse termo aqui que eu vou entregar pra senhora depois é Termo de Consentimento Livre esclarecido que a gente está vindo aqui conversar com a senhora se a senhora não quiser responder a nenhuma pergunta não precisam responder nenhuma pergunta. Se a senhora quiser parar no meio, a senhora pode parar sem nenhum problema. Se ficar constrangida também a gente pode encerrar. Se por exemplo assim a gente vai sair daqui com essas perguntas respondidas, se depois quando a senhora estiver em casa pensando assim: não deveria ter respondido isso ou não deveria ter falado aquilo, aqui tenho o meu telefone também pra entrar em contato, olha eu não gostaria que fosse usado isso ou aquilo, a gente retira sem nenhum problema. Bem tranquila bem a vontade. Como é o seu nome?

Resposta: [confidencial]

P: Qual a sua idade?

R: 67 anos.

P: A senhora já estudou?

R: Fiz até o segundo grau. Através do módulo 2. Naquela época tinha o módulo 2, aí fiz até o segundo grau

P: A senhora tem profissão? A senhora do lar?

R: Agora tô em casa. Mas me aposentei como professora.

P: A senhora é professora? A gente está estudando história. [Risos] Queremos ser professor também. Com quem a senhora mora?

R: Aqui moremos eu e o meu marido. Daí no porão tem o meu filho a esposa e três filhos.

P: Por que a senhora mora aqui?

R: [pausa longa]. É uma história muito longa. Nós morávamos no interior de Água Frias. Daí me aposentei na escola e dali a cinco dias até a casa perdi a casa num incêndio. Lá no interior de Aguas Frias. Na linha São João. Queimou tudo, ficamos sem nada. E daí meu marido plantava fumo. Na última safra que as filhas saíram pra fora, acabaram e ficou meio sozinho, com meu filho, mas ele era novo na época tinha uns 15, 16 anos. Daí resolvemos não plantar mais fumo. Daí na última safra foi comprado um terreno em pinhalzinho, foi dado uma entrada. E o restante nós pagávamos por mês, o salário por mês. Daí a gente não podia, queimou a casa, ele tinha começado a construir a casa em pinhalzinho pra alugar, pra ter assim né. Daí a gente se mudou pra lá. Pra outra casa, no sofrimento. Pra Pinhalzinho. Lá a gente ficou acho que dois anos vivendo pouco. Daí meu filho apareceu a oportunidade de trabalhar de Mecânico, que eles tinham dado um curso de Mecânico pra ele em União do Oeste. Daí a gente vendeu lá, trocamos a morada e fomos pra lá. Lá, uma cidade pequena que não tinha emprego pra todo mundo. Aí não dava muita coisa. Chamaram ele aqui pra casa de motores pra trabalhar ali. Ele ligou e disse, eu vou alugar uma casa, venham morar pra Chapecó que aqui tem emprego até pra minha esposa e tal. Daí a gente vendeu lá, fomos pra Formosa do Sul antes, lá também achamos que não era futuro, era uma cidade que não cresce, daí de Formosa viemos pra cá. Daí fomos vendendo, trocando por carro, voltamos a estaca zero de novo. Aí a gente começou tudo de novo.

P: Quando vocês vieram para Chapecó vocês já vieram morar aqui no trevo mesmo?

R: Não. Daí a gente moremos 9 meses no El Dorado, pagando aluguel. Aí procura terrenos pra lá pra cá até que a gente encontrou aqui e deu pra dar uma entrada, o resto pagar parcelado e viemos pra cá. Aí meu marido trabalhava pra um senhor, um Zanuzzo, ali na cidade e construiu uma cancha de bocha e coisa assim, que era pedreiro né. Ele deu uma casinha velha que ele tinha lá no Bela Vista de 6 por 8 de madeira, a gente trouxe,

colocou no fundo do terreno, até construir aqui. Não tá acabada ainda mas tá ali parada. Daí meu filho resolveu vim morar no porão.

P: E aqui no Trevo a senhora mora há quanto tempo?

R: Aqui faz uns 12 anos.

P: Certo. E como a senhora aprendeu a benzer?

R: A minha falecida mãe que benzia, alguma coisa, não tanto né. Aqui aparece gente pra benzer de amarelão de muita coisa, mas eu não.... Daí como eu era curiosa eu ficava cuidando ela. Daí ela disse: “você quer aprender?” e falava em voz alta e eu ficava escutando.

P: E a senhora benze de que?

R: bicha de criança, um cobreiro, mal jeito só. Aparece pedindo tanto benzimento, mas aprendi foi pouca coisa

P: A senhora nasceu lá em...

R: Eu nasci aqui na verdade, na linha cascavel, aqui em Chapecó, daí meu pai trabalhou aqui na Colônia Cella um tempo, se mudou pra cá

P: Nossa a senhora nasceu aqui perto, se mudou, rodou, e acabou voltando pra cá [risos altos]

R: Ai meu pai trabalha numa serraria aqui do Antônio colônia Cella, depois ele comprou a terra em Aguas Frias e se mudamos pra lá. Acho que tava com uns 4 anos quando se mudamos pra lá. Lá em me criei

P: Tem umas mulheres que a gente falou que elas falam que elas são benzedeiras outras falam que são curandeira. Se fosse a senhora, a senhora decidiria que é o que? [Repetimos a pergunta]

R: Bem, eu sou benzedeira, porque que curandeira dá remédio, sei lá faz trabalhos diferentes eu entendo.

P: a senhora faz chá assim também?

R: Claro que não. Faço chá em casa pra gente só. Assim né, crianças as vezes

P: E se vem por exemplo alguém assim, pedir algum remédio, que por exemplo assim, vem pedir dica de algum chá. A senhora dá?

R: Se é algum vizinho que eu conheço sim. Conversando tem bastante mulherada por ali que lidam com chá né. Tem outra vizinha a tal de [confidencial] também que benze das bicha, não sei se tem outro benzimento. Entre vizinhos a gente conversa sobre chá, que a maioria usa chá aqui também né. Não dá nem pra tu arriscar, conforme tu não conhece a pessoa, vai fazer um chá mal feito, depois vai condenar a pessoa [risos]

P: Certo. E com quantos anos assim quando a senhora, quando sua mãe começou a lhe ensinar a benzer?

R: Uns quantos, 15, 16 anos eu acho. Eu sai de casa com 18 anos e já sabia alguma coisa.

P: Certo. E como era benzer lá... A senhora falou que tem 67, então foi uns 40 anos atrás. Como é que era benzer aquela época? Era muito diferente de hoje em dia?

R: Não. Praticamente do mesmo jeito.

P: Os problemas assim eram os mesmos também do pessoal que vinha procurar a senhora?

R: Não é muita gente também que procura. Aqui... algum que outro né

P: Se a senhora fosse falar assim por dia ou por semana quantas pessoas vêm aqui pra se benzer com a senhora?

R: O, não vem.... agora faz 15 dias que veio uma ali de baixo se benzer das bicha. Mas tem vezes que uns 7, 8 meses não aparece ninguém

P: Agora no inverno as pessoas ficam com vergonha de sair de casa. E a senhora falou que hoje é aposentada né, e que era professora, então a senhora era professora e também benzia quando estava em casa assim?

R: É. Daí quando sai fora pra dar aula no interior lá, daí morava mais perto de Aguas Frias, aquele tempo não era município, hoje é município. Mas no tempo que dava aula lá nem sei se eu benzia alguém, que a gente não abria a boca pra ninguém. Era pouca.

P: Alguns dizem que não pode se oferecer né [ela fala algo inaudível]. Começou a vir mais quando a senhora se aposentou então

R: Também não é muito. Um que outro vizinho, de porta. De longe não vem ninguém [risos]

P: A senhora realiza alguma uma troca assim, a senhora recebe alguma coisa quando alguém vem benzer com a senhora?

R: Nem visita vem. Que nem eu digo aparecem quando precisam

P: Mas eles pagam pra senhora, dão alguma pra senhora em troca do benzimento? Não? [Ela confirma com a cabeça]

R: Que eu lembre uma senhora, me trouxe uma blusinha, mas faz mais de dois anos, até eu tinha saído, tava uma sobrinha minha cheguei em casa daí meu marido tava ali, era um da que chovia, “ó ali tem uma pacotinho que a Ines [confidencial] trouxe pra você aí” era uma neta dela que tinha vindo. Era uma blusinha. Que eu lembre só aquela. A única

P: Como que a senhora faz os benzimentos? Faz aqui dentro da sua casa mesmo?

R: Sim, é um copo de agua e a linha corta a linha e vai fazendo a oração, diz o nome da criança, mas tem que tomar 3 goles daquela agua. Eu faço assim. Eu pendo, corto aquela linha na agua, faço as orações, daí mexo bem aquela linha. Se fica tudo meio embolada, não afunda, é porque as bicha tão incomodando. Daí dou três golinhas daquela agua pra tomar. Daí o resto jogo em cruz faz mais umas orações. Simples

P: Vem mais adulto ou criança se benzer com a senhora?

R: Criança. Bicha é criança.

P: É que a senhora falou que também benze do cobreiro

R: Cobreiro vem alguns também

P: E como é assim a comunidade aqui? Como é que a comunidade, reage a senhora benzendo? Eles falam mal da senhora assim? Respeitam a senhora?

R: Sim [de maneira tímida]

P: E antigamente respeitavam também?

R: Sim. Também

P: Certo. E a senhora gosta de benzer?

R: Gosto de fazer o bem pros outros. O que eu puder, nunca neguei pra ninguém

P: E como é sua relação com o médico ou com o postinho de saúde? Eles já vieram aqui conversar ou criticar a senhora?

R: Não.

P: E algum um médico já mandou alguma pessoa, assim? Vai lá eu ela benze

R: Eles nem sabem [risos]. É meu segredo

P: e se fosse a senhora ver hoje.

R: Eu não sei aqui como eles descobriram. Acho que era uma criança que tava aí. A gente percebe a criança. Tem aquela tossinha, os olhos lustros, dá febre, passa e tal. E eu fiquei com dó daquela criança daquela mãe que não sabia mais o que fazer, tinha ido no médico e não dava nada. E eu falei. Depois disso que todo mundo descobriu [risos]

P: Se a senhora for ver assim mudou alguma coisa dos benzimentos? Por exemplo assim do modo como a comunidade reage, se mudou? Antigamente não falavam mal senhora?

R: Que eu saiba não.

P: E aqui no bairro assim, quando a senhora veio morar pra cá nesses 15 anos [galinhas piando no fundo] então aqui o bairro mudou muito pra senhora?

R: Aqui era um capoeirão, de uva Japão a maioria neste terreno aqui, tudo taquara. Era bem diferente. [Inaudível] Agora. Tem bastante morador. Tem de tudo Isso aqui era [inaudível]. Pra mim nunca ninguém me incomodou. Tinha bastante casa alugada por ali. [Inaudível]

P: Quando a senhora veio aqui tinha quantas pessoas que moravam aqui? Quando a senhora se mudou

R: Faço nem ideia

P: Mais aqui pra trás pelo jeito que mudou bastante né

R: Essa casa aqui não tinha. Umas quantas casa não tinha. Uns colocaram a casa pra alugar né, que não tinha na época.

P: A senhora é católica?

R: Sim.

P: Tem uma igreja aqui perto né?

R: Sim, mas daí tu tem que dar a volta.

P: Certo. Acho ...algumas das curandeiras que a gente falou, falaram que...de um santo que andava por aqui que benzia. Não se se a senhora conheceu, o São João Maria ou se a senhora já ouviu falar dele?

R: Já ouvi falar em São João Maria, mas faz anos que falavam disso.

P: A sua mãe falava disso pra senhora?

R: Falavam de um tal de São João Maria. [pausa] Não conheci, não sei da história nem nada. [tentando encerrar o assunto]

P: É que o monge algumas benzedadeiras assim falaram que o santo era um monge que andava assim pelas...

R: Comentavam há muitos anos atrás. Agora ninguém mais comenta nada, naquela época eles comentavam. Os mais antigos né

P: O jeito dele benzer as crianças e teve que umas benzedadeiras que aprenderam com ele, mas hoje existe [inaudível] em Xanxerê que tem as águas Santas de Santa Maria

R: Nunca vi imagem nem nada, mas antigamente os mais antigos falavam dele

P: Mas eu acho que isso mesmo. Eu gostaria de agradecer muito obrigado pelo seu tempo.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 22 de junho de 2019

Entrevistada: Maragata [Sede Figueira]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Resposta: “Não adianta não adianta” a evangélica diz, “não adianta isso aí é bobeira, uma hora dessas vou na tua casa” ela disse, “vou na tua casa, e eu quero pegar aquela imagem de Nossa Senhora Aparecida, e fazer pedaços para ver que entidade que vai sair de dentro dela porque lá tem só o capeta”. Maria Santa. E a menina tinha uma doença na garganta, mas ela não veio aqui. Tinha uma doença na garganta e ela foi no médico, o médico não conseguia ver o que que era. Ela estava no médico e daí a mãe disse: “fulana, faça alguma promessa para Nossa Senhora Aparecida que nós temos que nós temos fé para te ajudar a curar essa garganta”. Ela estava com fome e não conseguia engolir, não conseguia engolir nada. Aí ela de noite ela pediu um favor para Nossa Senhora Aparecida e disse o que ela iria fazer que ela queria que ajudasse ela a curar aquela garganta que ela não conseguia mais engolir. E o médico preocupado. De manhã quando que ele veio fazer a visita, ele disse: “guria eu acho que aconteceu um milagre” ela disse “por que?” ela disse “eu estou com fome, eu queria comer”. E daí o médico disse “mas tu vai comer tudo não tenho mais nada na garganta” então como é que ela vai deixar o outro quebrar a imagem que vocês adoram. Mentira, mentira não é adoram, a gente adora Jesus sacrossanto a gente adora Deus, a Jesus, a hóstia e assim por diante. Os Santos a gente venera né? Você venera, você respeita, você gosta, você admira, você vê o exemplo que eles deram de vida para nós né, é assim. E daí ela disse: “imagina se eu vou deixar quebrar a imagem”, mas vai.. eu disse quando ela sai daí lá, Zipiqui [sinal de jogar algo para trás] pegue pimenta e jogue atrás dela. Que essa pimenta não deixe ela sossegar. [risos] Como se chama?

Pergunta: Diego Ebertz

R: A mulher que eu vou benzer o bebê me deu o sobrenome do bebê que eu de vez em quando eu dou risada. Ela me deu o sobrenome, Pietro Henrique Zattera. Mentira. Não é Zattera, é Zátera.[risos], nós Zátera aqui, que Zattera. Que nem os Bianchi aqui, os menino mais novos dizem assim Bianchi [com som de x] Bianchi é uma palavra italiana e que o qui é ch, né, então eles dizem Bianchi [com som de x], que nem os Michelin, dizem, Michelin [com som de x]é Michelin [com som de k]. Não. Aqui em baixo no pinheiro tinha o... Kuchi, também é uma palavra italiana, com ch, e daí o cara casou, foi lá pra São Paulo, as mulheres voltaram sozinha, a mãe e as filhas, e uma filha veio aqui se benzer. Benzi ela, “como se chama?” “fulana de tal, Kuchi” [com som de x] daí lembrei que meu filho tinha namorado uma do Kuchi, o que eu disse “menina não é Kuchi?” [com som de k], sim mas a nova era . Disse que pega, o dia que sair o inventário tu não entra no Inventário, porque você não é Kuchi . Então só me dá sua data de nascimento.

P: 20/03/1991.

R: 18, 20, 23, 25, vocês dois se dão bem. O Santo é igual. [Silêncio longo]. Então Alex Junior Rapczynski. Você é polaco. Eu tenho o nome do teu país comigo. Quando que a mãe tava grávida ela sofreu muito de dor de dente E ela, e ela esquecia um pouco, acalmava a dor de dente tomando chá de folhas de batata-doce e de feijão preto, os grãozinho, daí acalmava. Daí ela lembrou, não, eu vou fazer uma promessa, pra santa da dor de dente, que se ela me tira essa dor de dente porque naquela época ninguém tirava dente de mulher grávida. Né. E se for menina, eu vou dar o nome da santa. E se ela tiver vocação para freira eu mando ela estudar. E ela pagou a promessa. Era menina. Me deu o nome e um dia eu disse “Mãe eu quero estudar para freira” e ela tinha promessa mas eu não sabia. Eu fiquei três anos e meio com as freira. E coisas que meus irmãos não sabia eu aprendi e depois eu voltei então. Santa. Essa aqui é Santa Apolónia é protetora dos dentistas e da dor de dente. Santa Apolónia aí me deram o nome de Maria. Então a mãe disse, põe Apolônia junto que é no promessa. O pai foi escrivão e escrivão escreveu Maria Apolônia, o pai disse Maria Apolônia e ele escreveu que Maria Polônia. Então eu tenho um poder por causa que tem o nome do país dos poloneses. Não é a Apolônia. É Polônia. E nós temos um pai e uma mãe em carne e osso e temos um pai e uma mãe espiritual que regem nosso espírito, nossos sentimentos, nossos objetivos, e o nosso corpo. Os espirituais estão aqui [mostrando]. E dependendo da tua data de nascimento, você tem o pai de cabeça o pai espiritual ou pai de frente, o anjo da guarda e santo protetor que seria com a numerologia da data de nascimento vocês ó do 9, 9, 18, 19, 22, 23, 25, 27. Tua numerologia dos orixás e o teu é

aqui tem 20 do 3 de 91, 9, 9, 18, 20, 23, 25. O pai espiritual de vocês, o pai de cabeça de frente, anjo da guarda, santo protetor é São Jorge. Quem se agarra com São Jorge não entra em demanda, não entra em bruxarias. Então São Jorge é do bom trabalho do bom negócio e do dinheiro. Vocês têm um bom coração. Vocês gostam de ajudar os outros. Vocês é ... são doces, meigos, tranquilos, e vocês pensam grande. Se vocês têm esta casa aqui. Você não chega a esta casa. Você quer mais. Vocês querem mais, vocês pensam grande, mais alto, mais alto. A bondade de vocês vem do pai espiritual de vocês. Porquê. Porque ele era um homem muito rico, rico, muito rico, e ele queria seguir os passos de Cristo. Daí disseram: “Deixa tudo e segue-me”. E como que ele iria seguir sem vender aquelas terras que ele não pode vender. Então o que ele fez? Ele distribuiu aquelas terras, aquelas Fazenda e disse que ele tinha, pros pobre “esse pedaço que é teu, esse é até, esse é teu.”. Distribuiu tudo para os pobres. Por isso que o coração de vocês é bondoso, que se vai alguém lá e diz. “perdi o casamento”, “a não tenho roupa para ir no casamento” “eu te empresto, eu te dou”, às vezes eu digo para as mulheres “cuidado pra não ficar só de zorba” [risos]. Mas ele depois que saiu daquelas terras e seguiu a Jesus ele chegou numa cidade que todo mundo estava chorando. Se tu vai lá pedir pro padre a história de São Jorge vai dizer “São Jorge, sim ele matou o dragão”, mas por que ele matou o dragão? Por que”? Porque ele chegou naquela cidade tinha um lago, tinha um dragão no lago, precisava de 70 ovelhas por dia para saciar a fome dele pra ele não sair a busca de todo mundo. Daí era uma cidade que eles eram ateus e achavam que iam fazer um trato com aquele dragão. E ele iria ser manso como eles. Até que eles fizeram. Eles iam dar a pessoa mais bonita e mais atraente da cidade, pra ele não perturbar a cidade e São Jorge disse “eu vou lutar com esse dragão” e estavam perto de um lago tinha uma laranjeira que lá o Dragão não tinha acesso. Daí ele foi ele tem a lança. Ele foi brigar com o dragão, quando ele cansou demais, para descansar ele “zipque” pra debaixo da laranjeira. Por isso que a fruta dele é a laranja. E embaixo da laranjeira até se recuperar depois ele ia brigar de novo. Ele entrou duas vezes debaixo. da Laranjeira para poder ser recuperar. Mas ele conseguiu matar o Dragão. E quem era que estava esperando lá para ser devorada? Era filha do Rei. A princesa em cima de uma pedra esperando que o bicho fosse lá pegar ela. E todo mundo estava chorando. Pela Paz que ele tinha pela bondade, vocês acham que ele ia matar o dragão? Ele tinha que estar com força com raiva com ódio para poder matar né. Então. Vocês carregam um desaforo hoje no bolso. Amanhã é um outro dia. Mas quando vocês vão acertar esses desaforo vocês são bem bravos. Senão ficarem vocês vão ver que uma hora fica. Então esse é responsável pelo dinheiro de vocês. A mãe de vocês dois é a Iemanjá. A Iemanjá e a deusa das águas, a Rainha do Mar, mãe de todas as mães, da prosperidade, e da fertilidade. E ela tem muita pérola para dar para vocês. Não aquelas que entram ali na soleira da porta. Mas através do seu trabalho eles ajudam tanto este quanto este [apontando]. Padrinhos. São Sebastião. São Sebastião é Rei da Mata, do verde, da esperança, da alegria, da felicidade, da alimentação, da comunicação, dos remédios e da terapia do espaço. Este. E esse gosta de dar dinheiro fácil para vocês. Olha só ele não dá o restante. Que é melhor a Santa Bárbara que ajuda mais ela é uma ótima administradora é ela quem administra o dinheiro melhor que o São Sebastião dá pra vocês Pronto. Agora falem

P: A gente está fazendo um trabalho da universidade sobre benzedeadas, sobre curandeiras, e a universidade pede para que a gente entregue para a pessoa que a gente vai conversar um termo e peça para as pessoas que a gente vai conversar. Eu queria saber a gente pode filmar ou gravar essa conversa pra gente? Só para fins da universidade mesmo que a gente está querendo conhecer melhor essas curandeiras estão agindo em Chapecó a gente pode? Por enquanto a gente já foi nove que a gente conseguiu. A gente conversou com todas as agentes de saúde. A gente tem uma lista com 95 em Chapecó. A gente não vai em todas.

R: Pois é, se queixam que meu Deus. E quando que apaga essa pessoa quem que fazer o trabalho.

P: É por isso que a gente quer fazer esse trabalho, porque o pessoal todas as que a gente está falando que tem menos do que antigamente. Daí a gente quer também saber porque ele que está assumindo isso a gente quer ...

R: Tem que divulgar o trabalho?

P: Não, só se essa senhora quiser. Porque esse trabalho aqui era só para fins acadêmicos. Ele vai permanecer dentro da universidade que a gente tá fazendo um mestrado em história né. Ai gente quer conhecer melhor sobre essas benzedeadas e curandeiras que tem na região. Tanto que eu vou entregar pra senhora um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que a gente chama, que pessoa tá ciente que se ela quiser responder não precisa responder. Assim, as perguntas que ele vai lhe fazer pra senhora, ele vai fazer a pergunta se a senhora não quiser responder não precisa responder todas as perguntas. Por exemplo perguntas como quem ensinou a senhora, se não quiser responder, só falar a próxima

R: Tudo bem, aqui é um centro espírita de Umbanda da linha branca, da paz, do bem, do povo da água, e o povo manso. Mas o trabalho aqui também é um trabalho de pretos velhos como é que se diz, de africano. Os benzimentos tudo é africano, eu dou passes e tudo, mas eu pulei por cima então os meus trabalhos são de incorporação. Mas eu, por tenho aqueles dois que vieram aqui de repente se não fosse sábado eu teria outros. Então essa incorporação desce, sobe, desce, sobe então o meu trabalho, e eu faço com os guias encostados, não incorporo mais. Acabou cabocla Jurema, Iemanjá, não incorporo mais, só tenho elas do meu lado.

[telefone toca, atende o telefone] [alô, benzer quem? A Jandira? Vou pensar onde que está. Sim você pode vim. Vem de manhã que de tarde temos reunião, tá certo. Ok tchau]

R: Esse trabalho aqui, a mãe me dizia assim que eu tinha um dom de nascimento. Só explicar para vocês, um dom de nascimento. Como é que foi, eu nasci na cabeça, assim, eu nasci uma bola. Encapada a mãe dizia, nasceu aquele bucho lá. E pra mim saí de lá, rasgaram aquela pele que nem fosse um bucho de porco. Então a pessoa que nasce assim ela traz, ela traz um dom. Eu dizia para mim é pra mim sofrer porque até aquela época eu só sofria. E daí depois daí eu fui num centro e eles me botavam na gira. O que é uma gira: aqui está os chefes. Bota o povo que canta o ponto e a pessoa vai girando até que recebe a [gaguejos] entidade. Mas aqui eu estou sozinha. Não faço mais aquilo. Eu dou benzimento, os passes, trabalhos.

P: Mas a senhora se considera benzedeira ou curandeira? como se considera?

R: Eu me considero tudo. [risos] Porque eu benzo... dor de ouvido, dor de garganta, hemorroida, reumatismo, cobreiro, o que vier na frente, eu tô benzendo. Benzedeira, curandeira, me chamam até a senhora é a benzedeira? É a curandeira? Sou tudo.

P: A senhora acha que a gente pode fazer. Tentar fazer as perguntas bem simples. Tanto que este trabalho, não podemos divulgar o nome da pessoa por questões éticas. Então não vai estar no seu nome.

R: Experimenta

P: Qual o seu nome?

R: [confidencial]

P: Quantos anos a senhora tem?

R: 73 anos

P: A senhora estudou até que série?

R: Eu fiz até a 3ª série do ginásio na época. E depois eu vim pra casa do colégio. Depois então eu fiz até a 8ª série no CEJA e depois eu fiz o segundo grau no CEJA.

P: Tem o segundo grau completo. Qual sua profissão? A senhora se identifica com alguma profissão?

R: espiritualista.

P: Aqui também tem uma pergunta, daí a senhora responde se a senhora quiser, a renda aproximada da senhora? Se a senhora quiser responder.

R: [gemidos] Olha tem semanas que dá menos tem semanas que dá mais. Tem semanas que tá cheio, porque benzimentos eu não cobro, cobro consultas, cobro o trabalho. Esse eu cobro.

P: A senhora mora com quem?

R: Com o esposo e o filho.

P: Porque a senhora está morando neste lugar hoje?

R: Nós saímos daqui em 66 quando nos casamos. E fomos morar em Palma Sola onde ele morava. Ficamos 15 anos lá. 15 anos em Xaxim e 24 anos já fazem aqui, e 53 anos agora em julho que nós casamos.

P: A senhora nasceu aqui em Chapecó?

R: Nasci aqui Depois de 28 anos voltei. Acho que vamos morrer aqui, que já temos uma casa no cemitério.

P: Como a senhora aprendeu os benzimentos, que a senhora já conversou.

R: Esses benzimentos, pegando um pouco aqui um pouco ali porque se eu vou ser franca. Onde a gente estava desenvolvendo o nosso espiritual, ninguém ensina. Através de livros de benzimentos que eu enxergava fora, e fui pegando, então, um pouco da intuição da pessoa e fui aprendendo os benzimentos.

P: Então não teve uma pessoa específica que ensinou a senhora? A senhora foi pegando

R: Eu fui desenvolvendo num centro espírita a minha espiritualidade que era com a Cabocla Jurema que também ela benze. Então os benzimentos ela me passou e depois faz assim ou faz assado um que outro ensinou. E eu também pesquisei muito em livros. Se você vai pegar os livros dos pretos velhos você vai achar muito benzimento, muito benzimento. Faça você mesmo a sua macumbinha também tem um monte de benzimento pra criança pra assim de tudo.

P: A senhora nasceu aqui?

R: Nasci aqui em dia 21 de janeiro de 1945.

P: Como era, faz quanto tempo que a senhora desenvolve um trabalho aqui agora?

R: Aqui desde 95.

P: Pois já fazem 24 anos então. [falamos junto]

R: Mas eu entrei naquele centro pra mim desenvolver em 91, 2, 3 e 4 eu fiquei lá em Xaxim que o centro era lá. Nós tinha a casa, vendemos a casa, não vendemos nada, alugamos a casa e viemos aqui neste casa que eu morei aqui por 21 depois. Depois eu consegui fazer aquela casa lá. Daí eu trabalhava ali. Desmanchou nossa casa

P: Aqui a senhora fez só pra atender?

R: Aqui eu só morei. Atendia numa casinha que eu tinha ali, logo ali [apontando naquele chato tinha um casinha de 4 por 6 e eu atendia ali. Daí vendemos aquela casa quando eu consegui fazer aquela lá. Daí foi retificada e comecei a trabalhar aqui, ali era um quarto, ali outro quarto, ali a sala e lá era a cozinha. [falamos juntos] agora só atendimento

P: A senhora começou a benzer quando? Em 91 mesmo?

R: Em 91 eu estava no centro e 94 e 95 eu vim pra cá então já benzia

P: Sua mãe quando a senhora nasceu ela levou a senhora numa gira?

R: Não, Eu nasci ela fez essas promessas, que ela pagou. Depois eu ia já tinha quatro crianças. Eu tenho quatro filhos, eu tenho aqui três, um faleceu com 33 anos de acidente. O terceiro... eu tenho os dois mais velhos e o ultimo já falecido. Lá eu já tinha aprendido tudo e daí quando eu vim pra cá meu irmão disse, ele tinha uma estufa de tomates e verduras “Maria então quando tu vim aqui tu vai ajudar veja que tu pode fazer”. Então eu benzia os tomateiros benzia as verdura de olho grande inveja. E esse trabalho aqui para desmanchar tudo que está feito em cima da pessoa além dos benzimentos eu passo faço um passe que seria uma benção na proteção e uma descarga de espaço espiritual. E faço esse trabalho para desmanchar as demandas, bruxarias, feitiçaria, tudo. Dai é desmanchado

P: e o seu trabalho de antigamente?

R: Eu trabalhei 11 anos como professora. Trabalhei ... [falamos juntos] em Palma Sola e era a primeira série. Aqueles pequeninhos de AEIOU eu era do da cartilha até a quarta série e em um ano eu dei a quinta série pra dois meninos, que uma família veio ali que iam concluir a quinta série . Depois eu trabalhei oito anos e meio. Nove ano e meio em Xaxim no frigorífico.

P: Como a comunidade reagia ao seu trabalho antigamente? Se quiser comparar com hoje também. Como a comunidade da região reagiu? Como a senhora avalia?

R: Como eles me receberam? Eu acho que eu to bem recebida sabe por que? Faz 24 anos que eu to aqui e cinco vezes eles me botaram no conselho da igreja. Tem aquele que fica assim [cara feia]. Tem aqueles que se eu leio uma leitura lá na frente, cutuca o outro, mas nem sabem que quando a gente morre, a gente não morre e terra. A gente não morre capital. A gente morre e fica espirito. Se isso aqui é espiritual no outro lado também. Eles não sabem. Então que não conhecem o espiritualismo, quando o por outro lado se assusta porque não é aquilo que eles querem. Eles querem ver Jesus querem ver Deus. E são poucas as pessoas que veem Deus e Jesus. Você vai numa colônia de paz, que te instrui, que faz as coisas. Então eles vão dizer mas eu queria morrer não desencarnar. Eu queria morrer de não enxergar nada. Mas lá enxerga tudo mais do que nós, porque se temo um cego lá ele vai enxergar. Então essas pessoas que não acredita no espiritualismo nos benzimentos e assim lá eles vão se rachar

P: Quando a senhora começou a fazer os benzimentos aqui a senhora também foi bem recebida?

R: Sim, mas é assim, eu não boto o dedo no fogo pra nenhum aqui da comunidade. Porque quem não é visto não é lembrado, portanto se eles não vêm aqui o lugar que eles vão lá fora e vão naquelas boca braba. Segunda linha. Exu.

P: A senhora acha que antigamente teve algum problema pela atividade que a senhora desenvolveu aqui? Preconceito?

R: Além de eu ser bem recebida aqui tem aqueles que né “aquela ali é bruxa”

P: Acha que hoje é o preconceito ta mais ou menos ?

R: Hoje eu não... [bate as mãos] não dou bola. Piso na minha linha. Eles que pisam na linha deles e olha eu como bebo e durmo e deixo os outros se estressarem

P: Com o sistema público assim com os médicos com os enfermeiros aqui da região? Se dá bem?

R: Não conheço ainda a médica, que vou pouco, mas as enfermeiras. Vocês foram na enfermeira hoje? Não. Eu fui para o Divino Pai Eterno.

[Conversa sobre a viagem ao Divino Pai Eterno]

R: Na minha linda nós fomos pra Arruanda e fizemos cruzamentos com Oxosi, o padrinho de vocês são Sebastião do povo da mata. 27 minutos ditados no chão cobertos com um tanto assim de ervas em cima. Daí eles fazem o ritual. Depois a gente sai de lá aptos para trabalhar com ele. Eu tenho obrigação com ele e ele tem obrigação comigo. Daí fomos fazer o ritual de São Jerônimo, Xangô da Justiça. Pedreira. Então a gente vai em cima da pedreira e eles botam o Machado e o martelo faz. [som de batida] cruzamento com Xangô. Aí fomos fazer o cruzamento de Iemanjá, no mar passar por baixo das Ondas dia 2 de fevereiro. Depois fizeram na Arruanda cruzamento com nossa Senhora Aparecida que seria Oxum menina, Oxum é africana né, Oxum menina, Oxum da Cachoeira e Oxum Maré fizemos na Arruanda. Fizemos um trabalho no cruzamento de Lomba. Lomba é com o cemitério. Se eu tenho esse trabalho aqui, eu tenho que ter esse quartinho que vocês viram ali no lado que eu fui pegar corrente. Ali é a segurança. É a canjira daqui, que se eu não tivesse aquela segurança lá aqui você traz aqui um louco ele me quebra né. Eu domino o louco, eu, sozinho, de lomba. E depois fizemos o que ainda? de mata, de pedra de água, de lomba, batizado umbandista, e tenho também o ato sacramental. Então eu tenho um monte de rituais comigo que é o que eu fizer é bem feito. Mas eu trabalho pra direita. Se você vem aqui me diz assim “olha eu precisava que tu quebrasse o fulano de tal lá porque eu não aguento mais”, o que eu faço pra você: faço um adoçamento com a nossa Senhora Aparecida, menina, cachoeira, maré. E boto o teu nome ali dentro junto com o teu inimigo e vocês vão ficar amigo. Não faço nada se dizer “eu quero que tu quebre, eu quero que tu faça isso, quero que ele vá de arrasto” não, não. Aqui eu faço é pro bem. Se querem isso vão lá onde é que fazem isso, porque aqui não faço. Simpatia eu sei, faço simpatias por uma coisa, simpatia para outra daí pra mim. Então eu tenho todos os orixás. Junto comigo porque eles devem obrigação pra mim. Eco.

P: A senhora gosta de benzer?

R: Gosto.

P: Por que?

R: Porque eu me acho realizada. Me acho realizada. Eu acho que se às vezes a pessoa diz, daí eu convindo, você precisava procurar alguma coisa, mas não te digo “vai lá em casa que eu faço”, não, venha se você quiser. Não chamo ninguém. Os outros que se chamam. Eu tenho gente em São Paulo, tenho gente do Paraná, do Mato Grosso, que vem aqui me liga.

P: As outras que a gente foi também falaram que não pode se oferecer. Tinha umas que a gente falou assim se vinha mais gente hoje ou antigamente, mas antigamente ninguém sabia, não podia falar.

R: Uma vez eu trabalhava nos sábados também. Mas o que acontece nos sábados, eu tenho uma tata que limpa a casa na quarta-feira. Cada quarta feira vai lá limpas a casa. Daí dali até a outra quarta feira é eu que limpo a casa. Então a pessoa faz tudo o que é necessário até sexta feira: “amanhã vou na dona Maria”, a dona Maria atende, deixa todo o serviço da casa, para quando puder. Daí o meu velho disse “deixa até sábado porque amanhã apareciam até no domingo” “mas eu não posso outros dias”, a Maria via vai, agora não atendo mais no sábado nem no domingo ali meu irmão tinha um cobrero na bunda dele. Hoje eu benzi a última vez ta quase sarado, benzi três vezes de cobrero, hemorroida. Tudo o que vem eu benzo. Agora aquela que vem aqui hoje de manhã eu benzo de ar, com uma garrafa e um pano na cabeça, e faço o benzimento do ar que uma vez a gente dizia: “Sonala é ar”, mas ela tem nó na boca, ficou louca, puxaram ela pro lado assim, mas ela ta quase normal. Ela veio três vezes, e digo agora se você não sarou bem, venha mais duas vezes, ela veio ontem, mas eu estava de saída, já tinha saído não benzi ela. Generino meu irmão, aquele que saiu agora, antes do último, veio ontem eu não tava e esse veio me trazer o tacho que nós emprestam de volta.

[inaudível]

P: A senhora mudou o modo que a senhora benze? De antigamente para hoje?

R: Assim que eu mudei. Mudei o nome dos Santos, por exemplo, os Orixás eu benzo e quando dou passe eu digo para os meus santos aqui, Oxalá, Iemanjá, Umbu Oxóssi, Iansã, Xangô, Exu. Aí quando que eu que faço esses benzimentos por exemplo eu vi a numerologia de vocês né, e esta numerologia então eu digo para você.; os dois são filhos de Ogum guerreiro, e a sua mãe é Iemanjá, seus padrinhos é Oxóssi e Iansã. Aí o que é que o povo me pede? Mas você disse que ia me dar o nome dos meus santos pessoal. Então eu tinha que passar o nome dos orixás da Umbanda africana no sincretismo religioso. Aí para não dizer as duas coisas, te explico aqui depois tenho que explicar ali, o que eu fiz? Você é filho de São Jorge, de Iemanjá, você é filho de São Jerônimo e de Nossa Senhora Aparecida, você tem os padrinhos que é Jesus Nazareno e Santa Bárbara. Então eu mudei, mudei o nome dos orixás da linha africana pela nossa, pelo sincretismo Religioso, aí ficou mais fácil para as pessoas entender.

P: E o lugar que a senhora mora mudou? A comunidade? O que a senhora vê?

R: Mudou, as estão mais em paz, em paz porque quando elas vêm aqui vai a paz junto. Chegou semana passada uma senhora se queixando da nora, que tratava ela que nem fosse uma urutu né. Vim aqui, botei o filho dela, a nora dela, ela, o esposo dela fiz um ritual. E pedi para Nossa Senhora Aparecida. As três Nossa Senhora Aparecida, que desse a paz, que elas cobrissem essa família, com o manto sagrado e divino de paz, do amor, de luz, de fé de união, de entendimento, de paz no espírito, de amor no coração, de felicidade de viver, de calma, paciência, carinho, perdão. Botei lá, tão lá [apontando para um sapo de porcelana]. Ontem ela veio com o netinho Bernardo, porque ele acorda aos gritos. Daí eu benzi ele de inveja, quebranto mau-olhado, e tal e tal. Benzo daí com o São Jorge, benzo com Cosme e Damião que é os patrono das crianças. E rezo a oração da estrela do céu. Da estrela do céu a gente acalma as crianças acalma o temporal acalma tudo. Benzi e [ela] disse “Maria foi uma benção, tá mansinha, tá aqui nas minhas perna” e eu disse “não deixa isso esfriar porque quem vai sofrer é o teu filho”. Porque ela queria um príncipe encantado e ela... e ela trouxe, ele ganhou um príncipe encantado. Imagina se você não bebe, não joga, não fuma não vai atrás de coisa errada para a rua, trabalha, te dá o dinheiro e não é o príncipe encantado. Se ela quer outro príncipe ela deixa desse menino, ela vai deixar o bêbado, o fumante, o jogador, o que bater nela e o que expulsa ela de casa. Não é certo? Então eu disse “não deixe esfriar” quando é necessário venha e vamos amansar essa fera, e amansa mesmo.

P: Bacana. A senhora faz chá?

R: Ensino a fazer chá. Para muita coisa. E ultimamente eu aprendi também de fazer o chá pra depressão. Meu. Mal do Século do século. Tu conhece a flor de São João? Maragata? Tu viu a maragata? Ou Flor de Natal? Dá pra mim até mostrar lá da janela? [fomos pra janela]. Aquela flor vermelha lá de baixo, a de cima e eu não sei se dá pra aquela, é a de baixo. Entre a flor branca e a laranjeira. Aquela flor vermelha ali, grandona. Aquela é a flor de São João. Tu pega três flores vermelhas, três pétalas vermelhas e coloca nus três dedos de álcool dentro de uma garrafa, deixa as três folhas lá, três dias amarradas, com um pano escuro que ela fica três dias no escuro. Depois tu pega aquele álcool tira as folhas, e bota num contagota. Toda a manhã em jejum a pessoa depressiva coloca uma gota num pouquinho de água e bebe. A mulher vem aqui desmaiando daí, aqui ela foi curada. Ela disse um dia “vou trazer minha mãe” e essa mãe dela veio. E a moça desmaiava porque a mãe dela teve um aborto e não batizou o espírito daquele aborto. E tava na guria e ela desmaiava. Teve quatro tios enforcados. É eles né, que fazem ela desmaiar. Encaminhei os quatro, e quando ela caiu eu deixei ela no sofá para não se

machucar. Aí ela disse para o marido dela, “vamos falar da mãe” a mãe não me falou mas eu sei que ela teve um aborto porque alguém me falou da tua mãe, tua irmã, teu pai teu irmão. Fizeram uma cova na ponta do mato, e puseram alguma coisa. Pois era aquele feto eu encaminhei aquele feto. Fiz os Trabalhos de Segurança Geral, espiritual para ela. Até hoje isso faz muitos três meses até hoje ela não desmaiou mais e ela teve que vender a loja dela para se tratar nos melhores médicos, e eles não tiraram essa cáida dela. E se curou. A mulher tava uns vinte e poucos anos depressiva, a mãe dela. E eu ensinei esse remédio, mas era fora da época, e eu disse “quem sabe na floricultura tu acha” e foi na floricultura, e não é que ela achou, achou e fez o remédio, tomou quinze dias depois voltou a dizer “Oh Maria, to bem, mas foi Deus que te criou” Assim eu faço esses trabalhos.

P: Quantas pessoas vêm aqui por aqui por dia?

R: Tem dias que vêm dez, doze. Tem dias que vem menos. Tem dias que vem uma, duas, só. Mas eu trabalho de segunda terça quarta quinta e sexta. [falamos juntos] Essa semana vieram sim, mas essa semana foi quebrada, porque eu sai na segunda, tive que sair na sexta, quinta era feriado, e assim ontem de noite chegou a mãe e a filha daí eu vi o amarelão, via “o que ela tem” “tem ansiedade” daí eu vi o amarelão e disse “você tem ansiedade, aperto, agonia, tristeza, nervoso, estufa e estomago, tem canseira, tem soneira e tem vontade de comer, mas quando vê aquela comida, não é aquela e tu nunca vai achar a comida que tu quer. Então [falei para] as duas juntas, amarelão dá tudo isso aí. A mãe dela deu uma risada e disse “vitória ela te virou do avesso, é tudo isso que tu tem”.e daí esse trabalho é segurança geral espiritual que se retira desde a linha do cemitério, que é terra de cemitério, de defunto, vestimenta de defunto, coroa de flores no cemitério, linha das maldições, linha dos inimigos, linha dos dois espíritos, linha do fracasso. Todas as linhas de bruxaria e feitiçaria a gente tira aqui. Um trabalho de desmanche.

P: A última aqui. Algumas delas, daqui da região, falam algumas delas do monge João Maria, que passou por aqui a senhora sabe dele? O que a senhora já ouviu falar dele?

R: Sim. A gente sabe, dizem assim: a fonte da aguinha de São João Maria. Aonde que tem essa fonte. Na curva da morte, não sei explicar onde, mas na Curva da Morte ele deixou uma fonte de cura. A Curva da Morte? Ali no Mohr, onde tem aquelas bebidas. [pausa] daquela Chapecoense, edificadora chapecoense aqui na [gagejo] 282, ali. Para quem vai prá lá. Onde tem aquelas bebidas. Da coca, pra lá, ali nessa curva se chama a curva da morte. Ali muitas pessoas morreram. Ali tinha uma casa de ferramentas, de peças do Mohr e eu fui fazer uma limpeza na casa dele. E foi descoberto, pelo trabalho, que tinha um indigente. Nos fundos da terra delas, morreu alguém e era um indigente e cobriram ele para baixo da terra dele. E estava incomodando já, estava quase que nem um monstro e era parente do cara que morava aqui em cima. A gente ele tirou aquilo encaminhou se foi. E quando a pessoa está muito abalada. Eu vejo se tem espíritos encostados [inaudível]. Fulano de Tal tem espíritos encostados, sem luz, sem paz, sem fé, sem lugar para morar. [Inaudível] se é assim o pêndulo faz isso aqui [mostra uma corda rodopiando]. Se eu não fico quieto [mostra a corda parada]. Eu digo “tem espíritos encostados” se sim eu, eu peço “tem um?” O pêndulo faz assim. E para, daí a gente encaminha que vai para a luz. Se tem mais eu conto 2 3 4 5 8 10 20 30 40 50 500 600 700. Eu tirei até 7 mil. Até trinta e cinco mil espíritos encostados e aonde que eles se encostam? N pescoço. Eles vão no pescoço que é o melhor lugar deles de ficar. Daí dói o pescoço? “Dói”. E se do pescoço para baixo tem uma lesão eles vão lá, arranhar, sapatear, morder para sentir dores, para dizer que eles também sofrem assim. Peço para as entidades e batizo esses espíritos e mando pra luz. Depois eu boto a vela aqui e entrego esses espíritos pra Santa Bárbara. Santa Bárbara é dona dos espíritos. E ela leva para as dimensões onde eles pertencem. Ou aonde eles merecem. Mas eu peço que ela leve pra um lugar de paz, de amor, de luz, de fé, de descanso eterno, de felicidade, eles que sejam muito felizes mas que se retirem, que se retirem da vida, do corpo e da alma desse filho. É que nem quando o passarinho tá assim baixinho, acanhado, tu faz esse trabalho já ele se levanta já ele tá bem

P: A senhora se define católica?

R: Eu sou católico e tenho esse trabalho espiritual A umbanda hoje ela é uma religião, mas aqui eu não posso ou seguir a Umbanda porque eu tenho os meus filhos católicos e eu também sou nascida em família católica e muito bem católica. Eu faço a minha obrigação católica e faço a minha obrigação de umbandista e de benzedeira e curandeira e de faz tudo. Porque eu leio muitos livros também, e lá nas dimensões eles dizem: “Diego, Alex, meu irmão. Meu irmão aqui meu irmão ali” e como que tem os turistas eles dizem tá eu e meus irmãos fulano beltrano e tem o evangélico. Tem o evangélico, tem um fulano de tal o nosso irmão não tinha. [marido chama ela]. Nenhuma religião assim que fazia o bem [marido chama ela].

P: Isso então, era uma conversa mesma, eu vou lhe entregar o termo que a universidade pede para que a gente deixe com a pessoa. Tem todos os meus contatos também. Se a senhora depois pensar “não deveria ter dito isso, não gostaria que isso” pode ligar pra mim e falar “não gostaria que isso fosse dito para a universidade” a gente risca, mas não vai o seu nome.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 22 de junho de 2019

Entrevistada: Hortelã [Sede Figueira]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse termo de consentimento então os dois são idênticos uma cópia fica com a senhora e a outra no final fica comigo mas é só isso explicando como é a pesquisa que estamos tentando entender como tem tão pouca benzedeira hoje em dia se comparada com antigamente, a gente quer entender. Tenho algumas perguntas aqui que a gente gostaria de fazer. Se ela não quiser responder alguma pergunta, não precisa responder só falar pula pra próxima que a gente pula bem tranquilo. Vamos começar então como é o seu nome?

Resposta: [confidencial]

P: Qual sua idade?

R: Tenho 51.

P: A senhora estudou até que série?

R: Ensino Médio

P: Qual a sua profissão?

R: Eu sou agricultora.

P: Essa a senhora responde se a senhora quiser. Qual sua renda aproximada?

R: Olha [pausa] pulamos

P: Com quem a senhora mora aqui?

R: Eu meus esposos e meus dois filhos.

P: Por que a senhora mora aqui

R: Olha, [gaguejou] é que ele já, eu morava a uns 6 quilômetros daqui, daí a gente casou e ele tinha a casa dele aqui, daí a gente veio morar.

P: Como a senhora aprendeu a benzer?

R: O meu pai e minha mãe né, que eles... meu pai tem 89 minha mãe tem 86 e daí eles foram passando pra gente né. Aprendi com eles

P: A senhora benze de que?

R: Benzo de ...Tiro o ar que nem pegam, ar do Sol, da Lua, ou assim da cabeça e eu benzo das bicha, as criança, que tem bastante, me ligam da cidade, daí só com o nome eu benzo né. Não precisa estar presente. Depois eu procuro ver se realmente a criança melhorou. E dizem que dentro tipo de uma meia hora uma hora. Por que eu digo “se é das bicha dentro de meia hora uma hora essa criança vai tá bem”. Agora se persistir a febre ou coisa assim, tu procura, porque não é. Mas se é das bicha dentro de meia hora a criança tá bem.

P: E onde a senhora nasceu aqui em Chapecó?

R: Sim aqui em Chapecó, em Sede Figueira.

P: Algumas mulheres que a gente foi se consideram benzedeiras outras curandeiras. A senhora se considera o que?

R: Isso na minha opinião é mais uma graça do Espírito Santo porque eu tive a minha cunhada ela teve câncer e eu assim lutei com ela dois anos. Eu fazia chá eu fazia implaço na barriga dela e eu notei que eu tinha fé que a gente ia resolver essa doença. Infelizmente a gente não conseguiu, mas eu assim sou mais ligada a Nossa Senhora Aparecida a fé mesmo assim para ajudar pessoa sem pensarem em quere ganhar alguma coisa. Só penso que aquela pessoa fica bem.

P: A senhora é católica?

R: Sim. Sou catequista [falamos juntos, se torna incompreensível]. Mas meu marido tem um poder pra benzer de mordida de aranha que olha, gente do céu.

P: Com que idade que a senhora aprendeu?

R: Assim acho que depois assim, de casar. Antes não me interessei por que o pai benzia a mãe benzia nós não se interessava. Depois que eu casei eu vi a importância que tinha, com os meus filhos, com meus bebês né. Então eu vi que a gente precisava correr atrás de alguma coisa ainda aqui... trazer essa cultura de novo né. Então eu aprendi.

P: Quantos anos a senhora tinha?

R: Eu casei com 22 acho que aprendi com uns 25, 26 anos porque até então a gente não se interessava. Era o pai a mãe e pronto

P: Como era benzer assim como a senhora tinha ali seus 22, 23, 24 anos? Pra hoje? Tem diferença?

R: Hoje tem. Porque ... é assim a gente invoca mais com o Espírito Santo com auxílio da Nossa Senhora, de Nossa Senhora da Saúde, ou Nossa Senhora Aparecida. Naquela época parecia que era mais assim, ar, simplesmente benzia e pronto. Hoje a gente já tem mais noção do que é. Pedir né, uma força de lá do alto pra tu ter mais força aqui na terra, acho que é muito diferente hoje

P: Certo. A senhora dedica o seu tempo só para atender pessoas aqui ou não?

R: Não. É que agora eu tô benzendo. Novembro eu tô com fibromialgia, tô fazendo meu tratamento. Estou afastada do meu trabalho, tudo. Até estou na Justiça para tentar um auxílio porque eu não consigo nem mais assim trabalhar. A minha situação assim tá bem... bem feroz. Eu tenho... tô tomando remédio para pressão para depressão. Eu passei assim por um momento bem ruim da minha vida né. Em outubro morei o meu cunhado que tinha Síndrome de Down. Eu passei 55 dias com ele no regional. Então foi era só pra frente e para trás, e era eu que ia com meu cunhado. Daí depois de 12 dias morreu a minha cunhada de câncer no pulmão. Aí em fevereiro o meu irmão no dia 12 de fevereiro sofreu um trágico acidente de 100 metros antes de chegar na casa dele, e no outro dia de amanhã dia 13 de manhã ele faleceu. Então ele já vinha desde essa época né passando por todo esse processo então não pude nem ir no enterro do meu irmão. Eu tive que ser medicada pela médica e aí nem no enterro do meu irmão não pude ir. Então eu estou passando por um processo bem delicado né. Então assim mais afastada até da da à própria Igreja. Assim eu sou catequista há 31 anos, sou coordenadora da catequese mas aí tô um pouquinho afastada. O padre mesmo me orientou né pra minha saúde

P: A Senhora realiza alguma... a senhora recebe pra benzer?

R: Não.

P: E como a comunidade reage aqui, a senhora benzer?

R: Olha, assim bastante mães daqui da nossa comunidade até com gente com mais idade até 14, 15 anos né [gaguejos] que elas me ligam nem para mim que eles veem que eles estão precisando né. E assim eu ajudo muito, assim eu visito lá, uma palavra que conforte um pouco. Eu tenho uns sonhos... assim estranho... vou te dizer. Assim ontem por exemplo onde eu fui visitar minha sobrinha e que teve a bebê, a bebê tem 20 dias. Então tive um sonho.[gaguejos] Eu não assim não consigo entender direito na hora mas depois vou entendendo. Era para mim ir lá, era para mim ir lá visitar ela que ela precisava. Então ontem à tarde eu fui, fui lá, daí até benzi a menininha dela que ela tem um tipo de refluxo. A gente diz estomago aberto daí benzi a menininha dela e é assim tipo, eu tenho uns sonhos, que mais ou menos me orientam o que fazer.

P: A senhora benze mesmo aqui fora então?

R: Sim. Daí eu trago a minha água e faço com a água e com linha para benzer das bichas. Então eu trago aqui fora. Acendo a minha velinha E daí eu cito o nome da criança ou do adulto que for daí eu benzo daqui de casa mesmo.

P: A senhora gosta de benzer?

R: Eu gosto. Porque eu acho que assim, se tu vai levar pro lado de Jesus quanta gente que ele curou né, e sem nada em troca ele sempre dizia “vão e não contem o que” [gaguejos] ele assim, não contem, ele curava e dizia mas não conta nada pra ninguém, mas o povo ia e contava. Eu acho assim, que a gente tem que continuar essa missão dele aqui na Terra.

P: E como que é a sua relação com o sistema público de saúde? Os médicos aqui, os enfermeiros que trabalham no posto? Eles mandam pessoas vir aqui do lado?

R: Que nem... meu marido que benze de mordida de aranha, elas até dizem tem uma que é ministra da eucaristia aqui de Nova Itaberaba que é enfermeira, e daí quando eles vão lá para ver a pressão ela diz “olha, vai ali no [confidencial] que esse é uma mordida de aranha vai lá que não adianta né. Então eles assim, orientam.

P: E o padre pediu para a senhora se afastar?

R: Ele pediu pra mim me afastar um pouquinho até eu conseguir me recuperar.

P: E o padre sabe que a senhora benze?

R: Sim ele sabe.

P: E ele...

R: Ele veio aqui em casa almoçar esses dias e eu até mostrei também a imagem da Nossa Senhora do Rosário de Fátima que eu comprei e o meu tercinho e ele abençoou pra mim, abençoou a casa. [pausa] Ele é um padre da Nova Itaberaba. Ele coordena as 23 comunidades aqui da região Norte. Ele que reza aqui

P: Em algumas curandeiras elas falaram do monge João Maria, do São João Maria que andava aqui pela região. A senhora já ouviu falar dele?

R: Já. O pai comenta dele. Olha aí ele dizia que ela sabia muita coisa. Ele previa. O pai contava que ele meio que previa. E diziam que lembra que aqui na curva da morte cada repeteio dava um acidente e alguém morria. Diz que ali eu não lembro o que ele falou que é que aconteceu ali, e era por isso que estava acontecendo toda aquelas mortes lá

P: Quantas pessoas vêm por dia aqui com a senhora? Ou por semana?

R: Olha teve vezes que até três [gaguejos], me ligam até três, quatro ligações por dia. Que tem vezes até uma da manhã alguém me liga meu coração dispara. Daí alguém ... “benze por que o meu nenê ta com febre, não sei o que vou fazer” eu vejo que é das bicha daí eu então eu ensino né “pegue um pouco de mel de abelha, faça uma cruzinha, três cruzinha, na palma da mão, na solinha do pé que ele já vai ficar bem, reza uma ave maria pra Nossa Senhora que você mais tem devoção que assim o nenê já vai dormir”. No outro dia a gente tem notícia, o bebê dormiu até tal hora da manhã.

P: A senhora também receita ou faz chá?

R: Sim, eu ensino a fazer chá. Por exemplo pras bicha a gente fez um chazinho de hortelã ou de a pontinha do pessegueiro bem na ponta do pé do galho de pessegueiro que tem aquele brotinho. Eu ensino a fazer um chazinho com aquele brotinho, também que faz muito bem pra, assim, pras criança ficar bem das bicha e tudo.

P: E o lugar aqui, pra senhora a comunidade mudou quando a senhora veio morar pra cá?

R: Sim. Pense, já faz mais de 20 anos que eu sou casada. Sim Meu Deus. Muita coisa mudou.

P: O que a senhora vê de grande diferença que teve?

R: Olha desde por exemplo, eu que sou catequista. Desde o meu trabalho de catequista tem ministros que eram meus catequizandos, hoje são ministros de catequistas, ministros de eucaristia, de batismo, de casamento. Eu tenho os meus filhos são catequistas mas a gente que foi orientando eles. Tem catequistas que estão comigo agora que eram meus catequizandos. Meu Deus. Muita coisa mudou. Eu também canto na igreja né. Cada domingo tem um grupo que nem eu da equipe da catequese temos um grupo. Todo primeiro domingo do mês a gente reza na gruta, a celebração e a catequese que faz. A gruta é aqui na frente, quando chega na frente do material de construção desce pelo calçamento quando chega lá embaixo bem lá embaixo tem a curvinha e daí tem o pátio da gruta. Já foi?

P: Não, mas a minha mãe vinha direto aqui daí ela falava.

R: É muito linda. Nós fizemos esses dias um retiro como todos os catequistas da paróquia, são quatro, cinco paróquias de Coronel, de Caxambu, de Planalto, São Cristóvão até mesmo da catedral. Fizemos um retiro lá, estavam em 37 catequistas, de coordenação...

[inaudível]

R: Esses dias meu pai estava com um amarelão. Ele não estava bem e até pensava que estava dando um infarto nele. E as vezes foi de fraqueza. Fiz um xaropão pra ele pro amarelão, meu Deus, ta faceiro, ta comendo agora a reveria. Eu tenho meus livros. Fiz um curso com as irmãs há bom tempo atrás e a onde é que eu posso colher alguma informação eu vou anotando lá, eu não sei, eu não sei nada, vou te falar a verdade, eu não sei nada de celular não sei nada de computador e não sei pesquisar nada. O que eu sei é que eu faço tudo no meu punho. Isso que aprendi com as irmãs foi de remédios, foi de isso pra isso, pra aquilo.

P: É isso então.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 10 de agosto de 2019

Entrevistada: Begônia [Cachoeira]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

P: Então esse trabalho que a gente tem na universidade [chega o marido, cumprimentamos] esse trabalho da universidade, ele pede que a gente deixe também com a senhora esse comprovante que é o termo de consentimento que a gente veio aqui que a gente conversou com a senhora. As perguntas que eu vou fazer são perguntas bem simples para não ocupar muito seu tempo. A senhora responde se senhora quiser. Se a senhora não quiser responder uma pergunta a senhora não precisa responder também. Se a senhora quiser parar a entrevista a gente pode parar não tem problema nenhum. A senhora pode se sentir bem à vontade, mas são perguntas bem simples. Qual é o seu nome?

R: [confidencial]

P: Qual a sua idade?

R: 72

P: A senhora estudou?

R: Quando eu era nova não. O pai, as três mais velhas ele não deixou estudar era ruim mesmo de estudar na época. Aí só os irmãos estudaram 3 meses. Tinha que passar naquele tempo 4 livros. E eu tenho um desses livros [inaudível]. E daí o finado pai deixou ele 6 meses [inaudível]. Nós as 3 mais velhas não estudamos, as mais novas daí tinham aula na casa do meu cunhado, daí nós fizemos primeiro grau um tempo. Mas eu quando entrei do outro lado do rio entrei, fui 2 meses só na escola, mas aprendi as quatro conta, aprender a ler e escrever aprendi, tinha uma ideia muito boa. Aquele tempo tinha mercado lá, daí lá a gente se obriga a aprender um pouco. Quando sai de lá fiquei uns 15 ano que não peguei uma caneta mais, nunca mais, só trabalhar e a filharada. Daí quando eu vim pra cá os filhos começaram a sair e a sair. Daí veio aquele EJA, fui dois anos, mas a minha ideia já não ajudou eu fiquei dois anos e a conta mesmo eu não aprendi. Já era tudo diferente e não parava na cabeça, mas pra se defender dá.

P: Qual é a sua profissão? A senhora cuida da casa?

R: Agora sou mal e mal

P: A senhora é aposentada?

R: Faz mais de 15 anos

P: A senhora falou que morava lá na linha Almeida?

R: Morei no carneiro por 2 anos, duas vezes, daí morei na linha Almeida, morei na linha Vailão, morei aqui na linha Quadros, daí vim pra cá, já vai fazer 23 anos em janeiro.

P: Com quem a senhora mora?

R: Agora só eu e ele? [apontando para marido]

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Porque eu gosto. Sempre tive vontade de morar na cachoeira morei sempre ao redor da cachoeira. Nós viemos lá de carneiro, não sei se vocês conhecem, lá embaixo nós ia a pé na Igreja, daí com os anos começaram a rezar os culto lá esse bispo virou ministro, daí tinha meu sobrinho ficou no lugar dele. Não tinha agente de saúde, aquele tempo nós tinha que pegar [remédios] na igreja, não era nada, mas nós tinha que aprender a ver a febre, ver a pressão, fazer curativo, aprender a fazer remédio e dar remédio. A Igreja pagou curso, e daí nós tinha que fazer esse trabalho pros vizinhos de graça. Dava hora de meio dia alguém se machucou nós tinha que ir lá. Aprendi a fazer remédio, fazer oração, e daí pegou. Até hoje eu dou remédio pra anemia. Eu fazia incenso. Agora não faço. Eu tenho os livros daí é fácil fazer, mas eu sozinha... Daí outro curso que eu fiz foi de uma semana, ainda tenho as apostilas. Teve outro curso também feito pela prefeitura de Chapecó. Daí tinha bastante gentarada, tinha palestra e coisarada, mas tem que ter vocação. Garanto que 90% de nós que estamos aqui vai pegar essa apostila e não vai conseguir fazer um chá. E é verdade né

P: A senhora benze então? [balança a cabeça] Faz umas oração?

R: Mais ou menos, mas isso é um dom de Deus, porque eu não sei com quem eu aprendi.

P: Ninguém ensinou a senhora? Nem sua mãe?

R: Minha mãe era, minha mãe curou o mundo, curava criança, curou nós em casa que aquele tempo não tinha médico né. Então ele dava remédio, fazia oração, fazia benzimento. Mas eu não sei como ela benzia [inaudível]. Daí quando eu tive a filha mais nova morava na linha carneiro, não, morava na linha Almeida, “e agora não tenho minha mãe” daí eu mesma fazendo oração aprendi e descobri que tinha o dom da cura, daí até hoje tá grande

P: A senhora nasceu onde?

R: Nasci lá na linha taquarinha, pertence a Planalto, com 10 anos vim mora na costa do Uruguai. Agora com a barragem mudou.

[Conversamos sobre o sobrinho]

P: Tem algumas mulheres que a gente foi que algumas falam que são benzedeira, outras falam que são curandeiras, umas que não se acham entre uma e outra. A senhora se considera o que?

R: Não sei, não posso dizer o que sou. Aprendi a fazer remédio com os livros e com o dom que Deus me deu.

P: E quando as pessoas vêm procurar, pedir oração, eles pedem pra que?

R: amarelão, faço remédio pra anemia. Sempre tenho na cozinha que as vezes vem gente de longe pegar.

[Marido ao fundo: “Até os padres”]

R: Dei remédio até para os padres [risos] o padre veio pela primeira vez e daí tem um vizinho meu lá da linha que tinha uma noninha que tava muito fraquinha e toma dois, três litros de remédio e se recupera. Daí ele me chamou pra ver se ela tinha anemia [inaudível] Daí eu fui lá ver o padre tava embarcando voltou de volta, disse “mas beija a minha mão aqui” que eu também to mal. E tava magro era o padre Adélio, antigo, parou há pouco tempo, foi substituído, foi pra longe. Daí veio o padre Walter só que esse padre Walter teve aqui depois.

P: A senhora é católica?

R: Graças a Deus, e quero morrer [católica]

P: Oração a senhora faz pra que?

R: bicha, pra qualquer dor. Agora benzi o velhinho ali duas vezes. O velhinho não podia sair da cama, tinha aquela esclerose múltipla, e daí tinha... Ele tava no corpo inteiro. Daí veio o neto dele com ele no carro que ele não podia caminhar. Dali a uns dias ele veio do São Pedro já caminhando, tava melhor. Daí eu falei “mas você tem outra coisa” ele disse “tenho esclerose múltipla”. Mas ele pagava, não sei quanto de remédio ele pegava. Mas se conservou uma porção de tempo, mas aquela doença não tinha cura. Depois o finado Pacheco um dia apareceu que não podia caminhar, dei uma pomada ele dizia “eu tenho fé na fia, que ela vai me curar” daí fiz a oração, ele sentou dali a pouco “vou levar o remédio, mas tenho certeza que vou ficar bom” no outro dia ele só agradecer e devolveu o remédio. Deus cura aquele que merece, eu só faço a minha parte, mas é ele que resolve. Eu sou uma enviada dele

P: A senhora falou que começou a fazer oração quando a sua filha nasceu? E quantos anos ela tem?

R: 36 anos

P: E como que era fazer essas orações, esses benzimentos há 35 anos atrás? É diferente de hoje?

R: Cada pessoa tem um jeito. Eu conheci a Chiquinha Borba da linha Almeida quando ela nasceu, e eles eram tudo uma escadinha. E tinha o mercado, e tinha que lavar roupa lá que tinha que levar num balde. Daí eu fazia a pequena dormir deixada ali, e falava se ela chorar coloca um chazinho molhado no bico. E os abençoado, depois que eu virava as costa, depois eu fui descobrir, pegavam a menina de pé e soltavam, judiavam bastante pra não deixar ela dormir, e um dia derrubaram a menina da escada, e a escada era alta, imagina, não mataram por pouco, e eu cheguei, disseram que a menina tava dormindo, tavam tudo lá fora, fui ver, ela tava se babando tudo. Quase morri de susto sozinha, e naquele tempo era fogão a lenha né, até acender o fogo, daí fiz uns remédio ligeiro lá começar a fumacear ela e ela foi tornando. Chegou no final a Chiquinha lá ela disse que era do umbigo, eu vou benzer ela de ar. Daí ela dizia o pai nosso bem alto, e a oração do pai nosso é uma oração muito forte né. Pois e a menina foi melhorando, de tarde tava boa. Depois de muito tempo foram contar. [inaudível]

P: A senhora cobra os chás? As orações?

R: Não. Só cobro os remédios, que tem gasto. [gaguejando] O trabalho de juntar tudo bem, no mato, mas se eu cozinhar no gás, gasto gás, se eu cozinhar no fogão a lenha gasto lenha então eu cobro um pouquinho. Mas as orações nunca cobrei nada, é um dom que Deus me deu.

P: E como a senhora antigamente fazia suas orações? É do mesmo modo que a senhora faz hoje? Teve alguma diferença?

R: Teve a diferença que em sonho eu aprendi a estrela do céu. E até hoje eu rezo estrela do céu, e nunca mais esqueci. Por isso que disse, cada um tem um dom né. Eu nunca fiz curso pra isso, [risos] e pra isso não tem curso. O meu pai dizia que eu tinha o dom, e uma hora tinha que cumprir. Cada um tem uma missão na Terra.

P: E como que a comunidade reage? Alguém critica?

R: Nunca ouvi, sempre me trataram bem, e gente de longe né. Aqui na bodega sempre indicam, quando vê, vem gente que eu nunca vi

[marido interrompe ela “hoje quase nem tem”]

P: A senhora gosta de fazer isso?

R: Gosto, sempre faço com o maior prazer.

P: E tem alguma coisa de ruim? Algum lado negativo, por exemplo ocupam muito o seu tempo?

R: Não, pro meu entendimento porque eu não posso mais fazer nada. Daí vem uma menina uma vez por semana, uma vez eu pegava a cada 15 dias agora no inverno, que no verão tem pó né, e pó por causa agora da coluna não posso mais [limpar] daí ela vem e limpa a casa pra mim, e eu quase não saio, então pra mim é um entretenimento. Daí faço crochê, leio livro, adoro ler livros, leio a bíblia, leio oração, pra mim é uma terapia.

P: E como é a sua relação com o sistema de saúde daqui? Com os médicos e enfermeiros?

R: Nada pra falar. Teve uma médica um dia, uma enfermeira, tava ruim pediu pra mim fazer uma oração pra ela. Sabe de certo né.

[marido interrompe ela “até os médico precisam de médico”]

P: E tem pessoal que vem no médico e depois vêm na senhora?

R: Tem bastante gente. Porque as vezes, tem remédio, [gaguejando] que médico trata ser humano, e tem doença que não depende de remédio. Nós temos nosso grande médico que é Jesus. E muita gente não acredita, acredita no remédio, na medicina. E as vezes as pessoas depois que morrerem. O problema não é no corpo, é na alma

P: E aqui? quando a senhora veio pra cá. Mudou muito a comunidade aqui pra senhora?

R: A cachoeira até que não. [risos] diminuiu, porque aqui veio uns morador, que se criemos junto com ela, daí uma era solteira, morava nesta casa de trás [apontando], daí deu câncer nela, senti muita falta dela, se criemos junta. Daí depois deu infarto na outra, ficou muito tempo doente morreu, ficou só ele sozinho [voz soluçando]. Mas é nosso amigo aqui o vizinho de todo dia. E toda vida se demos bem com ele. Ele tinha 19 anos quando veio mora perto de nós e toda vida se demos bem. E aqui morava o velho Vitor. Faz uns 10 anos acho né que o seu Vitor é morto. Porque o primeiro negócio que o meu pai fez, nós era menina, foi com ele, meu pai comprou uma vaquinha que tinha o terneiro e levaram um cavalo erguido, e daí sempre faziam brique, ele comprava um pouco lá pro outro lado, trazia, vendia pra ele que engordava, carneava, e toda vida ele criava aqui. Eu achei muita falta dele. E deu infarto nele e ficou muito tempo, operado do coração, ele sofreu muito pra morre, nossa Senhora [carros passam se torna inaudível]. Daí ali morreu o velhinho, a velinha deu infarto. Ainda tem quantas que a Cilene disse ontem? 400 famílias aqui. Isso que tem outras agentes de saúde que atendem outras partes. Aqui abrange a linha Quadros, linha Almeida que é uma comunidade muito grande, o Beira-rio que ficou poucos mas tem, linha Palmeiras ainda tem um ou dois morador só, daí tem a nossa senhora de Lourdes que é bastante gente [pausa pensando] a linha Quadri. Então fecha. Tudo se tornou a cachoeira aqui. Aqui não tem tanto morador, porque é cheio de granja. Se vocês entrarem nessa estrada aqui vocês saem no Top daquela entrada, vocês ficam bobo de ver tanto morador que tem ali. Quase nem na Igreja quase não vem, algum velhinho vem.

P: Algumas mulheres que a gente foi falaram do monge, do São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria?

R: Minha mãe falava muito de São João Maria.

P: O que sua mãe falava dele?

R: Ela conta histórias dessas coisas que tudo essas coisas que estão acontecendo ela sempre contava. Ela tinha até a foto dele, pediu pros filhos ver se conseguiam uma revelação daquela foto, não conseguimos, nunca mais acharam, terminou. E eu me lembro do velhinho que ela tinha a foto de barba branca. Aqui tem a água de São João Maria

P: Onde?

R: Tem aqui que entra nessa encruzilhada, fica bem perto da casa do Davi da linha Menezes. Minha mãe fazia nós vir lá de baixo buscar o barrinho e a agua de São João Maria. Tinha que ser lá na sagrada

[Marido interrompe: “aquela fonte não diminui, não seca e não aumenta”]

R: Hoje ninguém cuida né, mas foi ele. Tem três que ele deixou: uma aqui, outra no Rio Grande, não sei aonde, e outra eu acho que é na Agua Amarela, hoje em dia ninguém ... [gaguejando] a maioria não cuidam, não ligam pra essas coisas. E quando ele disse, que essa agua que eu benzi em um ano vai curar tudo quanto é tipo de doença, de um ano em diante só cura quem tiver fé. Minha mãe pra ela era sagrada. E eu já acho que aqui ninguém.

P: E o remédio que a senhora faz, a senhora faz pra que?

R: Agora faço mais pra amarelão, anemia né. Que tem dois, três tipo de anemia [gaguejando] eu gosto de.... é complicado

[marido fala: “o preto é o que mais mata”]

R: É, o preto é um [pausa pensando] que nem hepatite.

[Marido fala ao fundo inaudível]

P: A senhora acha que vem mais pessoas hoje ou a 30 anos atrás procurar a senhora pra benzimento e orações?

R: Agora mais. As pessoas foram descobrindo e eu não conto pra ninguém, quando vi tavam chegando.

P: Mas assim um dos motivos que me fez gostar desse assunto por exemplo é que ali no Quedas onde morava era cheio de benzedadeiras que moravam lá. E as senhorinhas que estavam lá foram estão morrendo e não passaram e hoje tem uma ou duas lá. Então eu quis fazer um trabalho sobre isso, sabe porque é uma coisa que tudo vê pouco.

R: A maioria vem na casa só quando precisam, o doente, mas eu atendo com o maior prazer. Pode vir só quando precisam. [marido fala ao fundo inaudível] Porque na vida Deus, disse É os extraviados que nós vamos campear, os que estão perto não precisam, precisamos campear quem está perdido. Eu vi uma história do padre Marcelo [Rossi] que eu assisti uma missa que derrubaram ele da escada, viu que ele perdoou na hora, e disse essa, não deixaram prender a mulher e disse não, não, pode deixar é essa que precisa de oração. E é verdade. Então é um exemplo né. Os que tá com nós não precisa de oração, quem tá com Cristo, não com nós, quem gosta de rezar, não faz mal pra ninguém não faz ninguém sofrer.

P: E hoje por dia ou por semana quantas pessoas vêm aqui?

R: Tem semana que não vem ninguém, não é muito.[falo junto com ela] Não chega a dez por semana. Mas as vezes vem de banda. [risos] No tempo que nós estudemos com a agente de saúde eu não pude fazer tudo o curso que eu tinha as crianças tudo pequena, não tinha com quem deixar e ele fez [apontando para o marido]. Fez o curso fez tudo, não pude participar direito, mas eu continuei estudando nos livros, e naquele tempo você não ganhava nada, e hoje as agente de saúde não podem ver a pressão, não pode ver a febre, não pode dar um remédio de nada, nada nada, é as enfermeira.

[marido fala: “eu fazia injeção na veia”]

R: Elas ganham pra entregar os exames, encaminhar, que o governo falou que ia tirar tudo.

P: Acho que é isso. Esse aqui é o termo de consentimento, vou deixar uma cópia com a senhora, que é o comprovante que a gente veio.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 10 de agosto de 2019

Entrevistada: Canela [São Pedro]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

[participante não quis desligar o rádio, portanto o rádio este ligado durante toda a entrevista fazendo ruídos ao fundo]

Pergunta: O pastor falou isso pra senhora?

Resposta: Se eu não quero deixar minhas crianças que não. Quero saber. Dai cheguei em casa tinha quatro meninas e três pia. Tenho 7 crianças Dai eu disse meu Deus. Não vou deixar, e não deixei mesmo. Dai né as criança eu benza. Olha veio lá da linha São Roque esses dias uma mulher com um casalzinho de gêmeos, dois piazinho, coisa mais linda do mundo, dai a gente faz o que, precisam da gente. Sentem.

P: Com licença, é só umas perguntinhas que a gente gostaria de fazer pra senhora. [rádio ligado e muitos ruídos ao fundo, sentamos nas cadeiras]

R: Faz quatro mês que estou sofrendo com essa perna, mas agora graças a Deus estou melhorando.

P: Então assim o trabalho que a gente está fazendo, ele pede que a gente faça algumas perguntas pras benzedadeiras e curandeiras, como é um trabalho da universidade, ele é um trabalho sério assim né, a gente depois vai dar uma cópia pra senhora do comprovante, o TCLE a gente chama, é um termo de consentimento pra senhora, que a senhora está aceitando em responder as perguntas se alguma pergunta que eu fizer pra senhora, a senhora não quis responder, a senhora não precisa responder. Tá bom, é bem livre. Se a senhora quiser ir para a próxima pergunta a gente vai para a próxima. São perguntas bem simples assim, sobre a senhora sobre como a senhora aprendeu, como é aqui na região. Como é o seu nome?

R: [confidencial]

P: Qual a sua idade?

R: Vou fazer 80 dia 8 de outubro.

P: A senhora estudou?

[negação com a cabeça]

P: Qual é a sua profissão? A senhora é dona de casa?

R: Faço massa, faço pão.

P: A senhora é aposentada agora?

R: Sim, mas daí nós fazemos massa, suquinho. Cansei de no sábado fazer 28 pães. Vinha gente lá do Esplanada comprar pão

P: A próxima pergunta a senhora não precisa responder se não quiser. Qual sua renda aproximada?

[silêncio, não quis responder]

P: Vamos para a próxima, com quem a senhora mora aqui?

R: Sozinha.

P: A senhora falou antes do seu marido, que o seu marido não gostava que a senhora benzesse, o que aconteceu com ele?

R: Diz o outro, Negripô [gíria italiana - risos] Ele era tihoso, dizia “vão te chamar de feiticeira”, não me chamam não, se chamar que chamem, eu não sou. É poder de Deus.

P: Verdade, se outros falarem é problema deles. E por que a senhora mora aqui?

R: Nós, paguemos as prestações daqui com juros né, os terrenos era 7 real, depois foi 15, aí quando foi a 25, pesou. Porque o salário naquele tempo era 66 eu acho. E era corrigido, tinha que correr no banco, porque que se passasse um dia já muda.

P: A senhora veio morar aqui quando?

R: faz [pausa pensando] 39 anos. Não. Mais. Porque ele tá com 46 e ele nasceu aqui.

P: A Senhora pagava essas prestações do conjunto e foi nessa época que a senhora veio morar aqui?

R: Sim, nessa época, era pra pagar por 5 anos, que se tu não pagava a prefeitura tirava. Mas eu graças a Deus vim até em Seara trabalhar na casa de uma mulher, minha ex patroa pra ganhar dinheiro pra [inaudível].

P: A senhora morava antes onde?

R: Eu morava [pausa pensando] em Seara.

P: Aí veio para cá direto no São Pedro?

R: Aí viemos pagando aluguel e meu marido, um padeiro, que agora é morto. Dai um dia ele passou, [pausa pensando] tinha um trabalho de uma casa de uma mulher ali no fundo pra fazer pintura, daí o seu coiso veio ali [pausa pensando] seu Agenor veio e disse “é pra você ir lá na prefeitura que tu tá sorteada na casinha”, mas Deus me livre, quem que não vai né? Daí fui.

P: E como a senhora aprendeu a benzer?

R: Apreendi com a minha mãe. Ela meio benzia. Benzia de Nervo de... assim, naquele tempo jogavam muita bola né e não tinha ir no médico, daí ela benzia e sarava. Era só ter fé.

P: Lá em Seara?

R: Aham.

P: A senhora aprendeu a benzer lá ou aprendeu a benzer aqui?

R: Apreendi lá. Daí minha mãe foi lá pra Anchieta, daí eu fui pra lá. Faz tempo. Não deu certo. Lá minha cunhada [meu cunhado] era muito dinherista. E a gente acostumado a trabalhar na roça, e lá você tem que trabalhar né. Daí... mas ele vivia enchendo o saco. Hoje em dia ele tá lá, cego. Tem um câncer no olho. Mas ele era muito ruim, muito ruim. Minha irmã coitada. Se ele ia lá no potreiro pegar um gado, ela tinha que ir junto. Uma vez daí ele tinha aquela [vaca] leiterona grande, e ela se se enrolou numa sogá de uma vaca e arrastou ela. Meu Deus, essa mulher sofreu, sofreu, sofreu. E ele brabo, ficava brabo. Ficava brabo porque ela não segurava a vaca, mas se a vaca disparou, não tem o que fazer. Daí eu ficava lá com a mãe e ela tinha que ir atrás do marido. Minha mãe era muito querida, meu Deus do Céu.

P: A senhora nasceu em Seara mesmo?

R: Sim. Não, eu nasci em Capinzal

P: Aí foi pra Seara e depois para cá? [acena cabeça afirmando] Como é o nome dessa rua que a senhora mora?

R: Travessa Silvestre.

P: E como era? A senhora disse que aprendeu a benzer em Seara, lá em Seara como era benzer?

R: Era normal

P: E como o pessoal levava a senhora e sua mãe benzer?

R: Vinham lá e, as vezes moravam longe, daí almoçavam lá em casa. Dai aquela época a gente tinha companhia.

P: E vinha muita gente lá?

R: Bastante

P: E se a senhora fosse falar hoje, assim, quantas pessoas vem por dia ou por semana? As crianças

R: Benzo as crianças e tiro o sol da cabeça. [repito a pergunta] Não é toda a semana, mas quando vêm, vêm de peito, assim, umas quatro ou cinco. Tem um homem ali no fundo, a filha dele tem duas meninas gêmeas, mas são um papo, um papo. Dizem “quando vozinha, tu morrer tu me dá teu encargo pra mim? ” Bem assim sabe? A gente fica [inaudível], mas graças a Deus... não falo, não brigo com ninguém, não falo mal de ninguém porque a única coisa é... gosto de ficar em casa. Ainda mais agora com essa perna aqui, não to curada dessa perna aqui. Peguei um médico lá, bão, bão bão que tá louco.

P: Mas que bom que tem gente que ainda quer que isso continue. Porque a gente está fazendo esta pesquisa e um dos motivos que me fez também querer fazer essa pesquisa é porque quando eu era criança, eu moro aqui em Chapecó, lá no Quedas do Palmital, aí quando eu era criança existia um monte de benzedeira e hoje tu não vê tantas aí por isso que a gente quer fazer. E como a comunidade lá em Seara reagia assim? Ninguém criticava a senhora?

R: Como diz o causo, minha ex patroa que tinha lá que eu trabalhei 28 anos, se pedia uma agulha pra mulher, ela não sabia onde estava, e eu sabia. [risos] Era 6 hora da manhã eu tava tirando leite. Clareava lá pra cima eu ia tirar leite.

P: A senhora gostava de benzer antigamente?

R: Sim, gostava

P: E hoje?

R: Sim. Quando vêm as crianças eu gosto.

P: Tem alguma coisa que a senhora não gosta de benzer? Atrapalham muito a senhora?

R: Não. É que eu deixo, já fiz esse voto com Deus, que eu não ia mais benzer os grande, só os pequeno. Não vou mais benzer os grande.

P: E Como é a sua relação com os médicos, com o postinho aqui do bairro? Teve algum médico que....

R: O postinho eu tenho três retorno aqui, [apontando] daí o meu filho lá de Itá veio disse “mãe vamos pra lá” Dai meu filho me levou, fomos num médico de idade só pras querida, né dai disse “menina” ele disse, nem lembro o nome dele, disse “menina tu tem uma coisa crônica, uma ferida crônica e...”, não sei se vocês já ouviram falar de Cipela? Dai essa cipela ela pode ficar alojada 4 anos pra depois ela sair as duas. Mas tive que tomar vacina até. Eu dia 19 tem mais uma injeção das braba. Ele me deu 3 injeção, me deu antibiótico. Até os antibiótico terminei hoje.

P: E os médico aqui, eles falam bem da senhora?

R: Sim, eles, as enfermeiras são muito queridas, não posso me queixar.

P: E como é a sua relação com.... que a senhora falou antes que o pastor falou pra senhora que a senhora não devia mais benzer?

R: Ele falou que sabia que tinha gente que benzia dentro da Igreja, mas essa vai pro inferno, porque não é coisa de Deus. [pausa] É coisa de Deus. Não acha que é verdade?

P: Claro. A senhora tá fazendo o bem né.

R: To fazendo o bem, a gente não tá fazendo o mal.

P: A senhora é evangélica?

R: Sou bem misturada. Bem a verdade eu gosto mais de ir nas igreja evangélica.

P: Tem umas mulheres que a gente foi que elas falam que são benzedeira umas falam que são curandeiras. Se a senhora fosse falar a senhora seria o que?

R: [pausa] mais bonito é benzedeira. Tenho até um neto pra Natal até no Santo Antônio [bairro] e Seminário, bastante gente

P: A senhora mudou o jeito que a senhora benze?

R: Não.

P: Só hoje a senhora atende só as crianças? [Afirmando com a cabeça]. E o lugar, como era o São Pedro quando a senhora se mudou pra cá?

R: Eles falavam muito do São Pedro, mas pode passar um bandido, um ladrão aqui na rua que eu não enxergueio aqui. E tem gente que enxerga, então a pessoa fica perseguida, mas eu graças a Deus. Pode passar quem passar eu não fico ali né.

P: Teve algumas que a gente conversou que elas falaram do monge que passou, o São João Maria. A senhora já ouviu falar?

R: Eu ouvi falar que uma vez ele caminhava por terra. Ele ia visitar os doentes, e até um dia ele passou na rua assim sabe? E tinha um senhor plantando as melancia, essa história meu pai contava, daí ele pediu “o que tu tá fazendo?” pra uma senhora e ela disse “to plantando melancia” “pra quem?” “pra mim” ela disse, e daí [na colheita] deu só uma pra ela.

[Chega um homem cobrar um desinfetante que ela tinha comprado]

P: A gente já está terminando. Mas agora eu fiquei curioso, e aí o que aconteceu com a mulher das melancias?

R: Daí sabe o que? Passou por outro lugar e tava outra senhora daí ele pediu “o que tu tá fazendo?” Ela disse “to plantando melancia” daí ele disse “pra quem?” Ela disse “pra tudo nós” não só pra ela, pra tudo nós, daí sabe? Daí quando foi pegar a melancia, que nem uma pedra. Daí ele pediu comida. E ela disse “Meu Deus, eu não tenho nada, tenho um galo e uma galinha” Daí ele pegou e disse “vamos matar?” daí ela matou e mandou ele guardar todos os ossinhos em cima da mesa, dali a pouquinho ele pegou sabe e disse “pode jogar ali na rua” Jogou os ossinho na rua disse que saiu dali [brotando pés de melancia] em tudo os cantos. Pra tu ver. É a fé.

P: E a senhora faz remédio ou chá pra vender?

R: Eu faço chá pra amarelão. Faço vai 6 tipos de ervas, pra adulto. Faço, vai 6 ervas, daí vai cravo, canela, nós moscada

P: E a senhora cobra daí o chá?

R: Olha se alguém quiser me dar alguma coisa.

P: Acho que era isso.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 10 de agosto de 2019

Entrevistada: Rosa [Distrito Marechal Bormann]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: A senhora benze do sol que falam?

Resposta: Aham, do sol, do ouvido...

P: Dona [confidencial], assim, este trabalho da universidade eles pedem que a gente deixe com a senhora também uma cópia desse termo aqui que eu vou lhe dar depois. É só um termo de consentimento que a senhora aceitou em fazer a pesquisa. Eu deixei uma cópia com a senhora. Eu vou fazer algumas perguntas bem simples pra senhora. Se a senhora quiser responder a senhora responde, se a senhora não quiser responder, a senhora não precisa responder. Pode pular para a próxima pergunta. Mas são perguntas bem simples sobre como a senhora aprendeu, como é aqui na região benzer, a senhora pode ficar bem à vontade se quiser respondeu não, tá bom? Então eu posso só gravar para depois a gente se lembrar bem certo do que foi dito? [afirmação]. Então qual é o seu nome?

R: [confidencial]

P: Qual a sua idade?

R: 60, vou fazer quarta.

P: Feliz aniversário já, antecipadamente [risos]. A senhora estudou?

R: Não. Eu era filha única, não estudei. Estudei só o nem o primário porque aquele tempo lá era só segunda e terceira série. [cooperativa] Alfabetização

P: Com que a senhora mora aqui?

R: Com o meu marido. Sós nós dois

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Nós tinha um cunhado que morava aqui no Bormann. Nós morava lá em Iporã do Oeste, lá em Mondaí aquele tempo era o município de Mondaí. Agora é Iporã do Oeste. Daí nós casemos, tivemos uma filha que mora ali embaixo, ela é viúva, e tem o filho que mora ali, e faz 41 anos que moramos no Bormann.

P: E como a senhora aprendeu a benzer?

R: Eu aprendi com a minha mãe. Só com ela

P: E a senhora nasceu onde?

R: Eu nasci no Rio Grande do Sul, Guaporé

P: Tem algumas mulheres que a gente foi que elas falam que são benzedeiras, umas falam que são curandeiras. A senhoraalaria que a senhora é o que?

R: Eu só benzo de dor de cabeça e das bicha só. Só não faço remédio não faço nada.

P: E como que era ... a senhora aprendeu a benzer com que idade?

R: Eu perdi minha mãe com 20 [anos]. Quando minha mãe começou a ficar doente aprendi tudo tinha 18, 19 anos quando minha mãe me ensinou.

P: E como era benzer durante esse tempo?

R: Só que tu tem que se concentrar e rezar né. Pedir a Deus, pedir pra Nossa Senhora que te ajuda né. Que tira aquela dor que tu tem né. Não é só tu ponhar uma garrafa de água em cima da cabeça e ponto né. Tu tem que ter fé e tem que fazer tua oração.

P: Quando a senhora benze a senhora faz sua oração pra qual Nossa Senhora?

R: Eu mais sou devota de Nossa Senhora Aparecida que fui ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, eu e a minha filha fomos.[conversa ao fundo. Eu fui em Novembro do Ano Passado.

[conversa ao fundo]

P: A senhora dedica o seu tempo exclusivamente pra atender pessoas pra benzer?

R: Não.

P: A senhora faz outras coisas de casa?

R: Sim, eu faço tudo o meu serviço. Se eles vêm, aqui eu não me ofereço nada. Também se um vem aqui dizer “ai eu tenho dor de cabeça, não tô me sentindo bem” eu não vou dizer “eu vou te benzer” nada, nada se ele se oferece eu benzo, senão não.

P: A senhora é aposentada?

R: Sou, aposentada de agricultora

P: A senhora não cobra nada pra benzer então?

R: Não.

P: E como que é a reação da comunidade aqui com o seu trabalho? Eles aceitam bem? Eles sabem que a senhora benze?

R: Sim, aceitam

P: E alguém algum dia falou mal?

R: Sempre tem aquele que não gosta da gente. Que nem tipo de outra região. Que nem os evangélicos não gostam que a gente benze.

P: A senhora é católica?

R: Sim eu sou. Eles não acreditam né. Eles não gostam.

P: E a senhora gosta de benzer?

R: Eu gosto. Ainda mais criança. Tô fazendo bem.

P: E tem alguma coisa que a senhora vê de ruim de benzer? Ocupam muito o seu tempo?

R: Não. Tu faz tua oração e tu benze a criança. A mãe vai embora, que elas também sempre tem alguma coisa pra fazer. Mas senão eu, não [inaudível].

P: E como é sua relação aqui com o sistema público de saúde, com o postinho, com os médicos aqui da região?

R: Nós se damos super bem graças a Deus olha. Eu fiz cirurgia das varizes, coloquei duas tela na minha barriga, o meu marido fez cirurgia da vesícula, eu também fiz, nós fomos bem atendidos.

P: Se a senhora fosse falar assim por dia ou por semana quando as pessoas vêm aqui pedir para a senhora atender?

R: Uma que outra, não é sempre.

P: Eu moro ali no quedas do Palmital e eu resolvi fazer essa pesquisa justamente porque quando eu era criança era cheio de benzedeira lá perto onde eu morava e hoje não vê tantas.

R: Aqui também era cheio, tinha gente, gente, gente que benzia meu Deus do céu. Agora um que outro. Agora que benze também, tem um homem ali, não aquela casa que tu enxerga, aquela casa do lado de cima, do lado daquela ali [apontando]. O pai dele tinha uma boca, se ele te dizia, “você não vai ser curada”, tu não se curava mesmo. E se ele te dizia “eu te curo mesmo” tu podia contar. O pai dele parecia que era um Santo gente do céu. A boca que ele tinha pra benzer. E ele pegou muito benzimento do pai dele, esse homem. Nelson o nome dele

P: E tem alguma diferença do benzimento que a senhora fazia quando aprendeu pros benzimentos de hoje? Tem alguma diferença que a senhora nota?

R: Não.

P: E a senhora acha que tem mais gente hoje que procurava antigamente ou hoje?

R: Agora procuram bastante, ainda mais no inverno assim, de criança, de gente assim, é bastante agora.

P: E como era aqui no Bormann quando a senhora veio pra cá?

R: Jesus Cristo. Eu chorava dia e noite. [risos] tinha que ter peito viver aqui no Bormann eu dizia pro meu marido. Matavam gente no limpo. Aqui sim. Era de escurecer tu tinha que se fechar dentro de casa porque o facão estralava. 41 anos atrás aqui no Bormann era fogo de morar gente do céu. Mas olha quando nós viemos morar no Bormann não tinha acho que não tinha 10 casas de madeira, de madeira, de material. E era tudo barraco. Agora não. Agora aqui no Bormann é bom de viver. Eu gosto de morar aqui. Tu vai no mercado todo mundo te dá adeus, todo mundo te agrada, um conversa, outro conversa. Só que aqui tu tem que se cuidar porque tem muitos... ponha cinco levanta 10. Eu, não faz muito tempo que minha casa foi assaltada e nós fomos roubados. Roubaram TV, roubaram dinheiro, roubaram tudo os documentos. Pior é os documentos que dá dor de cabeça conseguir os novos.

P: Teve algumas mulheres que a gente foi que falaram do monge, do santo São João Maria. A senhora já ouviu falar em São João Maria?

R: Eu ouvi bastante. Falavam São João Maria, mas agora de ver ele não. Agora que tu vai pro Rodeio de Erval tem um postinho de São João Maria. Que vai lá pro Rodeio de Erval, tu desce, ali antes de chegar numa sanga, antes de chegar numa ponte, no lado de cima tem o postinho São João Maria. Dizem que é o postinho São João Maria

P: O que a senhora ouviu falar de São João Maria?

R: Só que ele fez uns milagres. Benzia as pessoas ajudava as pessoas. Muita gente daqui quando não estão bom vão no posto de São João Maria

[conversa

ao

fundo]

P: Acho que era isso mesmo. A senhora era agricultora? E quando a senhora veio pra cá?

R: Sim, nós continuamos trabalhando, nós arrendava a terra. Fazia contrato com uma pessoa e nós trabalhava e dava um comprimento pra eles. Depois nós construímos aqui, construímos nossa casinha e compramos nosso pedacinho de terra aqui.

P: A senhora receita chá para as pessoas que vem aqui?

R: Não

P: Receita alguma planta pras pessoas que têm doença?

R: Não

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 10 de agosto de 2019

Entrevistada: Salsa [Distrito Marechal Bormann]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Este termo aqui a universidade pede que a gente deixe com a senhora é o comprovante de que a gente veio aqui com a senhora. Se a senhora não quis responder alguma pergunta não precisa responder. A senhora pode falar para mim pular para a próxima, se você quiser parar a qualquer momento a gente pode parar sem nenhum problema pra senhora também. Mas são perguntas bem simples sobre a senhora como a senhora aprendeu, como é ser benzedeira aqui em Chapecó. Então como é o seu nome?

Resposta: [confidencial]

P: Qual é a sua idade?

R: 72 anos.

P: A senhora estudou?

R: Até a 4ª série. Naquela época como eu era mais velha de casa a gente falhava muita aula. Tinha que ajudar em casa porque era a mais velha e depois eles tinham aquela consciência de..., o meu falecido pai falava assim: “por que uma filha ter tanto estudo se vai casar com um agricultor [risos] então isso pra mim, eu fui por muito pouco tempo na escola.

P: Com quem a senhora mora aqui?

R: Eu e o meu esposo.

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Porque a gente trabalhou em vários lugares. Nós fizemos mudanças e mais mudanças que quebramos tudo que tinha [risos] daí trabalhamos sete anos, só comprava roupa pras crianças pra ir na aula e nós ficava sem. Pra ter o dinheiro né. Daí o dia que surgiu essa chácara aqui nós compramos.

P: A senhora morava onde antes?

R: Naquele tempo nós se mudamos pra cá, nós morava na cidade. Mas nós moremos em Guatambu, rodemos. Até parar aqui, compramos essa chácara e ficamos aqui.

P: Há quanto tempo a senhora mora aqui?

R: 39 anos eu acho que é

P: Como a senhora aprendeu a benzer?

R: Olha. Eu aprendi de várias pessoas. Um que fazia visita pro meu pai era um senhor de idade, ele não é nada nosso. Mas ele, cada vez que ele vinha tinha aqueles portão de vara que eu tinha que abrir pro velhinho. E a gente, eu chamava ele de vô né. Daí eu dizia: “daí vô, como é que tá hoje?” ele dizia “uma hora eu to bom, uma hora não tô, outra hora melhora, outra hora piora” [risos]. Ele era muito divertido, daí lá ele já disse pra mim. O velhinho benzia né, mas eu não sabia de nada, eu era uma menina pequena. Daí ele já dizia pra mim “você tem um dom de Deus”. Daí eu fui pegando um pouco aqui, um pouco ali. E depois quando tive meus filhos já teve problema que daí eu aprendi com eles também. Porque era uma senhora de idade que fazia os benzimentos, daí a gente ia lá. De lá eu fui aprendendo, um pouco aqui ou ali. Não foi só de uma pessoa.

P: Sua mãe não benzia?

R: Minha mãe também benzia. Alguns minha mãe ensinou. Minha mãe faleceu... Domingo passado fez sétimo dia. Morreu agora, ia fazer 92. Meu, o que o padre falou sobre as benzedeira, [inaudível] porque o padre meu deus, o que o padre fez pra mãe. É uma coisa muito boa que eu acho que Deus deixou, e é muito boa. Porque benzer de estancar sangue não é pessoa qualquer que sabe. Eu aqui ao redor, de tudo os anos que eu tô morando aqui não vi uma falar. E tinha duas mulher que tavam morrendo esvaída, e eu cheguei e fiz minha oração, nunca mais. E ela diz que tinha dor de cabeça constante. Muita dor de cabeça, e nunca mais. E a outra eu nem conhecia quando vim morar aqui, nem conhecia ela, daí uma amiga minha veio aqui e passou lá diz que ela tava encostada na janela com a mão assim [fazendo gesto com a mão], diz que aquilo tava que uma poça, daí ela chegou em casa e ligou pra mim “Dona [confidencial] a senhora não sabe se a dona [confidencial] sabe benzer de estanca sangue” eu disse “eu sei, mas não sei se ela sabe”, porque tem vez que a gente conversa e não chega nesses

assunto. Daí eu disse “eu sei, só que tenho que saber o nome da pessoa né”, porque pelo nome eu benzo até lá do Rio Grande. O que vier, liga pra mim eu já faço minha oração. A pessoa não precisa estar junto. Agora de estancar sangue é bom que a pessoa esteja junto que nem, que os médico diz torcicolo, que é rendidura eu também benzo, faço remédio pra mim, faço pro amarelão, cuido dos umbigo dos nenê quando nasce. Porque geralmente de 7 meses tem uma tendência do umbigo tá alta assim [mostrando com os dedos]. Até o meu bisneto nasceu 15 dias antes do prazo também, graças a Deus. O médico disse quando fizesse 7 ano ia ter que fazer cirurgia. E hoje tá lá.

P: A senhora nasceu onde, em que cidade?

R: Eu nasci lá na colônia Cella.

P: Algumas falam pra gente que são benzedeira outras falam que são curandeira. A senhora se consideram o que?

R: Me chamam de benzedeira. Como que tem alguém que eu fiquei muito sentida saber, porque eu nunca pensei em fazer mal pra nenhum bicho, então quem dirá de uma pessoa. Ela é evangélica, mas ela diz que eu sou feiticeira. Mas isso não me dói em mim, porque eu sei que to fazendo o bem. Ontem chegou aqui de manhã um piazinho caído sabe? Caído no braço da mãe dele, e o pia eu vi crescer desse tamainho, depois não vi mais. Agora já é papai. Daí ele disse “Pois é dona [confidencial] acho que a senhora não tá me reconhecendo” e eu disse “mas não mesmo, sei que o teu rosto não me é estranho pra mim, mas eu não te conheço” ele disse “trouxe meu piazinho pra senhora benzer” benzi o piazinho, saiu faceiro. Que eu benzo com a linha na agua né pra ver. Daí tu faz a oração, pronto. Ele tomou um golinho de agua saiu feliz da vida. Hoje disse que vinha até agora não apareceu.

P: Como que era benzer? A senhora aprendeu a benzer com quantos anos?

R: Assim de aprender oração e tudo acho que eu tinha uns 7, 8 anos.

P: E quando a senhora começou a benzer pra hoje tem alguma diferença? Como que era naquela época benzer

R: Naquela época era bem mais... digo assim, era diferente de hoje. Porque assim, saber qual pessoa benzia, mas aquela vez um ou outro saiba, que eu eu aqui, depois que eu to morando aqui. Se eu te dizer que não veio ninguém aqui hoje eu minto. Todo dia eu tenho. Às vezes 15 pra meio dia, 10 pra meio dia. Eu não gostaria desse horário né, porque eu sou sozinha também, sou só eu e o meu esposo, tem que fazer almoço. E chegam 15 pra meio dia e daí eu fico quieta, que vai fazer o que né. Nem que coma atrasado, ninguém trabalha, a gente trabalha né, mas não fora, não cumpre horário, tudo bem. A hora que chegar eu benzo. Porque a última que me ensinou mais e que eu passei mal na temporada porque meu marido queria, geralmente os italianos e alemães não fecham muito com benzedeira, e o meu marido não queria. Porque ele gostava que eu fosse junto com ele trabalhar e voltasse junto. Foi nessa época que eu acamei, fiquei 15 anos na cama. Daí vinha uma senhora aqui e disse pra minha mãe “vo te levar você num lugar que lá que você vai se curar”. E lá ela pegou meu marido e disse “olha, assim e assim, você vai querer viver com ela ou vai querer viver sem ela?” Daí ele ficou quieto, chorou. Daí ela disse, “não, a consciência tá em você, porque ela tem esse dom de Deus pra fazer. E se ela fazer ela vai melhorar. Porque ela tá fazendo o que Deus deixou pra ela. E o senhor não querendo daí o senhor vai ficar sem ela”. Daí ele aceitou. Agora, hoje ele me ajuda, catar os remédio pra fazer remédio pro amarelão ele me ajuda. Dá atenção também pras pessoas que vem, uma vez ele era um velho fechadão. Minha sogra não gostava muito de mim porque eu era nega [risos]. Daí eu disse “ela foi mas eu to aqui”

P: Quantas pessoas vêm por dia aqui?

R: Olha mas eu não posso te dizer a quantia, porque tem dia que o meu pia que mora ali perto da estrada também dizia “mãe tudo essas pessoas vieram lá hoje?” “sim, tudo aquelas pessoas”. É como vai chegando eu já vou despachando, se quiser ficar aqui pra tomar chimarrão tudo bem senão. Mas eu não faço ideia de te dizer o montante. Porque no inverno é menos, mas no verão...

P: Por cima assim, vêm umas dez pessoas por dia? Mais?

R: Mais ou menos, tem vezes que até mais.

P: Vem muita gente de fora?

R: Vem. Não só daqui ao redor, de longe. Vem lá da Efapi, do Rio dos índios, lá pra Nonoai, vem de Xaxim, vêm de Coronel Freitas. Já tenho amigo de tudo quanto é cantinho

P: A senhora dedica seu tempo só para atender? Antigamente a senhora só atendia as pessoas?

R: Não, eu só o meu serviço eu faço. Porque como tenho problemas nas pernas e na coluna tem que cuidar. Mas eu nunca deixei alguém na espera aqui sem. Porque essa velinha que aprendi ela já faleceu. Ela disse pro meu marido “olha, ela só fazendo o bem ela vai ter saúde” e foi assim. É um dom de Deus, fazer o que?

P: E como que era antigamente? Como que a comunidade reagia antigamente?

R: Antigamente eu acho que era melhor que hoje. Na verdade. Porque não tinha essa[dificuldade em se expressar] os meus filhos são evangélico, não vou esconder pra você. Eu tenho uma filha aqui que é evangélica, tem o meu bisneto, que sofreu o acidente ficou 19 dias na UTI, ficou entre a minha morte. Eu disse “mas ele vai voltar porque ele ainda tem muita coisa pra fazer aqui” que ele tá estudando pra pastor. Eu tenho uma neta que é pastora e o neto é pastor também.

P: a senhora é católica?

R: Sou católica e eu não posso mudar, sabe por que? Porque meu marido não aceita. Mas eu sigo de cabo a rabo, onde eu tenho a oportunidade de ir numa igreja eu vou. Porque nada vai fazer o mal. Os outros dizem “a porque vão numa igreja evangélica, vão... é isso é aquilo” Eu tenho uma vizinha aqui que pelo amor de Deus [risos].

[Conversa paralela]

P: A senhora gosta de benzer?

R: Gosto. Me sinto muito feliz quando uma pessoa vem aqui, que nem ontem de manhã chegar, tu ver uma criança chegar do jeito que chegou. Até o meu neto esse que tá estudando pra pastor, esse que sofreu o acidente, tava sentado aqui, que foi tirar os ponto, quando chegou, daí ele disse “que felicidade né vó, é uma benção. Olha o piazinho chegou, quando saiu, renovado disse tchau tia, tudo de bom” saiu feliz da vida o piazinho, e chegou caído que dava dó. Porque os vermes deixam a criança lá em baixo. Porque tava com febre levaram no materno não adiantou nada. Daí ontem de manhã ela veio aqui. Saiu com o piazinho faceira. Diz que não adiantou nada.

P: E como é a sua relação com o postinho, com os médicos aqui da região?

R: Me dou bem graças a Deus com todos. Não falam mal. Até o falecido Dr. Márcio que morreu na tragédia da Chapecoense, era 6 anos que ele tava aqui. Se eu te contar uma coisa, pode até você achar que não é verdade, mas eu vou contar. Eu cheguei lá, consultei com ele e conversa vai conversa vem. Ele disse assim, “Dona [confidencial] a senhora pode fazer umas orações pra mim?” disse “posso”, porque daquela vez que eu fui pra São Paulo visitar família da mulher dele e a dele, sofreram acidente e uns dias antes veio uma amiga minha aqui que tava muito mal, tava com amarelão, veio aqui em casa eu dei remédio e ela melhorou, foi lá no posto e contou pro Dr. Márcio, daí ele quis saber tudo o que eu fazia, o que eu ponhava nos remédios, tudo, tudo, ele escreveu um monte. Daí ele me disse pra mim na hora que eu sai ele disse “eu pedi oração pra senhora sabe por que? Porque eu ando tendo uns sonhos que eu vou morrer numa tragédia” daí eu disse “vou fazer a oração”, mas eu não me toquei na hora que deu o acidente da chapecoense naquela semana. E ele veio e me deu um abraço e disse assim “eu vou lhe dar um abraço porque eu sei que a senhora tem tanta presença de Deus na sua frente” Coitado, eu fiz a minha novena para ele, mas só que na última hora era para eu [pausa pensando] aquele que agora é médico da chapecoense. Eu fiz cirurgia com ele no joelho. Daí ele disse assim para mim “eu nem sei, mas eu não tô com vontade de ir nessa viagem, por causa do meu sonho” ele falou. Daí eu disse, “pois, é, o que a gente vai fazer?” E era pra ir o Mendonça. E na hora de ir, uma pessoa tinha se acidentado e ele precisava fazer a cirurgia no joelho do homem, daí foi o Dr. Marcio coitado. E eu na hora não me toquei, mas quando eu descobri que era ele, meu Deus do Céu. Ele vinha aqui em casa, vinha pegar fruta, ele era muito... meu Deus do céu, eu senti a morte dele. Mas vai fazer o que né?

P: Algumas benzedadeiras falaram do monge do São João Maria, a senhora já ouviu falar no São João Maria? O que a senhora ouviu falar dele? Umas falaram que aprenderam benzeção que diz que vem dele.

R: Nós ia muito porque minha falecida avó gostava muito da água que descia nos pé de São João Maria, ali perto pra cá da coca, ali na curva da morte. Ali tinha e a gente sempre ia de cavalo lá buscar água pra falecida avó. A gente ia lá pegar aquela água, tinha aquela água pra batizar uma criança, batizava em casa. A gente sempre ia. Mas não sei te dizer lá, não aprendi lá. Muita gente falava bem, mas a gente daquela época é mais nova, que falavam muita coisa, mas a gente tinha fé naquela água

P: E como era aqui no Bormann quando a senhora veio morar pra cá?

R: Era muita pobreza. Não sei por qual área vocês vieram? [Conversa sobre como chegamos]

P: Como era o Bormann quando a senhora veio?

R: Era aqui, era tudo aqui assim não era tanto, mas o que vinha da cooperativa, da alfa, na rua da [cooperativa] Alfa, vinha aquele azeite, a gente comprava aqueles azeite de lata, tinha casa construída de barro e aquelas latinha, da cooperativa pra cá a maioria das casa era tudo feita de latinha, só pra quem... quando nós viemos para cá a primeira vez a gente viu, eu disse “meu Deus do céu, aqui sim é pobre” Agora tá tudo mudado, surgiu esse bairro novo aqui, daí tem as casinhas lá em cima, mudou tudo. A maioria das pessoas que tavam em más condições eles fizeram as casinhas e foram tudo pra lá né, ganharam de móveis pra cima, tudo.

P: Eu lembro quando estavam construindo aquele loteamento

R: Eu ainda não fui lá pra cima que tenho problema no joelho. E eu quase nunca saio de casa. Porque a maioria que vem, e eu nem gosto que venha pessoas e eu não esteja em casa

P: A senhora mudou o modo que a senhora benze? Com o tempo?

R: A gente sempre vai aprendendo as coisas novas. Antigamente era tudo diferente. A mãe também, meu Deus a mãe curou muita gente

P: Falaram pra gente que a senhora também faz chá, assim pra amarelão.

R: Sim, eu faço chá pra mim, de amarelão e é tudo remédio caseiro, só que tu tem que plantar e cuidar.

P: a senhora mesma planta?

R: Sim, eu e o meu marido. Tem que plantar porque tu precisa, e se eu não tenho como vou fazer os remédios se eu não tenho. Que nem o funcho quando está maduro nós colhemos a semente, a gente cuida e guarda. A Salsa também que vem o ano todo que tem né, agora ainda a gente compra a muda é mais fácil. Mas se não tu tem que plantar e cuidar. Porque a salsa todo ano tu tem que mudar porque ela floresceu ela morre, daí tem que...

P: E a senhora benze de que? [Risos] É grande a lista

R: Benzo do amarelão, da íngua, das bicha, de estanca sangue, de ar na cabeça, cobreiro, acho que não vou lembrar de tudo, é um monte de coisa.

P: A senhora cobra os benzimentos?

R: Não

P: Os chás a senhora cobra?

R: Os chás antigamente eu não cobrava até um tempo porque eu tinha feito uma promessa que se eu melhorasse eu ia fazer uma doação assim para as pessoas que precisavam. Até hoje se eu ver uma pessoa aqui que eu vejo que ela não tem condições de me pagar, porque eu tenho que comprar canela a noz-moscada e o cravo. E a minha filha aqui que trabalha na Forno D'Oro e lá eles têm pra vender, então eu pego canela, cravo, noz-moscada. Só que também a noz-moscada tá 80 reais e eu compro meio quilo e eles cortaram, que eu compro noz-moscada bolinha e às vezes tem umas que prestam e outras que não prestam. E aquelas que não prestam eu tiro fora. E não é que venderam tudo aquelas estragadas pra mim. Mas vai fazer o que? Não deu, tive que fazer o remédio e jogar tudo fora. E eu já tenho duas panelonas assim pra fazer o remédio porque têm bastante. A maioria no verão que dá mais amarelão e essas coisa, no inverno é menos.

P: E o pessoal aqui da comunidade reage bem a senhora benzer?

R: Sim, graças a Deus, tenho uma amizade muito grande.

P: Mais os evangélicos?

R: Os evangélicos, tem uns que são chatos, mas uns não.

P: A senhora benze mais hoje ou mais a 30 anos atrás por exemplo?

R: Hoje eu benzo mais, muito mais

P: E aqui vem mais criança ou adulto procurar a senhora?

R: Vem de tudo, não posso te dizer, que vem parelho.

P: É que a senhora benze de várias coisas né, teve umas benzedadeiras que a gente foi que benzem só das bicha daí é mais criança.

R: Mas que nem eu é adulto, é tudo. Aí eu depois assim eu tenho toda a companhia do mundo, porque esses dias veio uma senhora aqui que saiu do hospital, na época que o meu neto tava no hospital e se encontraram com meu genro, e o médico deu alta, daí o meu genro chegou em casa e disse assim “Sogra é meio tarde, mas eu to ligando pra senhora, me passa uma oração pra fulano de tal porque ela deu alta do hospital e a filha dela levou ela agarrada com um cara que não tinha condição de caminhar”, tava cheia de amarelão, e deu pneumonia, meu Deus do Céu. Todo mundo diz que reza pra mim não morrer tão cedo.

P: Benzedeira tem que passar pra alguém né?

R: Teve uma menina que agora faz tempo que ela não vem mais aqui, só que eu não posso passar pra qualquer pessoa. Ele tem que ter uma idade, tem que ter consciência do que ele vai fazer, porque tem gente que acha que benzer... que nem agora eu to cobrando os remédios do amarelão, mas o meu marido foi um dia lá pro Esplanada com um rapaz daqui que trabalhava na firma junto com ele. Que ele não sabia certo e o pai sabia e foi junto. Naquela época ele pagou 30 reais uma garrafa. Eu cobro 25 os 2 litros do remédio pra amarelão, e eu sei que toma vai melhorar. Porque ontem eu pedi “como é que tá tua mãe?” aquela que saiu do hospital agarrada, “tá bem” de tanto tossia rendeu aqui [apontando pro pescoço] virou um papão daí ontem eu pedi “baixou?” “tá bem baixinho, nem vou levar mais”

P: Nossa. Então como eu falei pra senhora esse aqui é o nosso comprovante. Tem meus contatos.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 20 de fevereiro de 2019

Entrevistada: Pérsica [Universitário]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Este documento aqui eu vou deixar com a senhora é o termo de consentimento livre e esclarecido. A senhora pode desistir da pesquisa a qualquer momento. As perguntas que eu vou lhe fazer a senhora não precisa responder se a senhora não quiser. Se a senhora quiser parar pode parar, é bem a vontade. A gente está escolhendo quinze mulheres que são curandeiras, que são benzedeiras que morem em Chapecó para a gente fazer essa pesquisa, para a gente conseguir compreender como é tão importante esse saber-fazer porque ainda está nos dias de hoje na nossa comunidade.

[no fundo uma mulher fala inaudível]

P: Nesse documento também tem os meus contatos caso a senhora queira, tem meu telefone, bem tranquilo. A gente vai garantir o seu anonimato. Seu nome não vai ser revelado durante a pesquisa. E a cada seis meses a gente vai retornar também com um documento mostrando como que a pesquisa está sendo feita, como que a sua voz e a sua imagem está sendo utilizada também, tá bom? Se a senhora permite a gente pode gravar também sua fala?

Resposta: Pode.

P: Só pra gente se lembrar também depois pra conseguir pensar melhor sobre isso. Uma das primeiras perguntas que gostaria de fazer para a senhora, qual é seu nome?

R: [confidencial]

P: Qual a sua idade?

R: 93 anos

P: Qual o seu grau de instrução? A senhora estudou até que série?

[muito barulho externo de carros passando]

R: Aí, não sei... muito pouco

P: Mas não chegou nem a ir para a escola?

R: Sim, muitas vezes, mas a cabeça não ajudava né, daí os velhos [seus pais] precisavam que os filhos fossem pra enxada, daí a gente foi deixando né.

P: E qual é a sua atuação profissional? A senhora trabalhava com o que?

R: Sempre trabalhei fora, e quando fui solteira ia nas casas de empregada. Depois casei tive sempre a minha casa, e o velho faleceu e eu fiquei aqui e tô aqui. Já [fazem] 51 anos que eu to morando aqui nesta casa. Compremos este lote, construímos este rancho e estamos aí.

P: E é a mesma casa ainda?

R: A Mesma casa, só a gente arruma um pouquinho pra cá um pouquinho pra lá, e é a mesma casa.

P: Faz quanto tempo que a senhora mora aqui?

R: Aqui, só nessa casa 51 anos que eu to aqui. Meus dois nenês mais novos eu ganhei aqui. [trecho inaudível] A filha mora aqui embaixo, a primeira casa aqui embaixo é dela.

P: Qual a sua renda aproximada?

R: Ai, eu ganho meus troco dos remédio né e ajudo os filho, o resto eu vou guardando pro caixão.

P: A senhora é aposentada?

R: É

P: Certo, com quem a senhora mora?

R: Eu, agora eu tô só, tem uma [filha] vem dormir comigo, outro dia vem a outra que dai vem fazer o serviço pra mim que eu posso eu faço, daí vai.

P: A senhora tem quantas filhas?

R: Eu tenho cinco filhas. Três homens. Tem um ali na esquina, tem um em Uruguaiana, e um faleceu.

P: Como a senhora aprendeu a benzer?

R: A mãe benzeu toda a vida e o pai [também]. Quando vieram de Carazinho, morar aqui quando Chapecó tinha 38 casas. Não, 58 casas, eles vieram. Daí a mãe e o pai começaram a benzer, fazer remédio, e seguiram né a vida, ali tiravam pra comer, tiravam pra ... [beber]. Daí faleceu o pai, daí faleceu a mãe. E Cada vez ficava um filho ou uma filha no lugar da mãe que benzia né. Daí a última que ficou foi eu, daí eu comecei.

P: Que ano eles vieram pra Chapecó? A senhora tem ideia?

R: Não tenho ideia. Eu tinha 17 anos, agora eu to com 93.

P: 83 menos 5, quase 80 anos atrás.

R: Sabe quantas casas tinham na cidade em Chapecó? 58 casas. Na avenida.

[Barulhos de carro na rua tornam inaudível]

P: Veja, Chapecó tinha 80...50 e poucas casas, se benzia. E hoje Chapecó tem 300 e poucos... 200 mil e poucos habitantes e a senhora continua. Isso que eu quero dizer, o mundo mudou, e o benzimento ainda tem sua força. A senhora falou que uma das filhas ficava para aprender. A senhora é a mais nova? Por isso ficou?

R: Sim. Morreu a mãe, ficou a Carmem, que era minha irmã, depois ela faleceu, aí eu peguei o lugar dela. Que a mãe dizia que sempre tem que ficar uma no lugar. Pra benzer de quebrante ela dizia, coisas levianas né, daí foi indo.

P: E a senhora está ensinando alguém?

R: Agora o filho que mora na esquina sabe tudo, até mais que eu, porque ele sabe ler, e eu não sei, tem os livros do [meu] pai, que meu pai benzia. E mora ali na esquina.

P: Ele ficou com os livros e benzimentos do teu pai?

R: Benzimentos, remédios antigos, essa coisarada.

P: Será que ele deixaria a gente olhar?

R: Vem uma hora aí com tempo ele deixa, ele gosta de livros

P: E quantos anos tem o seu filho?

R: Ele tem 53, 54 anos agora.

P: Faz tempo que ele benze?

R: Não. Ele aprendeu pra ficar no meu lugar, vai assumir ainda meu lugar. [carros ao fundo]. Ando entregue já das pernas. Disse que vou parar e não posso que dali a pouco vem uma e vem outra [enferma].

P: Mas a senhora nasceu em Carazinho e daí veio pra Chapecó?

R: É. Minha família toda é de Carazinho, o pai, a mãe, todos de lá.

P: E como era benzer? Quando sua irmã morreu e a senhora aprendeu? Foi a quantos anos atrás que a senhora aprendeu a benzer?

R: Eu aprendi desde criança, via a mãe benzer e já fui decorando, e já fui aprendendo aos poucos como né. Daí quando a mãe faleceu eu já sabia tudo

P: A senhora assumiu quando? Faz tempo que benze?

R: Faz tempo. Uns 30 anos né, mais de 30 anos.

[filha ao fundo: “Faz 40 anos mãe, eu era menina a senhora benzia, e eu tô com 56 anos”]

R: Faz tempo né. A gente vai esquecendo.

P: E como era a cidade quando a senhora começou a benzer? Há uns 40 anos?

R: Era a mãe que benzia, e tinha poucas casas aqui, ali, tudo mato, estrada de chão.

[filha: “não tinha estrada mãe, era só uma carreirinho, com 3, 4 casas”]

R: É, depois que o velho Sartori, o dono desses terrenos faleceu, antes dele falecer daí nós compramos aqui, e os vizinhos aqui de cima compraram, daí foi.

[Carro passa na rua e mãe e filha falam juntas se tornando inaudível]

P: As pessoas que vinham benzer eram mais de outros lugares? É diferentes das de hoje? Hoje as pessoas que vem eram mais daqui? E antigamente logo que a senhora começou a benzer eram mais de outros lugares?

R: Igual. Um conta pro outro e o outro vem, daí eu faço remédio e fica bom, o outro já vem pegar um litro. Benzo pro amarelão também e assim vai.

P: Mas a senhora cobra para benzer?

R: Pra benzer não. Não pode se cobrar o benzimento. Só o remédio eu cobro.

[Filha ao fundo: “é que as ervas ela compra”]

R: E chá né, porque não tenho nada aqui, daí eu cobro.

P: Mas a senhora faz em casa?

R: Faço em casa, tem o fogão a lenha, tem as panelonas desse tamanho [abrindo os braços] e tá tudo cheias hoje

P: Como que a comunidade aqui reage ao seu trabalho?

R: Eles são vizinhos tudo. Apoiam, que se diz, não tão bom vem buscar uma garrafinha, os de longe vem buscar um litro, dois litros e assim vai.

[Filha ao fundo “mas não é só disso, ela benze as criancinhas de quebrante, de cobreiro, cobreiro que se diz é mordida de aranha, desses insetos, do tal de reumatismo, né”]

[Vizinha fala: “os vizinhos aqui tudo apoiam, adoram ela, tomam o remédio dela, se benzem”]

[Filha ao fundo: “e os bebezinhos que não dormem de noite é o tal de quebrante, mas eu ando na menopausa to precisando de um remédio”]

[Filha e vizinha falam juntas se torna inaudível]

P: Vocês tomam chá?

[Filha: “Chá de pessegueiro, a gente faz um chá, gela e toma durante o dia, é maravilhoso, não dá mais calorão nenhum”]

[Filha e vizinha falam juntas se torna inaudível]

P: E como que era antigamente? A senhora gostava de fazer isso que a senhora faz antigamente?

R: Quando a mãe benzia eu não tinha vontade. Mas a mãe sempre dizia “olha, aprendam que eu to ficando velha, eu vou embora eu preciso que alguém pegue o benzimento” e eu falei “mãe eu já sei, eu escuto o que a senhora fala” já tava fraquinha né. E depois ela faleceu e parecia que eu já tava benzendo quando a mãe faleceu

[Filha ao fundo: “já mãe, há tempos. Tinha a outra a Carmem, que elas eram em duas irmãs que moravam no Passo dos Fortes. A tinha Carmem faleceu que benzia também, daí ficou só a mãe”]

R: E agora quando eu ir embora fica o meu filho ali.

[Filha: “Tem outros que Deus deixou o dom, porque a missão de todo mundo aqui nessa terra é de fazer o bem. E o que Deus plantou e trouxe a missão. Não importa como ela seja. Se uma pessoa tá enferma, tá sofrendo, sabendo que pode fazer alguma coisa tem que fazer, tipo benzimento, um remedinho sabe

P: Isso me chamou a atenção, porque foi sua mãe, sua irmã a senhora e agora o seu filho, o primeiro homem.

[Filha ao fundo: “mas ele não benze, a que faz o remédio é a outra filha aqui de baixo”]

R: Mas ele benze.

[Filha ao fundo: “ele lida mais com outras coisas, tipo pesquisas dele sabe, mas a mais mesmo que mais ajuda a mãe a fazer os remédios, que conhece é a irmã aqui de baixo, a Eva, mas ela não quer benzer, ela não benze, mas ajuda, conhece tudo [os chás]”].

P: E esses livros que ele tem nos registros do teu pai, seria interessante.

[Filha ao fundo: “Mas não tem nada nos registros do pai”]

R: Nos livros do Chico tem

[Filha ao fundo: “Que livro do Chico mãe? Não tem nada.”]

R: Tem bastante livros

[Filha ao fundo: “Mas não do pai, não tem nada, não existe”]

[Filha 2 entra momentos antes e fala: “ele tem assim, não existe, ele tem os livros de homeopatia, de qual ervas, tipos de ervas”]

[Filha 1 ao fundo: “o da mãe é diferente, certo. Tanto o medicamento que ela faz das ervas como o benzimento que ela faz. O dele é mais medicinal, é pesquisa, mas não de um dom de benzer, nada a ver.

P: E como que a sua relação com os médicos? Já veio algum médico aqui?

R: Quando eu to meia doente eu vou no médico, ele me dá um remedinho eu já fico meio boa e sigo.

P: E o que eles dizem? A senhora diz pra eles que é benzedeira?

R: Eu não conto pros médicos.

P: Por que?

R: Eles não perguntam daí eu vou lá, pego, consulto e eles me dão os remédios, mas eu tomo o remédio e já fico boa.

[Filha 1 ao fundo: “Mas já veio médico aqui, eles vêm visitar, mas acho que eles têm medo de concorrência. Mas isso é da fé. Se você não tem fé não adiante coisíssima de nada. Porque o que move isso é a fé”]

P: O Que o que me chamou bastante atenção foi a mulher que estava aqui antes que ela foi do médico, o médico falou uma coisa e ela veio aqui com a senhora. Ela disse que o médico mandou ela fazer essa cirurgia, mas ela quer se curar com benzedeira.

R: Elas saem lá do médico e vem aqui se queixar que o médico fez isso, isso e isso. E elas não aceitam, daí elas vem pegar minhas garrafas de remédio.

P: E como que é hoje pra senhora benzer? Vêm muita gente aqui?

R: Agora tá vindo bastantinho, tá vindo bastante. Mas eu to querendo parar de benzer, já to cansada.

P: Que época que vem mais? Início de ano, final de ano?

R: Sempre igual.

P: Por média, se fosse dizer mais ou menos quantos por dia?

R: Por dia, as vezes vem 5, as vezes vem 4 as vezes vem 8, 9, até 10 vem. Até 20 as vezes, vem uns pega remédio, e outros levar remédio, daquele jeito vai o dia inteiro.

P: E vem mais gente hoje ou mais gente antigamente quando a senhora começou?

R: Antigamente mais pouco, agora tá vindo cada vez mais toma meus chá.

P: E a senhora acha que é porque aumentou a fé? Ou o serviço de Hospital e atendimento à saúde piorou?

R: Hospital faz mal, tratam mal as pessoas, então dão um remédio, logo melhorou, melhorou, se não melhorou quer morrer, morre, nem tão. E a gente em casa cuida, trata com jeito, experimenta, tudo isso a gente faz.

P: A senhora falou antes que aqui era tudo mato, e hoje o que mudou pra senhora?

P: Chapecó, quando eu vim tinha 58 casas, a avenida era como essa minha rua aqui. Agora do jeito que tá Chapecó tá lá em Guatambu, tem o meu irmão que mora lá, emendou tudo né, Chapecó, emendou com Xaxim [Filha 1 ao fundo: “A única firma que existia aquela época era o Saic”]

P: O que era o Saic?

[Filha 1 ao fundo: “Saic é onde é agora a Aurora, e daí eles negociaram, só o que tinha, naquele tempo nós era menina, criança, mas eu me lembro. Tinha eu as minhas irmãs, nós era muito pobre e tudo, precisava de coisa pra viver e daí desempregada, daí quando tinha alguém dos Bertaso, as famílias muito rica, nós era empregada. Porque de resto não tinha nada, aqui era só mato. Onde aqui agora é asfalto aqui era grama, né Dona Jurema, era um matagal grama, a casa da mãe era um barracão, era um porão lá em baixo sabe, era tudo assim”]

R: Ali no Rodeio Chato morava meu sogro. Tinha uma meia dúzia de casa só, hoje em dia é cheio, emendou de prédio, cada apartamento lá em cima. Eu fico boba, esses dias fui no meu irmão lá em Guatambu ver os apartamentos que tem digo quem tem coragem de morar lá, eu nem que me dê de presente, pior que galinha empoleirada, altura dá de 10, 15 metros de altura os apartamentos agora, quem vai morar lá?

[Barulho de carros na rua tornam trecho inaudível]

P: E o modo da senhora benzer mudou de antigamente para hoje?

R: Mudou bastante, eu benzia pouco agora é bastante gente.

P: E a reza mudou?

R: Não. As orações que eu fazia eu tenho elas tudo comigo que eu aprendi com a mãe, do jeito que ela benzia eu benzo, tudo de cor.

P: E os remédios mudou? A senhora dá mais remédio hoje?

R: Dou mais remédio hoje. E elas tomam um litro de remédio que eu faço assim, e “ai vó eu melhorei bem, to boa, to boa”, proseiam, dão risada e vão embora.

P: A senhora é católica?

R: Graças a Deus.

P: A senhora se considera benzedeira ou curandeira?

R: Eu sou benzedeira, mas sou curandeira também, porque faço remédio também. Três painéis desse tamanho, dessa altura, ali eu ferver os chá e vendo, pra amarelão despacho muito, então amarelão é mais.

R: Deixa eu lhe fazer uma pergunta. A senhora já ouviu falar, que algumas mulheres que a gente foi conversa falam do São João Maria.

R: Minha sogra falava que ele era padrinho dela, minha sogra lá no Rodeio Chato, mas ela faleceu já. E o São João Maria era padrinho da minha sogra, porque que ele vinha de viagem, e eles moravam ali no Rodeio Chato, e ele tinha uma árvore bonita lá, e ele vinha dormir embaixo da árvore. Quando era noite ela saiu levar um prato pra ele jantar, quando foi de dia, tava minha sogra na casa com as piaçadas, e o São João Maria veio e ficou até... no cemitériozinho de São João Maria, diz que ficou com as crianças. E era um lugar muito bonito. Daí quando eles vieram [os pais] se reuniram e falaram pra minha sogra vamos se reunir e meu Deus vamos fazer uma jantinha e fazer um bolo e levar um pedaço pra ele. Daí o meu sogro chegou da roça “que tá fazendo véia” “to fazendo um bolinho pra São João Maria que tá ali embaixo da árvore” e ele falou “pra que fazer um bolo pra esse velho? Tem que fazer pra mim que trabalho que trago de comer” e saiu, daí fez e mandou ela levar pra ele embaixo da árvore, ele pegou o bolo cortou pela metade e falou “essa metade é pra sua mãe que parabéns me deu de bom coração, e essa metade é pro teu pai que disse que eu não merecia”, daí ela agarrou fé com João Maria que era padrinho da minha sogra.

P: Sua mãe conheceu ele?

R: Conheceu, e a minha sogra também

[chega um homem e a conversa fica muito alta]

P: E o São João Maria benzia?

R: Sim, era só fazer o nome do pai [faz o gesto com a mão] e pronto. Era um profeta de Deus

P: Tem alguma coisa que a senhora gostaria de contar que a senhora acha importante sobre benzimentos pra vida, pra essa geração pra esse mundo tão moderno, tem alguma coisa da sua experiência de vida, de 93 anos que gostaria de falar?

R: Faça uma salinha, que nem esta, pra quando chega gente convidar, vamos rezar o rosário? Fazer uma palestra de conselho. Tudo isso tu pode fazer. Convida os amigos. Coloca o coração da pessoa com o seu, tá salvo.

P: A senhora disse que tinha o retrato de São João Maria.

R: Sabe que eu tinha, sabe que eu to esquecida será que me roubaram? Vai trazer [pedindo para a filha] Eu tinha, não sei se eu guardei.

P: Vocês não tomam chimarrão? [pedimos para as mulheres no recinto]

R: [Ela se vira preocupada], não te deram chimarrão? Tu quer?

P: Capaz, só pergunto porque geralmente as pessoas assim tomam.

R: Eu não tomo mais

[Aguardamos o retrato]

P: Posso tirar uma foto? [Fotografei]A senhora só assim você só usa suas mãos para benzer? Ou usa algum rosário?

R: Tenho o rosário que tem ali [apontando]

[caminhão passa na rua e chega um homem trazendo velas para ela]

R: Muito obrigado que Deus lhe ajude. Essa velinha é pra minha Santa, todo dia acendo uma.

P: As pessoas trazem bastante coisas pra senhora?

R: Não. Não ganho quase nada, porque não cobro. Me dão o que querem. Agora vela, conforme o pedido deles daí eu peço. Daí de noite eu faço as minhas orações, acendo as velinhas todas as noites pra Nossa Senhora Aparecida [apontando para a imagem]. Ali acendo a velinha e rezo pra mim dormir

[Filha 2 pega o retrato vem na nossa frente e fala: “mãe a senhora se lembra o que São João Maria falou pra vó? Que ai do dia que a cobra preta tomasse conta do mundo”]

R: Ele disse pra minha sogra, rezou e a minha sogra disse “como seria o mundo? ” E ele disse, ai do mundo quando as mulher ...[pausa pensando] mostrassem as canela, tudo ia mudar, e agora não tá isso aí?

[Filha 2 : “A cobra preta ia levar muitos morto, e a cobra preta era o asfalto”] [entra e sai um homem levando galhos nas mãos]

R: A cobra preta era a estrada.

P: Como que tem tanta gente que circula aqui? Esse homem que trouxe.

R: Esse era meu vizinho que trouxe, eles trazem as coisas pra mim, que eu faço muito remédio, e ele tá construindo ali.

P: Era isso.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedadeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 18 de maio de 2019

Entrevistada: Sálvia [Maria Goretti]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Resposta: Eu não posso pegar (ervas) onde passa veneno, nem de beirada de estrada e nem de roça. Nos últimos tempos nós temos indo lá em Sul Brasil buscar. Aqui não dá. E daí assim, vai o meu marido primeiro e liga pro genro dele que vai arrancando tudo que a gente precisa, daí ele pega o carro e vai buscar. Daí o melhor de tudo é lavar as ervas. Por exemplo, picão, tu tem que lavar bem a raiz e depois escovar pra não ficar nada, mas dá um trabalhão que nem sei, mas eu to cobrando cinquenta pila o litro. Dá muito trabalho e o gás. E assim, agora eu tenho bastante erva seca, porque daí nós deixamos, botamos nas grade e deixamos murchar bem, depois a gente leva pra dentro e bota em cima dos papelão, daí vai pras caixa tampadas.

Pergunta: A senhora faz tudo aqui?

R: Tudo ali [apontando para os fundos da casa] eu tenho lá atrás

P: Dá um trabalhão.

R: Dá. Quando eu tenho folga, que eu não atendo na segunda. Então na segunda ou eu vou lá pro centro ou vou comprar alguma coisinha pra me distrair sabe. E daí na terça nós vamos no grupo de idosos lá no Presidente Médici. E depois eu trabalho direto, hoje de manhã já atendi três pessoas, buscar remédio, porque tá dando muito amarelão preto. E tem gente que faz remédio pra amarelão, homem também, mas tem que ser ó, a gente tem a tirícia é de um tipo, o amarelão preto é outro tipo, e o amarelo é só do fígado, da vesícula né. Se tu não faz apropriado aquele remédio pra isso, não cura. A pessoa dá câncer no fígado.

P: Esse trabalho da universidade, a universidade pede pra que a gente grave também pra comprovar que a gente veio, eu posso gravar?

R: Pode

P: Tem um documento também que eles pedem pra gente deixar.

R: Aqui já vieram um monte de gente por causa disso. Eu as vezes eu tenho tempo, as vezes não tenho tempo nem de sentar pra falar com as pessoas.

P: É bem rapidinho.

R: O meu marido me ajuda muito, só não benze, mas ele me ajuda muito. Ele é uma pessoa bem idosa, mas me ajuda. Vieram lá de Pinhalzinho aqui filmar. Aí está tudo lá na rodoviária, em cima. Eu nem fui ver, mas as minhas netas já foram lá ver. E daí tem tudo que eu escrevi, o que a vó benzia, depois o meu pai. Daí o meu pai morreu meio cedo, ele morreu com 74 anos. Eu achei cedo porque ele trabalhava muito sabe. Meu pai era o seu Gabriel [confidencial].

P: Seu pai morava aqui em Chapecó?

R: Ali no Saic.

P: Eu moro ali no Saic

R: Conheceu a Donilda?

P: Conheci, fomos hoje de manhã lá.

R: Eu e ela que ajudava. Ali onde tem aquele prédio grande, ali o pai tinha a casa. Uma casa de 15 peças. Daí nós ia lá, eu morava no fundo e a Dorilda ali. Daí nós ia cedo lá, ajudava a fazer os remédios, lavar, botar ferver, lavar os litros. E a mãe tinha uma casa muito grande e nós limpava a casa. E quando eu ia pra minha casa lá atrás, eu tinha três (filhos) pequenos, que ia na escola, ali no Marechal. Daí eu já levava panelinha de comida, mandava eles tomar banho, comiam a comidinha que eu dava, e iam pro colégio, e eu voltava lá de novo. É trabalhemos que Deus me livre.

P: Deixa eu mostrar pra senhora. Esse aqui é o TCLE, é um termo de consentimento livre e esclarecido que comprova que a gente veio aqui conversar com a senhora. A gente vai lhe fazer algumas perguntas, não são muitas, até pra não ocupar muito do seu tempo. Se a senhora não quiser responder a alguma pergunta a senhora não precisa responder. Se a senhora quiser parar a entrevista na metade a senhora pode parar quando a senhora quiser, sem nenhum problema.

R: Então começa logo que o tempo se vai [risos]

P: Qual o seu nome completo?

R: [Confidencial]

P: Quantos anos a senhora tem?

R: Tô com 80

P: A gente conversou com umas mulheres umas falam que são benzedeira outras falam que são curandeira, a senhora se considera o que?

R: É a mesma coisa. Quem benze que nem eu benzo de mímica, de amarelão, as vezes vem gente torta de dor nas costas eu benzo com o preto velho. E olha, sai dali vem me agradecer “olha dona [confidencial] a senhora benzeu, eu não senti mais dor”, ou seja, por mim porque das vezes, eu caí de joelho ali na entrada e as vezes dói, dói, até tô com uma joelheira, dói. De noite eu tomo banho e digo “ó, preto velho me ajuda, me benze aqui, o que eu tenho aqui” e eu digo a palavra, não sinto mais dor

P: A senhora e o seu marido benzem? Ou só a senhora?

R: Ele só me ajuda né, quem benze sou eu.

P: Qual o seu grau de instrução? A senhora estudou até que série?

R: Estudei só o terceiro ano. E relaxada. Porque o pai queria que a gente estudava né. A gente morava lá, e era mato tudo, e a gente gostava de farra e bagunça, e não estudava

P: E a senhora tem profissão? É dona de casa?

R: Eu sempre fui dona de casa.

P: Sua renda aproximada?

R: [breve silêncio] como?

P: Sua renda. Quanto a senhora ganha?

R: ganho só o salário do meu marido que morreu há 25 anos de acidente, e eu tava pagando o INSS, daí deixei de pagar e não recebi. Daí a renda minha é R\$ 1.150,00.

P: Com quem a senhora mora?

R: Moro com o [confidencial].

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Quando eu saí de lá que o meu pai morreu eu vendi lá (no SAIC) e comprei aqui. Eu morava na rua Floriano Peixoto, atrás. E o meu pai na Rua Barão do Rio Branco. E daí quando ele saiu dali, que ele morreu e a mãe morreu eu me senti assim muito (pausa), eu tinha uma casa muito grande, um terreno de uns 800 metros, mas não dava. Tinha um vizinho do lado, que tinha só filhos, e aquelas crianças faziam um desaforo, brigavam, (eu) tinha uma parreirinha de uva, eles faziam buraco na cerca e iam derrubar e tudo. Daí me aborreci, vendi lá e comprei aqui. Esse lote que eu comprei era de um homem lá do Zandavalli, mas era um buraco, que tiravam terra pra olaria, barro. E eu carreguei, e botei terra, e esparramei. Ali ninguém podia entrar que era tudo uns buraco. Eu eu fui botando terra. Aí aqui aquela casa da frente eu comprei lá da reunidas. Daí eu peguei lavei toda a parede que não era pintada, fui lá, naquele tempo era o Guiz que tinha coisa, comprei tinta fiado, fui pagando as prestação e fui pintando forro, parede, tudo. Daí fiz uma ariazinha onde tinha um tanque ali. Daí meu marido trabalhava nos Colpani. Daí ele comprava a madeira e eu fui arrumando pra cá, fui aumentando.

P: Essa (casa) aqui é alugada? [apontando para a casa ao lado]

R: Não, a minha filha mora ali. A minha filha tá meia doente daí botei ela morar ali.

P: E como que a senhora aprendeu a benzer?

R: Junto com o pai e a vó. Só que eu benzo mais diferente que o pai. Que esse preto véio que eu te disse, ele me ensinou diferente. O meu pai benzia com a cruz do caravaggio.

P: Como? Cruz de carvalho?

R: Eu não sei explicar direito. Ele benzia com aquilo, e tinha a capelinha dele, e fazia as oração. Eu já benzo com o crucifixo, e o meu benzimento de criança é um, e de adulto é outro. E quando é de machucadura, costas, essas coisas, é outro benzimento.

P: E esse preto véio que a senhora aprendeu, ele [pausa]

R: Ele é da senzala, esses preto véio que morreram da senzala. E ele era muito poderoso pra benzer. A mãe Maria que a gente diz, e o preto véio, Pajó. E daí eu benzo com eles. A criança de bicha, tudo.

P: A senhora nasceu onde?

R: Eu nasci lá em Cruzeiro do Sul, a estrela, no Rio Grande.

P: E com quantos anos a senhora veio pra cá?

R: Acho que eu vim com uns 7 anos por aí. Não tô lembrada viu, era bem pequena. O pai veio de carroça, uma carroçona grande. Nós viemos, deixa eu contar, a Noemi, o Bernardino, a Donilda, aquela que tu falou, eu, e o Olavio era o nenê, e depois a mãe teve ali em Concórdia os outros. Que ela teve uma família grande né.

P: Vocês vieram de lá direto pra Chapecó?

R: Lá pra Concórdia, que o irmão da minha mãe, era o Arthur Lara, ele comprou um sítio pra nós ir morar, e o pai trabalhava na cidade e nós morava lá. E a mãe plantava nos ajudava, fazia arte de tudo, que nós era tudo pequeno, e daí o tio vendeu tudo lá e viemos para Chapecó. Foi ele que construiu a igreja, o seminário, tudo isso, ele era construtor né. E meu pai trabalhava com ele, até o meu irmão, aquele que mora ali no Presidente Médici,

o seu Alfredo. Ele é Olávio, mas eles apelidaram ele de Alfredo porque é Olavio Alfredo. Foi ele que construiu o Seminário.

P: Daí vocês compraram o lote de terra no Saic?

R: É, compremos ali no Saic, que o pai comprou uma quadra de baixo até em cima, frente e trás. E daí foi dando um lote pra cada filho.

P: E faz quantos anos que a senhora mora aqui?

R: Aqui, 40 anos.

P: E como era aqui quando a senhora se mudou?

R: Era tudo mato. Só tinha aquela casa [apontando] lá e aquela casinha lá em cima [apontando], tinha uma casinha pequenininha. O resto era tudo mato. Minha piaçada ia tudo no colégio ali que era de madeira ainda. E eu trabalhava o dia inteiro, puxando a terra pintando, fazendo as coisas. Graças a Deus nunca teve preguiça. [Chega um homem no recinto] Esse é o meu marido agora, que faz 25 anos que o outro morreu. E daí eu casei de novo. Pra quê ficar sozinha?

P: E a senhora mora aqui pertinho do hospital.

R: Tem hospital, tem colégio, tudo. [O homem puxa uma cadeira e senta ao lado da entrevistada]. Tu sabe que lá em Pinhalzinho, o marido da Lucia, que o Fábio se elegeu deputado eu acho, deputado né José? [Perguntando para o homem] O Marinho, que ele era prefeito, o filho do Marinho, o Fabiano da Luz, e agora ele se elegeu outro. O Marinho mora lá, e o João da Luz que sempre foi da Casan. Ele mora aqui perto do estádio. E o Bernardino, que ele foi presidente do sindicato e do Ministério do Trabalho, ele foi pra Florianópolis e daí agora teve um derrame nele, ele está bem malzinho.

P: E a senhora benze faz quantos anos?

R: 40 anos. Eu já vim de lá (do Saic) benzendo.

P: E como que era benzer naquela época?

R: Era igual. Só que nem eu te disse, meu pai benzia pela [pausa pensando] era um livrinho que ele tinha muita fé, ele tinha a cruz do caravagia, ele encostava nas pessoas e benzia e eu já aprendi a benzer por causa do outro, como é que a gente diz, não é todos que tem a mesma mediunidade, o poder né. Então o meu poder era diferente do daquele do pai.

P: A Senhora diz por exemplo, assim tinha mais gente pra benzer com a senhora antigamente ou vem mais gente hoje?

R: Igual, agora as vezes diminuiu um pouco que tem bastante (benzedeira). Ali na Agua Amarela tem uma lá, mas ela vende ficha, então é muito dinheirista. E eu não sou dinheirista. Eu sou assim, as pessoas vêm: “quanto que a senhora cobra” digo, “não sobro nada, se a senhora quiser dar dinheiro pra comprar vela” eu só cobro o remédio, que esse dá muito trabalho.

P: A senhora pode explicar de novo, como que a senhora faz pra fazer os remédios? A senhora vai onde pegar?

R: Nós vamos pegar lá na colônia da filha dele lá em Sul Brasil, pra lá de Modelo.

P: Por que lá?

R: Lá não passam veneno naquela terra, daí nós vamos lá pegar

P: Vocês pegam que tipo de ervas?

R: Eu pego, uso assim, Alvaca, Pariparóva, Canela do Brejo, Santa Maria. Eu uso muito pro pulmão a casca de Anjico, agrião, mistruz, cambará, eu uso diferentes né, tarumão, tudo pro pulmão né, bronquite. E as outras, é pra amarelão, eu uso muito picão, guaxumba, tudo essas coisas.

P: E a senhora dedica o seu tempo hoje só pra benzer?

R: É. Só esses dois dias, que nós saímos, segunda das vezes lá pra baixo e na terça nós vamos no clube de idosos, só. Senão só em casa.

P: Quantas pessoas vêm aqui por dia?

R: Não posso nem te dizer. Olha que sexta-feira, nem sei né José quantas. Tem dias que não é muito mas tem dias. Acho que sexta feira em tudo veio mais de 10. Bom hoje de manhã já veio três, de urgência né, que precisavam.

P: E a senhora falou que não cobra pra benzer?

R: Não. Não cobro, não posso cobrar pra benzer, se eu ganhei uma coisa de graça, porque eu vou cobrar? Agora o remédio eu cobro. E peço vela pra eles trazer, que vela é cara pra gente comprar, e eu nunca benzo sem uma velinha. Eu acendo a velinha pro anjo de guarda deles e faço as oração.

P: E antigamente a senhora também pedia pra pessoas trazerem velinha?

R: Não. Eu comprava.

P: E tem alguma diferença no modo que a senhora benze hoje, para o modo que a senhora benzia há 40 anos atrás por exemplo? Teve diferença do jeito que a senhora benze?

R: Não. O benzimento é igual, só que tem pessoas mais exploradoras sabe? Querem fazer coisa, eles dizem assim que querem uma consulta e eu digo não, eu não, consulta nem baralho, nem tarô, nada, eu digo “você quer uma consulta? Eu vejo no copo de agua”, mas não gosto muito de fazer isso. Daí eles dão o que querem, uns dão dez (reais) outros dão cinco (reais) outros vão ajudando

P: E como que é a comunidade aqui ao redor? Como eles reagem?

R: Olha, são muito bom, eles me respeitam muito. Até logo que o José veio morar aqui, ele era lá do alto da serra, veio um senhor ali de cima benzer um cobreiro, aí ele disse pro seu José “olha eu vou só dar um aviso pro senhor, o senhor pode ficar junto com ela, morarem junto, casar, mas não me tirem essa mulher daqui, porque ela é a nossa guia, nossa médica” ele disse pro José ne. Daí eu disse “não”. Eu benzo muito cobreiro também né, aquelas manchas que dá na pele de bicho assim.

P: Meu pai teve no ano passado um cobreiro que ele pegou lá em Campos Novos. Aí ele foi lá pra chalana falar com uma benzedeira.

R: Tem sempre umas (benzedeira) espalhada por aqui. Pessoas bem idosas né porque esses novos são explorador, eles gostam muito de dinheirista. Eu tenho uma filha, a mais nova minha, que ela mora lá na Coca, o marido dela fez uma casa boa lá, eles tão morando por lá, ela tem um filho só. Ela teve aqui sexta-feira, que ela trabalha na Sadia. Ela tinha um dom assim ó, ela escrevia, por exemplo, tu dava o teu nome completo, tua idade e a data de nascimento. Por aqueles números ela ia te dizendo tudo da tua vida. Só que ela dizia que doía muito a cabeça, mas daí ela queria cobrar, ela queria cobrar e eu não deixei ela cobrar, daí ela parou. Mas atrapalhou muito a vida dela porque se a gente para. Atrapalhar muito a vida. Eu cansei de dizer pro José “chaveia ali que eu não quero mais saber de nada, tô muito cansada”. No outro dia eu amanheço manca, dor nas costas, dor de cabeça, tu tem que voltar de novo. É um dom que a gente ganha e tem que cumprir.

P: E a senhora gosta de benzer?

R: Eu gosto

P: Por que?

R: Porque sim, é um dom que a gente tem que eu gosto. E o José também gosta, ele me ajuda.

P: E tem alguma coisa de ruim? Assim, algum lado ruim de benzer?

R: Tem. Tem lado ruim.

P: Qual é o lado ruim?

R: Olha, eu não sei porque eu nunca usei esse lado ruim, mas tem gente do lado ruim, muito, muito. Eu tenho um irmão que mora no Presidente Médici, aconteceu tanta coisa ruim pra ele, a mulher dele morreu gritando de câncer, ele cortaram uma perna. Eu sempre digo “aqui se faz aqui se paga”. Não adianta eu ganhar um monte de dinheiro fazer uma casona de material que nem ele fez, ter o Carro do Ano, um dia ele fez aniversário e convidou nós lá. Daí ele disse assim “tá benzendo muito?” Eu digo “tô benzendo bastante” “e dá remédio?” “Sim”, “Mas como é que nem um carro comprou ainda?” Eu compro todos os anos o carro do ano. O que que adianta agora? Tá lá sem perna, a mulher morreu, os filhos desprezam ele, tudo assim.

P: E como que é a sua relação, a senhora que mora aqui pertinho do hospital sua relação com os médicos assim por exemplo?

R: Olha, as enfermeiras do Hospital Regional mandam muita gente aqui. Até as do Postinho.

P: E os médicos?

R: Olha médico, eu já curei um filho do Dr. Ramiro Miranda um que já morreu. Um Dr. Picolli não sei como que era, um filho dele de amarelão que veio amarelo que nem uma gema de ovo. Eles não dizem nada.

P: Eles não criticam a senhora?

R: Não. Até a Dr^a Gisele ali do postinho, eu fui consultar que eu tô com uma tosse alérgica do pó do remédio. Aí eu fui consultar para ver, que eu não queria comprimido antialérgico, que engorda muito a gente. Daí ela disse, ela estava receitando lá, daí ela pediu pra mim que remédio eu usava pro intestino? Eu disse “é tudo natural, o naturex” [pausa pensando] tomo muito aquele [pausa] é tudo natural. Ela pegou e marcou tudo.

P: Que bom que respeitam a senhora. E sobre o lugar aqui que a senhora mora. A senhora falou que quando veio pra cá só tinha duas casas né? O que foi mudando aqui pra senhora?

R: Muita coisa mudou. Fizeram ali uma casa bem grande [apontando] fizeram muita coisa.

P: E isso fez com que a senhora mudasse também?

R: Não. Eu sou a mesma pessoa me dou com todo mundo. Trato todo mundo bem. Esse aí é meu filho [chega um rapaz na casa]. Deu um infarto nele.

[Ambos conversam de forma incompreensível e saem do recinto]

[José, o companheiro fala: Aquela árvore ali do lado é o dito cambará, um remédio muito bom].

[A entrevistada retorna]

R: Ele mora no Esplanada, tava trabalhando no celeiro e ele não se cuidava, a pressão subiu muito e caiu. A primeira vez não deu sequela nenhuma. Mas ele bebia, daí deu de novo e ele ficou com problema na perna e no braço. Daí veio a filha dele que foi lá pra [incompreensível]. Se juntou com uma cara lá, o cara é legal, não bebe nem nada mas é pobre que Deus me livre. Daí ela veio pra cá, eu dei roupa, dei cobertor, dei edredom, o que poderia ajudar ela. Daí hoje ela disse “vó” ela tem dois gurizinhos, negrinhos assim coisinha mais lindinha, um de dois e um de três (anos). Daí ela disse “vó, tô sem fralda daí não quero pedir dinheiro pro pai” peguei e dei vinte pila pra compra as fralda, fazer o que né. Tem que ajudar né. Eu tenho essa neta ali e uma lá em Pato Branco, já vai se formar agora em fevereiro. Ela dá aula de manhã e de tarde na (escola) particular. Vai fazer em setembro vinte e um anos.

P: A senhora tem quantos filhos?

R: Eu tenho seis filhos, e neto tenho menos porque cada um teve um ou dois (filhos)

P: Eu vi que a senhora tem uma hortinha aqui, é chá da senhora?

R: É chá. Eu tinha bem mais plantado, mas daí começaram a pedir chá e isso, e as vezes eu não tinha tempo de ir lá tirar.

[A nora da entrevistada se despede ao fundo]

R: Essa dali é a mulher dele. É caprichosa essa mulher, meu Deus se tu visse só, mas é ruim, ruim pros filhos. Ela tem só dois filhos, essa filha que tá lá fugiu dela por causa disso.

P: Agora a senhora tava falando que tinha mais um monte de chá antigamente e hoje a senhora vai pegar chá lá em Sul Brasil né, e antigamente era mais fácil conseguir esses chá?

R: Sim.

P: A senhora conseguia onde?

R: Lá no Saic pra lá, eu tinha um moreno que agora o coitado não pode mais.

[Marido interrompe: “Vocês falando nisso aí faz tempo que ele não vem”]

R: Não veio mais né, morreu a mãe dele. E a coitadinha, o pai (dele) tinha uma colônia, então ele morava na colônia, e o pai deu um cavalo com dois cargueiros pra ele trazer os remédio, e carroça com mulinha também, e ele tirava (seu sustento), e depois quando o pai morreu, ele não ficou mais lá na chácara. Daí ele tinha uma casinha ali no Santo Antônio. E ele sempre vinha aqui, me ajudava, trazia erva, o que eu precisava dizia “Ó Avelino, preciso de tal erva”, ele tirava pra mim e vinha. Mas agora deu uma ferida numa perna, e daí lá no postinho ele é assim bastante teimoso, não deixa fazer curativo. Eu cansei de dizer pra ele, ele já tem um câncer nessa perna. Agora aquele lá de Arvoredo eu ligo pra ele, e ele conhece tudo as ervas que eu já ensinei ele, que há muitos anos eu curei ele que era um piiazinho assim [indicando a altura com as mãos] de veneno de roça, que ele se intoxicou, e daí eu digo “ó Francisco, olha tô precisando de tal erva, assim e assim” ele manda sacada pra mim, joga aqui pra dentro daí nós lavamos e botamos secar.

P: E daí agora já que não tem lugar aqui perto sem veneno.

R: Agora não dá mais pra tirar por perto não, nem pensar, ainda lá na chácara da neta dela na colônia lá dá para tirar, em outro lugar não. Eu sempre digo pro José, daqui a um tempo, que eu tô velha mesmo, ele está com 86, e eu tô com 80, de certo a velhice vai fazer parar né.

P: E a senhora pensa em ensinar pra mais alguém? Pros seus filhos?

R: Olha, nenhum deles quer, eles não vem nem se benzer de medo que eu deixe pra eles [risos] É verdade, eles não vem nem se benzer pra mim não deixar pra eles. Aham, e daí eu tenho aquele (filho) que mora em Pato Branco, um dia, eles (vieram) e tinham uma área grande ali assim, e (eu) tinha uma mesona e tava todo mundo almoçando ali e eu tenho meu quartinho separado, depois vou ali te mostrar e ele entrou lá e o meu netinho que era pequenininho ainda, agora tá um baita homem, vai casar, e ele foi lá arregaçou o jeans dele pra cima e desceu o beijo, tirou a camisa e começou a brincar assim, quando eu vi, todo mundo tonto, eu tive que pegar um pra cá e outro pra lá e gritar, chacoalhei ele. Ele teria um dom que Deus me livre, mas fala pra ele, ele fica bravo, fica abusando com a cara da gente. Só que um vai ter que ficar, não sei qual né, mas quem tem força mesmo, é aquele, aquela guria que mora ali perto da coca, e um que mora perto desse que veio aí. Teria, mas eles não querem. E tu quer ver, aquela minha irmã, a Donilda que tu conhece, e eu, nós ajudava o pai, fazia remédio, nós enchia os litros. Nós ajudava mas nós não benzia aquela época. E ela era mandona, e eu era faxineira. Aí ela quando o pai morreu, ela murchoi sabe. Que eu também não queria né, mas daí quando eu vendi lá e comprei aqui, tava só na casa da frente, vieram gente me procura, “sabe, é filha do seu Gabriel?” (Respondi) “sou”, “a senhora me benzer?” e eu “não, não benzo não” e daí uma mulher disse assim pra mim, aquilo que me marcou. A mulher disse assim “então eu quero que a senhora ao menos passa a mão em mim” e eu peguei, passei a mão no rosto dela e fui assim, botei a mão no peito dela e disse “meu Deus o que eu faço por essa mulher?”. Daí ela foi embora, e de noite o pai veio e (me) chamou no quarto “[confidencial]”. Aí eu disse, “mas o pai morreu, o que tá fazendo?” Aquilo me marcou muito, ele disse “eu quero que tu faz esses três remédios”, mostrou as ervas verde assim na mão. Daí eu levantei, peguei a vassoura e comecei a varrer a casa. Digo “vou tirar as ervas no mato coisa nenhuma” disse pra mim, não falei pra ninguém. Aí o meu piá mais novo, esse que tá em Pato Branco tinha uma bicicleta e saía passear com a bicicleta por ali. Daí ele sumiu. Não tinha jeito de achar esse pia eu perguntei pra um, para o outro e ele não era de sair sem dizer “mãe eu vou em tal lugar”. De repente, as mulher sentada ali que eu tava apavorada e ele passou com a bicicleta com uns galhos assim de arvore. Ele disse “eu não sei o que que deu”, chamei ele, ele disse, ali tinha um morro assim pra subir [apontando] “Parece que alguém foi empurrando a bicicleta pra mim” Daí quando ele chegou lá em cima diz que uma arvore balanceava assim na frente. Ele desceu da bicicleta, quebrou o galho, botou no bagageiro dele e passeando como era uma brincadeira pra ele né. E era a que meu pai mostrou. E a outra eu achei, como era tudo mato aqui pra cima, achei aqui pra cima [apontando]. E assim eu comecei, fiz o remédio, levei, ela morava ali perto do (mercado) Barp, levei lá. E a outra mulher ali em cima. Todo mundo (falava) “A Lidia vai morrer”, o médico deu três meses de vida para ela. Daí eu saí daqui e ela vinha vindo lá, amarela, amarela, eu disse “você é a Lidia?”, ela disse “sou” “Você toma

um remédio que eu faço?” Ela disse “eu tomo” eu vi, e fui na hora nas hortas dos vizinhos catar essas ervas. E fiz, levei dois litros para ela, (ela) existe até hoje. Aquilo foi muito gratificante para mim.

P: Tem coisa que os médicos não resolvem

R: Eles desenganaram ela. E assim vai, tem vez que eu canso, mas eu vou ali e eu me benzo também, daí ele fica junto comigo [seu marido], eu benzo ele da coluna e tudo e daí eu me benzo assim. E eu pressinto, por exemplo se eu vou benzer você ou ele o que vocês tem no corpo de vocês de dor, de doença, eu sinto em mim. Daí eu vou dizendo “tu tem dor de cabeça?” “tenho, como é que a senhora sabe?” “não sei” Hoje eu benzi uma mulher e disse “tu tem uma leve tonturinha né ?” Ela disse “sim como é que a senhora sabe?” “Eu sei” eu disse pra ela, eu sinto, mas depois eu me descarrego.

P: Como é que a senhora se descarrega?

R: Benzendo que nem eu benzo os outros.

P: Isso não vai desgastando a senhora?

R: Não.

P: Porque sentir a dor da outra pessoa.

R: E muita coisa. Quando vêm pessoas assim que os outros fazem mal para ela, coisas feias, eu vou benzer, eu sinto o que que tem, daí eu digo “ó você traz três pacotes de vela, um abacaxi, isso e aquilo que eu já tiro isso que você tem, e faço.

P: Que bonito isso que a senhora faz. Isso que a gente quis fazer com esse trabalho, sabe, porque parece por exemplo, a senhora disse que seus filhos não querem e a maioria das mulheres foi conversar também.

R: Agora essa minha filha, ela ficou doente agora, mas ela me ajudava a encher os litros, fazer os remédios, me ajudava. Eu botei ela morar ali por causa que eu precisava de uma pessoa assim que ajudasse. E deu acaso dela ficou um ano, um ano e pouco ali e começou a dizer para nós assim “mas eu estou com uma fraqueza uma dor nas perna e tudo o que eu como vomito” Mas eu achei assim que era amarelão porque o amarelão faz isso, daí eu levei ela ali (no hospital) não era amarelão. Mas eu não sabia dessa maldita doença, câncer né. Daí ela veio um dia de noite ali “mãe eu tô mal, mãe eu tô mal” Daí eu vi que era coisa feia, chamei o pia dela, que ela tem dois filho, um tem uma agência, o outro é barbeiro. Chamei levaram nos médicos, pegaram médico particular, fizeram endoscopia, um ultrassom, veio os exames, um tumor na saída do estomago. Ela tá fazendo quimio. Daí assim, ela vomita tudo que come, que o estomago aqui tá fechado, daí ela come, mais que uma hora, já vomita. Enjoa a comida, não pode sentir cheiro. Eu vou lá, mas ela tem duas noras, muito queridas, hoje veio uma, que é gerente de uma loja lá que nem sei qual é o nome da loja, trocou a cama, botou na máquina, deu banho nela, tudo assim. Mas ela tá se indo. Essa poderia ser uma grande curandeira porque ela era muito, como é que a gente diz, não é assim, uma coisa que a gente tem que ser. Eu não sei te explicar, pros outros assim, quando eu benzo eu tenho que falar pra eles, e não cobrar, eles dão o que querem. Tem que ser assim, e o meu pai era assim, mas o meu pai vinha gente de longe, de outras cidades e tudo. Aqui veio de São Miguel, vem de outros lugares aqui pra fora vem também, ali do Rio Grande sempre vem também.

P: E esses chás aqui [apontando], a senhora usa pra fazer chá?

R: Olha, eu usava muito a Baldana, a Arruda eu uso pra fazer remédio pra cobreiro. A baldana, o Pontalivio que eu tenho ali, tem o cambará que é pro pulmão né. Eu uso o que dá ali, e lá atrás também tem coisa pra usar.

P: Eu posso ver lá?

R: Não, lá atrás tá meio difícil pra ir porque, eu vou te mostrar meu quartinho. Porque lá atrás as erva agora que tão brotando.

[Levantamos e nos dirigimos ao quarto de orações]

R: Aqui é o quartinho. Então essa parte é o Jesus Cristo, Nossa virgem Maria e Nossa Senhora Aparecida que eu benzo e daqui pra cá então é o Preto Velho, Pai João, São Cosme e Damião que eu benzo as criança né, o São Jorge, e ali tem esses santos aqui que ganhei de presente, mulheres que vão nas romaria e me trazem. Essa santa aqui foi uma que foi na Romaria e me trouxe, esse aqui foi na Nossa Senhora da Salete e me trouxe. Eu só comprei o São Jorge que eu sou muito fã dele. E os outros tudo eu ganhei de presente, mas nenhum é refugio. E esse é pra benzer criança, esse é meu preto Velho e esse também eu ganhei da minha nora.

P: Que religião a senhora tem?

R: Católica.

P: Eu posso tirar umas fotos?

R: Pode, pode tirar.

P: Muito bonito esse quadro aqui do Preto Velho

R: Esse Pai João ai Deus me livre. E ele era da senzala, esses negro de senzala.

P: Acho que era isso mesmo, eu gostaria de agradecer a senhora, muito obrigado e desculpa ocupar o seu tempo.

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeadas em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. **“Foi que nem tirar com a mão”**: A re-existência das benzedeadas em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 21 de fevereiro de 2019

Entrevistada: Baldana [Palmital]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Na universidade a gente tem muita obrigação de respeitar. Por exemplo a gente não pode usar o seu nome, a gente não pode (pausa) é o que a gente chama de ética né, de respeito às pessoas. Na verdade, ele quer lhe ouvir pra senhora contribuir porque ele quer estudar um pouco a importância que tem as benzedeadas nesse mundo contemporâneo. Agora é um pouquinho diferente as perguntas, um pouquinho mais (pausa) mas a senhora fique bem à vontade, se não quiser responder não precisa, “ai, isso não quero falar”, não tem problema, isso tudo está nesse termo, esse documento aqui é o TCLE que a gente fala, é um termo que a universidade pede para que a gente também deixe junto com a pessoa, falando sobre a importância da pesquisa sobre a sua utilização dentro do meio acadêmico. Fala por exemplo que a gente não vai usar o seu nome, a gente vai usar um outro nome pra se referir a senhora, para garantir o anonimato. A senhora não precisa responder a qualquer pergunta que a gente lhe fizer (carros passam na rua). A Senhora como eu falei, não precisa responder a nenhuma pergunta se não quiser responder. Se quiser parar a qualquer momento a gente pode parar sem problema nenhum com a pesquisa. A gente sempre preza pelo convidado para participar, para a senhora se sentir bem à vontade. (Carros passam ao fundo). A gente pode gravar a senhora? Só pra depois se lembrar do que a gente conversou

Resposta: Pois grave.

P: A primeira pergunta que eu gostaria de saber da senhora, qual é o seu nome completo?

R: [confidencial]

P: Qual que é a sua idade?

R: 84 anos.

P: Qual é o seu grau de instrução?

R: Nenhum, porque eu nunca fui na aula, nem um dia. Não entrei na aula nunca pra estudar.

P: Por que não?

R: Porque não podia, aí eu fiquei sem pai, daí tinha que trabalhar e as escola eram muito longe, nós morava lá nos cafundó. A Dona Catarina sabe, na beira do rio, pra estudar tinha que subir a serra, e daí nós tinha que trabalhar. Ficamos sem estudo.

P: A senhora morava onde?

R: Lá na Cachoeira, lá embaixo.

P: Lá onde a senhora foi ontem?

R: É. Mas nós morava na beira do rio, não aqui em cima. Não tinha escola lá, daí vim pra cá era muito difícil.

P: Quanto tempo que a senhora veio de lá?

R: Em 78 (1978) [carro passando na rua]

P: Em 78 a senhora veio. Qual é a sua profissão?

R: Tô cuidando da casa, dos filhos, que criei só doze.

P: Nossa. E a renda aproximada da senhora de quanto que é?

R: Agora só um salário.

P: A senhora é aposentada.

R: Sou aposentada. Nem sou aposentada, ganho um benefício.

P: Por que não é aposentada?

R: Porque não tinha nota. Na época da colônia, eu não tinha. Os meus papel, foi erro, não sei se do João Maria [seu esposo] ou de quem. Que quando era pra registrar, bem como os filhos, não ponharam que eu trabalhava, ponharam do lar. Depois eu fiquei que não trabalhava.

[filha ao fundo: “Pros meus irmãos serviu, mas pra mãe não serviu”]

P: Deixa eu te dizer uma coisa, teve uma época que teve uma lei a minha mãe se aposentou porque eles mudaram o documento dela e botaram que ela era agricultora e não do lar. Mas alguns eu sei que não mudaram e acabaram assim.

R: O meu era assim, não colocaram que eu era agricultora, colocaram do lar. Lavrei, plantei e fiz de tudo e depois não era agricultora.

P: A senhora mora a senhora...

R: Agora só nós dois [apontando para o marido]. E a Eva embaixo [filha]

P: O seu marido se chama João Maria?

R: João Maria [confidencial]

P: Por causa daquele João Maria [o monge]?

R: Sei lá. Naquela época tinha bastante João Maria, quase todas as famílias tinha João Maria na época.

P: Por que a senhora mora aqui?

R: Porque viemos pra cá, porque lá na colônia tava muito ruim né, não dava bem certo os mantimento, e depois deu uma encrenca com o meu irmão lá por causa da água. Daí nós saímos e perdemos a encrenca, perdemos a demanda, daí saímos de lá.

P: A senhora e os filhos?

R: Toda a turma, os doze. Naquele tempo já tinha uns três casados, mas o resto tava junto [risos]

P: E como que a senhora aprendeu a benzer?

R: Eu aprendi com as outras benzedeiras velha que tinha. Tinha uma velinha que ia lá em casa no tempo da finada mãe, sempre ela ia posar lá em casa. Ela morava pra cima da sede e descia lá posar. Daí nós ficava, as três irmãs, nós ficava até a madrugada com aquela velinha perto do fogo de chão. E ela ensinando nós a rezar, oração assim e benzimento e coisa, e foi como eu aprendi. Mas depois eu não contava que eu benzia, ficava bem quieta, tinha vergonha de benzer. Depois viemos morar aqui, eu tinha outra cozinha, tinha o neto dela, não sei se você conheceu, [confidencial] nós compramos o terreno dela, o outro terreno aquele de lá [apontando] e ela ficou morando ali no porão da casa que tinha. Daí eu sabia benzer, mas eu não contava né [risos] daí um dia o pia se arruinou, se rolava na cama de dor. Daí me chamaram, fui lá e tive que benzer. E a velha era um rato, no outro dia ela já saiu contar [risos], alarmou que eu era benzedeira. Meu Deus, daí vinham benzer as crianças, queriam saber, pensavam que eu adivinhava o que era que tinham. Digo “eu vou aprender a adivinhar, mas por enquanto eu não adivinho ainda”.

P: Quanto tempo faz isso?

R: Faz, logo que nós viemos pra cá.

P: A senhora veio pra cá já sabendo benzer?

R: Sabia mas eu não contava. Era escondido. Primeira vez que benzi foi aqui. Daí sabia também umas palavras de benzimento de mordida de aranha. Daí a velinha que morava ali no porão, um dia diz que uma aranha mordeu no dedo dela. Diz que não dormiu de noite de dor naquele dedo, que caminhava na perna dela. Daí veio ali pra mim benzer, eu não sabia, sabia umas palavra, mas eu fiquei com dó dela, e digo “mas eu vou fazer umas oração e fazer que benzi” [risos], e fiz, pois não é que ela foi pra casa e dormiu, quando foi de meio dia de tarde ela veio de lá do porão dela e tinha mais gente aqui, e eu digo, “perguntem pra ela se melhorou o dedo dela”, e ela chegou já pediram disse “mas essa mulher aí me benzeu, foi o mesmo que tirar com a mão”, [risos] já fiquei benzedeira, daí comecei a benzer de quebrante, as criança de bicha assim, costuro, machucado, benzo de ar. Essas coisa aí, tudo meio por cima né, não é que seja mesmo benzedeira ou curandeira essas coisas não.

P: A senhora acha que é um dom?

R: De certo é, porque como que eu aprendi meio que sem estudo sem nada né, e aprendi fácil muita cura aí, que nem benze de costurar esses machucado, dor nas costa e dor nos braço. Teu pai meio vem ai [falando para o entrevistador], é o lugar dele vir se benzer. E sempre graças a Deus melhoram, saram, sei lá.

P: A sua mãe sabia benzer?

R: Minha mãe não.

P: E ela chegou a saber que a senhora benzia ou não?

R: Mas eu acho que até ela não soube, porque depois ela andava muito doente, teve um pouco aqui em casa depois que nós viemos pra cá. Mas ela era muito simples assim, não ligava pra essas coisa né.

P: A senhora pensa em ensinar pra alguém?

R: Mas olha se me pedirem eu ensino, mas acho que ninguém se interessa. Eu acho que vai terminar os benzimentos porque já tá muito pouco.

P: Será que vai terminar?

R: Pois eu acho que vai porque já quase não tem, eu as vezes me machuco preciso de um benzimento, digo mas agora quem me benze?

P: A senhora acha que precisa ficar alguém?

R: Pois é. Era preciso de alguém, porque tem coisa que nem bicha de criança, se não benzer, leva no médico são capaz de matar né. Outra é esse machucado, mordida de aranha se não for com benzimento não sara, vira numa ferida e não sara. E quebrante não tem remédio.

P: E como era o trabalho de benzer quando a senhora veio pra cá? Vinha bastante gente?

R: Vinha. Tinha uns tempo que meio vinha gente se benzer e benzer as criança. Mas só que alguns vinham e queriam que eu soubesse o que que era que tinham. Vinha com dor de cabeça vinham benzer e “o que que era eu tinha na cabeça” e eu digo “mas não sei”

[uma senhora fala ao fundo incompreensivelmente]

P: E antigamente a senhora só benzia, ou trabalhava também?

R: Em casa toda a vida trabalhei, na roça era na roça direto.

P: E antigamente vinham mais que hoje?

P: Vinham, hoje não sei se tem menos gente ou não sei mas de vez em quando vem algum se benzer. E tem muita gente que gosta de evangélicos e tem os que querem só médico, porque muita gente não acredita em nada. Mas tem gente que vai no médico e vem se benzer. Mordida de aranha, já teve gente que tava no médico e daí vim aqui pra mim benzer a roupa que tá lá ruim, quando foi no outro dia vieram aqui pra mim ir lá no hospital. Diz que numa manhã iam vir me buscar pra benzer lá, que já tinha melhorado a doente da mordida no pé. Daí fiquei de ir, quando foi de meio-dia tava esperando pra me levar lá. Daí chegaram com a doente já aqui pra mim benzer que já tava melhor e tinha trazido de lá. Tinha feito uma ferida na junta do pé dela, e ali escorria uma agua amarela, que aquilo ali que Deus me livre, não fechava aquela coisa. Daí de certo sarou, porque foram pra casa e não vieram mais.

P: A senhora cobra pra benzer?

R: Não, nunca cobre nada, se a pessoa quiser me dar alguma coisa aceito, mas eu não cobro

[Mulher que estava assistindo fala ao fundo incompreensivelmente]

P: Como é a sua relação com os vizinhos aqui? Eles vêm aqui s benzer?

R: Pois os que quer vir que venham. Sempre vem benzer as crianças. Mais as crianças assim, ou senão de rendidura, cobreiro essas coisas assim, também meio vem no verão tem bastante essas coisas

P: E antigamente como era com os seus vizinhos aqui? Era tranquilo? Era mais ou menos assim a vizinhança?

R: Pois eu acho que sobre oração era mais, porque logo que nós viemos para cá, nós fazia os grupos de oração, mas olha vinha homem, mulher, criança e tudo que era sempre bastante gente. Agora nem adianta fazer, porque se faz, convida, vem uma vez, quando vai fazer outra vez tem que ir buscar senão não vem.

P: A senhora é católica?

R: Graças a Deus. Até debaixo d’agua.

P: O benzimento é uma coisa de fé em Deus.

R: É.

P: E o que é bom em realizar os benzimentos pra senhora? O que a senhora acha de bom dos benzimentos? A senhora gosta?

R: Mas eu acho bom que eu faço o bem pras pessoas, pras crianças que as vezes estão chorando, tão brabos, não dormem de noite, e isso e aquilo, eu benzo e diz que melhoram, de certo é um bem que a gente faz.

P: E a senhora acha que mudou muito o mundo depois, nos últimos anos? Em que a mudança foi maior?

R: Mas eu acho que muita coisa. Sobre religião, sobre o respeito as famílias, a juventude mudou muito. Tá tudo muito diferente. Porque veja quando nós se criemos era tudo com muito respeito. A juventude pelos idosos, tinha mais respeito, respeitavam, diziam adeus e consideravam. E hoje não. Hoje as vezes agora, se estão meio sozinhos tudo bem, mas se tiver no meio dos amigos, os velhos e idosos assim, já passam por cima.

P: E aqui, nesse lugar aqui exatamente, vocês moram aqui desde que vieram para Chapecó?

R: Desde que viemos pra Chapecó

P: E aqui tinha muita casa? Como que era?

R: Aqui era matão. Pra cima era só mato, só mato.

P: E ruas assim, tinham?

R: Uns carreiro só.

P: Umas picada?

R: Aqui logo que viemos pra cá meus pia trabalhavam tudo no SAIC né, e daí pra ir tinham que ir pelos carreiro daqui até o SAIC pelos carreiro no mato. Daí [ela] tinha que levar almoço que naquele tempo não tinha lá. Daí tinha um dos meus pia, o João Carlos, acho que dois anos, três ele foi levar almoço pros outros dois que trabalhavam lá. Direto era ele. Quase morria de frio no inverno, dia de chuva ele ia e se molhava tudo. Sofreu até. Depois ele arrumou um serviço pra puxar lenha com um idoso que tinha ali. Daí parou de levar comida. Daí as vezes nós pagava pra uns pia levar, as vezes as minhas menina iam. E tinha dias que eu tinha que ir. Nós pagava pra um pia e tinha dias que o pia não vinha, eu aprontava o almoço e ele não vinha, eu tinha que aprontar as panelinha e me mandar levar lá no SAIC. E as vezes tinham a barda de não trazer as panela. [risos] Tinha que esperar eles comer pra daí trazer as panela senão eles não traziam

P: E vocês continuaram plantando quando vieram pra cá?

R: Plantando? O João Maria plantava, naquela terra do Zeca.

[Marido: “Eu trabalhei dezesseis anos na prefeitura, nas folgas assim eu plantava”]

R: Aqui [apontando], nessa quadra aqui ele plantou a quadra inteira até lá em cima de mandioca. Fora os outros lugares que tinham, essa aqui pra baixo [apontando], aqui nessa chácara ele chegou a colher oito bolsas de milho. Ali nessas terra ali. Depois ali naquela outra do Santin ali, tiramos por duas vezes tiramos duas bolsas de feijão.

[Marido interrompe: “trabalhava na prefeitura, vinha de lá e ó {fazendo gesto com a mão de carpir}”]

P: Mas conseguiam sustentar a família.

[muito ruído externo tornando-se incompreensível]

P: E de hoje em dia, o que a senhora considera que tem de melhor em relação ao benzimento? O que melhorou?

R: [suspira]. Eu, agora melhorou porque não trabalho mais, tô só de varde aí não tem mais o que [pausa]

[Marido: “Melhorou 100% desde o primeiro mês que entrei na prefeitura”]

R: A vinda prá cá melhorou, porque lá na colônia era brabo. Quando dá bem as coisas tudo bem e quando não dá?

[marido fala ao fundo tentando interromper “Em maio entrei a prefeitura”]

R: Mas quando viemos pra cá não colhemos nada, viemos sem nada

[marido fala ao fundo de modo incompreensível]

P: E como é sua relação com os médicos? O pessoal vai no médico e depois vem aqui igual se benzer?

R: Vêm. Quando é preciso eles vêm [risos].

[Mulher que estava assistindo “Eu mesma. Fui no Regional, fui na UPA, fui no posto (de saúde). Tinha o braço fora do lugar e não sabia, daí vim aqui. E tive que passar pelo benzimento, que não conseguia nem dormir”]

R: Uns quantos vem aqui.

P: E como arrumou o braço fora do lugar? Como a senhora arrumou?

R: Só benzi [risos]

[Mulher que estava assistindo “Podia ir lá fazer raio-X o que quisesse. Davam remédios que não tinha jeito, daí meu marido se lembro “nesses causos eles benzem e costuram” dito e feito”]

[Marido interrompe “lá na roça, nós se criemos num sistema bruto. Lá na roça tinha que socar a canjica de manhã pro meio dia”]

[Motos passam ao fundo]

R: Agora ele plantava mandioca [o marido], e deus me livre, uma loucura plantar mandioca, plantar mandioca. Agora tava quase morrendo e queria melhorar pra plantar mandioca. Disse, mas é melhor vir lá do mercado, vem limpinha, só falta vir cozida.

[Muitas pessoas falam juntas se tornando incompreensível]

P: E a senhora planta chá também aqui pra senhora tomar?

R: Pra nós eu planto, as vezes algum.

P: Mas vender, não vende?

R: Não

[Mulher que estava assistindo ao fundo: “Eles doam, eu ganhei tanta mandioca deles”]

[Marido fala ao fundo, mas no momento passam motos na rua se tornando incompreensível]

P: Vocês moram aqui perto [pergunta para a mulher assistindo]?

R: Ela mora ali na primeira esquina ali pra baixo. Agora ela tá cedendo o pé, ela quebrou o pé e quando tiraram as [faixas] fez ferida dos lados do pé.

P: Tinha quebrado o pé?

[Mulher que estava assistindo ao fundo: “E deu rejeição foi tirado em janeiro já fez 2 anos e não cicatriza, agora tá diminuindo um pouco, mas agora dói o pé”, e mostra o medicamento que está tomando feito em laboratório]

[Motos passam ao fundo se tornando incompreensível]

P: Mas deus me livre, lá nesse laboratório quase matam as pessoas, diz que pegam e tiram com a navalha aquela coisa de cima (pele), sem anestesia sem nada. Diz que rapam tudo e tiram.

[Mulher que estava assistindo ao fundo: “Eu sofri lá com uma estagiária de enfermagem do Santo Antônio da UDESC, não é que ela mexeu com aquela coisinha, aquele estilete bem dentro, e a outra disse “não é assim”, e a minha filha foi comigo “mãe ela não é enfermeira, ela é estagiária”]

P: E a senhora reza com o Rosário né?

R: Umas é com o rosário, outras com o raminho. Pra costurar, costuro com a mão, agulha e mais nada.

P: Como a senhora faz suas rezas? Faz baixinho?

R: Sim, bem baixinho.

P: E como a senhora aprendeu com essa mulher? Ela contou como se benze ou a senhora escutava ela benzer?

R: Não, ela contou, ela ensinava nós as oração, daí como fazia pra benzer. E esse de benzer com o rosário até aprendi com outro rapaz. Ele morou lá em casa, ele era criado de uma outra benzedeira também. E daí ele sabia costurar e benzer com o rosário. E pra costurar ele era diferente, porque aquele era de admirar. Se você tinha um machucado no braço, vinha pra ele costurar, ele enchia um copo d’água quente e ponhava numa bacia de bruço o copo, virava a água ali e deixava. Daí tu ponhava a mão em cima, a mão cima do copo, e fazia o benzimento. Se era machucado, chupava aquela água pra dentro do copo, esse eu não aprendi.

P: E a senhora benze do que?

R: Benzo de machucadura também.

P: De amarelão?

R: Não, de amarelão não.

P: Cada reza, cada benzimento tem uma coisa diferente. A senhora sabe que, lá onde eu morava a gente se benzia muito e tinha uma senhora que benzia com um machado.

R: Machado era trovoadá né?

P: Não, a gente ia lá ela pegava, pra cobreiro.

R: Ah, pra cortar o cobreiro.

P: É. Ela dizia “o que eu corto?” E a gente respondia “cobreiro brabo” e daí ela continuava a oração com aquele machado. E ela botava na cabeça também um copo d’água pra dor de cabeça.

R: Pra tirar o sol.

P: É.

R: Tinha uma vizinha aqui perto, que ela fazia assim também com uma faca, cortando uma linha ou coisa assim, pra cobreiro. Daí perguntava “o que eu corto” e a gente dizia, daí ele cortava um pedacinho daquela. Mas eu não, não benzo assim. Não aprendi.

P: A senhora usa o rosário e um raminho?

R: O rosário é pra benzer as criança, de quebrante, de bicha, essas coisa. E o raminho é pra benzer de ar, assim é com o raminho né.

P: E pra costurar ferimento, daí é com a mão mesmo?

R: Com a mão mesmo. E o raminho pra benzer de ar é bom um raminho de arruda. Mas senão benzo com qualquer outro galho também até com uma vara.

P: E o modo da senhora benzer quando veio para cá, pra hoje mudou? Tem diferença ou a senhora ainda benze do mesmo jeito?

R: Como comecei, tô terminando, do mesmo jeito. Não mudou nada. As vezes aprendo alguma outra oraçãozinha.

P: Aprende com quem?

R: Aprendo na televisão, que eu rezo muito, nos livrinho, que eu tenho uma carreira lá em cima que nem sei quantos. [risos]

P: Livrinho de oração?

R: Sim.

P: A senhora é católica né?

R: Mas claro. Aquela rede vida e canção nova é as minha que eu assisto só isso aí.

P: Deixa eu lhe perguntar, a gente conversou com algumas, e elas falaram sobre o São João Maria. A senhora já ouviu falar dele?

R: Ouvi falar, mas eu não tive assim de conhecer ele, de ver ele não. Mas ouvi falar, contarem causos. Tem uma mulher que mora lá na cachoeira até, que a avó dela viu o São João Maria. São João Maria ia na casa dessa vó dela. Até ela conta que as vezes ele ia posar debaixo de uma árvore, que ele tinha um lugar que ele posava. Diz que ele chegou lá, diz que as vizinha se combinaram de levar alguma coisa pra ele. Diz que uma levou três folha de couve, e a outra pegou uma galinha. E diz que quando foi pegar a galinha, não sei o que a galinha fez que ela disse “o galinha do diabo” daí pegou e levou lá pra ele, diz que ele pegou as couve que aquela uma levou, e a galinha ele não quis porque ela já tinha dado pro Diabo.

[Mulher que estava assistindo “Viemos lá do Rio Grande, e lá nós não conhecia, e um dia eu quase apanhei de uma mulher lá na cachoeira porque eu disse que eu não acreditava, porque a Igreja não reconhecia São João Maria, mas essa mulher ficou brava. Ele é mais do povo assim].

R: Mas têm bastante história dele. Diz que uma vez ele chegou uma casa e pediu pouso, diz que não deram. Mandaram dormir num galpão, numa coisa que tinha uma esteira. Daí diz que de noite a mulher se afogou com uma espinha de peixe, parece que era. Daí diz que chamaram ele que ela tava quase morrendo né. Daí diz que ele veio de lá, e o benzimento era [pausa pensando] casinha velha... e deram um trato de feijão cozido com água e sal. Daí diz que ele dizia “casinha velha, feijão, água e sal”, não, primeiro era “homem bom, mulher má” que o homem queria dar pouso pra ele e a mulher não quis, era “homem bom, mulher má, casinha velha, feijão sem sal, cama de esteira”, não sei bem como que era, sei que ele falava de uma cama de esteira, espinha de peixe que saía desse lugar, e a mulher conseguiu tirar o espinho

[Mulher que estava assistindo “Foi no tempo do contestado né, agora vou pra casa”, se despedem]

P: E a senhora se considera uma curandeira ou uma benzedeira?

R: Pos eu acho que nem sei se eu sou benzedeira, o que eu sou, sei que eu benzo um pouco, não que eu seja benzedeira. Nem curandeira eu não sou. O que eu posso fazer eu faço.

P: Ensina remédio também?

R: Sim, chá assim? Ensino.

P: Essa casa era outra quando vocês vieram pra cá?

R: Era outra, era de assim (fazendo gesto com a mão), pra baixo, mas era aqui mesmo.

P: E o lugar aqui pra senhora, acha que mudou desde quando veio pra cá?

R: Mudou, porque agora tá cheio de casa aqui por tudo, a rua que fizeram, o asfalto.

P: Que barulhenta essa rua

R: Barulhenta que Deus me livre, hoje tá quieto, mas essas hora assim, é de passar um caminhão um no rabo do outro, e moto e carro e tudo, desde madrugada já começam a desandar lá de cima [apontando para o abatedouro]. Mas aqui era uma rua cheia de barro. Que aqui tinha tempo que atolava carro que ficava uma semana atolado.

[Mulheres se despedem novamente]

P: E vem muita gente? Hoje, a senhora falou, que vem menos gente do que antigamente se benzer.

R: Agora vem menos.

P: Não dá pra dizer por dia uma média assim? Um por dia ou menos?

R: As vezes vem um, dois, três por dia mas também tem dias que não vem ninguém.

[Mulher que estava saindo: “Os morador uns foram embora, daí os que vieram não sabem”]

P: A senhora não benze todo dia?

R: Se vim eu benzo todo dia. Até no domingo eu benzo. A doença não escolhe hora pra chegar. Temos que acolher

P: Então tem alguma coisa que a senhora ia gostar de dizer sobre o benzimento? Por exemplo, a senhora acha que podia ser o benzimento mais reconhecido?

R: Eu acho que sim porque eu sei que eu criei meus filhos, doze filhos. E não ia em médico, fui no médico duas vezes. Uma vez a mais velha deu pontada de pneumonia, tivemos que levar no médico. Outra vez furou o olho de uma das menina né, também tivemos que levar no médico, mas senão não. Nós levava, quando levava, na farmácia e daí lá o Ênio (farmacêutico) era onde nós levava, e lá pegava os remédios e sempre graças a Deus sarava né, e os benzimento graças a Deus, levava nas benzedeira. Uma vez essa minha filha que tá doente, saiu a Zipela na perna dela, e nós não conhecia nem sabia. Eu pensava que a Zipela era uma coisa que dava na pele, uma “carepa” uma coisa né. E aquela dor, e aquela dor que dava na perna dela e dava febre, e dor que não deixava a gente colocar um pano quente ali. Meu Deus, não conseguia vestir uma roupa, nem encolher a perna pra vestir uma roupa. E vai pra cá, vai pra lá por fim levamos no médico. O Walmor lá no sindicato. E daí meu Deus quase matou nós de susto ainda. Foi ali quando tinham mudado que os pais não podiam ficar com as criança lá no hospital. Tinha que deixar as criança sozinha. Meu Deus, eu quase fiquei louca. Ela era, tinha uns três, quatro anos, e daí não ficava e não ficava (no hospital), sei que viemos com ela. Fomos lá no sindicato de manhã. Não sei porque ele não atendeu de manhã né, daí voltemos ali no compadre Darci, de tarde o João Maria foi na frente pra pegar ficha. Daí depois eu fui com ela caminhando ainda, naquele tempo era tudo no pé, daí fomos e ela dizendo que ela não ficava, que não ficava, que não ficava no médico, que não ficava. E eu também, digo, acho que eu fico correndo em volta do hospital [risos]. Daí chegamos lá ele foi consultar. Meu Deus, se assustou, que era carne no osso. A menina não deixava a gente ponhar a mão assim, e ele pegou e acarçou e esmagou e disse que era carne no osso, digo “pronto”, agora tem que ficar né, tem que ir no hospital. Daí mandou nós bater um raio-x, nem sei onde é que fomos, naquele tempo nem conhecia quase nada da cidade. Sei que fomos bater o raio-x. E bem de tardezinha assim, aprontaram o raio-x, daí fomos lá levar pra ele. Eu tremendo, digo “agora vai querer internar”, daí chegamos lá o praga também nem soube o que era. Olhou aquele raio-x contra a luz e disse “a moça teve sorte, não é nada no osso”, graças a Deus, mas também não disse o que era, só que não era no osso. E em vez de dar uma injeção, um remédio pra passar ali naquela bolha, não, deu um remédio pra tomar, um comprimido e mais outro de gota e foi o que ele deu. Daí viemos posar nesse compadre nosso que tinha ali no Santo Antônio, no outro dia cedo fomos pra casa. Daí (o médico) disse “se não melhorar daqui a uns três dia tragam de novo”, daí fomos pra casa e daí eu ia indo, que naquele tempo de lá quase tinha que ir a cavalo até na caixa (d’agua) deixar o cavalo lá e vir pegar ônibus pra vir na cidade. Daí os pia tavam lá com o cavalo pra descer a serra. Daí passei na casa de uma comadre minha. E ela foi lá olhar e pedir dela como tava a menina, daí ela olhou na perna dela e disse “isso aí eu acho que é zipela” mas eu nem conhecia, não sabia o que que era zipela, daí ela disse “isso aí tem que mandar benzer senão não sara” daí tinha uma outra vizinha lá, mas era em cima da serra que benzia de zipela, daí eu cheguei em casa e mandei a Eva, essa que era acho que nem a Bianca (apontando para a criança do recinto) assim, mandei lá com um pano pra mulher benzer e mim ponhar na perna dela, que naquele dia eu não podia ir. Daí ela foi, benzeu e disse que era pra no outro dia eu levar ela lá. Daí eu fui levar, e era zipela mesmo, com aquele primeiro benzimento já a menina melhorou.

[caminhões passam ao fundo]

P: E a senhora acha que tem muito pouca curandeira, muito pouca benzedeira hoje?

R: eu acho que tá pouco, aqui, por aqui tá pouco. Tem bastante adivinhador, esses que sabem as coisas, adivinham e falam cinquenta coisa, mas é diferente

P: E lá na cachoeira tem algum benzedor lá também?

R: Tem. Lá tinha mais, agora nem sei como tá. Ontem nós fomos lá eu não conheci quase ninguém lá na Igreja. Do nosso tempo morreram quase tudo, e os que não morreram se mudou.

P: E vocês dois se conheceram lá na cachoeira?

R: Lá na cachoeira, se criemos eu e o João junto por lá

[Marido fala ao fundo baixo: “De lá, da maioria tá restando eu. Tinha meus tios e meus irmãos, nós era em cinco. Passou um tempo, morreu o irmão mais velho, passou uns 6 anos que ele tinha morrido, morreu a irmã mais velha. Nós era cinco morreu quatro. Tô só eu. Esperando, agora esses dias sonhei com São Pedro. Me mandou de volta]

R: Não quis ele lá, daí mandou de volta [risos]

[Marido fala ao fundo baixo: “tô com medo de na outra vez ele não me querer”]

P: E os seus pais eram de onde?

R: Os meus pais (pensando) o meu pai mesmo (pensando) os pais dele eu não sei, nunca pedi também. Não sei se o meu pai já existia, (quando) os meus avôs vieram da Itália, vieram de navio.

P: Em que ano? 1912?

R: Nem sei quando. Sei que eles vieram da Itália.

P: Qual é o seu sobrenome italiano

R: Zancanaro. Daí meu pai, não sei se ele já veio de lá ou nasceu pra cá depois, não sei. Minha mãe era de Soledad, daí se encontraram não sei que jeito e casaram. Ela veio menina nova de lá de Soledad. Depois se casaram. E nós somos todos do Rio Grande

P: E pra essa juventude que não respeita os idosos, a senhora têm alguma coisa pra falar?

R: Pois, eu sei que até meus sobrinhos, se tiver só eles meu Deus, mas se tiver no meio de gente, as vezes eles nem enxergam pra dizer um adeus, pra cumprimentar. Passam de cabeça erguida.

P: Acho que era isso. Vou ter que fazer uma cirurgia no joelho, e estou fazendo fisioterapia. Mas ele ainda tá meio doido.

R: Coloca Bandana no teu joelho.

P: Como?

R: Bandana, é uma folha grande. Ali tem (apontando para o terreno baldio próximo).

P: Mas a senhora não benze?

R: Benzo, de mau jeito, de costura. Vamos lá. Pode sentar. Teu nome?

[realiza o benzimento]

RAPCZYNSKI, Alex Junior. “Foi que nem tirar com a mão”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo

Pode ser utilizado desde que respeitado os preceitos éticos e citado a fonte: RAPCZYNSKI, Alex Junior. “**Foi que nem tirar com a mão**”: A re-existência das benzedeiras em Chapecó/SC na produção do espaço-tempo coetâneo. Dissertação de Mestrado defendida no Mestrado em História, PPGH, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó/SC. 2020 Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/50>

Chapecó, 10 de agosto de 2019

Entrevistada: Chicória [Goio-Ên]

Entrevistador: Alex Junior Rapczynski

Pergunta: Esse documento aqui, ele é o termo de consentimento da entrevista. Eu vou lhe fazer algumas perguntas, mas são perguntas bem simples, se a senhora não quiser responder a uma pergunta a senhora não precisa responder. Se a senhora quiser terminar a entrevista na metade a senhora pode terminar sem nenhum problema. Se alguma coisa a senhora não souber responder a senhora não precisa responder. São perguntas bem simples, porque assim eu moro ali no Quedas do Palmital, ali pra cima, perto do Jardim do Éden e por exemplo a gente está fazendo essa pesquisa justamente porque justamente assim, lá onde eu nasci, onde eu me criei era cheio de benzedeiras, e hoje consegue contar numa mão quantas tem lá perto. Tá sumindo e a gente quer conversar com as que ainda tem sobre isso.

Resposta: É, aqui eu tô quieta assim, e as vezes chega pessoa que eu nem conheço.

P: E qual que é o seu nome?

R: [confidencial]

P: Qual que é a sua idade?

R: 74 anos.

P: A senhora estudou? Ou não?

R: Estudei só até a segunda série.

P: Com quem que a senhora mora?

R: Moro com Deus (risos).

P: A senhora mora sozinha?

R: (Confirmando com a cabeça)

P: Como que a senhora aprendeu a benzer?

R: Por brincadeira. O finado pai benzia, e daí eu tinha uns 8 anos quando a mãe morreu, quando a mãe morreu eu tinha 8 anos. Daí ele ia benzer e eu chegava e ficava pertinho dele, parece uma tonga, escutando ele benze. Daí ele benzia e eu escutava o que ele dizia. Perguntava “pai me ensina” “não, minha fia, pai não pode ensinar, tu é muito nova”, foi, foi, foi, foi um tanto eu tinha 20 anos me casei, só que eu não benzia. Daí um dia casei, um dia meu marido tava na areia, que ele trabalhava tirando areia, daí ele foi e disse assim, chegou em casa com a mão encolhida assim [faz o gesto encolhendo o braço], “machuquei meu braço”. Daí eu disse assim, vem cá que eu benzo. Daí ele disse assim “você benze?” eu disse “benzo”. [filho dela pergunta sobre o chimarrão ao fundo] tô tomando aqui. Daí peguei a agulha, peguei o pano e disse as palavras que o finado pai dizia né, aí... E ele era beudo, que bebia, incomodava muito, mas aquela hora que eu falei ele tava são, não tava beudo. Daí eu benzi o braço dele. Daí no outro dia ele levantou cedo, segurou a lata naquela mão, se foi pra areia. Quando foi dali a três dias apareceu o Dovair. Conhece o Dovair?

P: Não conheço

R: Dovair Rotava. Dai chegou lá em casa, ele era gago, daí ele chegou AAAA. [fazendo imitação] [risos] E eu ficava olhando na cara dele, daí ele “eu vim aqui pra senhora me costurar das costas que eu to rasgado” disse “mas eu não sei costurar, não sei benzer” “sabe sim, você benzeu o Oli, o Oli sarou”, benzi as costa dele, dali na outra semana começou a chegar gente pra mim benzer. Daí dali comecei a benzer. Eu benzo das bicha, de quebrante, mau-olhado, de ar, dor de dente.

P: Numa brincadeira.

R: Só por uma brincadeira, aprendi benzimento numa brincadeira, porque eu não sabia benzer, daí começaram a procurar, agora quando eu vejo vem gente lá de [pausa pensando] lá de Florianópolis, quando eu vejo vem um carro ali pra mim benzer. Uma vez veio uma mulher com um homem de perna quebrada, saiu com a perna erguida. Que lá no médico tinha machucado a perna. Daí ela chegou e era muito brincalhona, conhecida velha minha, o finado [marido da mulher] já tinha morrido. E a porta era assim [fazendo gesto com a mão], e eu tava fazendo a polenta, do outro lado da porta. Daí ela chegou e me grudou nas minhas costas assim “ô, ô, vim trazer

um homem pra você” e eu soltei a pá da polenta e pá na cara dela “homem pra que? Não quero homem”, daí ela me olhou “ô não me conhece mais? ”, daí era a mulher do finado Arlindo, daí “não, trouxe um homem pra tu benzer a perna dele” e eu digo “aí sim, mas dizer que trouxe homem pra mim, não” daí “ele não pode desembarcar”, daí fui lá benzi e disse “mas tem que benzer três vez”, “mas ele tá de viagem, tu pode benzer?” daí eu disse “posso, só deixar o nome” Daí comecei a benzer, dali de repente ela veio ali só pra me dizer que ele tinha sarado. E o Pedro Rotava do Willes também tava na cama e levaram pro médico duma perna. Tava machucado da perna, e era num domingo e daí nós tinha perdido a casa que a água tinha levado nossa casa, daí nos tava numa churrasqueira lá no salão lá embaixo. Daí a mulher veio benzer e eu disse “mas hoje não presta, hoje benzimento é só pra bicheira” e ela “não, o que vale é a fê. Vai benzer meu pia sim, eu quero levar meu filho pro médico, e ele não quer, disse que a senhora vai curar ele” daí peguei e benzi, quando foi no outro dia quando vi ele chegando, que a perna de arrasto já tava montando a cavalo. Diz que ele chegou lá [na sua casa] e lá levantou da cama e dali eu continuei a benzer.

P: E a senhora nasceu onde?

R: Nasci lá na linha CL, lá pra baixo onde tem a corredeira, que agora não tem mais, tinha uma ilha ali, daquela ilha subia a serra, nós morava na meia Serra, morava lá, lá que eu nasci, nasci e me criei lá. Daí depois o finado pai morreu, daí o finado meu irmão desligou os poços que ficava só nós dois na casa, daí vendeu a casa e o terreno, daí que viemos mora no porto. Nós morava pro lado de lá da ponte, que tem [pausa pensando] os condomínio. O primeiro condomínio é o lugar onde era nossa casa. Daí deu o dilúvio daí nós viemos mora ali embaixo, dali debaixo que eu me mudei pra cá. Faz 10 anos que tô aqui.

P: Mas a senhora nasceu e se criou aqui por baixo. E como era benzer quando a senhora aprendeu ali com seus vinte e poucos anos. Era diferente de hoje em dia assim ou é tudo igual?

R: Tudo igual.

P: E vêm mais gente procurar a senhora hoje ou vinha mais gente antigamente?

R: Vinha mais gente antigamente. Agora depois que eu me mudei pra cá vem pouco, mas mesmo assim, quando eu vejo chega gente. Pessoa que eu nem conheço, quando vejo tá chegando.

P: E a senhora cobra pra benzer?

R: Não. Doam o que quer.

P: E a senhora faz algum tipo de chá, pomada ou coisa assim pras pessoa que vem aqui se benzer?

R: Esse não aprendi a fazer ainda.

P: Algumas mulheres que a gente foi elas falam, umas falam que são benzedeira umas falam que são curandeira, e a senhora? A senhora seria o que? A senhora se considera o que? Benzedeira curandeira?

R: Benzedeira. Curandeira não sou porque não faço remédio. Certamente que as pessoas que vem aqui pra mim benzer, eu benzo porque tenho fé, mas daí dizem que foi bom o benzimento e que saem curada. Uma vez uma mulher com um cobreiro nela aqui, não tinha essa carne aqui, aqui não tinha nada, [apontando para partes do rosto] aqui não tinha nada, só os dente alumando. Daí benzemo de cobrero, benzi ela com três benzimento, no último benzimento já tinha vindo a carne assim, já tinha sarado. Daí ela queria pagar e eu digo “não, eu não cobro benzimento” daí ela me deu uma cesta básica, naquele tempo [eu] não recebia, não tinha dinheiro pra receber, nada. Dei graças quando chegou aquela cesta básica. [risos]

P: A senhora hoje é aposentada?

R: Graças a Deus

P: A senhora dedicava o seu tempo só para atender pessoas? Só pra benzimento ou a senhora fazia outra atividade? Trabalhava no campo?

R: Trabalhava na roça, trabalhava na areia, trabalhava lavando roupa.

P: E como que comunidade reagia ao seu trabalho antigamente? Quando a senhora começou a benzer como que a comunidade reagia ao seu trabalho? Reagiam bem?

R: Bem.

P: E hoje em dia?

R: Até agora, por enquanto tá bem.

P: Ninguém critica a senhora?

R: Por enquanto que eu saiba não, só os crente, que os crente dizem que os benzedor são feiticeiro.

P: A senhora é católica?

R: Sou católica

P: E a senhora gosta de benzer?

R: Eu gosto.

P: E tem alguma coisa que a senhora não gosta quando vai benzer? Por exemplo ocupam muito o seu tempo, atrapalham as suas coisas?

R: Graças a Deus não. Graças a Deus não.

P: A senhora gosta quando vem gente se benzer?

R: Eu fico faceira.

P: E como é a sua relação com os enfermeiros, com o posto [de saúde] com os médicos aqui da região? Eles não criticam a senhora?

R: Não. É que muita gente não sabe que eu benzo né, os que sabem é os que vem me procurar.

P: Eu consegui o nome de várias curandeiras com o pessoal do posto, eu mandei, conversei com todas as agentes de saúde pedindo quem conhecia alguma que mandasse, e teve uma daqui do Goio-Ên que falou que a senhora benzia.

[Filha dela fala: “a neta dela também que trabalha de agente de saúde aqui do Goio-Ên”]

R: Capaz até foi ela, uma meninota nova. É a minha neta

[Música alta ao fundo quanto mãe e filha falam juntas de forma incompreensível]

P: A senhora acha que mudou o modo como a senhora benze? A senhora usa de alguma coisa que não tinha na época, ou ainda e o mesmo modo?

R: Tem certa coisa que eu não tinha que agora eu tenho

P: Mas por exemplo as ferramentas que a senhora usa, o que a senhora usa pra benzer?

R: Se é pra benzer de rendidura é agulha, linha e um paninho. Um paninho assim mais ou menos [gesticula com a mão] deve ter dobra e daí costura e vai dizendo as palavra.

P: E pra outros benzimentos que nem das bicha a senhora benze também?

R: Benzo, daí tem que ser com um raminho verde.

P: E a região aqui pra senhora mudou muito desde que a senhora começou a benzer?

R: Mudou, mudou um eito

P: O que mudou pra senhora? Que eu vi que a senhora se mudou já teve até enchente aqui também que levou sua casa?

R: Levaram minha casa. E a casa caiu e ia indo balanceando assim e eles queriam que eu fosse olhar e eu digo “não, eu não vou olhar” daí sai dela de casa só com a muda de roupa do corpo e os filho, quando vi o caminhão chegou carregar a mudança e eu ainda com um pia doente, que é esse que veio aqui agora que já voltou, acho que você nem viu, e aquele lá que era pequeno [apontando] aquele tempo era um toquinho assim. Dai viemos pra dentro do salão, ficamos 9 meses dentro do salão. Daí que ajeitaram aquele terreno ali pra nós mora. Como é que era o nome do homem? [pausa pensando] Sei que o apelido dele era madrugã.

P: A senhora já enfrentou bastante coisa aqui.

R: Enfrentei, [ela fala de forma inaudível]

P: Algumas mulheres que a gente foi elas falaram sobre o monge João Maria, o São João Maria. A senhora já ouviu falar no São João Maria?

R: Ouvi

P: O que falaram pra senhora?

R: O pai sempre contava que ele andou no mundo e ia chegar um tempo que o pessoal tinha que comprar água, tinha que comprar leite. E tá acontecendo agora, to comprando a água e comprando o leite que não comprava antigamente. E daí ele disse que ia chegar um tempo que, ia passar um tempo ia aparecer um tipo de doença que até agora graças a Deus não apareceu. Diz que ia aparecer um tipo de doença que não tinha remédio que curasse, o único remédio que curava era o bigode dos homem e o cabelo das mulher. São João Maria falou.

P: E ele contava mais alguma história de São João Maria?

R: Os causos antigos, o pai contava.

P: E vêm muita gente? Por dia quantas pessoas vêm, ou por semana quantas pessoas vêm?

R: As vezes vêm 5, as vezes vem 10 as vezes vem 15.

P: Por dia?

R: Sim. Não, não, por mês. As vezes tem tempo que não vêm ninguém, tem tempo que vem um hoje, amanhã já vem outro.

[filha ao fundo: “essa semana veio um, quinta”]

R: Três. No carro um, mas vieram em três pra benzer. Quatro, cinco com a Tatiane e a menina dela que veio benzer também. Seis, com a menininha que o Claudio falou também pra benzer que veio lá de Chapecó

[filha ao fundo: “A maioria manda mensagem pra gente pedindo pra ela benzer”]

R: Daí mandam mensagem daí se não vem eles mandam mensagem daí me viro e benzo

P: Com o nome a senhora já benze? Não precisa a pessoa tá junto?

R: Só ter o nome, nome e sobrenome eu já benzo

P: E vêm mais gente hoje ou vinha mais gente antigamente?

R: Acho que agora vem mais.

P: A senhora não faz chá né?

R: Chá? Nunca fiz.

P: E a senhora dá receita se alguém vem com alguma coisa?

R: Pra íngua, tem a erva da íngua, levante (*Mentha viridis*) e manjerona. Ferve e daí pega um tanto pra tomar o banho e um tanto, que dê uns três goles numa xícara, daí depois que dá o banho tomar aquele chá, pra íngua é bom.

P: A senhora ensina, mas não dá o chá?

R: Porque não tenho os remédios, se eu tivesse os remédios eu fazia, mas não tenho remédio que é suficiente. Antigamente quando eu morava ali embaixo eu tinha, mas agora aqui não tenho. Plantei mas secou os pés de remédio que eu plantei.

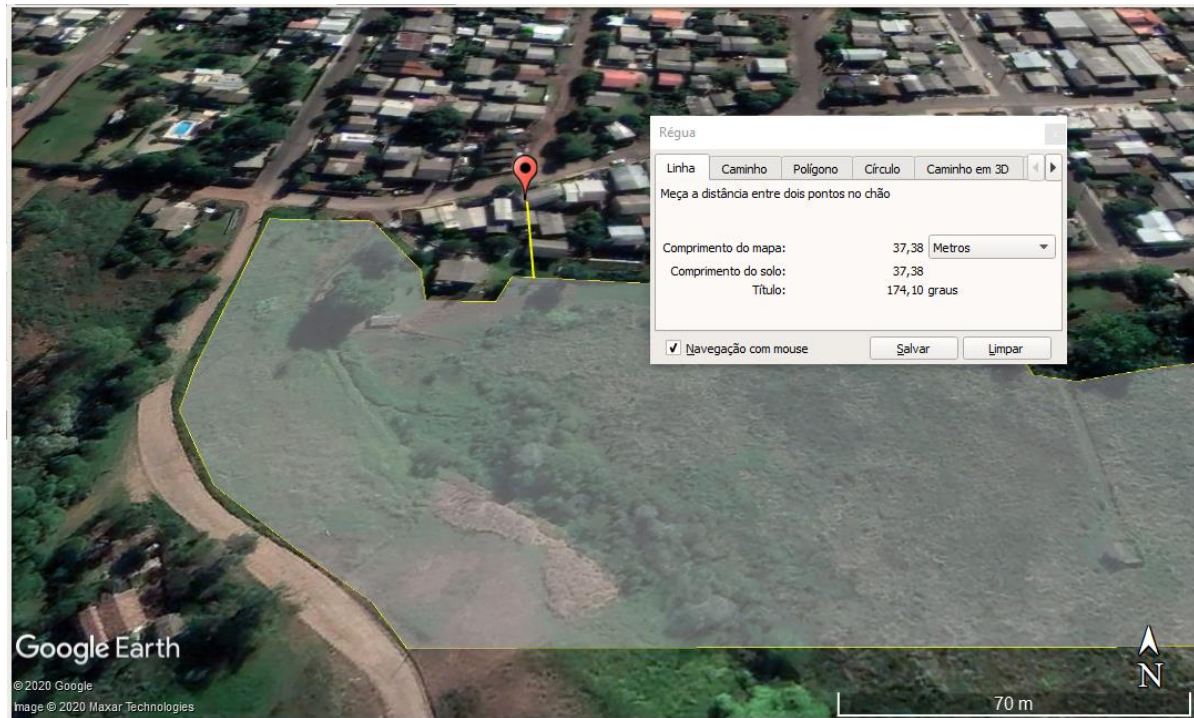
P: Acho que era isso. Esse comprovante eu vou deixar um com a senhora. Ele tem meu telefone aqui tudo, tem todos os meus contatos. Se a senhora depois pensar assim “eu não deveria ter falado alguma coisa e eu falei” a senhora pode ligar para mim falar “olha eu não gostaria que vocês utilizassem isso, isso” aí a gente corta fora aquela parte ou tira a entrevista inteira se precisar. A senhora pode desistir dela também depois se não quiser que a gente use também.

[filha ao fundo: “tem o DVD do porto que ela fez”]

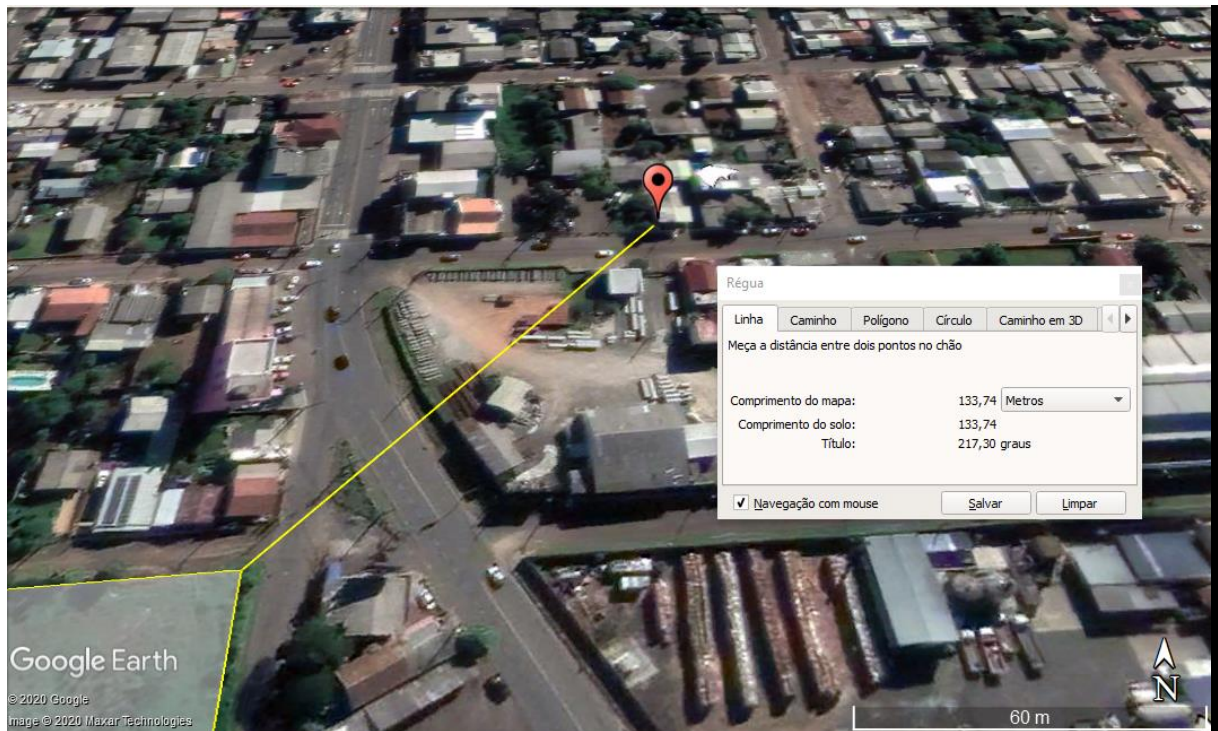
P: O Goio-Ên transbordou?

R: Sim, tenho o DVD lá em casa agora segunda tenho que ir lá no colégio.

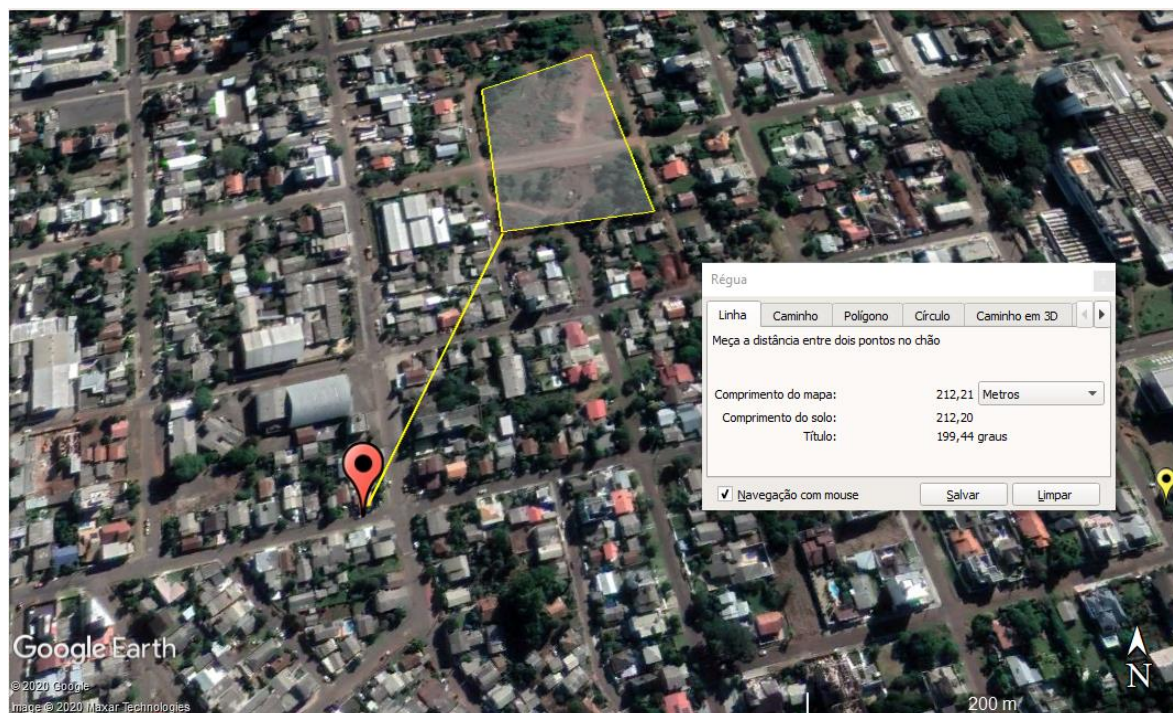
Anexo 3: Localização das benzedadeiras X proximidade de áreas Verdes Palmital



Universitário



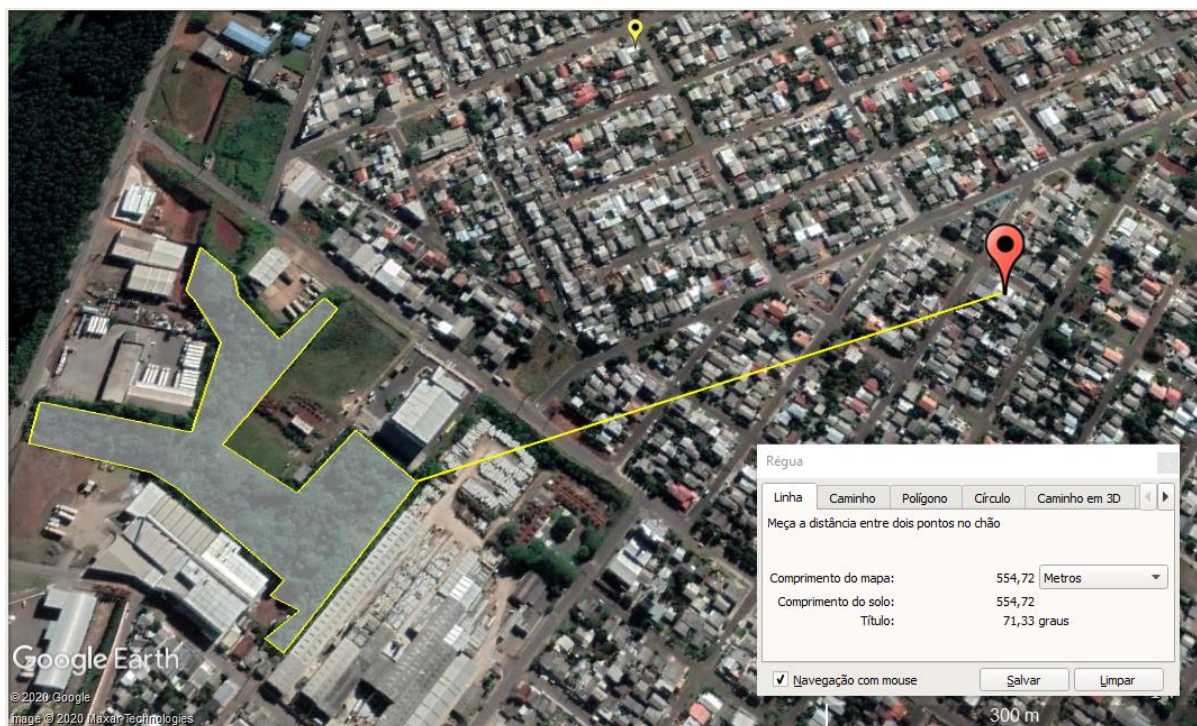
Maria Goretti



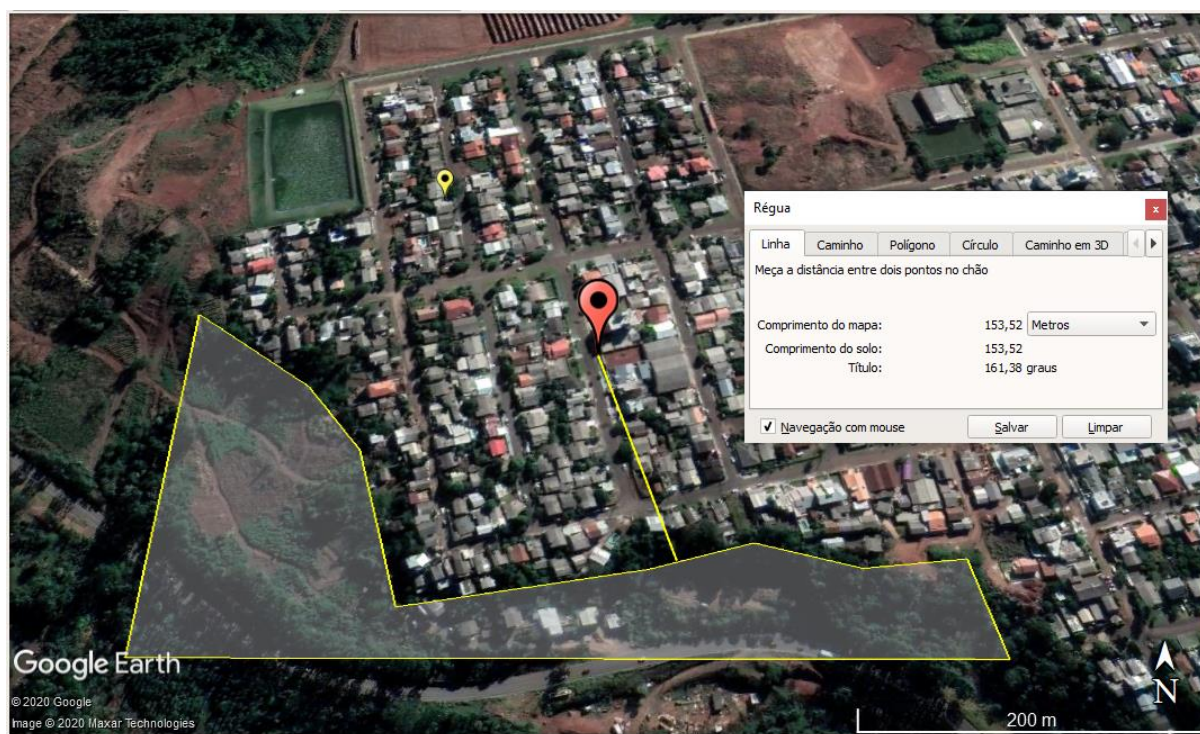
São Pedro



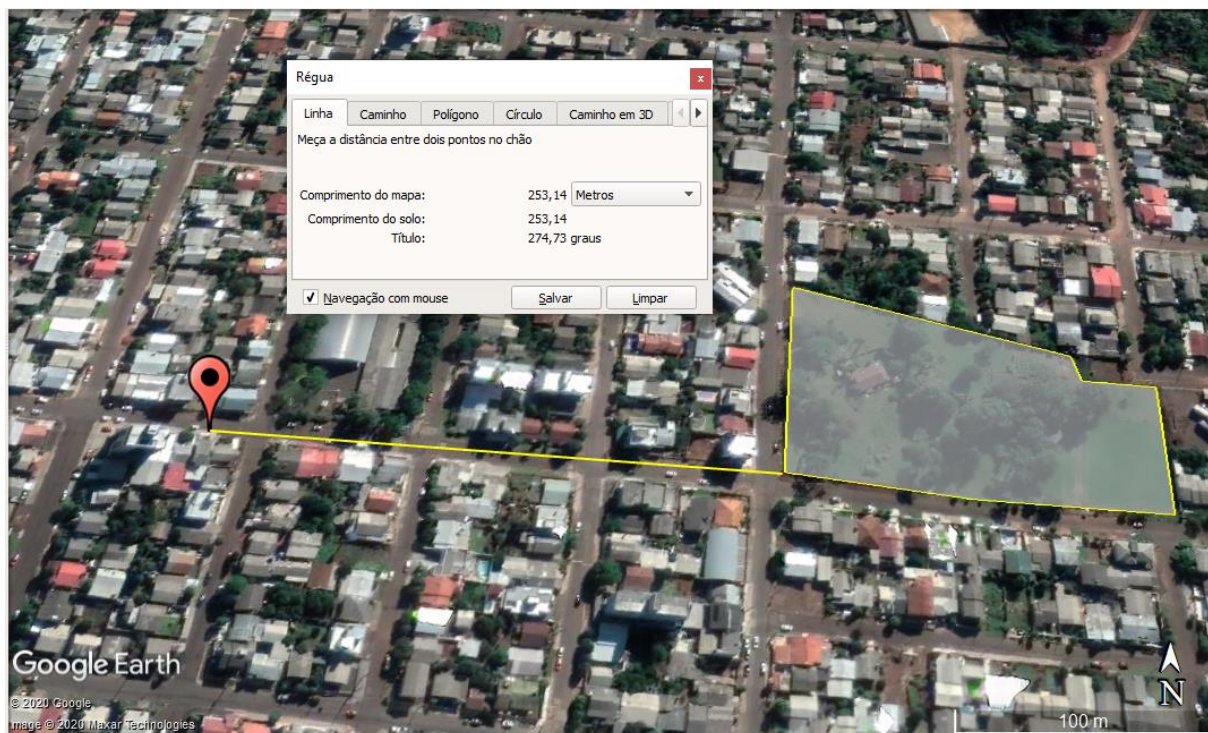
Cristo Rei



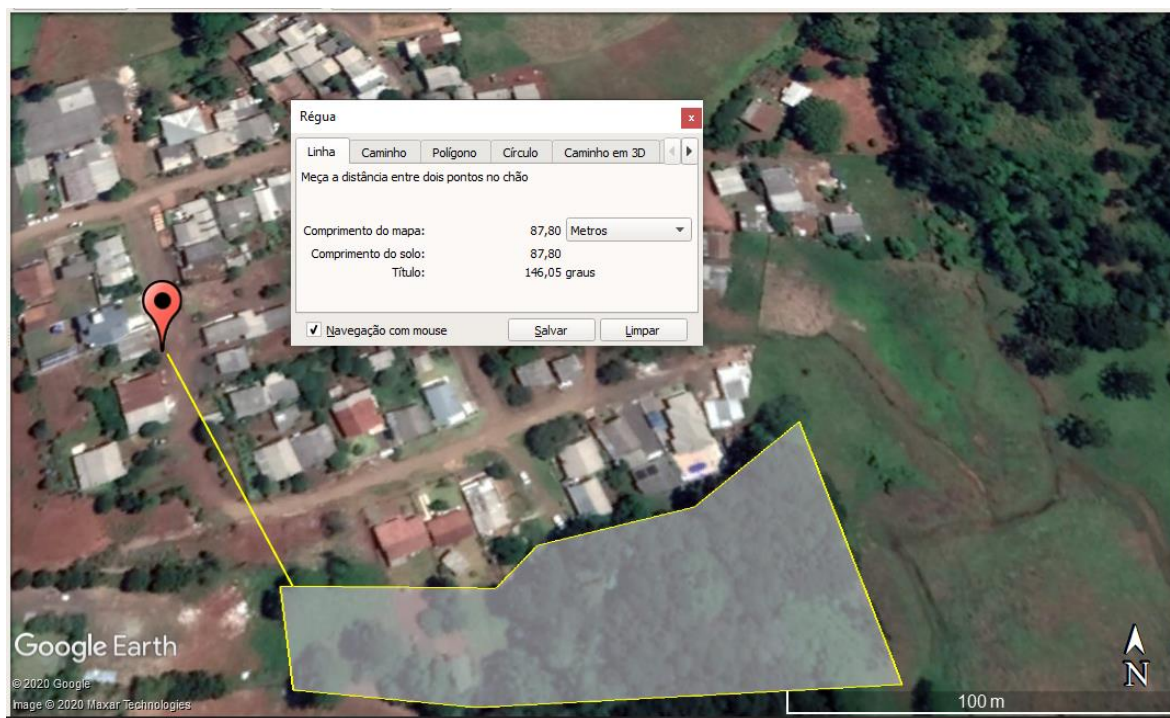
Saic



Efapi



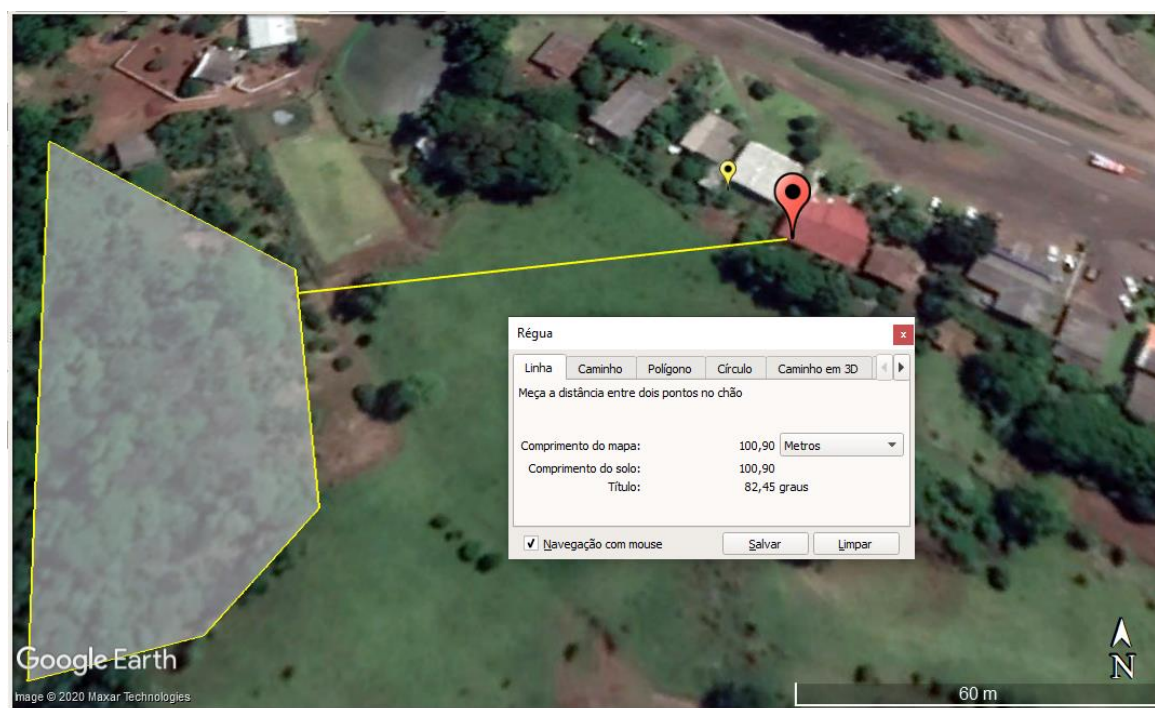
Trevo



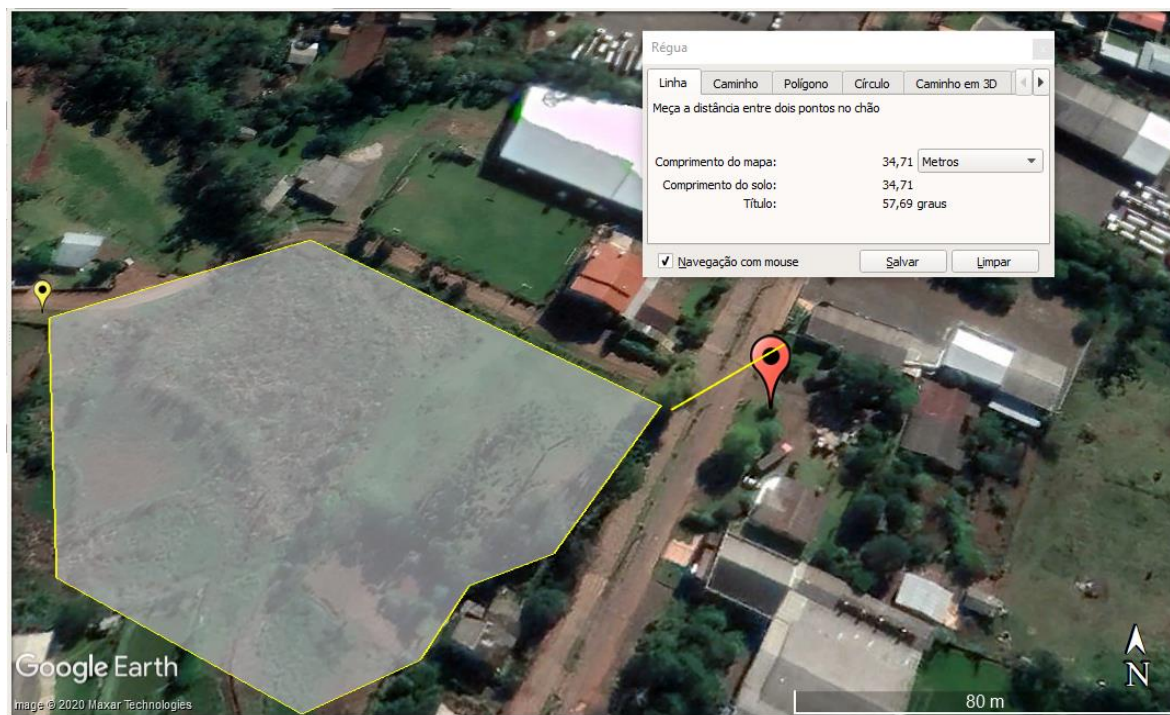
Sede Figueira - Maragata



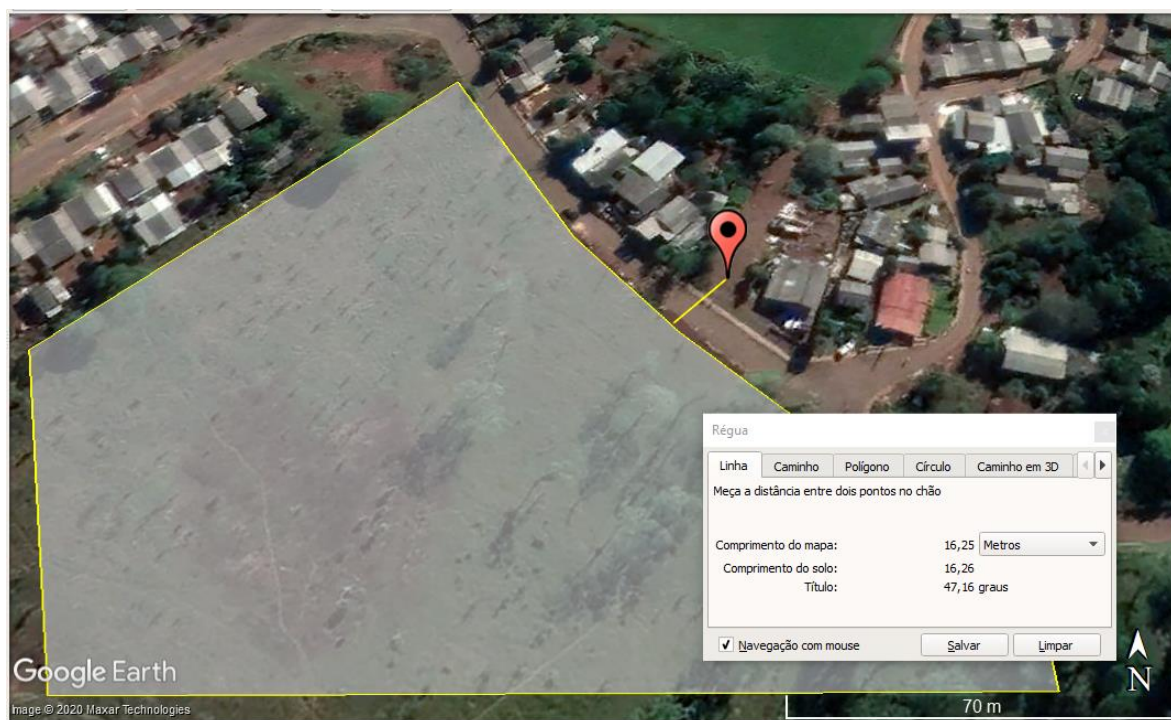
Sede Figueira



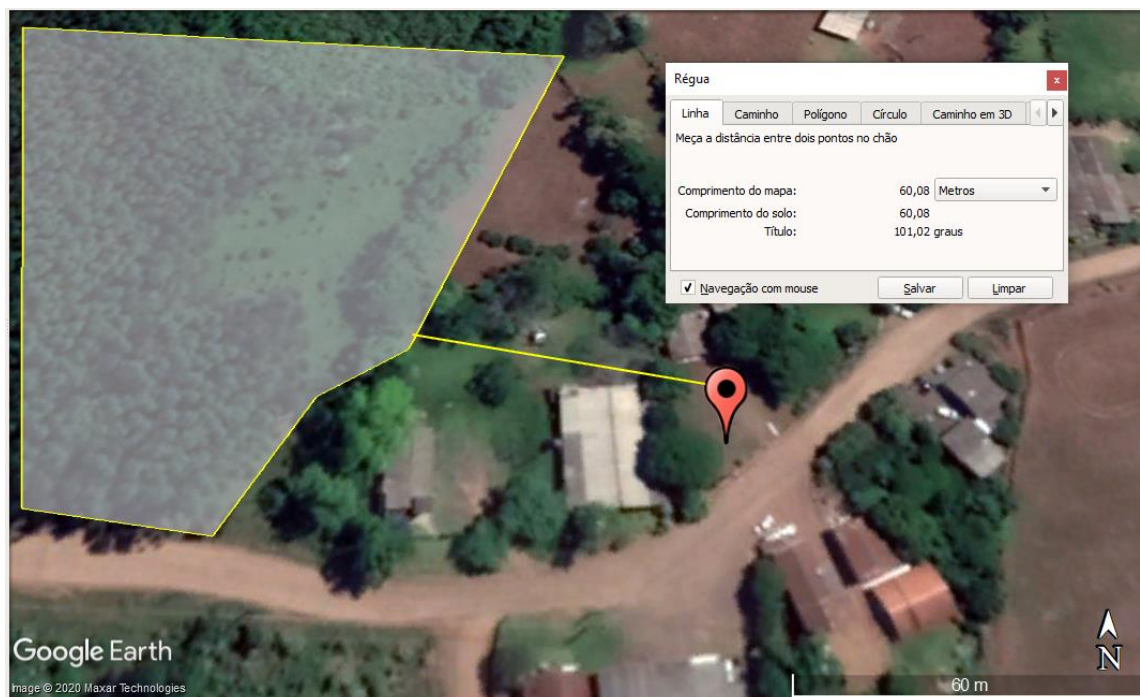
Marechal Bormann



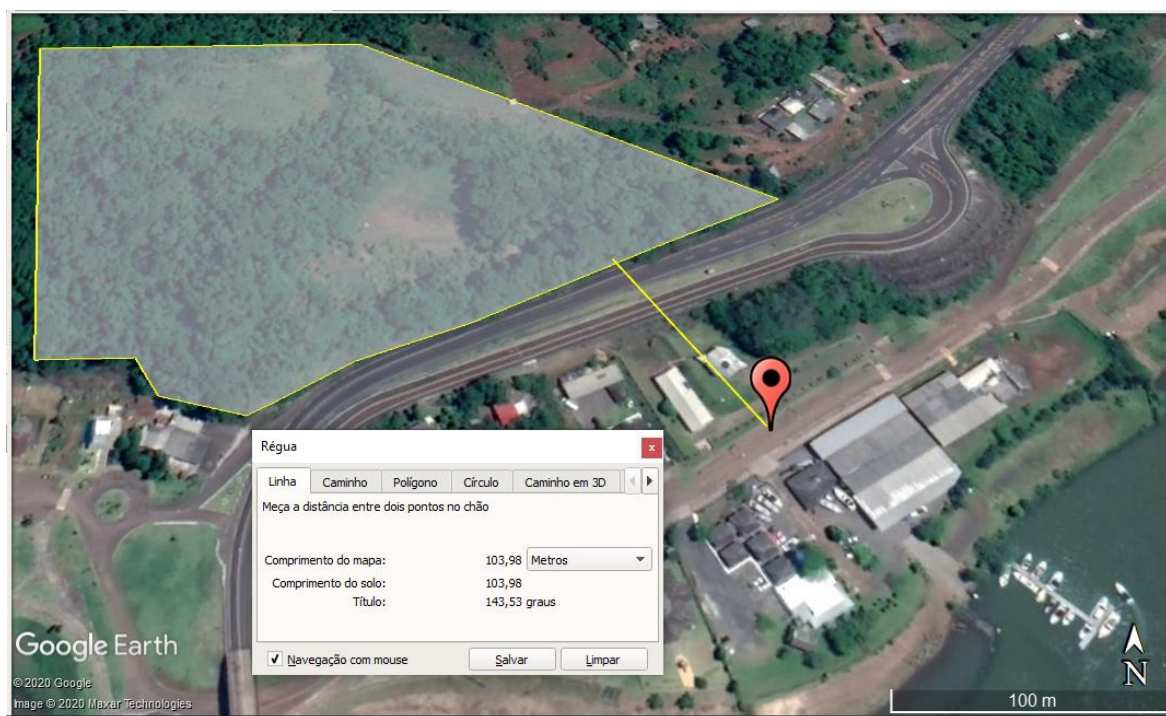
Marechal Bormann



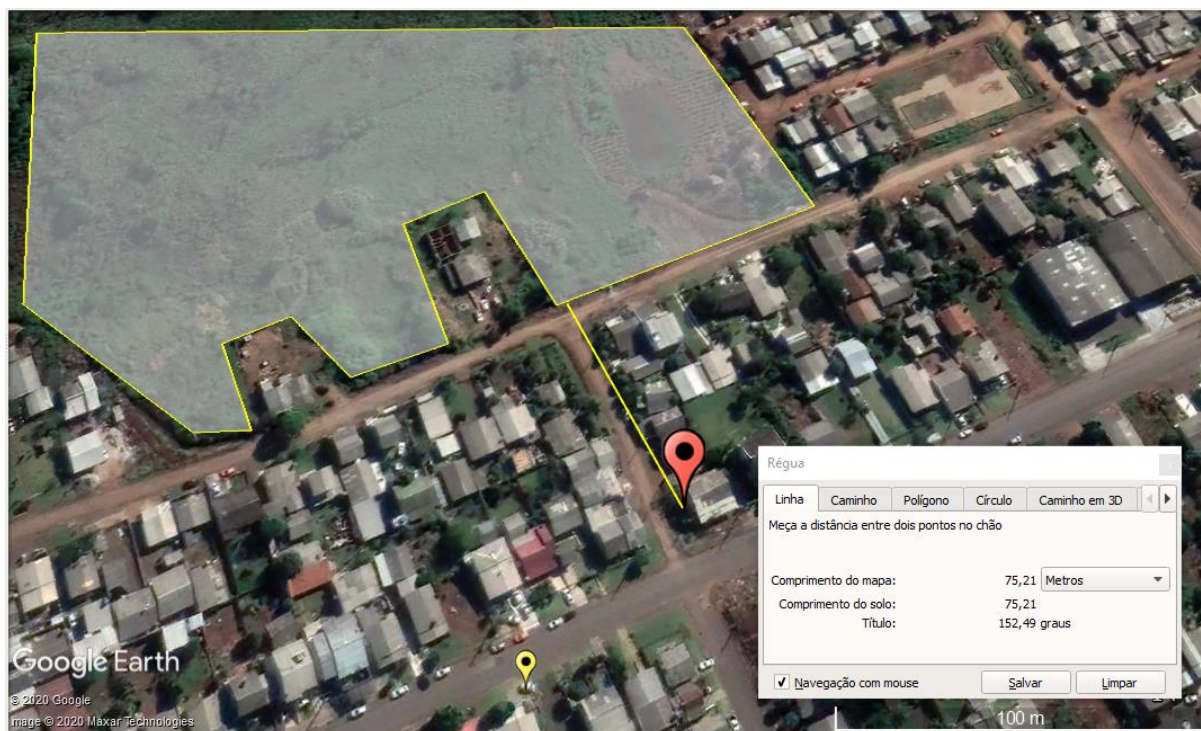
Cachoeira



Goio-Ên



Eldorado



Anexo 4

Plantas utilizadas por cada benzedeira

Benzedeira	Planta
Cidreira	Cidreira, Picão, Fabana, Malva
Manjerona	Barim, Manjerona, Flor de Coqueiro
Malva	Picão, Salsa, Guachumba, Quebra-Pedra, Hortelã, Malva
Lima	Picão, Guaxumba, Salsa, Lima
Arruda	Não informou
Maragata	Maragata
Hortelã	Hortelã, Pessegueiro
Begônia	Não informou
Canela	Cravo, canela, Noz-Moscada
Rosa	Não informou
Salsa	Funcho, Salsa, Canela, Noz-Moscada
Pêrsica	Pessegueiro
Sálvia	Picão, Alvaca, Pariparova, Canela do Brejo, Santa Maria, Anjico, Agrião, Mistruz, Cambará, Tarumão, Guaxumba, Cambará, Baldana, Arruda, Pontalívio
Baldana	Arruda, Baldana
Chicória	Levante, Manjerona